

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE ARTES - DEPARTAMENTO DE ARTES VISUAIS
BACHARELADO EM HISTÓRIA DA ARTE

Ana Cláudia de Moura Cabral

**MARIA CLARA DA CUNHA SANTOS E A CRÍTICA DE ARTE EM
A MENSAGEIRA (1897-1900)**

PORTO ALEGRE

2017

ANA CLÁUDIA DE MOURA CABRAL

**MARIA CLARA DA CUNHA SANTOS E A CRÍTICA DE ARTE EM
A MENSAGEIRA (1897-1900)**

Trabalho de Conclusão apresentado à
Comissão de Graduação do Curso de História
da Arte do Instituto de Artes da UFRGS como
requisito parcial e obrigatório para obtenção do
título de Bacharela em História da Arte.

Orientadora: Profa. Dra. Daniela Pinheiro
Machado Kern

PORTO ALEGRE
2017

CIP - Catalogação na Publicação

Cabral, Ana Cláudia de Moura
MARIA CLARA DA CUNHA SANTOS E A CRÍTICA DE ARTE
EM A MENSAGEIRA (1897-1900) / Ana Cláudia de Moura
Cabral. -- 2017.
194 f.
Orientadora: Daniela Pinheiro Machado Kern.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) --
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto
de Artes, Curso de História da Arte, Porto Alegre, BR-
RS, 2017.

1. Crítica de Arte. 2. Estudo de gênero. 3.
Mulheres nas artes. 4. Revista A Mensageira. 5.
Maria Clara da Cunha Santos. I. Kern, Daniela
Pinheiro Machado, orient. II. Título.

ANA CLÁUDIA DE MOURA CABRAL

**MARIA CLARA DA CUNHA SANTOS E A CRÍTICA DE ARTE EM
A MENSAGEIRA (1897-1900)**

Trabalho de Conclusão apresentado à Comissão de Graduação do Curso de História da Arte do Instituto de Artes da UFRGS como requisito parcial e obrigatório para obtenção do título de Bacharela em História da Arte.

Aprovado pela banca examinadora em 19 de dezembro de 2017.

BANCA EXAMINADORA:

Profa. Dra. Daniela Pinheiro Machado Kern – Orientadora
UFRGS

Profa. Dra. Luciana Grupelli Loponte
UFRGS

Profa. Dra. Bianca Knaak
UFRGS

À memória de Maria Clara da Cunha Santos

AGRADECIMENTOS

Com o coração transbordando de alegria, agradeço todo apoio que recebi durante essa trajetória, em especial à minha família que, da forma mais íntima, sabe o quão difícil foi chegar até aqui e conquistar o que até então parecia utópico. Minha mãe querida, Joane Moura, que tem o aconchego de seu colo sempre disponível e meu irmão amado, Marcelo Cabral (sim, o melhor irmão do mundo!), que é o sumo incentivador e apoiador dos meus sonhos. Mano, tu és o maior exemplo na minha vida, te amo acima de tudo. Agradeço por todo o apoio de vocês e por sempre acreditarem em mim. Ao meu pai, Vicente Cabral, que possui o dom de acalmar meu coração. Perto de ti tudo parece descomplicado, lastimo que estejas sempre longe. À minha orientadora, Profa. Dra. Daniela Pinheiro Machado Kern, que abraçou esse projeto desde o início com muito carinho e atenção. Muito além de orientar, tu me incentivaste, despertando em mim, ao longo da graduação, o questionamento, o interesse imenso pela pesquisa e o olhar “fora da caixa”. Te admiro muito. À Profa. Dra. Luciana Grupelli Loponte, que tão prontamente aceitou o convite para participar dessa banca examinadora. Obrigada pela imensa contribuição na banca de qualificação de pesquisa e pelas indicações e observações riquíssimas para o desenvolvimento desse trabalho. À Profa. Dra. Bianca Knaak, que já no primeiro dia de aula da graduação me fez refletir sobre o que é arte e sobre o sistema que a envolve (um “choque” de realidade para os então calouros). Tuas contribuições e ensinamentos foram importantíssimos para consolidar minha formação acadêmica até aqui. Ao Prof. Dr. Paulo César Ribeiro Gomes, pelas orientações na disciplina de Seminário de Projeto de Graduação e pelo apoio durante todo os processos da graduação. À amiga Profa. Dra. Vera Pasini, que me acolheu no momento de grande tensão, quando ouvir a palavra "TCC" era motivo de desespero. Sorte eu tenho em te ter em minha vida. Obrigada do fundo do coração pelo teu ombro tão carinho e generoso e pelo “ponta pé” inicial na escrita desse projeto. Aos Britto & Dorneles, minha família do coração. Carmen, Érico e Luiza obrigada por se preocuparem, o carinho de vocês foi essencial nessa caminhada (a visita ao Moma também). À Preta, Clara e Frida pelo amor mais puro do mundo e pelo companheirismo inabalável de todos esses anos. Os olhares e as lambidas foram reconfortantes durante esse processo tão laborioso, nos dias longos de estudo e nas noites mais longas ainda. A

todos os colegas desta fase final da graduação, em especial ao André Lima e a Valdriana Corrêa, pelas conversas, risadas e trocas tão valiosas e confortantes. Por fim, e de suma importância, agradeço ao Lucas Dorneles pelo amor, companheirismo e apoio que nunca me deixaram cair. Agradeço pela tua colaboração nas edições, traduções, revisões e, principalmente, pela tua paciência e interesse em me ouvir, sempre – e foram muitas as conversas. Teu carinho e amparo foram imprescindíveis para a concretização desse trabalho.

Motivo

*Eu canto porque o instante existe
e a minha vida está completa.
Não sou alegre nem sou triste:
sou poeta.*

*Irmão das coisas fugidias,
não sinto gozo nem tormento.
Atravesso noites e dias
no vento.*

*Se desmorono ou se edifico,
se permaneço ou me desfaço
– não sei, não sei. Não sei se fico
ou passo.*

*Sei que canto. E a canção é tudo.
Tem sangue eterno a asa ritmada.
E um dia sei que estarei mudo:
– mais nada.*

Cecília Meireles

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo investigar a produção crítica produzida por Maria Clara da Cunha Santos (1866-1911) no campo das artes para a revista *A Mensageira* entre o período de 1897 a 1900, inserida na coluna de crônicas *Cartas do Rio*. Alicerçada nos estudos feministas voltados para a História da Arte, busco compreender o contexto social em que a produção da mulher foi inserida ao longo da história, a fim de entender os motivos pelos quais o trabalho de Maria Clara por tanto tempo ficou silenciado.

Palavras-chaves: Maria Clara da Cunha Santos. Crítica de Arte. Estudos de gênero.

RÉSUMÉE

Le présent étude a pour objectif d'enquêter sur la production critique produite par Maria Clara da Cunha Santos (1866-1911) dans le domaine des arts pour le magazine *A Mensageira* entre 1887 et 1900, insérée dans la chronique *Carta do Rio*. Basée sur des études féministes sur l'histoire de l'art, j'essaie de comprendre le contexte social dans lequel la production féminine a été insérée à travers l'histoire afin de comprendre les raisons pour lesquelles le travail de Maria Clara a été réduit au silence depuis si longtemps.

Mots clés: Maria Clara da Cunha Santos. Critique d'art. Études de genre.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Johann ZOFFANY (1733 – 1810), <i>The Academicians of the Royal Academy</i> , 1771-1772.	24
Figura 2 – Henri Fantin-LATOURE (1836 – 1904), <i>Un atelier aux Batignolles</i> , 1870. .	25
Figura 3 – Frédéric BAZILLE (1841-1870), <i>L'atelier de Bazille</i> , 1870. Óleo sobre tela, 98 x 128,5cm.....	26
Figura 4 - La parlotte - Fotografia da aula de Belas Artes no Atelier de Humbert, Revista Feminina, Paris ,15 de janeiro de 1905.....	35
Figura 5 – Jean-Louis FORAIN (1852 – 1931), <i>Les Femmes artiste</i> , Revista Le Rire. Journal humoristique illustre paraissant le samedi, Paris, 8 de fevereiro de 1896. .	37
Figura 6 – Trecho extraído do jornal O Paíz, 1º de agosto de 1901.....	53
Figura 7 – Jornal O Malho, 27 de outubro de 1906.	56
Figura 8 - Almanak Laemmert: Administrativo, Mercantil e Industrial (RJ), anuário de 1909, Ano 66º.....	58
Figura 9 - Retrato de Maria Clara, <i>A Mensageira</i> , 15 de setembro de 1898.	60
Figura 10 – O Archivo Illustrado, 1902, ANNO IV, N. XXXII.....	69
Figura 11 - Trecho da crítica de João Ribeiro à Exposição Geral de Belas Artes, Revista A brasileira, 1897.	76
Figura 12 - Crítica de Arthur Azevedo à Exposição Geral de Belas Artes, jornal O Paiz, 4 de setembro de 1901.	78

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	13
2. A CONDIÇÃO DA MULHER NO CAMPO ARTÍSTICO: UMA INTRODUÇÃO....	18
2.1 Gênero e sociedade: uma breve e indispensável reflexão.....	19
2.2 Mulheres artistas na História da Arte: retratos apagados.....	22
2.3 A educação artística para mulheres.....	31
2.3.1 As escolas particulares e a calorosa luta por espaço na academia francesa.....	31
2.3.2 A educação das brasileiras: Escola Nacional de Belas Artes, Liceu de Arte e ofícios e os ateliês particulares.....	38
3. MARIA CLARA DA CUNHA SANTOS: UMA CRÍTICA DE ARTE NA VIRADA DO SÉCULO XIX.....	47
3.1 Uma mulher de múltiplos talentos.....	48
3.2 Mulheres em luta: o feminismo na revista <i>A Mensageira</i>	61
3.3 As críticas de arte presentes na coluna <i>Cartas do Rio</i> e a participação de Maria Clara da Cunha Santos nas Exposições gerais de Belas Artes do Rio de Janeiro.....	74
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	86
ANEXO A – Catálogo da Exposição Geral de Belas Arte de 1897.....	90
ANEXO B – Catálogo da Exposição Geral de Belas Arte de 1898.....	94
ANEXO C – Catálogo da Exposição Geral de Belas Arte de 1899.....	100
ANEXO D – Catálogo da Exposição Geral de Belas Arte de 1900.....	105
ANEXO E – Catálogo da Exposição Geral de Belas Arte de 1901.....	112
ANEXO F – Coluna de crônicas <i>Cartas do Rio</i> em ordem cronológica de 1897 a 1900, extraída da edição fac-similar de <i>A Mensageira</i> de 1987.....	121
REFERÊNCIAS.....	192

1. INTRODUÇÃO

Numa entrevista à *Revista de História*, em julho de 2012, a historiadora brasileira Vavy Pacheco Borges reflete sobre a importância da escolha de um tema de pesquisa, sobre encontrar um tema que seja seu e que lhe desperte total interesse. A historiadora comenta que só encontrou o seu tema de pesquisa quando entrou na pós-graduação, no ano de 1966, sob orientação do professor Sérgio Buarque de Holanda. Vavy relembra que seu orientador, para lhe auxiliar nessa escolha, lhe perguntou do que ela gostava. De acordo com a sua resposta, que envolvia pessoas, política e jornais, Sérgio lhe sugeriu que mergulhasse no arquivo histórico, pois assim iria encontrar inspiração para o seu assunto. Fato que se concretizou e Vavy debruçou-se sobre um tema que, além do grande interesse que lhe despertava, possibilitava ainda envolvimento e memória afetiva.

Ao ler a entrevista de Vavy Borges, justamente no momento em que eu acabava de passar por esse processo de escolha, definição e amadurecimento do meu tema para o presente Trabalho de Conclusão de Curso, recordei carinhosamente dos conselhos da minha orientadora e de todos os processos que me guiaram até aqui.

Quando iniciamos uma graduação, geralmente depositamos uma grande expectativa sobre o curso, dedicamo-nos intensamente a descobrir, aprender, refletir e questionar. Com o decorrer do tempo e o passar dos períodos, visto que o método muitas vezes utilizado na História da Arte é o cronológico, fui me encantando gradativamente pelo curso. Porém, não demorou muito para que um sentimento de frustração me tomasse, pois eu comecei a observar, num primeiro momento, que praticamente não víamos mulheres em nossos livros gerais de História da Arte. E essa ausência de artistas mulheres dava-se tanto na historiografia mundial e, como não seria diferente, na historiografia da arte brasileira.

Ao cursar a cadeira de História da Arte do Brasil II, que compreende o século XIX, fomos convidados a elaborar um estudo sobre algum artista do período em análise e a definição dos artistas que seriam estudados se deu através de um sorteio. Fui afortunada por ter retirado o nome de Abigail de Andrade; vale ressaltar que era a única mulher presente na proposta de estudo. Pouco tempo depois, a minha alegria de ter sido sorteada com um dos raros nomes de mulher artista visto até o período se transformou em desespero. O prazo para entrega do trabalho corria e o material sobre

a artista e suas obras era escasso. Com os poucos estudos existentes, feitos por mulheres acadêmicas, como Ana Paula Simioni e Viviane Viana de Souza, desenvolvi meu trabalho sobre Abigail. Meu interesse por pesquisar mulheres artistas a fim de questionar e entender a sua ausência na História da Arte, a partir desse momento, intensificou-se significativamente.

A minha curiosidade em saber por que praticamente não temos mulheres na História da Arte brasileira antes de Tarsila do Amaral e Anita Malfatti, modificou-se para: quais eram as mulheres que produziam antes do modernismo? O que produziam? Como produziam? Qual o contexto social que essas artistas estavam inseridas? Entre os diversos conteúdos excepcionais que tivemos a oportunidade de ver neste curso, o assunto mulheres artistas nunca mais se afastou de meu pensamento.

Para o presente trabalho de conclusão de curso, obviamente, eu não teria como fugir desse objeto de estudo. Então, sob o aconselhamento de minha orientadora, iniciei uma pesquisa, de forma ampla, no período que compreende as últimas décadas do século XIX e os anos iniciais do século XX, nos jornais e revistas da época, percorrendo os anos em busca de mulheres artistas e suas obras. Embora este processo tenha sido longo e laborioso a lista não fugiu muito dos nomes que estavam presentes nas Exposições Gerais de Belas Artes do Rio de Janeiro, porém já nos é muito significativo.

Entre as artistas encontradas, me deparei com o nome de Maria Clara da Cunha Santos. Tive certeza, nesse momento, que eu tinha em mãos o meu tema de pesquisa. Em meio a diversos motivos que guiaram o meu súbito interesse por ela, como os seus múltiplos talentos, destaco principalmente os seus escritos sobre arte, material praticamente inédito na produção feminina daquele período.

Maria Clara (Pelotas, 18 de novembro de 1866 - Rio de Janeiro, 23 de outubro de 1911), foi uma importante intelectual brasileira e sua produção literária é vasta. Entre contos e poesias, Maria Clara também se dedicou ao gênero crônica, que nos interessa profundamente neste trabalho. A principal fonte primária de seus escritos sobre arte e temas culturais de modo geral aqui utilizada é a revista literária *A Mensageira*, originalmente publicada de 1897 a 1900, que era dedicada às mulheres brasileiras. A revista teve uma edição fac-similar editada no ano de 1987, portanto os textos estão todos acessíveis para consulta.

Em *A Mensageira*, Maria Clara colaborava com a coluna de crônicas intitulada *Cartas do Rio*, divulgando os mais variados acontecimentos da cidade do Rio de Janeiro. Entre os assuntos, Maria comentava sobre as exposições que aconteciam e também elaborava pequenas críticas sobre as obras e seus artistas, ponto fundamental dessa pesquisa.

No presente trabalho, além de seus escritos sobre arte, abordaremos brevemente alguns aspectos da produção de Maria Clara como pintora. Cunha Santos participou de cinco exposições gerais de Belas Artes do Rio de Janeiro. Encontramos seu nome citado nos catálogos que compreendem os anos de 1897 a 1901, sendo ao todo 17 telas expostas.

Até o momento a busca pela existência física dessas obras continua, o que nos remete a uma das várias problemáticas que envolvem a produção de mulheres na História da Arte. O Museu de Belas Artes do Rio de Janeiro não tem registro das obras de Maria Clara, salvo os catálogos das exposições que comprovam a sua participação. Uma especulação possível é de que essas telas estejam em coleções particulares ou em posse de familiares.

Ao propor um estudo sobre uma mulher artista e crítica de arte que está ausente na historiografia da arte brasileira, fica praticamente impossível não abordarmos questões sociais e de gênero como base para esta pesquisa. Portanto, para que possamos compreender como a carreira profissional de Maria Clara e de tantas outras mulheres acontecia, normalmente de forma limitada, na sociedade do entresséculos, iremos, na primeira parte deste trabalho, analisar historicamente o posicionamento social da mulher perante o campo artístico.

No capítulo *Gênero e sociedade: uma breve e indispensável reflexão*, propomos analisar como as questões referentes à gênero estão intrinsecamente arraigadas e construídas socialmente em homens e mulheres. Discussão amparada pelos estudos de Marián López Fernandez Cao, *Educar o olhar, conspirar pelo poder: gênero e criação artística* e Charlotte Foucher Zarmanian, *En busca de la emancipación. Las mujeres artistas en París en torno a 1900*. Também introduzimos, com o auxílio do estudo de Tamar Garb, *Gênero e representação*, o contexto social limitador em que as mulheres artistas do século XIX estavam inseridas e a luta contra esse sistema que por elas começa a ser travada.

Em *Mulheres artistas na História da Arte: retratos apagados*, capítulo ainda orientado pelos debates de Tamar Garb e Charlotte Foucher Zarmanian, buscamos refletir sobre a exclusão das mulheres dos retratos que representavam e eternizavam os artistas na História da Arte. Através de exemplos, questionamos essa espécie de objetificação das mulheres artistas que tendia a colocá-las em uma posição de submissão e passividade ao olhar masculino ativo e, conseqüentemente, as apagava da história como produtoras e atuantes. Além de todas as dificuldades externas que as mulheres enfrentavam advindas das imposições sociais, abordaremos brevemente o conflito interno perturbador que também as sobrecarregava.

No capítulo *A educação artística para mulheres*, iremos discorrer sobre a formação das mulheres na França, visto que muito influenciou o ensino no Brasil, utilizando fundamentalmente os estudos de Zarmanian. Logo em seguida, abordaremos a formação educacional das mulheres artistas no âmbito nacional, contando com o auxílio dos estudos de Ana Paula Cavalcanti Simioni em *Profissão Artista: Pintoras e Escultoras Acadêmicas Brasileira* e *O corpo inacessível: às mulheres e o ensino artístico nas academias do século XIX*. É válido ressaltar que este capítulo é de suma importância para pensarmos de maneira mais objetiva a formação de Maria Clara da Cunha Santos.

Na sequência do trabalho, propomos, então, um olhar direcionado à produção de Maria Clara. Para que essa análise se torne possível, contaremos com a pesquisa em fontes primárias, como a revista *A Mensageira*, conforme comentamos anteriormente, e os demais jornais e periódicos da época em que Maria Clara produziu ativamente, período que compreende, mais especificamente, os anos de 1890 a 1911. Em *Uma mulher de múltiplos talentos* buscamos demonstrar como essa mulher percorreu de modo interdisciplinar os mais variados campos artísticos e intelectuais na sociedade do entresséculos brasileira. Já em *Mulheres em luta: o feminismo na revista A Mensageira*, buscamos entender a relevância da revista para a visibilidade artística e intelectual da mulher brasileira e o seu papel conscientizador perante suas leitoras, visto que a revista buscava discutir o papel da mulher na sociedade, trazendo, inclusive, informações de diversos países.

Por fim, no capítulo *As críticas de arte presentes na coluna Cartas do Rio e a participação de Maria Clara da Cunha Santos nas Exposições gerais de Belas Artes do Rio de Janeiro*, iremos nos dedicar à análise das críticas de artes que Maria Clara

apresentava de maneira “despretensiosa”, assim mencionado diversas vezes pela própria escritora, na revista *A Mensageira*. Além disso, discutiremos a produção de Maria Clara como pintora, a sua participação nos salões de arte e a inexistência, até então, de suas obras na História da Arte brasileira.

2. A CONDIÇÃO DA MULHER NO CAMPO ARTÍSTICO: UMA INTRODUÇÃO

Compreender como a ideologia de um momento ou de um lugar impregnou os fundamentos da disciplina histórica é requisito fundamental para uma sociedade mais justa. Por isso, a história da arte não deve ser a história da genialidade individual – ocidental, masculina e médio-burguesa -, e sim a história da criatividade por meio das imagens, transpondo individualidades, procedências geográficas e econômicas, onde a linha que separa arte e artesanato, desenho e arte, desapareça para mostrar novas maneiras de entender o mundo e expressá-lo. (CAO, 2008, p. 71)¹.

¹ CAO, Marián López Fernandez. Educar o olhar, conspirar pelo poder: gênero e criação artística. In: BARBOSA, Ana Mae; Amaral, Lilian (Orgs). Interterritorialidade: mídias, contextos e educação. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2008, p. 69-85.

2.1 Gênero e sociedade: uma breve e indispensável reflexão

Como seres pertencentes a uma sociedade que privilegia o masculino e como seres nela integrados nossa visão está, portanto, educada atendendo às normas que privilegiam o masculino ocidental. Em certas ocasiões, nossa visão haverá de transformar-se em masculina para compreender determinadas imagens, enquanto nunca, ou quase nunca, acontece o contrário. Por isso é essencial desconstruir esse olhar de poder, esse olhar discriminatório, que se opõe a nós mesmas e nós mesmos (CAO, 2008, p. 75)².

Márian Cao discute no texto *Educar o olhar, conspirar pelo poder: gênero e criação artística*, integrante do livro *Interterritorialidade: mídias, texto e educação*, como a iconografia e os aspectos formais das imagens estão intrinsecamente ligados a características de gênero. Tais características foram constituindo-se através dos séculos em uma cultura que dá preponderância ao que é masculino, sendo este associado ao que é universal e o feminino, pelo contrário, ao que é particular.

Para que possamos entender melhor como essa construção das imagens está ligada diretamente a características de gênero, Cao menciona um exercício que propôs aos alunos da Faculdade de Educação da Universidad Complutense de Madrid. O exercício era simples e baseava-se na realização de rápidos desenhos sobre determinadas frases. Cao comenta que o objetivo do exercício era, em princípio, o de “acelerar o traço e buscar a síntese da figura humana”. As frases que a autora passava aos alunos eram neutras e sem sexo, por exemplo: “enquanto corria em direção ao avião, se lembrou que tinha esquecido os papéis da reunião” ou “sua figura se assemelhava à natureza” (CAO, 2008, p. 75).

Sobre essas frases Cao chama a atenção para o fato de serem

Frases sem sexo, mas com gênero, com um gênero construído há anos, do qual vamos nos desvinculando muito pouco a pouco e que relaciona tudo aquilo que tem importância, na esfera pública, com a ação, com o poder, como o masculino; e tudo aquilo que tem a ver com a infância, com a esfera privada, a ajuda, o passivo e o doméstico, com o feminino (CAO, 2008, p. 75).

Sobre os resultados deste exercício, a professora recorda que era comum os alunos serem tomados por um sentimento de desolação, pois sentiam-se

² CAO, Marián López Fernandez. Educar o olhar, conspirar pelo poder: gênero e criação artística. In: BARBOSA, Ana Mae; Amaral, Lilian (Orgs). *Interterritorialidade: mídias, contextos e educação*. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2008, p. 69-85.

verdadeiramente mal ao perceberem como a ideia de gênero estava pré-concebida e enraizada dentro de cada um, homens e mulheres. Cao recorda ainda de um aluno em específico e conta a seguinte passagem: “Lembro-me de um aluno que, profundamente consternado, dizia-me que era ele quem sempre trocava sua filha, que era ‘sua’ tarefa, mas que ao colocá-la no papel, como ‘modelo’, como padrão, acabou colocando uma figura feminina” (CAO, 2008, p. 75).

Percebemos claramente nesse exercício como os padrões construídos socialmente estão arraigados dentro de nós e apresentam-se até mesmo em pessoas que não os seguem ou não concordam diretamente com eles, como foi o caso do aluno rememorado por Cao. É imprescindível que entendamos, para a análise deste trabalho, o quanto as nossas influências sociais e culturais estão vinculadas a ideia de gênero e afetam intimamente nossa percepção.

Outro exemplo: debruçando-nos um pouco mais sobre o passado e aproximando-nos do período em reflexão, pode ser observado no texto *En busca de la emancipación: las mujeres artistas en París en torno a 1900*, de Charlotte Foucher Zarmanian, no qual a autora apresenta uma entrevista realizada em 1901, no periódico *Le Figaro*, por Maurice de Waleffe com a artista francesa Louise Abbéma (1853-1927), uma pintora conhecida não só pelo seu trabalho, mas pelo fato de não ter filhos e usar calças. O tema da entrevista está relacionado ao seguinte questionamento: “A mulher artista é feliz?” (ZARMANIAN, 2014).

A autora chama a atenção para o fato de que mesmo sendo a artista entrevistada uma mulher conhecida por estar à frente de seu tempo, no seu discurso percebe-se a resistência de um domínio social, pois este apresenta-se de maneira conciliadora e educada. Zarmanian comenta que as respostas da artista “[...] são significativas da dificuldade de pensar em uma definição estável do feminismo e da emancipação feminina na transição do século XIX para o século XX...” (ZARMANIAN, 2014, p. 40, tradução minha).

Na contemporaneidade, como tivemos o exemplo apresentado por Cao, ainda estamos presos a essas amarras hierárquicas de gênero, construídas socialmente e interiorizadas desde muito cedo, e estamos ainda desenvolvendo lentamente um processo de desconstrução dessa ideia cultural falocêntrica. Assim sendo, se olharmos para os fins do século XIX e início de XX podemos entender como foi difícil para as mulheres, como Louise Abbéma, romper com determinados padrões.

Retomando a ideia de Cao, de atentarmos para a narrativa de uma história da arte mais justa e criativa, é importante que entendamos como as mulheres, assim como os não ocidentais e os pobres, por exemplo, foram marginalizados por uma construção narrativa baseada na genialidade individual que tinha o objetivo de valorização do ocidente, do homem e do burguês.

Tamar Garb em *Gênero e representação*, texto que faz parte da obra *Modernidade e Modernismo: a Pintura francesa no século XIX*, comenta que na França, no final do século XIX, por exemplo,

[...] havia diversas maneiras de se praticar arte, desenho ou exercer ofícios. Cada uma dessas práticas trazia as marcas das instituições nas quais eram ensinadas e do gênero e condições de classe de seus executantes. Conseqüentemente, existiam hierarquias de práticas. Por causa da educação recebida, de sua posição no contexto da família, das expectativas sociais a que estavam sujeitos e dos papéis que aprendiam a representar como naturalmente seus, havia poucas probabilidades de que meninos e meninas conseguissem alcançar a maturidade com oportunidades iguais de desenvolver uma identidade como 'artista' (GARB, 1998, p. 231)

Assim como na sociedade atual ainda é impossível se falar em oportunidades iguais e meritocracia, no período do entresséculos não foi diferente. As mulheres estavam submersas numa sociedade desigual, como exemplifica Garb ao apresentar a realidade da mulher artista na sociedade francesa:

Cabia aos homens discutir arte e política nos cafés de Paris, e às mulheres tocava ficar em casa bordando; cabia aos homens passar pelos rigorosos processos de treinamento das escolas de arte mantidas pelo governo, enquanto as mulheres eram enviadas para caras e elegantes escolas particulares de arte para aprenderem a ser amadoras talentosas; cabia aos homens estar à altura dos rigores de um mercado competitivo, enquanto as mulheres tinham de conter suas ambições em nome da modéstia feminina (GARB, 1998, p. 231).

Mesmo que todas as dificuldades fossem enfrentadas e supostamente superadas, as mulheres, por mais talento que apresentassem, ainda assim seriam amadoras, ainda assim seriam seguidoras de algum mestre, pois não se considerava que tivessem genialidade, mais uma das prerrogativas exclusivamente masculinas. Sobre essa ideia de gênio, Garb comenta:

Embora se reconhecesse que certas mulheres tinham algum talento, era impossível para elas se qualificarem como verdadeiramente

notáveis. Para isso era preciso ter gênio, uma qualidade que se considerava, no século XIX, estar além do alcance das mulheres. [...]. O que desqualificava as mulheres para a 'genialidade' era a sua falta inata de originalidade, seu conservadorismo, sua tendência à imitação, sua intensidade emocional acompanhada de deficiência intelectual e as preocupações necessariamente absorventes com a maternidade (GARB, 1998, p. 231).

Porém, nesse período, na França, já havia mulheres lutando contra essa crença generalizada e enraizada que as mulheres não tinham condições nem psicológicas nem físicas para produzir obras de arte. Também lutavam para combater a convicção de que isto tinha de ser assim para manter o equilíbrio e o bem da nação e da raça, pois existia a ideia de que qualquer alteração nos papéis sociais tradicionais poderia ameaçar a ordem social e o futuro dessa sociedade (GARB, 1998).

Algumas das artistas e feministas que lutavam contra essa percepção social, desafiavam "a noção de que as mulheres nunca haviam produzido nenhuma obra artística ou literária significativa" (GARB, 1998, p. 231), enquanto outras aceitavam esta afirmação, porém explicavam-na socialmente. Garb cita, por exemplo, a feminista Maria Deraismes³ (1828-1894) que, em 1876, entende que essa vida sedentária e limitada ao lar, imposta pelos costumes, foi que impossibilitou às mulheres de encontrar um meio de se sobressaírem entre os melhores no campo das artes até aquele momento. Associado ainda a essa baixa qualidade na educação artística oferecida às mulheres é que Deraismes também denunciava a falta de instrução como um dos motivos que lhes vedou o acesso ao mundo das artes no passado. (GARB, 1998).

2.2 Mulheres artistas na História da Arte: retratos apagados

A transformação, surpreendente, mas muito comum, da mulher artista, que de produtora por direito próprio se torna sujeito de representação, constitui um "leitmotiv" na história da arte. Ao confundir sujeito com o objeto, sucumbe a posição ativa da mulher artista individual, generalizando-a. Quando sua individualidade é negada, ela é deslocada de sua condição de produtora e se torna um mero signo da criatividade masculina (CHADWICK, 1992, p. 19, tradução minha)⁴.

³ Escritora e defensora dos direitos da mulher, Deraismes ficou conhecida também por lutar pelos direitos das mulheres em praticar Maçonaria.

⁴ CHADWICK, Whitney. *Mujer, arte y sociedade*. Barcelona: Ediciones Destino, 1992.

A imagem da mulher como objeto de prazer e de contemplação ao olhar masculino foi um dos fatores que acabou silenciando-a como mulher agente da criação e produtora artística. Essa problemática se fez presente, assombrando e excluindo, por muito tempo, grande parte das mulheres da história da arte. Exemplos desse sufocamento da mulher como artista produtora e pensante, podem ser analisados na trajetória de duas artistas apresentadas por Whitney Chadwick em seu estudo *Mujer, arte y sociedad*: Angélica Kauffmann (1741-1807) e Mary Moser (1744-1819), ambas estavam entre os membros fundadores da Academia Real britânica, no ano de 1768. Sobre essas célebres artistas, Chadwick comenta:

Angelica Kauffmann, eleita em 1765 como membro da prestigiada Academia de S. Luca, de Roma, foi saudada a sua chegada a Londres em 1766 como sucessora de Van Dyck. Ela já era uma pintora famosa associada à corrente decorativa e romântica do classicismo; foi em grande parte responsável pela difusão na Inglaterra das idéias estéticas de Winckelmann, e a ela se deve, juntamente com Gavin Hamilton e Benjamin West, a popularização do neoclassicismo nas Ilhas. Mary Moser, cuja reputação rivalizava com a de Kauffmann, era filha de George Moser, um esmaltador suíço que foi o primeiro conservador da Real Academia. Mary, elegante pintora de flores, apadrinhada pela Rainha Charlotte, foi uma dos únicos pintores desse gênero aceito pela Real Academia. (CHADWICK, 1992, p. 7, tradução minha).

Essa breve apresentação elaborada por Chadwick a respeito das artistas já nos permite perceber que Kauffmann e Moser eram respeitadas e afortunadas em sua época. Porém, é possível imaginarmos que renomadas artistas, com uma produção pictórica reconhecida e, inclusive, como é o caso de Kauffmann, difusora de ideias sobre estética, sejam tomadas como passivas e objetivadas no campo das artes? Para explicar essa questão, Chadwick nos convida a analisar o quadro intitulado *Os acadêmicos da Real academia* [fig. 1], de Johann Zoffany (1733-1810), produzido entre os anos de 1771 e 1772.



Figura 1 – Johann ZOFFANY (1733 – 1810), The Academicians of the Royal Academy, 1771-1772. Óleo sobre tela, Royal Collection Trust, Londres. Fonte: Royal Collection Trust⁵.

A obra, como o próprio nome sugere, trata-se da reunião dos membros da Academia Real Britânica, estes eternizados através dessa imagem. Podemos observar nessa representação um considerável número de artistas, todos homens, reunidos na presença de dois modelos masculinos nus. Porém, a presença marcante nesta obra está na ausência das duas artistas mulheres que também eram membros fundadoras dessa academia, Kauffmann e Moser. Embora essas artistas tenham conquistado um lugar que até então não era comum às mulheres, visto que somente em 1922 a Academia Real iria admitir novamente uma mulher como membro, elas permaneciam vedadas a participar das reuniões de discussões sobre artes e das aulas com modelos nus.

Se lançarmos um olhar mais atento sobre essa obra, iremos perceber, porém, que Johann incluiu Kauffmann e Moser à tela representando-as através de dois bustos, os quais se encontram pendurados na parte superior da parede direita. Nesse momento temos a anulação dessas mulheres como agentes, impondo-as a uma

⁵ Disponível em: <<https://www.royalcollection.org.uk/collection/400747/the-academicians-of-the-royal-academy>> Acesso: em 14 de setembro de 2017.

condição de objetificação. Chadwick explica que elas “tornaram-se objetos de arte em vez de produtoras: seu lugar está entre os baixos-relevos e moldes de gesso que são objetos de contemplação e inspiração por parte dos artistas masculinos. Elas se tornaram representações” (CHADWICK, 1992, p. 7-8, tradução minha).

O quadro de Johann Zoffany afirma o papel marginalizado que tradicionalmente foi atribuído à mulher artista na História da Arte, tanto na pintura como na escultura. Nas palavras de Chadwick, a obra de Zoffany “confirma a imagem da fêmea como objeto de contemplação do homem em uma história de arte geralmente consagrada seguindo os marcos dos ‘antigos mestres’ e das ‘obras-primas’” (CHADMICK, 1992, p. 8, tradução minha).

Tamar Garb também levanta uma importante discussão acerca de dois quadros produzidos do final do século XIX (quase cem anos após a produção de Zoffany): *Ateliê em Batignolles* [fig. 2], de Fantin Latour (1836-1904) e *Ateliê do artista, 9 rue de la Condamine* [fig. 3], de Frédéric Bazille (1841-1870), ambos datados de 1870.



Figura 2 – Henri Fantin-LATOUR (1836 – 1904), *Un atelier aux Batignolles*, 1870. Óleo sobre tela, 204 x 273,5cm. Musée d'Orsay, Paris.

Fonte: Musée d'Orsay⁶.



Figura 3 – Frédéric BAZILLE (1841-1870), *L'atelier de Bazille*, 1870. Óleo sobre tela, 98 x 128,5cm
Musée d'Orsay, Paris
Fonte: Musée d'Orsay⁷.

Em ambas as telas podemos observar grupos de artistas homens reunidos, seja a representação de uma reunião mais formal, como a da primeira obra, na qual Manet (1832-1883) é representado como a figura do mentor, envolto pelos demais artistas; ou seja a representação de uma reunião informal, como a da segunda obra, a qual reverencia a ideia da boemia e do artista marginal romantizado (GARB, 1998). Entre os artistas presentes nas obras, estão Manet, como já mencionado, Monet (1832-1883), Renoir (1841-1919), Bazzile, Zola (1840-1902) e Astruc (1833-1907).

Garb chama a atenção para o fato da total ausência da mulher artista nestas reuniões. Para problematizar ainda mais, a autora traz para o seu discurso o historiador do impressionismo John Rewald que, em parte de seu trabalho, se dedica

⁶ Disponível em: < http://www.musee-orsay.fr/fr/evenements/expositions/archives/presentation-detaillee.html?zoom=1&tx_damzoom_pi1%5BshowUId%5D=100052&cHash=6cb9011376 > Acesso em: 20 de setembro de 2017.

⁷ Disponível em: < http://www.musee-orsay.fr/fr/collections/oeuvres-commentees/recherche.html?no_cache=1&S=&zoom=1&tx_damzoom_pi1%5BshowUId%5D=2409&print=1&no_cache=1& > Acesso em: 01 de outubro de 2017.

a explicar o fato dos artistas Degas (1834-1917), Cézanne (1839-1906) e Pissaro (1830-1903) não estarem presentes nestas representações. O que Garb sinaliza é que em nenhum momento é questionado pelo historiador o fato destas reuniões serem somente entre homens. Rewald não questiona, por exemplo, a ausência da artista Berthe Morisot⁸ (1841-1895), que também atuava fortemente no período, e sequer “reconhece que as reuniões informais de artistas nos cafés eram frequentadas só por homens e que quaisquer mulheres presentes teriam de ser garçonetes, *demi-mondaines* ou operárias, mas não artistas” (GARB, 1998, p. 234), como veremos, em breve, nas palavras de denúncia das próprias artistas.

Retomando as telas em análise, de Latour e Bazille, embora, como pudemos perceber, a mulher tenha tido a sua presença como artista atuante excluída da representação real desses grupos, por outro lado, a figura feminina está presente nestes quadros, assim como ocorreu em Zoffany, como demonstra Garb:

No de Fantin Latour, lá está ela como uma clássica referência mítica, uma pequena figura sobre a mesa, mas repleta de associações com a ‘mulher musa’, a ‘mulher com ideal abstrato’, a ‘mulher’ como portadora de diversos deslocamentos simbólicos. No de Bazille, a ‘mulher’ representa, nos quadros nas paredes, tanto a seriedade do envolvimento do artista com seu trabalho (poucos artistas ambiciosos podiam dar-se ao luxo de negligenciar o nu) quanto sua identificação com a nova estética naturalista, ou seja, a tendência a ver a pintura como uma representação precisa do mundo tal como era observado pelo artista (GARB, 1998, p. 237).

A real situação social dessas mulheres artistas, no período até então estudado, é de que elas não estavam presentes nessas representações que eternizavam a imagem do artista atuante e também não estavam nas ruas e nem nos cafés, mas, sim, nas salas de estar e nos ateliês particulares. Sobre essa situação institucional Garb irá trazer como exemplo as mulheres artistas do final do século XIX, o que observamos anteriormente nos casos de Kauffmann e Moser:

A ausência das mulheres nos retratos de grupos de artistas nos lembra a posição institucional das artistas na França do final do século XIX. Apesar do fato de que muitas delas expunham suas obras nessa época, elas atuavam dentro de uma estrutura de poder das instituições artísticas que era exclusivamente masculina. Excluídas de todos os organismos oficiais, por lei ou por costume, nunca seriam vistas em

⁸ Importante artista do impressionismo juntamente com Mary Cassatt (1843-1926) e Eva Gonzales (1849-1883).

nenhum retrato formal de grupo de especialistas (GARB, 1998, p. 235).

Sobre as limitações impostas às mulheres, Garb traz em seu discurso a voz da artista russa Marie Bashkirtseff (1858-1884), que em 1882 reclamava pela liberdade absoluta do cotidiano - atos como passear, sair, jantar fora, frequentar cafeterias - liberdade esta que ela associa a felicidade da vida cotidiana. Essa falta de liberdade denunciada por Bashkirtseff é ainda mais intensa para as mulheres solteira, como comenta o filósofo e historiador Jules Michelet, em 1859, ao afirmar que se uma mulher solteira saísse à noite poderia facilmente ser confundida com uma prostituta. Ele ressalta também que se uma mulher solteira adentrasse esses lugares tradicionalmente frequentados unicamente por homens, como um café, o evento causaria enorme espanto e desconforto (GARB, 1998).

É muito importante para a análise que se propõe esta pesquisa que entendamos que embora a mulher artista seja marginalizada na História da Arte, a sua presença é rumorosa. Sobre a existência destas artistas, Garb comenta:

Na época em que os 'retratos de estúdios' de Fantin Latour e Bazille estavam sendo realizados, Eva Gonzales, alguns anos mais jovem que os demais, e Berthe Morisot, que tinha a mesma idade de Bazille, Monet e Renoir, faziam parte de um grupo de pintores e críticos que havia se congregado em torno de Manet (GARB, 1998, p. 238).

Além de Gonzales, Morisot, Bashkirtseff, muitas outras artistas estavam atuando e lutando por espaço no meio artístico:

Na França do final do século XIX havia um número sem precedentes de mulheres artistas trabalhando profissionalmente e transpondo a estrutura institucional do mundo artístico. Havia aquelas que, como Virginie Demont-Breton tinham aspirações a uma carreira acadêmica e participaram da prolongada campanha pela admissão de mulheres na École des Beaux-Arts; as que, como Madeleine Lemaire, tiraram proveito do multifacetado mercado de arte e da crescente estruturação das exposições particulares, além de exporem regularmente no Salão; aquelas que, como Rosa Bonheur, por meio de seu marchand, vendiam seus trabalhos independentemente na França e no exterior; as que como madame Léon Bertaux, uniram-se a outras mulheres em foruns femininos para combater o preconceito e a exclusão; as que expunham seus trabalhos no Salão e em *cercles* e salões de mulheres como Eva Gonzalès e Marie Bashkirtseff, e aquelas como Mary Cassat e Berthe Morisot, que preferiam a estrutura sem júri das mostras impressionistas independentes para expor seus trabalhos (GARB, 1998, p. 239).

Garb comenta em seu texto que as artistas, que estão crescendo e tomando espaço como profissionais, tornaram-se uma personagem padrão para os caricaturistas e um alvo fácil como imagem de 'mulher pouco feminina' ou 'ingênuas'. As mulheres além de lutarem por um espaço no mercado artístico, buscando meios alternativos para a profissionalização, sem o apoio do estado e a liberdade que dispunham os homens, como vimos nos exemplos anteriormente mencionados, precisavam combater ideias predominante como:

[...] engajamento sério e profissional com a arte estava além das capacidades de uma verdadeira mulher. Se houvesse mulheres que demonstrassem uma capacidade artística excepcional, então o sentimento era que elas tinham necessariamente de renunciar a seus atributos intrinsecamente 'femininos', e assim ameaçavam solapar toda a estrutura social sobre a qual se erguia a França moderna. Se as mulheres fossem abençoadas com uma sensibilidade refinada e uma percepção estética desenvolvida, isto deveria ser expressado nas atividades adequadas dos afazeres domésticos, o bordado, a montagem de álbuns e a pintura de aquarela, nada muito difícil ou ambicioso, nada que as afastasse de seus deveres primários de esposas e mães (GARB, 1998, p. 239-240).

Além das dificuldades enfrentadas e do conflito externo aos quais essas mulheres eram expostas, existia ainda o perturbador conflito interno a ser superado:

Ser uma artista profissional era, em muitos lugares, transgredir as expectativas sociais. Embora os mecanismos conscientes e inconscientes para enfrentar esta situação possam ter variado, não havia uma só artista na França do final do século XIX que conseguisse escapar do conflito, interno e externo, acarretado pela tensão entre suas aspirações como artista profissional e o ideal 'feminino' (GARB, 1998, p. 239-240).

Esse conflito foi vivido e narrado pela escritora britânica Virginia Woolf (1882-1941), no texto *Profissões para mulheres*, de 1931. Woolf nomeou esse angustiante conflito de fantasma, o qual ela homenageia com o nome da heroína do poema *Anjo do Lar*, de Coventry Patmore⁹.

A narrativa de Virginia Woolf é muito envolvente, forte e repleta de sentimento. Sentimento esse que nos faz refletir sobre a realidade de todas essas artistas,

⁹ Coventry Kersey Dighton Patmore (1823-1896), poeta inglês que ficou famoso com o poema *Anjos do lar* (*The Angel in the House*), no qual dá dicas, conceitua e classifica a ideia de um casamento feliz. Na obra, Patmore elogia a esposa Emily como modelo perfeito e adequado da esfera doméstica.

mulheres criativas e atuantes, por isso, embora o trecho pareça extenso, apresento-o, pois é extremamente importante para o presente estudo:

Os artigos têm que ser sobre alguma coisa. O meu, se bem me lembro, era sobre um romance de um homem famoso. E, quando eu estava escrevendo aquela resenha, descobri que se fosse resenhar livros, ia ter que combater um certo fantasma. E o fantasma era uma mulher, e quando a conheci melhor, dei a ela o nome da heroína de um famoso poema, “O Anjo do lar”. Era ela que costumava aparecer entre mim e o papel enquanto eu fazia as resenhas. Era ela que me incomodava, tomava meu tempo e me atormentava tanto que no fim matei essa mulher. [...]. Ela era extremamente simpática. Imensamente encantadora. Totalmente altruísta. Excelente nas difíceis artes do convívio familiar. Sacrificava-se todos os dias. Se o almoço era frango, ela ficava com o pé; se havia ar encanado, era ali que ia se sentar – em suma, seu feitio era nunca ter opinião ou vontade própria, e preferia sempre concordar com as opiniões e vontade dos outros. E acima de tudo – nem preciso dizer – ela era pura. Sua pureza era tida como sua maior beleza – enrubescer era seu grande encanto. [...] na hora em que peguei a caneta para resenhar aquele romance de um homem famoso, ela logo apareceu atrás de mim e sussurrou: “Querida, você é uma moça. Está escrevendo sobre um livro que foi escrito por um homem. Seja afável; seja meiga; lisonjeie; engane; use todas as artes e manhas de nosso sexo. Nunca deixe ninguém perceber que você tem opinião própria. E principalmente seja pura”. [...] Fiz de tudo para esganá-la. Minha desculpa, se tivesse de comparecer a um tribunal, seria legítima defesa. Se eu não a matasse, ela me mataria. Arrancaria o coração da minha escrita. Pois, na hora em que pus a caneta no papel, percebi que não dá para fazer nem mesmo uma resenha sem ter opinião própria, sem dizer o que a gente pensa ser verdade nas relações humanas, na moral, no sexo (WOOLF, 2012, p. 11-13).

Woolf representa de forma brilhante em sua narrativa essa dificuldade para a mulher libertar a sua imaginação e criar livremente, quando se sente rigorosamente condenada pela censura masculina. Para ela esse pode ser um dos motivos pelos quais várias escritoras optaram por usar pseudônimos masculinos, como George Eliot¹⁰ e Miss Brönte¹¹, por exemplo, pois “talvez quisessem libertar a própria consciência, enquanto escreviam, das expectativas tirânicas em relação ao seu sexo” (WOOLF, 2012, p. 28). A narrativa da escritora sobre esse fantasma que atormenta e tenta impedir o posicionamento da mulher poderia ser tranquilamente transposta para praticamente qualquer área do conhecimento que pudesse afastá-la do doméstico.

¹⁰ Pseudônimo de Mary Ann Evans (1819-1880).

¹¹ Charlotte Brönte (1816-1855) escreveu o famoso romance *Jane Eyre*, publicado em 1847, com o pseudônimo de Currer Bell.

2.3 A educação artística para mulheres

Neste contexto de crescente oposição ao falocentrismo que ainda permeia as instituições oficiais, várias mulheres começaram a questionar as regras e códigos estabelecidos, implementando uma variedade de estratégias, valorizando seu acesso e favorecendo sua integração no mundo profissional da arte (ZARMANIAN, 2014, p.46, tradução minha)¹².

2.3.1 As escolas particulares e a calorosa luta por espaço na academia francesa

Charlotte Foucher Zarmanian comenta, em seu estudo *En busca de la emancipación. Las mujeres artistas en París en torno a 1900*, mencionado anteriormente, que foi somente no ano 1897, sob a pressão do coletivo *Union des Femmes Peintres et Sculpteurs*, liderado pela escultora Hélène Berteaux (1825-1909), desde 1881, que a Escola de Belas Artes da França abre suas portas às mulheres. A historiadora Ana Paula Cavalcanti Simioni, em seu texto *O corpo inacessível: as mulheres e o ensino artístico nas academias do século XIX*, ressalta que a partir de 1770 a academia até reconhecia a possibilidade de mulheres participarem do quadro de alunos, porém o procedimento para que fossem aceitas era totalmente diferente do processo realizado pelos artistas homens. Simioni comenta que essas artistas “teriam de contar com uma indicação real que atestasse serem ‘excepcionais’, e ainda assim só poderiam ser recebidas até o número máximo de quatro” (SIMIONI, 2007, p. 86).

Como exemplo dessa indicação real, podemos destacar as artistas Elisabeth Vigée-Lebrun (1755-1842) e Adelaide Labille-Guiard (1749-1803), ambas indicadas pela rainha Maria Antonieta à academia francesa. Artistas tidas, então, como excepcionais, sofreram o processo de exclusão dentro da academia, embora pertencentes a esta, visto que as suas obras não eram igualadas às realizadas pelos alunos do sexo masculino. Simioni destaca que

[...] a maneira com que foram tratadas pelos críticos, não apenas pelo conteúdo por vezes jocoso, mas, sobretudo, por relacionarem as obras de uma, exclusivamente, às da outra, terminou por excluí-las da comparação com os pintores homens. Paulatinamente, foi sendo

¹² ZARMANIAN, Charlotte Foucher. *En busca de la emancipación. Las mujeres artistas en París en torno a 1900*. In. SORIA, María García (org.). *Pintoras en España 1859-1926*. De María Luisa de la Riva a Maruja Mallo, Catálogo de exposição, Paraninfo, Universidad de Zaragoza, fevereiro – junho de 2014. p. 39-49.

criado um mundo à parte para essas mulheres artistas (SIMIONI, 2007, p. 87).

Antes das portas da Escola de Belas Artes realmente se abrirem para as artistas do sexo feminino, conforme comentado por Zarmanian, as mulheres que desejavam estudar artes recorriam às escolas privadas e às oficinas particulares, que, até então, haviam desempenhado um papel crucial para a formação das mulheres artistas. Os cursos particulares geralmente eram ministrados por artistas consagrados dentro do sistema oficial. Entre os ateliês que admitiam a presença do público feminino, estão o ateliê de Adelaide Labille-Guillard, o ateliê David, o ateliê de Abel Pujol, o ateliê de Léon Cogniet, o ateliê de Henry Scheffer, o ateliê de Charles Chaplin, o ateliê para escultoras de Mme. Léon Bertaux e o ateliê de Mme. Trélat. (SIMIONI, 2007).

Um importante modelo de escola alternativa não somente para as mulheres, mas também para os artistas estrangeiros, foi a Academia Julian, criada em 1868, por Rodolphe Julian. A escola já no ano de 1873, pouco tempo após sua inauguração, possuía turmas mistas, “o que era então um gesto ousado por mesclar alunos e alunas em um mesmo recinto recebendo formação igualitária” (SIMIONI, 2007, p. 91). Além disso, Simioni comenta que

[...] as jovens encontraram uma formação equiparável à dos homens, podendo exercitar-se no estudo do modelo vivo, diariamente, por até oito horas seguidas, e contando ainda com as lições fornecidas pelos grandes mestres que também lecionavam na École des Beux-Arts. O único senão é que ali deveriam estar dispostas a pagar caro por tantos privilégios: as mensalidades e as anuidades para mulheres custavam, geralmente, o dobro das masculinas (SIMIONI, 2007, p. 92).

É válido destacar que a famosa escola recebeu inclusive diversas artistas brasileiras, que também obtiveram tardiamente a abertura das portas na Escola de Belas Artes do Rio de Janeiro¹³. Entre as alunas estão Julieta de França (1870-1951), Georgina Albuquerque (1885-1962) e Nair de Teffé (1886-1981).

Zarmanian chama a atenção para o fato de Paris estar se tornando, por volta de 1900, um centro internacional no campo artístico. Juntamente com as imigrações procedentes das províncias, Paris torna-se uma cidade repleta de estrangeiros.

¹³ Assunto do subcapítulo seguinte.

Capital das ideias, das artes e da cultura, que apesar do antissemitismo - como ocorrido no caso Dreyfus¹⁴, por exemplo, que será muito comentado na revista *A Mensageira*, a qual veremos mais tarde – acolhe a demanda de estrangeiros e absorve suas influências.

Um exemplo dessa demanda pode ser observado na trajetória da artista espanhola Lluisa Vidal i Puig (1876-1918), que aproveita esse momento de grandes possibilidades em Paris e inicia seus estudos na Academia Julian, no ano de 1901. Porém, logo em seguida, transfere-se para a Escola de Belas Artes e passa a frequentar o atelier regido pelo professor Humbert.

É importante mencionar a ressalva de que muito embora a Escola de Belas Artes tenha em teoria aberto suas portas para as artistas mulheres em 1897, como vimos anteriormente, na prática os primeiros ingressos de mulheres começaram a acontecer em 1900. Simioni destaca que antes desta data “as comissões responsáveis pelas provas de ingresso não consideraram nenhuma dentre as inscritas aptas para o cargo” (SIMIONI, 2007, p. 93).

É de grande relevância para o nosso estudo que entendamos como todo esse processo de luta das mulheres por uma educação artística igualitária e pela profissionalização no campo das artes foi lenta e envolta por um espírito segregacionista, que a cada passo conquistado por elas gerava um esforço em fazê-las recuar. Um documento do Arquivo Nacional de Paris, apresentado por Simioni em sua pesquisa, é revelador das reações explosivas motivadas pelo possível ingresso das primeiras turmas femininas na instituição que até então era exclusiva para homens:

No dia 13 de maio de 1897, as aulas da escola para as mulheres, as galerias e os ateliês estavam abertos como de costume e os alunos homens trabalhavam desde a manhã, 8 horas em silêncio e em perfeita ordem, em seus ateliês e nas galerias. Nada permitia prever o que iria se passar.

Por volta de dez para as dez, alguns alunos começaram a se agrupar no vestíbulo e, cinco minutos depois, o vestíbulo estava [ilegível].

¹⁴ O caso Dreyfus foi um equívoco do judiciário francês culminando em um escândalo político, ocorrido na última década do século XIX. O oficial de artilharia do exército francês, de origem judaica, Alfred Dreyfus, foi acusado de vender segredos militares. Sua condenação pautou -se em documentos falsos. O escritor Emile Zola, redigiu uma carta aberta ao presidente francês, publicada no jornal *L'Aurore*, de Paris, acusando o exército de ter condenado um inocente de maneira deliberada. (SILVA, Cintia Rufino Franco. O caso Dreyfus, Émile Zola e a imprensa. Contemporâneos: Revista de Artes e Humanidades. Nº 11. Novembro de 2012. Disponível em: <<http://www.revistacontemporaneos.com.br/n11/dossie/Dossie4-dreifus.pdf>>

Nesse momento, um certo número de alunos se pôs a bater na porta das escolas, gritando: “Vaiem as mulheres!”. O vigia de serviço saiu imediatamente para ver o que se passava; mas, mal havia entreaberto a porta, um empurra-empurra se produziu e os primeiros alunos tentaram penetrar no anfiteatro. Todavia, desde os primeiros gritos, os outros vigilantes haviam acorrido e juntaram-se a seu colega. Eles conseguiram resistir e a porta foi novamente fechada.

O chefe da brigada, por sua vez, interveio e os alunos foram confinados ao grande pátio, às portas do vestíbulo e às galerias à esquerda. Os vigias, obedecendo às ordens recebidas, tentaram acalmar os alunos, que continuaram a gritar “Vaiem as mulheres!”. Os esforços eram em vão. Os manifestantes, compostos em grande parte por aspirantes, trabalhavam, seja nas galerias, seja nos ateliês. Eles é que ocupavam as primeiras fileiras. Seus nomes não eram conhecidos pelos vigias. Os alunos dos ateliês de pintura e de gravura em medalhas estavam quase todos lá, mas se mantinham a distância a fim de não serem reconhecidos.

O bedel responsável pelos pintores dirigiu-se, então, para perto das mulheres, para lhes dar segurança. Por se acreditar que o tumulto iria se apaziguar, aconselhou-se às jovens que não saíssem.

Mas as alunas continuaram a gritar no pátio. Era necessário acabar com aquilo. Eram cerca de 10h30. Foi então que, tendo-se podido reunir um certo número de guardas, ordenou-se aos bedéis e ao chefe da brigada para que formassem uma cerca viva, partindo do vestíbulo e terminando na porta de entrada da Escola. O [ilegível] foi bem executado e as moças puderam sair sem serem molestadas. Nenhuma delas precisou suportar insultos pessoais. Infelizmente, tinha sido impossível reunir mais cedo todos os guardas necessários, estando eles ocupados, em parte, com o concurso de composição decorativa, com os concursos de Roma, as exposições, galerias e ateliês. Além disso, era hora do almoço.

A saída das mulheres aconteceu como se disse acima. No entanto, os alunos homens que tinham sido contidos pelos guardas saíram correndo logo em seguida das alunas e perseguiram-nas na rua, onde ocorreram desordens.

Tudo levava a supor que o incidente estava encerrado, uma vez que as alunas mulheres haviam deixado a Escola. Os funcionários tinham retomado seus postos quando, por volta das 11h15, alguns alunos voltaram à Escola correndo. Eles estavam acompanhados de três mulheres – duas modelos e uma pessoa externa à Escola que fora arrastada. Dirigiram-se aos ateliês e invadiram bruscamente o do Sr. Falguière, vazio pois a sessão tinha terminado.

O chefe da brigada passava nesse momento pelo corredor dos escultores para dar ordens. Vendo-o, os alunos se dispersaram e as duas modelos deixaram a Escola. A terceira pessoa estava temerosa e chorava. Ela estava um pouco despenteada, porém não foi submetida a nenhuma violência. O chefe da brigada colocou-a sob sua salvaguarda e o encarregado do ateliê do Sr. Gérôme uniu-se a ele e a conduziu até a porta da Escola. Tudo leva a crer que se tratava de uma jovem operária, muito assustada com o que lhe acontecia. Ela não achou que devia prestar queixa ao chefe de brigada. (SIMIONI, 2007, p. 94).

Mesmo após terem conquistado espaço no meio acadêmico as mulheres seguiram enfrentando inúmeras dificuldades sistêmicas. Zarmanian nos apresenta, em seu estudo, uma fotografia do atelier de Humbert [fig. 4], mencionado anteriormente, extraída da revista francesa *Feminina*, em 15 de janeiro de 1905, que mostra o significativo número de mulheres presentes na aula.



Figura 4 - *La parlotte* - Fotografia da aula de Belas Artes no Atelier de Humbert, Revista *Feminina*, Paris, 15 de janeiro de 1905. Fonte: Ebay¹⁵.

A autora chama a atenção para o subtítulo dessa fotografia, intitulado *La parlotte*, que denuncia as mulheres como amadoras, desmerecendo-as da qualidade artistas profissionais. Sobre essa questão, Zarmanian reflete que

O subtítulo “La parlotte” que se completa no pé da fotografia tende, no entanto, a desacreditar a atividade profissional dessas mulheres, assimilando-as a diletantes. Esta ideia estereotipada é, por exemplo, defendida em *La femme criminelle et la prostituée*, uma das muitas obras psicopatológicas sobre o feminino que teve um enorme impacto

¹⁵ Disponível em: <<http://www.ebay.fr/itm/FEMME-PEINTRE-F-1905-1-MASSIERE-CATHALIFAUD-ATELIER-HUMBERT-ROZET-MARQUESTE-ART-/390699457236>> Acesso em: 05 de setembro de 2017.

na Europa do momento (particularmente traduzido e difundido na França), onde Cesare Lombroso e Guglielmo Ferrero afirmam que “a palavra, e especialmente a palavra mais primitiva - a fofoca - é altamente desenvolvida nas mulheres” (ZARMANIAN, 2014, p.41, tradução minha).

Ainda sobre essa fotografia, a autora destaca outra ideia estereotipada presente na imagem, a da *messière*. Em 1905, Jules Lemaître escreve a peça *Les Massières*, comédia acerca do envolvimento profissional e amoroso entre o mestre e sua bela e jovem aluna. O termo *messière*, pode ser compreendido como uma espécie de monitora da turma, ou seja, aluna escolhida devido suas qualidades e habilidades para ser a representante da classe. Sobre a figura da *messière*, Zarmanian comenta:

Como figura tutelar, ocupa um lugar específico nas ilustrações e fotografias publicadas periodicamente em revistas femininas e artísticas; uma área bem central e elevada, bem destacada, elevando a aparência e a atitude interessada do resto da "massa", que geralmente se distingue por vestidos de cores diferentes, já que a roupa utilizada para vestir a mulher artista nesses anos, costumava ser uma blusa larga... (ZARMANIAN, 2014, p. 41, tradução minha).

A indumentária que as artistas passam a utilizar para facilitar os movimentos durante a criação de seus trabalhos é vista como um distanciamento do feminino e será muito criticada pelos autores da época, fato que Zarmanian reforça ao comentar que “O processo de patologização pela masculinização de que é vítima a mulher dotada de qualidades intelectuais e criativas consideradas extraordinárias torna-se um verdadeiro topos nos autores da virada do século” (ZARMANIAN, 2014, p. 43, tradução minha).

Portanto, a imagem da mulher criadora é vista como pouco edificante, e é contraposta à imagem clichê da mulher que serve de modelo, vinculada à ideia do feminino e do sexual. Apontando, assim, a imagem caricaturada da mulher artista, como é possível observarmos na ilustração de Jean-Louis Forain (1852 – 1931), para a capa da revista *Le rire* [fig. 5], de 1896.



Figura 5 – Jean-Louis FORAIN (1852 – 1931), *Les Femmes artiste*, Revista *Le Rire*. Journal humoristique illustre paraissant le samedi, Paris, 8 de fevereiro de 1896. Fonte: IMA – Indianapolis Museum of Art¹⁶.

Outra problemática que acometeu as mulheres artistas é o fato de que elas estavam fadadas a ocupar um lugar à sombra de um homem artista, de um mestre ou professor. Para conseguirem trabalhar e expor seus trabalhos, as mulheres vinculavam-se a alguns artistas para ter um certo acesso e visibilidade no campo artístico.

Com a fundação, em 1889, da *Société Nationale des Beaux-Arts* e com as demais mudanças que vinham ocorrendo no campo crítico das artes, a presença de mulheres nos salões de Paris começou a aumentar. As mulheres, a partir desse momento, fizeram-se presentes inclusive como associadas e societárias na *Société Nationale des Beaux-Arts*, porém é válido reforçar que dependiam do sistema de apadrinhamento masculino, como uma espécie de facilitador.

¹⁶ Disponível em < <http://collection.imamuseum.org/artwork/58021/> > Acesso em: 10 de outubro de 2017.

Sobre esse apadrinhamento, Zarmanian aponta para o fato desse sistema ficar muito visível nos catálogos das exposições do século XX, que indicavam, abaixo do nome do artista expositor, o nome de seu mestre, fato que podemos observar igualmente nos catálogos das exposições nacionais que aconteciam no Rio de Janeiro. E destaca ainda que:

Geralmente os comentários direcionados às obras de mulheres nas resenhas dos Salões, onde se formulam normalmente críticas misoneístas (aversão ao novo) ou *mimeses* (propensão à imitação), sugerem na maioria dos casos a difícil afirmação de um estilo pessoal (ZARMANIAN, 2014, p. 47, tradução minha).

A exemplo desta situação, podemos pensar na escultora Camille Claudel (1864-1943), que esteve à sombra de Rodin por um longo período de sua trajetória. Zarmanian associa a emancipação de Claudel, entre vários motivos, à miniaturização de várias esculturas realizadas entre 1895 e 1897. Camille Claudel, com a sua originalidade, foi associada à ideia de gênio pela crítica da época. Porém, é válido destacarmos a seguinte observação de Zarmanian sobre a hierarquia de gênero no campo artístico:

A escultura de tamanho pequeno das escultoras poderia encontrar seu equivalente na pintura de natureza morta ou na pintura de gênero que foram privilegiadas por muitas mulheres, como uma forma de não entrar em conflito com as práticas e temas realizados por seus homólogos masculinos [...] foram numerosas as artistas francesas que desenvolveram esse gênero, com frequência – e injustamente – julgado secundário ou menor na hierarquia das artes (ZARMANIAN, 2014, p. 48, tradução minha).

Podemos constatar que as mulheres enfrentaram e lutaram contra diversos obstáculos presentes no sistema artístico francês da época. Situação que se observou de forma muito semelhante no campo artístico brasileiro.

2.3.2 A educação das brasileiras: Escola Nacional de Belas Artes, Liceu de Arte e ofícios e os ateliês particulares

No ano de 1881 as mulheres tiveram as portas da primeira instituição pública nacional abertas, o Liceu de Artes e ofícios, fundado no Rio de Janeiro no ano de 1858. O objetivo principal da escola era o de promover a capacitação técnica e artesanal para o surgimento de uma indústria nacional. Com o mesmo raciocínio, a

inauguração de turmas para mulheres tinha o intuito de proporcionar às mulheres pobres uma forma de contribuir no sustento de suas famílias. Muito embora fosse uma oportunidade às mulheres, o ensino do Liceu vinculava-se muito mais para a formação de artesãos do que de artistas. A profissionalização das discentes, como destaca Simioni, era “eminentemente técnica e votada a um público humilde” (SIMIONI, 2007, p. 95).

As disciplinas artísticas oferecidas para os alunos, tinham uma característica utilitária. O desenho, por exemplo, era considerado uma base importante para a realização de produções de caráter aplicado. Sobre esse assunto, é interessante analisarmos o estudo *O auto-retrato Feminino no Brasil Oitocentista: Abigail de Andrade e os impasses da representação*, realizado por Ana Paula Simioni, no qual ela apresenta o currículo da aluna Ernestina de Sá Ferreira, formada pelo Liceu, que tentou ingressar na Academia no ano de 1895 e foi recusada. Junto à documentação entregue para análise, está seu currículo. Segundo o seu histórico,

[...] em 1881 ela recebeu medalha de ouro em desenho. No ano seguinte foi aprovada em aritmética e música, além de ficar em terceiro lugar na aula de desenho de figura; em 1883, fora aprovada com distinção no segundo anos de música, plenamente em gramática e simplesmente em aritmética, cursou com destaque desenho geométrico e desenho de ornatos. Em seu quarto ano teve aulas de geometria e desenho de ornatos. Em 1885, no quinto ano, obtém aproveitamento em seu terceiro ano de música, medalha de prata em caligrafia, cursou com destaque recebendo menção honrosa em desenho de ornatos e cópia de gesso. No ano seguinte foi aprovada em escritura mercantil e língua italiana, além de francês, de desenho de ornatos e de cópia de gesso. Em 1889, ano em que se formou, cursou italiano, escrituração mercantil, caligrafia, desenho de ornatos, cópia de gesso. (SIMIONI, 2013, p. 3).

Podemos constatar que, embora o Liceu tenha sido a primeira instituição pública a abrir às portas para as mulheres, ainda assim a formação dessas estava muito longe de uma formação profissional em Belas Artes. Porém, é importante destacarmos que as pesquisas apontam que logo nos primeiros anos, o Liceu já contabilizava mais de 650 alunas matriculadas, deixando explícita a imensa demanda existente. (SIMIONI, 2013).

Já a renomada Escola de Belas Artes¹⁷ (ENBA), a qual era responsável pelo ensino superior das artes no país, passou a receber o público feminino no ano de 1892, com a ressalva de que as alunas teriam as aulas ministradas em sala exclusiva, sem a presença masculina. Porém, a realidade da escola era um pouco diferente, as mulheres foram ter um espaço separado dos homens somente no ano de 1896, quando foi respectivamente dirigida por Rodolfo Amoedo (1857-1941) e Henrique Bernardelli (1857 – 1936). Segundo Simioni, esse pode ter sido um dos motivos pelos quais as mulheres matricularam-se tardiamente nas aulas de modelo vivo, pois “É importante lembrar que o acesso ao corpo nu, embora facultado na lei, continuava a ser um grande tabu social e, nesse caso, os costumes podiam ser ainda mais decisivos para cercear as práticas femininas [...]” (SIMIONI, 2007, p. 95).

Embora a academia nacional tenha admitido o público feminino antes mesmo da importante Escola de Belas Artes francesa e sem tantos clamores e resistência como lá houve, temos de atentar para o fato de que a estrutura da Escola Nacional estava muito limitada para as necessidades das alunas e também dos alunos, como denuncia Simioni: “Se não havia infra-estrutura suficiente para viabilizar um só curso de modelo vivo, que dirá de duas turmas separadamente!” (SIMIONI, 2007, p. 96).

Paulatinamente as mulheres foram conquistando espaço e impondo-se no campo artístico nacional. A presença feminina no Salão Nacional de Belas Artes, por exemplo, pode evidenciar esse fato, visto que no ano de 1900 as mulheres representavam 40% dos expositores. Entretanto, é bem verdade que ainda sofriam diversos outros obstáculos, como:

[...] a dificuldade em concorrerem para os processos de ingresso nos cursos superiores, tendo em vista os currículos secundários femininos que enfatizavam as “prendas do lar” em detrimento dos conhecimentos “científicos”. E, sobretudo, os impactos advindos do desprezo com que os críticos tendiam a julgá-las, os quais, utilizando-se de categorias diversas do que as aplicadas aos artistas masculinos – como, por exemplo, a de “amadoras”, ou, ainda, de “artistas femininas” – inscreviam-nas em espaços simbolicamente menos “profissionais” do que aqueles reservados aos seus colegas de ofício (SIMIONI, 2007, p. 96).

¹⁷ Inicialmente fundada por D. João VI, recebia o nome de Academia Imperial de Belas Artes (AIBA), passando a se chamar Escola de Belas Artes com o advento da República. Em 1931 foi absorvida pela Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Um claro exemplo dessa crítica diferenciada destinada às mulheres pode ser visto nos textos de importantes críticos, como é o caso de Luiz Gonzaga Duque Estrada. Seus textos reunidos no prestigiado livro *A arte brasileira*, escrito em 1888, material de grande importância referente aos artistas oitocentistas, demonstram efetivamente que as mulheres ocupavam um lugar secundário no campo artístico naquele período. Nessa obra, o espaço dedicado as mulheres está reservado entre os amadores, tem um pouco mais de uma página e meia e apresenta o nome de apenas duas artistas.

É importante ressaltar que as mulheres eram consideradas amadoras, mesmo quando seus trabalhos se destacavam em técnica e qualidade, como ocorreu, por exemplo, com a prestigiada Abigail de Andrade (1864-1890), uma das mulheres então citadas na obra de Gonzaga Duque. Muito embora seu nome esteja no espaço destinado aos amadores, é magnífico que Abigail esteja presente nessa obra importante para a História da Arte brasileira, pois, assim, podemos atestar, de certa forma, a sua relevância artística. Essa incongruência entre a condição de amadorismo imposta à mulher artista e sua produção muito bem elaborada, pode ser observada na crítica de Estrada à Andrade:

Mme. De Stael dizia a Napoleão que “o gênio não tinha sexo” frase provada inúmeras vezes e que, entre nós, a Sra. D. Abigail de Andrade acaba de corroborar com o seu valioso talento.

Creio que a Exma. Pintora começou os estudos artísticos com o simples intuito de completar a sua educação, porém, a paixão pela pintura dominou-a.

A Sra. D. Abigail rompeu os laços banais dos preconceitos e fez da pintura a sua profissão, não como outras que, acercadas dos mesmos cuidados paternos, aprendem unicamente a artezinha colegial, pelintra, pretenciosa, hipócrita, execrável de fazer bonecos em papel Pellee e aquarelar paisagens *d’après cartons*; não para dizer que sabe desenhar e pintar cetins de leques, não para reunir à prenda de tocar piano e bordar a retrós a de martirizar pincéis, mas por índole, por vontade, por dedicação.

É que a Sra. amadora possui um espírito mais fino, mais profundamente sensível às impressões da natureza e sabe, ou por si ou inteligentemente guiada, aplicar o seu talento a uma nobre profissão que há de, senão agora, pelo menos em breve tempo, colmar-lhe a vida de felicidades. [...]

A Sra. Abigail começa apenas a mostrar seu talento para a pintura e tem feito por uma maneira um tanto feliz. O seu quadro “O cesto de compras” é uma promessa de sumo valor, pela precisão dos detalhes, pela pureza do colorido, pela observação do desenho; o pequenino quadro “Um canto do meu atelier” tem qualidades dignas

de atenção; os retratos e as paisagens que há expostos são verdadeiras vitórias para uma amadora [...] (ESTRADA, 1995, p. 231).

Um dos grandes incentivadores da carreira de Abigail de Andrade foi Ângelo Agostini¹⁸ (1843 – 1910), que inicialmente foi seu professor. Mais tarde vieram a se casar. As calorosas críticas que Agostini escrevia sobre seus trabalhos na *Revista Illustrada* contribuíram muito para a visibilidade de sua carreira artística. Em 1882 Abigail participou de uma mostra organizada pelo Liceu. Sobre essa exposição Ângelo escreveu a seguinte crítica:

[...] tornou-se pois notável, sobretudo entre os entendidos a exposição feita pela Exma. Sra. Abigail de Andrade, que apresenta seis especimens de arte do desenho no mais alto grau.

A perfeita correção nos contornos e o bem modelado das sombras acabadas com esmero, fazem admirar a bella estátua do *Faune* copiada do gesso e feita em duas posições: a *Manhã*, o grupo em mármore do celebre escultor Schelling e a *Vênus e Cupido* do mesmo, sendo estes dois trabalhos copiados em aumento de umas photographias.

Duas academias das mais difficeis do curso de desenho de Julien, completam os seis trabalhos expostos por essa intelligente amadora, que mostrou em três gêneros diversos de desenhos, o quanto se pode alcançar com um estudo sério e aturado.

Toda a imprensa foi unânime em tecer-lhe os maiores louvores, o que é uma justa homenagem do mérito dessa distinctíssima amadora, que, pela primeira vez expôs os seus trabalhos em público.

Esses louvores devem animá-la, a continuar no verdadeiro caminho da arte e estou convencido que em outras exposições, a Exma. Sra. Abigail alcançará na pintura os mesmos triunfos que obteve no desenho (AGOSTINI, 1882, p. 3)¹⁹.

Seria de muita valia, porém, observarmos que na crítica de Agostini mais de uma vez ele se refere à artista como amadora. Esse termo era empregado para os iniciantes nas artes e para as artistas mulheres. De toda maneira, tem um tom pejorativo às mulheres, pois o amadorismo infelizmente não era uma etapa passageira. A Academia só iria aceitar mulheres em seu corpo discente, como vimos, a partir de 1892, no período da I República. Simioni reflete que, em grande parte, “a

¹⁸ Agostini era um reputado caricaturista, proprietário e editor da *Revista Illustrada*, a qual possuía um caráter abolicionista. A revista desempenhou um papel importante na vida cultural do país durante a década de 1880. Abigail torna-se aluna particular de Agostini e também de seu amigo, fotógrafo e pintor Insley Pacheco, com quem dividia ateliê.

¹⁹ Disponível em: <

<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=332747&pasta=ano%20188&pesq=> > Acesso em: 17 de outubro de 2017.

ideia de que as mulheres eram ‘eternas amadoras’ nas artes foi um mito nutrido por uma realidade institucional” (SIMIONI, 2008, p. 85).

Portanto, incapacitadas de entrar na academia e ter uma formação adequada às regras do ofício, eram submetidas à ideia de que para elas a arte era um passatempo e não uma forma de sustento e profissionalização. Simioni, em *Profissão Artista: Pintoras e Escultoras Acadêmicas Brasileiras*, simplifica muito bem essa situação na seguinte frase: “Para eles a arte era um empreendimento sério, uma profissão; para elas, um refinamento do espírito” (SIMIONI, 2008, p. 301). A expressão “amadora” será usada para definir as artistas também nos textos dos críticos Oscar Guanabarro e Félix Ferreira, por exemplo.

Nesse período era comum a formação de artistas em ateliês particulares, assim como ocorreu na França, como vimos anteriormente. Estudos mostram que desde 1847 os artistas anunciavam seus serviços nas páginas do *Almanaque Laemmert*, por exemplo. Havia uma seção destinada especificamente para essa finalidade (SIMIONI, 2013). Os artistas que possuíam honrarias pela Academia Imperial de Belas Artes (AIBA) faziam questão de destacar, como o fez Jacob Wladimir Petra de Barros, “que orgulhosamente expunha ser ‘premiado com três grandes medalhas, pela congregação dos professores da Academia de Belas Artes desta Corte’” (SIMIONI, 2008, p. 128). Nos anos finais do império, os artistas seguiam oferecendo seus serviços no Almanaque, e é muito importante observar que a partir de 1884 via-se mulheres ofertando suas habilidades. Sobre esses anúncios, Simioni comenta:

Durante a década de 1880, diversos nomes de artistas vinculados ao sistema acadêmico brasileiro ofereceram classes particulares. É interessante destacar que, também nesse momento, algumas artistas do sexo feminino noticiavam seus cursos no jornal, dentre elas, Guilhermina Tollstadius, sempre presente nas Exposições Gerais, e também outras que ofereciam classes em que se mesclavam artes puras e aplicadas, como Julieta Thompson Guimarães; Francisca Elizabeth Thompson de Oliveira Bastos; Esmeraldina Victorina, entre outras. Cabe notar que, diferindo do que ocorria com os ateliês franceses ou ingleses cuja propaganda já especificava a orientação para um tipo específico de clientela dividida conforme sexo, no Rio de Janeiro as aulas não pareciam trazer qualquer tipo de segregação. Para isso é muito plausível que tenha sido determinante o fato de que, em nenhum deles, ao menos de acordo com os anúncios, havia a oferta de aulas a partir dos modelos vivos (SIMIONI, 2013, p. 4).

Muito em razão dessas oportunidades de estudo alternativo nos ateliês particulares, foi possível a participação de diversas mulheres nas exposições gerais

de Belas Artes, muito antes da aceitação de ingresso de alunas na Academia. Simioni comenta ainda que as artistas que participavam como expositoras chegaram, “muitas vezes, a receber prêmios com suas obras” (SIMIONI, 2008, p. 130).

Mesmo após a abertura das portas da ENBA para as mulheres, os ateliês continuaram a receber alunas, alguns deles, como destaca Ana Paula Simioni, atingiram notável importância. Entre eles, a autora destaca, no Rio de Janeiro, então capital, o ateliê dos irmãos Henrique²⁰ e Rodolfo Bernardelli²¹ (1852–1931), um dos mais frequentados pelas artistas que expunham no salão, e o ateliê do casal August Petite²² (1844–1927) e Margueritte Petit (? - ?). Sobre esses dois principais ateliês particulares Simioni destaca que

Encontravam-se nos pólos opostos do sistema acadêmico, mostrando as posições diversas que configuravam as relações de poder daquele campo. Enquanto os primeiros eram figuras dominantes – não só pela reputação alcançada, mas também por ocuparem os principais postos disponíveis, incluindo o de diretor da Enba -, August Petit era um artista muitas vezes ridicularizado pela crítica e com uma trajetória considerada medíocre. Embora localizados em nichos antagônicos, ambos orbitavam o universo de influência da Academia, como evidenciam as participações de todos os salões, testemunho de crença na principal vitrina do sistema (SIMIONI, 2008, p. 132).

Outra problemática que merece ser abordada sobre o sistema das artes, ainda em relação a esses dois importantes ateliês, é a desigualdade na questão de premiações e conseqüentemente de “sucesso” entre as suas discípulas. As alunas de Petit raramente conquistavam distinções, já as de Bernardelli, que estava diretamente ligado à Academia, pelo contrário, receberam diversas premiações. Podemos pensar numa relação de poder no campo artístico, visto que, como bem observa Simioni,

Das quinze alunas de August Petit que participaram dos salões entre 1844 e 1922 apenas uma chegou a ser premiada, e com o mais baixo índice de reconhecimento do sistema: a menção honrosa. Das catorze alunas de Henrique Bernardelli, nove foram premiadas, sete delas recebendo desde as menções até as medalhas (prata, bronze ou ouro), e duas [...] obtendo mesmo o mais alto índice de consagração: o prêmio de viagem (SIMIONI, 2008, p. 134).

²⁰ Foi professor de pintura na ENBA.

²¹ Foi diretor e professor da Academia entre os anos de 1890 e 1915.

²² Nascido na França, transferiu-se para o Brasil em 1864, dedicando-se basicamente aos retratos.

Assim como os irmãos Bernardelli, diversos outros professores da educação pública davam aulas particulares em seus ateliês, de certa forma estimulando a continua educação privada para as mulheres. Muito embora, antes de 1892 tenha sido uma forma alternativa de buscar qualificação no meio artístico e de participar dos salões, observa-se que mesmo com a liberação de ingressos para as mulheres na ENBA, elas, ainda assim, optavam por buscar nas escolas particulares os ensinamentos artísticos.

Esse desinteresse pela Escola Nacional de Belas Artes por parte das artistas, pode ter sido ocasionado tanto pela rigidez da grade curricular quanto por um obstáculo maior ainda, os cursos noturnos – visto que nesse período a mulher precisava da autorização do pai ou do marido para sair, problematizando ainda mais o fato de que a circulação noturna era realizada por serviçais ou prostitutas (SIMIONI, 2008, p. 139). Os ateliês particulares forneciam, então,

Vantagens do horário e do ambiente; nestes, os contatos entre os sexos eram praticamente inexistentes, garantindo aos pais e maridos zelosos o cuidado com suas filhas e esposas queridas, tornando-se mesmo uma continuação dos 'lares'. O ateliê particular surgia assim como uma espécie de 'segunda casa': mantinha o desejável recato feminino, evitava a 'promiscuidade entre os sexos' e circunscrevia as alunas ao âmbito do privado, apartando-as de um universo mais público, competitivo e também profissional, representado pela Academia (SIMIONI, 2008, p. 140).

Portanto, ao mesmo tempo que os ateliês tiveram um importante papel na contribuição para a formação das mulheres artistas, eles também, por outro lado, as afastaram do mercado das artes, contribuindo com uma formação não-oficial e voltada especificamente para um público abonado. Observa-se, assim, um sistema que se dividia em escola pública, legitimadora, mais voltada para a formação de alunos homens; e os ateliês privados, mais direcionados ao público feminino.

Outro tipo de educação possível, muito presente na formação histórica da arte, é a doméstica. São diversos os casos, como, por exemplo, Angelina Agostini (1888-1973), filha de Abigail de Andrade e Ângelo Agostini. Os exemplos são diversos em toda a história da arte e são alusivos para a importância da família como influenciadora de interesses e de habilidades.

Porém, essa formação familiar também estava envolta em questões problemáticas. Podemos ressaltar a dificuldade que essas mulheres tinham em

encontrar uma maneira de conseguir a sua individualidade e originalidade estética, pois era comum que essa formação doméstica se calcasse em cópias.

Uma saída para as artistas brasileiras eram os estudos em Paris, a Academia Julian foi o destino de várias delas. A artista Helena Pereira da Silva (1895-1966), filha de Oscar Pereira da Silva (1867-1939), por exemplo, narra a liberdade conquistada a partir de sua ida para Paris:

[...] A independência que eu já tinha provado agora era outra coisa, sem um vintém, sem parentes, sem amigos. Tinha-me desnortado, as ideias e gosto de arte, nada de meu pai me orientar no que poderia fazer. Eu tinha horror aos retratos por fotografia, que ele me propunha. Ele não gostava da maneira mais livre, como tinha aprendido em Paris, dizia que só servia para estragar telas e tintas, que eu precisava acabar mais, esbater, ter mais paciência; nada dele se interessar em fazer a exposição de meus estudos – levei cinco anos acumulando tostão por tostão para realizar esse meu desejo. (SIMIONI, 2008, p. 146).

Helena Pereira da Silva conseguiu se libertar do amadorismo e diletantismo que rondou muitas artistas durante um longo período. Porém, a realidade, quando observada ao longo da História da Arte, pode ser assustadora. Pois já se tem conhecimento de muitos casos de mulheres artistas que acabaram tendo sua produção assimilada pela produção familiar ou de seus mestres. Um exemplo dessa situação é o caso de Marietta Robusti, que teve sua obra inextrincavelmente vinculada a de seu famoso pai, o artista Tintoretto. Por esse entre outros motivos, a História da Arte necessita de uma constante revisão, como enfatiza Chadwick: “Os textos históricos necessitam de uma releitura constante se tentarmos entender melhor a problemática da feminilidade [...]” (CHADWICK, 1992, p. 24, tradução minha).

3. MARIA CLARA DA CUNHA SANTOS: UMA CRÍTICA DE ARTE NA VIRADA DO SÉCULO XIX

*As Bellas Artes*²³

*Formosíssimas senhoras,
Amadas filhas dos Céus,
Sois quatro auroras raiando,
Ou quatro risos de Deus.*

*Outras vezes digo – a Musica
Tem a sua primasia,
Quando revela os encantos
Da doce melancholia!*

*E da Esculptura, que digo!
Ao bronze anima e dá vida,
Transformando o ferro bruto
Em vida estatua querida!*

*Como a Poesia embelleza
As suas irmãs amadas!
Pintura, Esculptura e Musica
Andam com ella abraçadas!*

*Nenhuma excede em belleza
As outras irmãs formosas,
Si esta canta, aquella fala,
Est'outra desenha as rosas!*

*Mas, quem quizer separal-as
Mate primeiro a Poesia,
Que as outras irmãs coitadas,
Morrerão no mesmo dia!*

Maria Clara Vilhena da Cunha

²³ Poema extraído do livro *Pyrilampos e Rumorejos*, publicado em 1890, por Maria Clara da Cunha Santos (ainda com o nome de solteira) e Presciana Duarte.

3.1 Uma mulher de múltiplos talentos

Dezoito de Novembro²⁴

A Maria Clara

Hoje não quero pranto nem tristeza!
Quero minh'alma cheia de alegria,
Adejando no céu da fantasia,
Simples e bella como a natureza!

Como tu'alma limpida despreza
As miserias da vida, eu neste dia
Também desprezo a atroz melancolia
Que no meu coração soluça e pesa!

Eu te abraço e te beijo! E tu, mimosa,
Abraça-me também! Como é formosa
Neste momento a luz dos olhos teus!

E assim unidas, fulgidas, contentes,
Nossas almas, amigas, sorridentes,
Lá vão cantando pelo azul dos ceus!
18-11-1987.

Aurea Pires²⁵

²⁴ Poesia em homenagem ao aniversário de Maria Clara da Cunha Santos.

²⁵ Para um estudo mais aprofundado sobre Aurea Pires da Gama (1876-1949) sugiro: ELTON, Elmo. *Áurea Pires da Gama: Perfil de uma Poetisa Angrense*. Rio de Janeiro: Ateneu Angrense de Letras, 1974.

Maria Clara da Cunha Santos, gaúcha, da cidade de Pelotas²⁶, nasceu em dezoito de novembro do ano de 1866. Porém, ainda muito jovem, juntamente com sua família, mudou-se para o estado de Minas Gerais. Filha de uma família tradicional, seu pai o Dr. João Vieira da Cunha²⁷, era Juiz de Direito em Alfenas, e a sua mãe a Sra. Cecilia Alcantara Vilhena da Cunha²⁸. Maria Clara tinha um irmão, o João Vieira da Cunha Junior²⁹ e cinco irmãs, Judith, Ophelia, Lydia, Isabella e Clara Vilhena da Cunha³⁰.

A trajetória intelectual de Maria Clara da Cunha Santos, ao que tudo indica, começou muito cedo³¹, em Minas Gerais, e prosseguiu muito ativa até o seu falecimento, na cidade do Rio de Janeiro, em 23 de outubro de 1911. Uma mulher que

²⁶ Observou-se durante a pesquisa que algumas vezes Maria Clara foi considerada Mineira, Carioca e até mesmo Pernambucana, devido, provavelmente, à sua saída tão precoce do Estado do Rio Grande do Sul.

²⁷ Ao pai, Maria Clara dedicou, por exemplo, a poesia intitulada *A Espada e a Penna*: Constam lendas antigas que uma espada/ Que pertencêra, outr'ora, a um brigadeiro,/ Ousado e valentíssimo guerreiro,/ Contava a sua historia, entusiasmada./ Uma pena, tambem glorificada/ Pela historia do seu passado inteiro,/ Levantou-se dizendo: é lisonjeiro/ O que penso de ti, oh! Cara espada,/ No entanto não te invejo, até lamento/ A gloriosa vida que tiveste/ Quando os brios de um povo tu vingastes!/ Mais que a força aprecio o sentimento,/ Prefiro o bem que fiz ao que fizeste,/ Quando o solo da patria ensanguentasse! Outubro de 1888. (SANTOS, Maria Clara Vilhena da Cunha; DUARTE, Presciliana. *Pyrilampos*...Rio de Janeiro: Typographia e lithographia de Carlos Gaspar da Silva, 1890).

²⁸ À mãe, Maria Clara dedicou, por exemplo, a poesia intitulada *Lyrismo*: Como o suspiro que arrancado d'alma,/ Morre, perdido, além,/ Assim o coração apaixonado/ A dôr foge tambem!/ É que no peito ardente de quem ama/ Sabendo o que é o amor,/ Existe um foco luminoso e santo/ Que queima sem ardor!/ E dessa pura, da paixão formada,/ Que está sempre a brilhar,/ Fogem, voando, as maguas, as tristezas/ P'ra nunca mais voltar!/ Por isso o coração que ama deveras/ Não tem um só pesar,/ Pois que o encanto da vida é ser amada/ Tambem sabendo amar! 24 de fevereiro de 1889 (SANTOS, Maria Clara Vilhena da Cunha; DUARTE, Presciliana. *Pyrilampos*...Rio de Janeiro: Typographia e lithographia de Carlos Gaspar da Silva, 1890).

²⁹ Ao irmão, Maria Clara dedicou, por exemplo, a poesia intitulada *Conselho*: Já vistes o mar furioso/ Bramindo como um leão,/ Querendo que as ondas bravas/ Se affastem todas do chão?/ Assim sou eu, somos nós:/ Após a cólera immensa,/ Ficamos como creança,/ Que já na raiva não pensa./ Mas, si o riso á dôr succede/ E o pranto ao riso tambem,/ Levemos a vida em festa,/ Seguimos os passos do bem. Janeiro de 1889. (SANTOS, Maria Clara Vilhena da Cunha; DUARTE, Presciliana. *Pyrilampos*...Rio de Janeiro: Typographia e lithographia de Carlos Gaspar da Silva, 1890).

³⁰ Às irmãs, Maria Clara dedicou, por exemplo, a poesia intitulada *Minhas irmãs*: Judith, Ophelia, Lydia, Isabella e Clara,/ Minhas cinco irmãzinhas, tão pequenas!/ São como cinco lyrios pequeninos,/ Ou cinco pequeninas açucenas!/ Descuidadas, brincavam, hontem á tarde,/ Todas ellas em traje camponez/ E corriam a pegar a borboleta/ Que fugia e que vinha uma outra vez!/ A mais moça, a Clarinha, já contava/ Seguro ter o inseto, quando o vento,/ Que soprava com força, arrancava a preza/ E só lhe deixava em troca o sentimento!/ Vão correndo uma a uma e não conseguem/ A victoria almejada. De repente,/ Resolvem desistir desse proposito,/ Sendo o ato approvedo unanimente. Eil-as, pois, satisfeitas a folgar,/ Sem ter maguas, gozando f'licidade,/ Emquanto, que eu suplico a Deus clemente/ Que prolongue os encantos dessa idade! (SANTOS, Maria Clara Vilhena da Cunha; DUARTE, Presciliana. *Pyrilampos*...Rio de Janeiro: Typographia e lithographia de Carlos Gaspar da Silva, 1890).

³¹ Na obra *Pyrilampos*, por exemplo, está presente a poesia *No album de Gersony França*, datada de 1884.

impressionava, e ainda nos impressiona, por possuir uma capacidade artística e intelectual amplamente variada. Maria Clara dedicou-se à pintura, à literatura – indo da poesia ao conto, da crítica ao jornalismo – e à música –, indo do instrumento ao canto.

A sua carreira literária e artística será explorada mais detalhadamente ao decorrer deste trabalho, mas referenciando a sua trajetória dentro da música, podemos observar de acordo com alguns exemplos extraídos dos jornais da sua época, que Maria Clara participou de concertos, como violinista e também com canto. Por exemplo, o jornal *Cidade do Rio*, em 30 de dezembro de 1901, noticiava o festival organizado pelo *Club Bogart*, no qual Maria Clara participou como membro do concerto, como podemos observar no trecho abaixo:

Este bem organizado club realizou sabbado um pomposo festival em commemoração ao 1º anniversario de sua fundação.

O festival, que foi magnifico, constou de parte artistica e dançante, cumprindo-se á risca o programma do concerto em que tomaram parte as gentis senhoritas Isabel Mancado, Zalica Salomi, Aurea Pires e Ernestina Camar, ás Exmas. Sras. DD. Algira de Castro Mathilde Monteiro, Maria Clara da Cunha Santos, Julia Barroso Nunes e os Srs. Eufrazio Job Albano de Castro Junior, Sellím Castello, Arthur Sá [trecho ilegível] todos muito applaudidos. (*Cidade do Rio*, ano XV, n. 78, p. 2, 30 de dezembro de 1901)³²

Já em 27 de abril de 1906, o Jornal *Correio da Manhã*, faz uma publicação sobre o casamento do respeitado Dr. José Belizário de Lemos Cordeiro³³, médico mineiro que atuava na cidade do Rio de Janeiro. Podemos observar novamente a participação como instrumentista de Maria Clara da Cunha Santos, no seguinte trecho extraído do jornal: “[...] 2ª parte – Sextetto. [trecho ilegível] Sólo de violino, pela Exma. Sra. D. Maria Clara da Cunha Santos [...]” (*Correio da Manhã*, ano VI, n. 1750, p. 3, 27 de abril de 1906).

Outro exemplo do seu talento no campo da música pode ser percebido também no canto, como corrobora a matéria do *Jornal do Commercio* do Rio de Janeiro, publicada em 26 de novembro de 1891, que diz o seguinte a respeito da festa comemorativa da instituição *Grupo de Santa Cecilia*:

³² A ortografia da época foi mantida em sua originalidade em todas as citações extraídas dos periódicos pesquisados.

³³ Possivelmente primo de Maria Clara pelo lado da família Vilhena, sua mãe era D. Maria do Carmo Josefina de Vilhena. (Disponível em: < <https://www.geni.com/people/Jos%C3%A9-Ant%C3%A9nio-de-Lemos/6000000015796653414> > Acesso em: 27 de outubro de 2017.

A festa começou, cêrca de 9 horas da noite com um cõro de senhoras, *Canção de Maio*, de Shumann, interpretado pelas Sras. DD. Antonietta Saldanha da Gama, Josepha Saules, Maria Nabuco, Maria Isabel Vieira do Couto, Ignacia de Gouvêa, Clara Isaac, Maria Clara da Cunha Santos, Angelina Santos, Marianna Gonzaga, Julieta Cordeiro, Henriqueta Capanema, Maria Laup, Camilla Maria da Conceição, Branca da Silva Porto, Libania Baraúana, Luiza Guilard, Anna Reis Furtado, Zulmira Furtado de Andrada Machado Cardozo Pereira, Helena Torres de Albuquerque, Justina Leite da Silva, Carolina Leite de Oliveira e Olympia Benevides.

O coro foi dirigido pelos professores de harmonia do Conservatorio, maestro Antonio Carlos de Andrade Machado Filho. Esteve muito correto, afinado e produzio o esperado effeito. (*Jornal do Commercio* do Rio de Janeiro, ano 69, n. 329, p. 1, 26 de novembro de 1891)

Além dessa multiplicidade de talentos, Maria Clara também se dedicava intensamente a questões de cunho social. Ainda na juventude, na cidade de Pouso Alegre, Minas Gerais, participou da *Aliança Libertária de Pouso Alegre*, lutando pela liberdade dos escravos. Maria Alciene Neves em sua dissertação de mestrado, *Os brilhantes brutos de Maria Clara da Cunha Santos*, apresenta um trecho do texto da Academia Pouso-alegrense de letras³⁴, que diz o seguinte sobre Maria Clara:

[...] uma jovem de rara beleza e extraordinário talento para as artes, foi exímia musicista e talentosa poeta. Brilhava como declamadora e pianista nos saraus das noites preguiçosas e estreladas da terra do Bom Jesus, e com sua beleza delicada enfeitava nossos salões. Mas a mulher bela e talentosa também possuía um espírito guerreiro, lutando por seus ideais. Pertenceu à Aliança Libertária de Pouso Alegre, lutando pela emancipação dos escravos, saindo às ruas pregando seus ideais e angariando fundos para comprar alforrias. [...] ³⁵. (Academia Pouso-alegrense de Letras apud NEVES, 2009, p. 40)

Seu engajamento teve continuidade também na cidade do Rio de Janeiro. Maria Clara participou intensamente da *Associação das Damas da Assistência à Infância*³⁶, que realizava diversas ações educativas, assistenciais e filantrópicas. Foi a 1ª secretária durante o período de 1909 a 1911, inclusive, destinou o valor da venda de alguma de suas obras – pinturas e livros – para o *Instituto de Proteção e*

³⁴ O endereço do site da Academia pouso-alegrense de Letras não está mais disponível.

³⁵ Relembramos que a data de falecimento de Maria Clara da Cunha Santos foi no ano de 1911.

³⁶ Para maior aprofundamento no assunto sugiro: CAMARA, Sônia. As Damas da Assistência à Infância e as ações educativas, assistenciais e filantrópicas (Rio de Janeiro/RJ 1906-1930). *História e Educação (online)*, Porto Alegre, set./dez. 2017. V. 21, N.º 53, p. 199-218.

Assistência à infância (IPAI) do Rio de Janeiro. O jornal *O Paiz*, em 2 de fevereiro de 1899, anunciava: “Lembro aos meus leitores que ainda se acha exposto á venda na galeria Cambiaso (loja de Preço Fixo) o bonito quadrinho pintado por D. Maria Clara da Cunha Santos, e destinado pela distincta amadora á subscrição aberta para os orphãos” (*O Paiz*, ano, XV, n. 5233, p. 2, 2 de fevereiro de 1899). No mesmo jornal, Julia Lopes de Almeida anuncia, em 8 de setembro de 1908, que o livro intitulado *America e Europa*, tinha os lucros destinado ao IPAI do Rio de Janeiro: “O livro de Maria Clara, vendido em beneficio da Assistencia á Infancia, a cuja associação a autora ofereceu a primeira edição de sua obra, circumstancia a notar com elogio [...]” (*O Paiz*, ano XXIV, n. 8741, p. 1, 8 de setembro de 1908).

Ao investigar a trajetória intelectual e social dessa mulher através dos jornais da época em que ela produziu, podemos perceber que a sua participação na sociedade, principalmente, mineira e carioca, foi intensa e influente. São diversos os eventos culturais em que ela esteve presente e em muitos deles pudemos observar que ela tinha o papel quase oficial de oradora. Em diversos desses eventos, são notórios os momentos que Maria Clara recitas suas poesias, afirmando de certa forma o seu trabalho como literata.

A publicação de 1º de agosto de 1901 do jornal *O Paiz* traz uma matéria intitulada *Confederação Helvética* [fig. 6], que comentava sobre uma manifestação realizada pela imprensa em homenagem à nova Suíça. O ministro do exterior encaminhou ao Presidente da República do país homenageado o programa da tal manifestação. Entre os diversos acontecimentos dessa programação está presente e atuante Maria Clara da Cunha Santos, que irá declamar uma poesia de sua autoria, chamada *Hynno Suisso*, conforme podemos observar no trecho da matéria:



Figura 6 – Trecho extraído do jornal *O Paiz*, ano XVII, n. 6141, p. 2, 1º de agosto de 1901.
Fonte: Hemeroteca Digital³⁷

Outro exemplo de participação social e intelectual de Maria Clara, foi na *Sociedade de Geografia*, na qual, em comemoração ao aniversário natalício de cem anos de Visconde de Barbacena, Maria Clara dedicou o seguinte soneto:

Um século

Ao Visconde de Barbacena

Ter cem anos de vida e ter sempre seguido
O caminho do bem, onde a verdade impera.
Olhos fitos na luz e na virtude austera,

³⁷ Disponível em: <

http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=178691_03&pesq=maria%20clara%20da%20cunha%20santos > Acesso em: 07 de dezembro de 2017.

É ter feito da vida um tesouro querido.

Envelhecer assim, glorioso, estremecido
Sentindo o coração em doce primavera,
E n'alma as ilusões que as dores retempera.
É ser um vencedor que jamais foi vencido.

Venham bençãos do Céu sobre a fronte altaneira
D'aquelle que cumpriu e cumpre toda inteira
Missão bem delicada e tão cheia de gloria.

Illustre brasileiro a quem nós veneramos!
Teu nome aure fulgente aqui commemoramos
Cantando neste dia um hynno de victoria!

(*Diário do Maranhão*, ano XXXIII, n. 8696, p. 2, 12 de agosto de 1902)

Podemos destacar ainda a matéria do *Jornal do Brasil*, em 10 de setembro de 1903, sobre a Academia Brasileira de Letras, referente à solenidade de posse por parte do Sr. Dr. Affonso Arinos eleito à cadeira Visconde do Rio Branco, em substituição do falecido Eduardo Prado. Nos interessa o fato de que entre nomes conhecidos da literatura nacional, como o exemplar Machado de Assis, Maria Clara estava presente. Fato que nos remete ao seu reconhecimento intelectual no campo literário por parte de seus contemporâneos. Observemos parte dessa publicação:

[...] A sessão solenne teve inicio ás [trecho ilegível] da noite, no salão do Gabinete Portuguez de Leitura, que estava repleto de pessoas gradadas, nas letras, na politica, e no commercio, na sociedade emfim.

Notámos os srs. Machado de Assis, Carlos de Laet, Olavo Bilac, barão do Rio Branco, d. Julia Lopes de Almeida, João Ribeiro, Raymundo Correia, Ramiz Galvão, d. Maria Clara da Cunha Santos [...] (*Jornal do Brasil*, ano XIII, n. 262, p. 2, 10 de setembro de 1903).

Corroboramos com essa ideia de reconhecimento dentro do campo das letras a participação de Maria Clara também nas Conferências Literárias. Carmen Dolores anunciou as novas conferências, no *Jornal O Paiz*, em 10 de dezembro de 1905. Muito embora critique o momento escolhido, pois considerava que conferências realizadas em sequência poderiam não despertar o mesmo interesse do público e também argumentava que a questão do clima muito quente da região poderia tornar o evento cansativo. Por outro lado, podemos perceber que Carmen Dolores enfatiza a participação feminina no campo das letras e das artes, como demonstra o trecho da matéria:

[...] Vi também que, a exemplo da Sra, dona Julia Lopes, pretende fazer uma conferencia a Sra. D. Maria Clara da Cunha Santos, levando assim por diante a intervenção feminina em materia de letras e artes.

A curiosidade, entretanto, será agora menor, porque, se a distincta escriptora D. Julia de Almeida fez a sua estréa em publico com aquella linda prelecção, D. Maria Clara já não conta mais as vezes em que tem falado e discursado perante variado auditório. Isto não impedirá que seja applaudida, mas o momento não é tambem sabiamente escolhido, pelo mesmo motivo do rigor estival [...]. (*O Paiz*, ano XXII, n. 7733, p. 1, 10 de dezembro de 1905)

No ano de 1905 ocorreu o 3º Congresso Científico Latino-americano, e Maria Clara participou com o seguinte tema: *A aptidão da mulher no exercício da educação infantil é a razão suficiente para que o Estado lhe confie exclusivamente o ensino primário?* Se por um lado, podemos pensar que essa aptidão da qual Maria Clara se refere possa apenas afirmar o papel social da mulher como provedora dos trabalhos domésticos, por outro, o que temos em destaque aqui é o engajamento das mulheres na luta por espaço no mercado de trabalho, até então dominado exclusivamente por homens. O *Jornal do Commercio*, em 11 de agosto publicou os resumos das teses participantes do congresso. Maria Clara apresentou então o resumo de seu tema:

[...] synthetiso o meu pensamento nestas palavras: 'O ensino primario lucraria immensamente, ficando em absoluto, nas mãos femininas'. Essa vantagem – pois, outro nome não cabe aqui, - é motivo sufficiente para que o Estao lhe conceda esse privilegio. Será um acto de inteira justiça, de grande proveito para a mocidade e de grande beneficio para o paiz. (*Jornal do Commercio*, ano 85, n. 221, p. 3, 11 de agosto de 1905)

É possível que uma parte dessa ativa participação social, como, por exemplo, na *Sociedade de Geografia*³⁸ ou no *Congresso Latino-americano*³⁹, entre outros, advenha também das influências de seu marido, o renomado engenheiro Dr. José Américo dos Santos. Maria Clara em diversos momentos, como em suas crônicas e poesias, referenciava o marido, sempre o apontando como um homem carinhoso, com o qual mantinha um casamento feliz. Dr. José Américo, assim como Maria Clara, tinha engajamento na luta abolicionista⁴⁰ e também foi membro da Confederação Abolicionista do Rio de Janeiro. O engenheiro colaborou para revistas técnicas e teve

³⁸ Dr. José Américo, marido de Maria Clara foi 1º secretário.

³⁹ Dr. José Américo, marido de Maria Clara foi membro da organização.

⁴⁰ Para maior aprofundamento no assunto sugiro: COSTA, Emília Viotti da. *Da Senzala à Colônia*. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.

notável participação no *Instituto Histórico e Geográfico brasileiro*, no *Instituto Histórico*, na *Sociedade de Geografia*, no *Club de Engenharia*, na *Associação Promotora de Instrução* e na *Associação Protetora da Infância desamparada*, entre outros.

Abaixo podemos observar uma fotografia do casal (ambos assinalados) na ocasião da colação de grau dos bacharéis do Colégio Paula Freitas⁴¹, no ano de 1906, publicada no jornal *O Malho* [fig. 7]. É válido mencionar que entre os presentes na fotografia encontra-se o então Presidente da República, Dr. Francisco de Paula Rodrigues Alves.

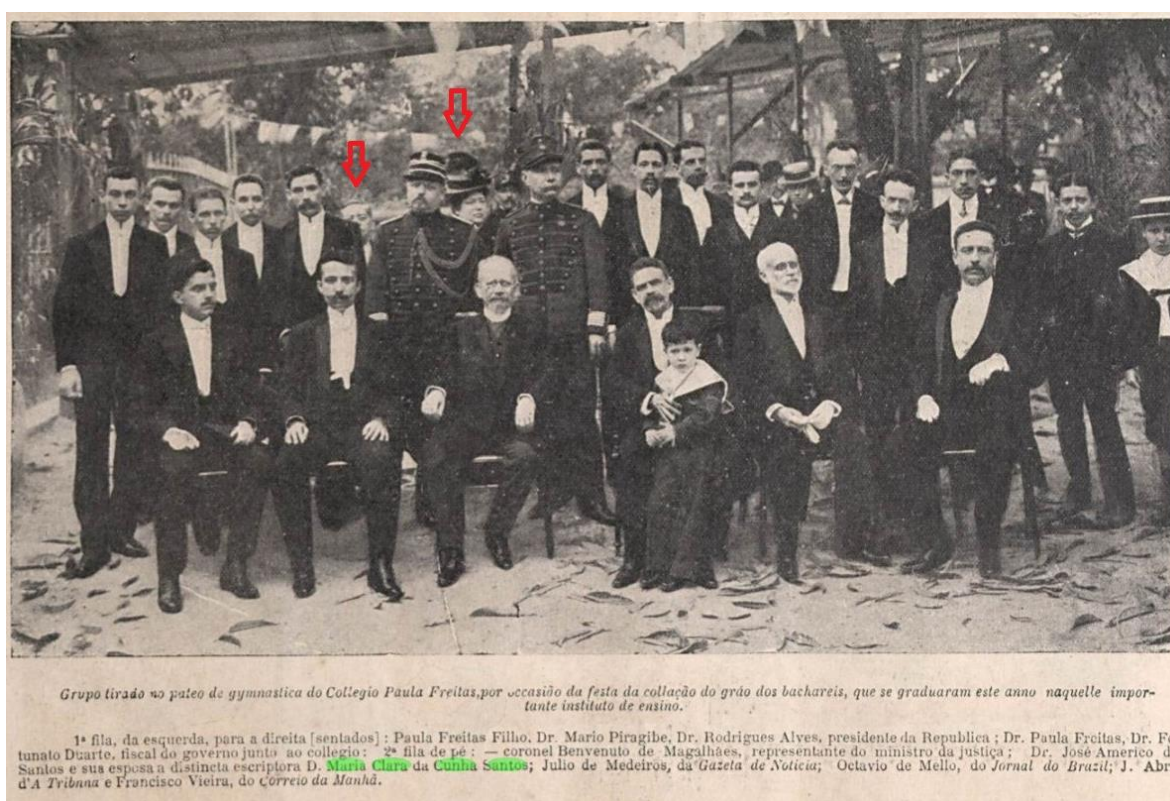


Figura 7 – *O Malho*, ano V, n. 215, p. 9, 27 de outubro de 1906.
Fonte: Hemeroteca Digital⁴².

Maria Clara, como já pudemos perceber, teve uma trajetória ativa, engajada e de caráter interdisciplinar. Essa interessante intelectual colaborava em diversos periódicos do entresséculos. Entre eles, destacamos: *A Semana (1885-1888)*, *A*

⁴¹ Sobre o Colégio Paula Freitas é possível obter maiores informações no blog da Família Paula Freitas. Disponível em: < <http://familiapaulafreitas.blogspot.com.br/> > Acesso em: 29 de outubro de 2017.

⁴² Disponível em: < <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=116300&pasta=ano%20190&pesq=maria%20clara%20da%20cunha%20santos> > Acesso em: 08 de dezembro de 2017.

Familia, Cidade do Rio, Jornal do Brasil, O Album, Gazeta de Petrópolis, O Fluminense, Pharol e Rua do Ouvidor (1898-1904), todos do Rio de Janeiro. Maria Clara também colaborou para jornais de diversos estados, como *A Pacotilha*, do Maranhão, *Almanach de Juíz de Fora*, de Minas Gerais, *O Cysne*, de Ouro Preto, *Jornal de Recife e o Lyrio*, de Recife, *O ESCRINIO* e *O Corimbo*, do Rio Grande do Sul, *Diario de Natal*, do Rio Grande do Norte, entre outros⁴³.

Além das publicações periódicas, Maria Clara também publicou alguns livros, como, por exemplo o livro de poesias *Pyrilampos...*, de 1890; o livro de contos *Painéis*, de 1902; e *América e Europa*, de 1908, de crônicas de viagens. Na Exposição Nacional de 1908⁴⁴ do Rio de Janeiro, Maria Clara recebeu medalha de Ouro na categoria *Livros e Publicações*, como mostra o *Almanak Laemmert: Administrativo, Mercantil e Industrial (RJ)* [fig. 8]:

⁴³ Devido à vasta colaboração de Maria Clara nos periódicos da época não foi possível no espaço de tempo desta pesquisa efetuar o levantamento exato de todos os anos em que ela escreveu para os jornais mencionados, por isso a omissão.

⁴⁴ Para maior aprofundamento no assunto sugiro: PEREIRA, Margareth da Silva. A Exposição de 1908 ou o Brasil visto por dentro. *ARQTEXTO*, N.º 16.

Disponível em: < https://www.ufrgs.br/propar/publicacoes/ARQtextos/pdfs_revista_16/01_MSP.pdf >
Acesso em: 29 de outubro de 2017.

<p>PARÁ</p> <p><i>Grande premio</i></p> <p>Instituto Lauro Sodré.</p> <p>BAHIA</p> <p><i>Grande premio</i></p> <p>Officinas do <i>Dois Mandos</i>, da Capital.</p> <p>S. PAULO</p> <p><i>Grande premio</i></p> <p>Weizflog Irmãos.</p> <p>RIO GRANDE DO SUL</p> <p><i>Grande premio</i></p> <p>Souza & Barros.</p> <p>DISTRICTO FEDERAL</p> <p><i>Medalhas de ouro</i></p> <p>Papelaria Mendes. G. C. Vallele. Instituto dos Surdos e Mudos. Corpo de bombeiros.</p> <p>AMAZONAS</p> <p><i>Medalha de ouro</i></p> <p>M. Silva & C.^a, de Manaus.</p> <p>PARÁ</p> <p><i>Medalhas de ouro</i></p> <p>Imprensa official, de Belém. Tavares Cardoso & C.^a, idem.</p> <p>PARAHYBA DO NORTE</p> <p><i>Medalha de ouro</i></p> <p>Manoel Henriques de Sá.</p> <p>BAHIA</p> <p><i>Medalhas de ouro</i></p> <p>Reis & C.^a, da Capital. Lyceu Salesiano, idem. Litho-typographia Almeida. Romualdo dos Santos.</p> <p>RIO DE JANEIRO</p> <p><i>Medalha de ouro</i></p> <p>«Ao Livro Novo», de Campos.</p> <p>S. PAULO</p> <p><i>Medalhas de ouro</i></p> <p>Duprat & C.^a Henrique Puchetti. Cardoso, Filho & C.^a</p> <p>PARANÁ</p> <p><i>Medalha de ouro</i></p> <p>Cesar Schutz, de Curitiba.</p> <p>RIO GRANDE DO SUL</p> <p><i>Medalhas de ouro</i></p> <p>Krahe & C.^a L. P. de-Barcellos, de Porto Alegre.</p>	<p>BAHIA</p> <p><i>Medalhas de prata</i></p> <p>Penitenciaria do Estado. Vicente de Paula Alfredo.</p> <p>RIO DE JANEIRO</p> <p><i>Medalha de prata</i></p> <p>Collegio Salesiano Santa Rosa.</p> <p>RIO GRANDE DO SUL</p> <p><i>Medalhas de prata</i></p> <p>W. Rottermund, de S. Leopoldo. Affonso Caetano de Sousa, de Passo Fundo.</p> <p>Grupo oitavo — Livros e publicações</p> <p>UNIÃO</p> <p><i>Grandes premios</i></p> <p>Imprensa Nacional. Directoria Geral de Estatistica. Directoria Geral dos Telegraphos. Directoria Geral dos Correios. Bibliotheca do Estado Maior do Exército. Bibliotheca Nacional.</p> <p>DISTRICTO FEDERAL</p> <p><i>Grandes premios</i></p> <p>Instituto Historico e Geographico. Sociedade Nacional de Agricultura. Academia Nacional de Medicina. Centro Industrial. <i>Brazil Medico.</i> <i>Revista do Instituto Historico e Geographico.</i> Dr. João Barbosa Rodrigues. Francisco Alves. Augusto de Sousa Lobo. <i>Jornal dos Agricultores.</i> Joaquim Vieira Ferreira Sobrinho.</p> <p>PARÁ</p> <p><i>Grandes premios</i></p> <p>Museu Goeldi. <i>A Provincia do Pará</i>, de Belem. Dr. Virgilio Cardoso de Oliveira.</p> <p>MARANHÃO</p> <p><i>Grande premio</i></p> <p>Bibliotheca Publica.</p> <p>BAHIA</p> <p><i>Grandes premios</i></p> <p>Governo do Estado. <i>Gazeta Medica da Bahia.</i> Dr. Theodoro Sampaio. Dr. Antonio Joaquim de Sousa Carneiro. Dr. Arlindo Fragoso. Dr. Miguel de Teive Argollo. Justino da Silveira Franca. Conselheiro Ruy Barbosa. Dr. Ernesto Carneiro Ribeiro. Dr. Eduardo Espinola. Professor Antonio Alexandre Borges dos Reis.</p>	<p>S. PAULO</p> <p><i>Grandes premios</i></p> <p>Governo do Estado. Dr. Marcondes Romeiro. Dr. Gustavo d'Utra.</p> <p>RIO GRANDE DO SUL</p> <p><i>Grandes premios</i></p> <p>Governo do Estado. Major Euclides Moara. Centro Economico.</p> <p>MINAS GERAES</p> <p><i>Grande premio</i></p> <p>Municipio de Ubá.</p> <p>MATTO GROSSO</p> <p><i>Grande premio</i></p> <p>Est. de Avelino Siqueira.</p> <p>UNIÃO</p> <p><i>Medalha de ouro</i></p> <p>Escola de Guerra de Porto Alegre.</p> <p>DISTRICTO FEDERAL</p> <p><i>Medalhas de ouro</i></p> <p>Instituto Profissional Masculino. <i>A Renascença.</i> Recenseamento do Rio de Janeiro. E. Bevilacqua & C.^a Dr. José Ribas Cadaval. <i>Jornal da Exposição.</i> Dr. Gregorio N. de Mello e Cunha. <i>Labor et Honor e Della</i>, de Belisario, Pernambuco. Castro Silva. Dr. Amaro Albuquerque. Olavo Freire. <i>Brazila Klubo Esperanto.</i> Dr. Alfredo do Nascimento e Orlando Rangel. D. Maria Clara da Cunha Santos. Dr. Carlos A. M. Novaes.</p> <p>AMAZONAS</p> <p><i>Medalhas de ouro</i></p> <p>Governo do Estado. Commissão do Estado. <i>A Imprensa do Amazonas.</i></p> <p>PARÁ</p> <p><i>Medalhas de ouro</i></p> <p>Instituto Lauro Sodré. Imprensa Official. Dr. João Palma Moniz. Dr. Fulgencio Simões. Tavares Cardoso & C.^a Paulo C. Couto. C. Wiegandt. Syndicato Industrial Agricola Paraense, Belém. Dr. Thomaz Ribeiro, Belém. Dr. José Ferreira Teixeira, Belém. Paul le Coint, Obidos. Coronel Raymundo Cyriaco Alves da Cunha. Manoel João Alves, Belém.</p>
--	---	---

Figura 8 - Almanak Laemmert: Administrativo, Mercantil e Industrial (RJ), ano 66, p. 2420, anuário de 1909.

Das diversas publicações e trabalhos de Maria Clara, vamos destacar e analisar mais criteriosamente as suas crônicas, presentes no periódico *A Mensageira: revista literária dedicada a mulher brasileira*, pois foi entre essas crônicas que ela publicou as suas críticas de arte. *A Mensageira*, foi idealizada e dirigida por Presciliana Duarte de Almeida⁴⁶, amiga íntima de Maria Clara, que desempenhou um papel importante na sua formação literária.

Maria Clara foi homenageada por Perpétua do Vale⁴⁷, em uma das edições da revista, no ano de 1898. O texto, que afirma a sua amplitude intelectual e ao mesmo tempo apresenta a produção literária de Maria Clara dentro do que era tradicional na época, como, por exemplo, encantadora, simples e bem-humorada, estereótipos da produção feminina, seguiu acompanhado de um retrato de Maria Clara [fig. 9], como podemos observar:

⁴⁵ Disponível em: <

<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=313394&pasta=ano%20190&pesq=maria%20clara%20da%20cunha%20santos> > Acesso em: 08 de dezembro de 2017.

⁴⁶ Tudo indica que Presciliana e Maria Clara eram primas por parte materna. A mãe de Presciliana era Rita Vilhena de Almeida Duarte. (ELEUTÉRIO, 2005)

⁴⁷ Perpétua do Valle era o pseudônimo de Presciliana Duarte de Almeida.



Figura 9 - Retrato de Maria Clara, *A Mensageira*, ano I, n. 23, p. 353, 15 de setembro de 1898.
Fonte: *A Mensageira*

Maria Clara da Cunha Santos

O retrato que ora publicamos podia bem vir desacompanhado destas linhas explicativas, tão conhecido é de nossos leitores o nome de Maria Clara da Cunha Santos.

Intelligencia vastissima, affeita a todo genero de trabalhos, possuidora de accentuada habilidade para as bellas artes, com uma facilidade enorme de percepção e com a maior somma de paciencia possivel, poderia, si o quizesse, ser uma grande cultora da *forma*, da *pharse castigada*, das estrophes trituradas e cantantes...

A expansividade e a singeleza são, porém, os attributos do seu espirito superior. Tudo o que escreve tem o encanto indefinivel de uma grande simplicidade! D'ahi a sympathia que lhe advem de todos que a leem! Os leitores da *Mensageira* terão certamente encontrado nas *Cartas do Rio* momentos de bom humor e ensejo de dar algumas risadas gostosas neste tempo de luctas e de pessimismo!

E é esta a nota caracteristica do seu temperamento excepcional. Quem quer se lhe approxime encontra consolo para todas as dores, animação e entusiasmo para todas as ideias nobres, indulgencia para todas as faltas, e o coração mais rico de caridade que imaginar se póde!

Existissem pela terra alguns milhares de pessoas com a sua incomparavel alegria comunicativa e a sua bondade inexcedivel e

cremos que esses milhares de pessoas conseguiriam fazer diminuir de modo espantoso na humanidade o suicídio, o desespero e o tédio.

E ninguém veja neste modo de julgar a suspeição da amizade, suspeição que para nós, não existe até certo ponto.

Que a mãe seja suspeita para ajuizar do filho ou vice-versa, que o irmão seja suspeito para dizer do irmão, podemos convir, e, para externar essa suspeição natural, o povo tem na sua linguagem *synthetica* esta frase: *a natureza grita!* A amizade, entretanto, só por si exprime a admiração, o preito á virtude e a inabalável confiança! Tornamo-nos amigos de alguém, quando nesse alguém encontramos qualidades que nos captivam e nos encantam.

Dado, porém, que tal suspeição existisse, poderíamos repetir aqui as palavras de um de nossos talentosos colaboradores: “A suspeição da amizade é mais nobre do que a suspeição da antipathia”. A alguém que porventura desconhecesse completamente o merito literario de Maria Clara da Cunha Santos, deparar-se-ia propicia ocasião de avalial-o pela leitura de seu bello conto *No sertão*, com o qual brindamos nossos leitores.

A Maria Clara da Cunha Santos e a seu digno esposo, Dr. José Americo dos Santos, que é um dos mais brilhantes ornamentos da engenharia brasileira, a *Messageira* rende as homenagens do mais alto apreço.

PERPETUA DO VALLE.

(*A Messageira*, ano I, n. 23, p. 354, 15 de setembro de 1898)

3.2 Mulheres em luta: o feminismo na revista *A Messageira*.

Escrever era uma atividade respeitável e inofensiva. O riscar da caneta não perturbava a paz do lar. Não se retirava nada do orçamento familiar. Dezesseis pences bastavam para comprar papel para todas as peças de Shakespeare – se a gente for pensar assim. Um escritor não precisa de pianos nem de modelos, nem de Paris, Viena ou Berlim, nem de mestres e amantes. Claro que foi por causa do preço baixo do papel que as mulheres deram certo como escritoras, antes de dar certo em outras profissões. (WOOLF, 2012, p. 10)⁴⁸

A Messageira: Revista literária dedicada à mulher brasileira, esteve ativa no período de 15 de outubro de 1897 à 15 de janeiro de 1900, mantendo suas publicações num primeiro momento quinzenalmente, passando após 15 de fevereiro de 1899 à periodicidade mensal. A revista, além de Maria Clara e Presciliana Duarte, possuía diversas colaboradoras, como: Adelia Jucá, Adelina Lopes Vieira, Amelia de Oliveira, Andradina de Oliveira, Aurea Pires, Candida Fortes, Delminda Silveira, Dolores Alcantara de Araújo, Dolores de Araujo, Eduviges de Sá Pereira, Francisca Julia da Silva, Georgina Teixeira, Ibrantina Cardona, Ignez Sabino, Julia Cortines,

⁴⁸ WOOLF, Virgínia. *Profissões para Mulheres Artistas e Outros Artigos Feministas*. Tradução Denise Bottmann. Porto Alegre: L&PM Editores, 2012.

Julia Lopes de Almeida, Julieta de M. Monteiro, Narcisa Amalia, Revocata Heloísa de Mello, Ridelina Ferreira, Zalina Rolim, entre outras.

É válido mencionar que a revista também estava aberta a contribuições advindas dos homens letrados, como mencionou a diretora em sua primeira publicação: “Para mais variada e interessante tornarmos a nossa revista, temos, além da colaboração das mais illustres escriptoras nacionaes, o concurso de distinctissimos cavalheiros, cultores fidalgos e devotados da arte da palavra [...]” (*A Mensageira*, ano I, n. 1, p. 2, 15 de outubro de 1897). Como colaboradores, encontramos nomes como: Arthur Andrade, Amadeu Amaral, Bellarmindo Carneiro, Candido de Carvalho, Franciso Lins, Heraclito Viotti, Hyppolito da Silva, Julio Cesar da Silva, Luiz Guimarães Junior, Manoel Viotti, Manuel Arão, Nelson de Senna, Samuel Porto, Silvio de Almeida, Xavier de Carvalho, entre outros.

O texto de Presciliana Duarte de Almeida nesta primeira edição da revista, intitulado *Duas palavras*, apresentava as ideias centrais deste periódico. Ideias essas que estavam vinculadas ao enriquecimento cultural das mulheres e à conquista por espaço na educação - nas diversas áreas de conhecimento -, por exemplo⁴⁹. Observemos no trecho que segue, em suas palavras:

Estabelecer entre as brasileiras uma sympathia espiritual, pela comunhão das mesmas ideias, levando-lhes de quinze em quinze dias, ao remansoso lar, algum pensamento novo – sonho de poeta ou fructo de observação acurada, eis o fim que, modestamente, nos propomos.

[...] o espirito feminino se desenvolve miraculosamente e a mulher procura illuminar a sua intelligencia, concorrendo tambem com o penhor de suas vigalias para o engrandecimento das letras.

Não é, porém, sómente na literatura que a sua aptidão se revela, e, para prova, basta citarmos o nome da Doutora Ermelinda de Sá, essa pujante mentalidade que se affirmou na Academia de Medicina do Rio de Janeiro [...]

Ora, esse desenvolvimento intellectual da mulher brasileira não se haverá cingido unicamente ao grupo das que surgem á tona, aparecendo na imprensa ou nos cursos de ensino superior. Havemos convir em que o seu desenvolvimento collectivo deve ter sido enorme para tantas se tenham podido individualisar e excitar a admiração dos contemporaneos. Assim, ao emprehendermos esta publicação, sentimo-nos animadas da mais viva esperanza, depositada no espirito

⁴⁹ Além do aspecto feminista da revista, ela se destaca ainda pelo seu aspecto político. Entre os temas, a revista se posicionava em defesa da abolição da escravatura; exaltava a revolução francesa; defendia a importância do voto para as mulheres, entre outros.

progressivo e na benemerencia de nossas compatriotas. (*A Mensageira*, ano I, n. 1, p. 1-2, 15 de outubro de 1897)

No ano de 1987 a revista ganhou uma edição fac-similar em dois volumes. A introdução dessa reprodução contou com o texto de Zuleika Alambert⁵⁰, então Presidenta do Conselho Estadual da Condição Feminina, *A Mensageira: uma contribuição feminista*. Zuleika explica que essa reprodução das publicações da revista buscava recuperar a história do feminismo no Brasil. Porém, ela chama a atenção para a necessidade de um olhar que não ignore o contexto histórico em que os textos da *Mensageira* foram produzidos, visto que o feminismo como movimento foi se desenvolvendo de forma processual, segunda ela, em acordo com o desenvolvimento da sociedade. Para Alambert, o feminismo “não pode ser avaliado neste ou naquele País, fora de determinadas condições econômicas-políticas-sociais e culturais, ou ignorando-se os reflexos dessas condições de vida da mulher e em seu grau de consciência para transformá-la” (ALAMBERT apud *A MENSAGEIRA: revista literária dedicada a mulher brasileira*, directora Presciliana Duarte de Almeida. – Edição fac-similar. São Paulo, Imprensa Oficial do Estado: Secretaria de Estado da Cultura, v. 1, 1987).

É de grande relevância para a análise desse trabalho que consideremos as reflexões de Zuleika Alambert. Assim, teremos a chance de compreender de maneira mais aprofundada a relevância da produção de Maria Clara e também do papel da revista *A Mensageira* para a visibilidade intelectual das mulheres do período do entresséculos.

As mulheres brasileiras, espelhando o que acontecia na Europa e nos Estados Unidos, travavam imensa luta por espaço nos meios intelectuais, por direito à educação e por igualdade política e social. Trazemos novamente à reflexão os pensamentos da escritora Virginia Woolf em seu texto *Profissões para mulheres*, no qual ela apresenta, questiona, argumenta e discorda totalmente da resenha apresentada por Desmond MacCarthy, com pseudônimo de Falcão Afável, que referencia a coletânea de ensaios de Arnold Bennett intitulada *Nossas Mulheres: capítulos sobre a discórdia entre os sexos*, de 1920. Neste texto o autor corrobora

⁵⁰ Primeira mulher a participar do Comitê Central do Partido Comunista no Brasil. Para maior aprofundamento na trajetória de Zuleika Alambert sugiro: SOIHERT, Raquel. Do comunismo ao feminismo: a trajetória de Zuleika Alambert. *Caderno Pagu*, Campinas, SP, n. 40, pg 169-195, jan. – jun. de 2013.

com o pensamento de Bennett de que as mulheres eram inferiores aos homens intelectualmente, como podemos analisar no trecho que segue:

Ele acha difícil de dizer, mas nem por isso deixa de dizê-lo, que as mulheres são inferiores aos homens em capacidade intelectual, sobretudo naquele tipo de capacidade que se chama criativa. Sem dúvida o fato salta aos olhos; e ele admite que “nenhum grau de educação e liberdade de ação irá alterá-lo sensivelmente”. “A literatura mundial pode mostrar pelo menos cinquenta poetas homens maiores do que qualquer poeta mulher...” (Sim; a menos que você concorde com Samuel Butler que a Odisseia foi escrita por uma mulher). “Com a possível exceção de Emily Bronte, nenhuma romancista fez até hoje um romance que se iguale aos grandes romances de homens”. (De modo geral é verdade: a concordância neste caso específico é um pouco mais duvidosa.) “Nenhuma mulher jamais fez uma pintura ou escultura melhor do que uma obra de segunda categoria, ou uma música melhor do que uma de segunda categoria.” (Verdade; lembrem que o padrão são as obras-primas mundiais.) “E nunca nenhuma mulher se aproximou do que há de mais alto na crítica.” (Verdade.) Alguém é capaz de citar uma filósofa célebre, ou uma mulher que tenha feito uma descoberta científica de primeira categoria, ou uma mulher que tenha chegado a alguma generalização qualquer de primeira categoria?” (Não: lembro novamente o padrão.) (WOOLF, 2012, p. 35-36).

Em resposta ao texto de Falcão Afável, Woolf argumentou sobre o avanço intelectual relevante das mulheres no decorrer dos séculos e também faz referência a Safo, exemplificando-a como uma mulher que esteve entre os grandes poetas de seu tempo, como podemos observar nas palavras da escritora:

Então, como Falcão Afável explica o fato que me salta aos olhos, e imagino que aos olhos de qualquer observador imparcial, de que o século XVII gerou um maior número de mulheres notáveis do que o século XVI, o século XVIII mais do que o XVII, e o XIX mais do que os três somados juntos? Quando comparo a duquesa de Newcastle e Jane Austen, a inigualável Orinda e Emily Bronte, Mrs. Heywood e George Eliot, Aphra Behn e Charlotte Bronte, Jane Grey e Jane Harrison, o avanço na capacidade intelectual me parece não só sensível, mas imenso; [...] se Falcão Afável quer realmente descobrir uma grande poetisa, por que não se deixa atrair por uma possível autora da Odisseia? É claro que não posso alegar que conheço grego como Mr. Bennet e Falcão Afável, mas ouvi dizer muitas vezes que Safo era mulher, e que Platão e Aristóteles a colocaram como Homero e Arquícolo entre seus maiores poetas (WOOLF, 2012, p. 40-42).

Ainda em resposta ao texto de Falcão Afável, Woolf aponta as dificuldades impostas socialmente às mulheres e denuncia a importância da educação para o desenvolvimento de qualquer sociedade:

‘Não havia mais nada (além da inferioridade intelectual) que impedisse ao longo dos séculos, até onde consigo entender, que as mulheres que sempre tocaram, cantaram e estudaram música criassem a mesma quantidade de música que surgiram entre os homens’, diz Falcão Afável. Não havia nada que impedisse Ethel Smyth de ir a Munique? Não havia a oposição paterna? E pensava ela que o canto, a prática instrumental e o estudo da música que as famílias abastadas autorizavam a suas filhas permitiam convertê-la em músicas? No entanto, Ethel Smyth nasceu no século XIX. Não existem grandes pintoras, diz Falcão Afável, embora a pintura agora esteja ao alcance das mulheres. Ao alcance delas – só se isso significar que, depois que os filhos receberam educação, ainda restou dinheiro suficiente para tintas e estúdios para as filhas e nenhuma razão doméstica exigindo a presença delas em casa. Do contrário, elas têm de se arriscar e enfrentar uma espécie de tortura com maiores requintes de dor, creio eu, do que qualquer homem possa imaginar. E isso no século XX. Mas, alega Falcão Afável, um grande espírito criativo superaria tais obstáculos. Pode ele apontar um único nome entre os grandes gênios da história que tenha surgido entre um povo privado de educação e mantido na submissão [...]? (WOOLF, 2012, p. 48).

Compartilhando o mesmo ideal das mulheres de *A Mensageira*, Virginia Woolf defende o direito à educação para as mulheres e mais ainda, defende o direito das mulheres à liberdade de expressão e livre pensamento, como encerra o fragmento abaixo

[...] o que é necessário não é apenas a educação. É que as mulheres tenham liberdade de experiência, possam divergir dos homens sem receio e expressar claramente suas diferenças [...] pois para um homem ainda é muito mais fácil do que para uma mulher dar a conhecer suas opiniões e vê-las respeitadas (WOOLF, 2012, p. 50-51).

Maria Clara e Presciliana, sua parceira em vários textos, além do trabalho que desenvolveram em periódicos, publicaram o livro de poesias chamado *Pyrilampos...* Sobre essa obra, saiu no jornal *Mercantil* de 1890, ano de publicação do livro, uma crítica reveladora desse pensamento que buscava afirmar a inferioridade intelectual da mulher, constituído socialmente e compartilhado, como vimos, a exemplo de MacCarthy e Bennet, entre tantos outros. Notamos que a crítica praticamente não apresentava argumentos técnicos específicos em relação à produção que realmente nos remetesse a uma problemática textual. O que parece ter ocorrido de “errado” nas poesias reunidas nesta edição foi o fato da autoria ter sido de mulheres, portanto, incapazes, numa ideia socialmente preconcebida, de produzir literatura de qualidade, como podemos observar na crítica que segue em sua íntegra:

Poetisas

Aqui está um livro contendo versos da exma. Sra. D. Maria Clara Vilhena da Cunha, intitulado *Pyrilampos*, e versos da exma. Sra. D. Presciliana Duarte, denominado *Rumorejos*, e prefaciado pela sra. Adelina Amelia Lopes Vieira, que incita as jovens cantoras a continuar a tanger a sua cithara queixosa. Não sei de que terra vieram estes Pyrilampos e estes Rumorejos. Pelo que diz a exma, prefaciadora, aquellas duas arrulhadoras philomelas são provavelmente da província, e pelas datas de algumas poesias deduz-se que ellas fazem ouvir os acordes sonoros das suas encantadas lyras no Rio de Janeiro ou em Pouso Alegre.

Seja como for, o meio em que vivem não é dos melhores para estas negociações [ilegível] com as musas, assim o declara a sra. D. Adelina Lopes.

Eu não considero nada disso. O que eu sei é que as sras. D.D. Maria Clara Vilhena da Cunha e Presciliana Duarte são duas poetisas, assim como tambem sei que ellas pertencem ao sexo fragil, e que outros injustamente dão o nome de bello sexo, quando ha por ahi tanta mulher feia de lhe tirar o chapéu. Ora, como eu entendo que isto de litteratura não é brincadeira, acho que, se as exmas. Poetisas publicaram o seu livro por desenfado ou desejo [ilegível] de gloria, deram uma cabeçada em o publicar, porque litteratura é coisa muito séria e os jornaes não se podem andar occupando todo santo dia com criticas de livros sem merito e cujos auctores não passarão nunca de simples esperanças.

Portanto, se a publicação dos *Rumorejos* e dos *Pyrilampos* foi feito por mêro desejo de brilhar, de fazer bonita figura lá em Pouso-Alegre, muito bem, está discutido o negocio e eu não tenho nada a dizer, senão isto: fique o livro lá por Pouso-Alegre, a ser recitado no piano e transcripto nos jornaes da terra, e eu e os meus collegas de imprensa em descanço, não nos occupando de livros sem merecimento e que nenhum alcance litterario têm absolutamente.

Agora, tomando a questão a serio, admitindo que os *Rumorejos* e que os *Pyrilampos* [ilegível] um futuro deslumbrante, no que eu não creio o caso é outro e n'esse outro caso eu discutiria o livro, apontar-lhe-hia os defeitos e as incorreções, mas se os auctores não fossem, como agora, auctoras. Mulher, no nosso paiz principalmente, em que não ha civilização, nem instrucção, nem educação, nunca escrevem coisa que servisse.

Os exemplos são raros, até na Europa. No Brazil, o fim da mulher é unicamente social. Nada de litteratas por emquanto. As que temos tido provam cabalmente que o paiz não dá d'esse fructo, ou antes, d'essa fructa. A própria prefaciadora do presente livro é um documento vivo do que sustento: muito elogiada, muito celebrada, muito decantada, n'outros tempos, nos tempos em que a justiça litteraria era desconhecida, quem é que lhe acha merito hoje, quem é que diz que ella sabe escrever ou que tenha escripto coisa que valha a pena? Pertence á classe das mulheres bem educadas, que so devem aproveitar a sua intelligência para lerem apenas o que os outros escrevem e contentarem-se com isso, que já não é pouco.

Pode ser que as sras. DD. Maria Clara e Presciliana sejam assim. Pois então não queiram produzir. Leiam só e divirtam-se. Demais, as musas não querem senão homens. Se, em vez de musas, fossem por

acaso *musos*, então em vez d'outro gallo outra gallinha cantaria. Podiam então chover as poetisas. Mas o triste é que sahi o mundo às avessas, minhas senhoras. O gallo é que canta e n'este paiz, em que o homem de letras lucha com embaraços e dificuldades, que diabo pôde fazer a mulher de letras?

Pois é isso.

E afinal, ha esta objecção d'arromba! se a mulher, que é a eterna inspiradora de quanto poeta ha n'este mundo, nos usurpa o direito e começa a deixar as manguinhas de fóra, que é que fica reservado a nós, pobres martyres do amor? Nada. Nós podemos muito bem dizer o que á cabeça nos vem e ás vezes isso mesmo nos sai caro, e ellas? Imaginem os senhores que uma d'estas poetisas, a sra. Presciliana, por exemplo, entra a apaixonar-se por mim, loucamente. Atira-me para ahi uma saraivada de versos e diz que sou o diabo, que a persigo, que a seduzo. Vem a policia, mette-me no xadrez, (afianço que o xadrez é uma coisa horrorosa) e ahi vou eu processado por crimes que não commetti, mas que a imaginação da exma. Sra. Presciliana inventou para me comprometter.

E depois, versos ás companheiras que te parto! D. Mariquinhas, verbi gratia, têm uma bocca muito bonita e vai a sra. D. Maria Clara arrumalhe um soneto á bocca, cantando-lhe as bellezas. Os maliciosos bramam, há chinfirim e os vereditos moralizadores da poesia ficam por terra. Repito: nada. Sou contra as poestisas, sejam ellas quaes forem. Antes de tudo está a sociedade.

Asneira por asneira, pouca vergonha por pouca vergonha, bastam já as que temos lido e relido. As poetisas que se sumam, que d'ellas já andamos nós fartos.

Pois não é mesmo caçoada virem duas senhoras para a nossa frente, assim sem mais nem menos, a impingirem-nos uma versalhada que não vale coisa alguma que a gente tem obrigação de dizer que vale muito por cortesia e deferencia?

Pilulas!

R.

(*Mercantil*, ano VII, n. 1782, p. 1, 8 de agosto de 1890)

Outra crítica que manifesta, de certa forma, muito intensamente a discussão que estamos travando neste trabalho foi apresentada por Alberto Sousa, no *Archivo Illustrado* [fig. 10], no ano de 1902, sobre um outro livro de Maria Clara da Cunha Santos, *Paineis*. Temos presente nessa crítica - e vale ressaltar que em praticamente todas do período, inclusive as elaboradas por mulheres -, os conceitos sociais destinados a produção do “sexo frágil”, como é possível notar em certos comentários, como, por exemplo: “volumesinho elegante”, “novellas despretensiosas”, “espontanea simplicidade” e “graciosa”. Percebamos que o autor da crítica abranda o trabalho de Maria Clara em grau de intelectualidade, remetendo-o à afetividade. Logo, essa afetividade na obra da escritora é associada por Sousa a “um suave livro de boa mãe de familia”.

Alberto Sousa tenta construir mais ao final de sua crítica uma espécie de convocatória destinada a Maria Clara. Ele convida a escritora a sair do que ele considera como diletantismo em sua produção. Não obstante, ele comenta que o esforço da escritora poderá romper com o conceito da função social da mulher, o qual ele exemplifica com a seguinte citação: “Na mulher nada se acha mais amavel que o estudo no domestico regime e as coisas boas a que induz o esposo”. Observemos a crítica de Alberto Sousa em sua totalidade:

“PAINÉIS”

De D. Maria Clara da Cunha Santos

Os *Painéis* formam um volumezinho elegante e bem impresso, encerrando, em pouco mais de 200 paginas, 35 novellas desprezenciosas, correntemente escriptas por mão affeita aos torneios calligraphicos da penna.

Os assumptos que constituem a alma dessas novellas são colhidos, profusa e geralmente, na observação commum da prosaica vida social, sem que os transfigure e espiritualise o minimo esforço de consciante idealização esthetica.

Ao contrário, predomina em todos a fria exactidão dum aparelho photographico que surprehende mecanicamente os aspectos quaesquer da natureza e da vida, mas que não pôde intelligentemente comprehendê-los nem interpreta-los. Dahi a escassa aptidão do livro para conseguir bellos effeitos de emotividade.

O estylo que os reveste é limpo, ás vezes brilhante, quasi sempre fluente, mas sempre desigual. O que o caracteriza principalmente é a sua espontanea simplicidade, em geral graciosa, degenerando, porém, a miúdo, numa insípida vulgaridade. Não raro toma elle uma certa feição propria de estylo de noticiarista e, o que é singularmente curioso, de noticiarista de necrologio.

Dou, para fortalecimento de minha opinião, dous exemplos resgçados ao accaso.

Estylo de noticiarista que vai narrar um acontecimento de sensação: « Extensa alameda de palmeiras abria caminho para a pittoresca habitação do dr. Alencar, conceituado medico.

« No delicioso silencio daquella aprazivel vivenda, morava o medico e sua familia, que se compunha da mulher e de um filho, já moço, estudante do 4.º anno de medicina.

O dr. Alencar, summidade medica de reconhecido valor, era lente da Escola de Medicina e tinha seu consultorio em uma das ruas mais centraes da cidade.» (Pag. 43)

Agora, um modesto exemplo de estylo de necrologio: « De origem humilde descendia João Valeriano, que era por todos de sua terra conhecido por João Valú. Morava em Minas, em pequena cidade do interior, onde era geralmente estimado.

Seu genio servical e coração delicado grangearam-lhe sympathia geral. Casara muito cedo.

João Valú era marcineiro e muito trabalhador (pag. 11)».

Exemplos como esses abundam nos 35 capitulos. Estou certo, porém, de que d. Maria Clara poderá definitivamente libertar-se de tão deploravel defeito, si quizer dispensar a seus trabalhos literarios um pouco mais de talento e de estudiosa perseverança.

Um maior escrupulo na elaboração de seus entrecchos, um colorido mais vivo no seu estylo, uma precisão mais vigorosa e natural nas suas phrases—darão, de futuro, á illustre escriptora um realce mais distincto, um mais altivo e sobranceiro aprumo em meio á nossa resumida phalange intellectual de senhoras.

Sob a impressão, mais ou menos fugaz, dum episodio occorrente, d. Maria Clara deixa que sua penna deslize em franca liberdade sobre o papel, remontando, com temerario impulso, a arriscadas especulações (A PALAVRA DO SABIO) para cair de chofre na trivialidade da maioria de suas novellas. O seu talento é como o veio d'agua que irrompe, calado e tranquillo, do flanco silvestre dum morro e desdobra-se, ondula, espraia-se pela terra adiante, aqui, rolando sobre um leito magnificamente marchetado de pepitas de oiro finissimo; ali, espumando de encontro ás arestas scintillantes dum penedo, e acolá, desviando-se, num colleio caprichoso e brusco, da direcção primitiva, para regar o chão ingrato das charnecas esterilizadas.

O seu livro tem mais affectividade que intellectualidade: é perfeitamente um suave livro de boa mãe de familia. Composto na calma domestica dum lar amorosamente organizado, é elle um doce conjuncto de narrativas singellas que a autora expõe ás pessoas que occupam logar de escolha na intimidade de seu coração, como o demonstram fartamente as dedicatorias ao esposo, ao pae, á sogra, aos irmãos, aos primos, ás amigas predilectas. Lembra deliciosamente uma santa avósinha, muito branca e muito bondosa, contando, na grande sala de jantar das vivendas mineiras, aos netinhos deslumbrados, casos ingenuos das idades preteritas. Salvo, ja se vê, as homenagens devidas respeitosa-

mente á mocidade da escriptora. D. Maria Clara não é estreitante nas letras, mas tem perseverado sempre num periodo de vago e dissolvente dilettantismo que muito prejudica as suas qualidades fundamentaes. Saia desse dilettantismo e professe a arte com a convicção e o amor duma sacerdotisa devotada, e, de prompto, conquistará a elevada posição a que seu talento lhe dá incontestavel direito, na milicia de nossas melhores escriptoras.

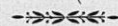
O seu esforço opporá nova e categorica refutação ao severo e injusto conceito do lyrico inglez, relativamente á função social da mulher, e que Lima Leitão assim trasladou classicamente para nosso idioma:

« Na mulher nada se acha mais amavel que o estudo no domestico regimine e as coisas boas a que induz o esposo (*). »

Seja a novellista mineira um exemplo triumphante de que a mulher pôde influir mais decisivamente nos destinos do mundo e na educação do homem do que limitando estreitamente o seu campo de acção moral ao circulo exclusivo das obrigações domesticas.

ALBERTO SOUSA

(*) PARAISO PERDIDO, Canto IX.



O BOM SENSO é o guarda-portão do espirito: o seu myster é de não deixar entrar nem sair as idéas suspeitas.



D. MARIA CLARA DA CUNHA SANTOS

Anos mais tarde, Xavier Pinheiro, na coluna *Impressões de Leitura*, do jornal *O Suburbio* do Rio de Janeiro, em 1908, apresenta uma crítica, com ar laudatório, referente à obra *América e Europa*, relatos de viagem de Maria Clara. O livro originou-se a partir de uma viagem que a autora realizou juntamente com o marido, Sr. José Américo, em 1904, e contou com o prefácio do influente Sylvio Romero⁵². Pinheiro faz o seguinte comentário a respeito do livro:

[...] são paginas que não enfastiam, que deleitam o espirito e quando essas narrativas são feitas por uma mulher inteligente, que sabe apreciar minudencias, destacando bellezas, imprimindo um cunho original nas suas observações como faz d. Maria Clara, o livro torna-se delicioso, agrada-nos sobremodo. [...] São 27 capítulos interessantes, cheios de vida, de animação, que deixam uma impressão agradável. [...] (*O Suburbio*, ano II, n. 64, p. 3, 17 de outubro de 1908)

Após um breve comentário sobre os lugares que Maria Clara percorreu e narrou em seu livro, Xavier Pinheiro encerra seu texto mencionando o prefácio de Sylvio Romero, o que nos faz refletir sobre uma possível influência que este crítico tenha exercido sobre as opiniões destinadas ao livro da autora.

[...]. Deliciosa viagem! Não nos fatigámos, porque a escriptora nos conduziu com o seu estylo leve e claro por esses logares todos sem o menor enfado, com uma tal leveza de espirito, que essa viagem só nos trouxe um bem estar que não tínhamos. Não nos enganou – e elle nunca se engana quando fala bem ou zurze, o nosso mestre Sylvio Romero em ter affirmado que America e Europa contem scenas que ‘se não apagam mais da memoria do leito’. [...] (*O Suburbio*, ano II, n. 64, p. 3, 17 de outubro de 1908)

Carmen Dolores também escreveu sobre o livro *America e Europa*, no jornal *O Paiz*, em 1908. É interessante destacarmos que não somente ela, mas, como pudemos perceber ao longo das pesquisas nos jornais da época, que diversas outras

⁵¹ Disponível em:

<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=719102&pasta=ano%20190&pesq=maria%20clara%20da%20cunha%20santos> > Acesso em: 06 de dezembro de 2017.

⁵² Silvio Vasconcelos da Silveira Ramos Romero foi um crítico, ensaísta, folclorista, polemista, professor e historiador da literatura brasileira. Nasceu em Lagarto, SE, em 21 de abril de 1851, e faleceu no Rio de Janeiro, RJ, em 18 de julho de 1914. Esteve presente na sessão de instalação da Academia Brasileira de Letras, em 28 de janeiro de 1897, fundou a cadeira nº 17, escolhendo como patrono Hipólito da Costa. Disponível em: < <http://www.academia.org.br/academicos/silvio-romero/biografia> > Acesso em: 04 de novembro de 2017.

mulheres, como Julia Lopes, por exemplo, destinavam espaços nas suas críticas para os trabalhos de suas colegas. No início de sua crítica Dolores comenta:

[...]. A distinta senhora não precisa mais de recomendações para ser vantajosamente conhecida em nosso mundo das letras, onde tem o seu lugar em evidencia: mas sempre direi que este livro – pela clareza, pela excelente orientação, pelo espirito lucido e justo que a elle preside – é uma das obras de viagem mais hei apreciado ultimamente. [...]. (*O Paiz*, ano XXIV, n. 8718, p. 1, 16 de agosto de 1908)

Notamos que no final de sua crítica, assim como o fez Xavier Pinheiro, ela menciona o prefácio de Sylvio Romero, como podemos observar no seguinte excerto: “O conhecido escritor que prefaciou, Sr. Sylvio Romero, resumiu, de resto, a opinião geral nestes termos: ‘O novo livro da distinta rio-grandense lê-se de um folego, porque é simples, desprezioso, leve e arejado por constante sympathia.’[...]” (*O Paiz*, ano XXIV, n. 8718, p. 1, 16 de agosto de 1908).

Retomando a ideia de sororidade presente, por exemplo, nas críticas literárias elaboradas por mulheres e o espaço que elas destinavam a suas compatriotas e também nos ideais da revista *A Mensageira*, no ano de 1904, saiu no jornal *Il Bersagliere* o texto intitulado *Em defesa da mulher brasileira*. Essa publicação é, na verdade, uma carta aberta destinada à escritora argentina Concepcion Gimeno Del Flaquer⁵³, sobre um artigo, considerado grosseiro, que ela escreveu a respeito das qualidades da mulher brasileira. A carta em resposta a este artigo, escrita de forma culta e repleta de referências, apresenta uma interessante reflexão sobre a luta das mulheres brasileiras por educação e a busca pelo constante crescimento intelectual. Observemos o excerto que segue:

[...]. É uma verdade, sim, que o nosso desenvolvimento intellectual está um tanto retardado. A mulher norte-americana e a mulher argentina progrediram mais. No momento actual porém, nós as intellectuaes desta bella região, levantamos travada forte campanha, campanha sem treguas, pelo levantamento da nossa educação. Queremos ficar no mesmo nível de saber das filhas da adiantada patria de Henriqueta Beecker Stowe, a autora immortalizada da *Cabana do Pae Thomaz*, esta obra sublime de verdade e dôr traduzida em todas as linguas!

⁵³ María de la Concepción Gimeno de Flaquer (1850-1919) foi uma escritora, editora e feminista. Para maior aprofundamento em sua biografia e produção, sugiro: PINTOS, Margarita. *Concepción Gimeno de Flaquer: feminista poliédrica*. Filanderas. Revista Interdisciplinar de Estudios Feministas, n. 1, 2016, p. 7-26.

E neste entusiástico afan de seguirmos de perto as mulheres da America do Norte, não paramos, e na tribuna, e no magisterio, e no jornalismo, e no livro, vamos estimulando nas nossas irmãs, o gosto pela instrução, o esmero pela educação, o amor pelo trabalho que ampara, o desejo pela independência que dignifica! (*Il Bersagliere*, número comemorativo, p. 8-9, 5 de maio de 1904)

Na sequência da carta é apresentada uma série de nomes de ilustres mulheres brasileiras das mais diversas áreas, e é válido mencionar que o nome de Maria Clara da Cunha Santos está presente entre os destacados. Por fim, fica o expresso convite para que a escritora argentina aprofunde seu conhecimento sobre a produção das brasileiras: “Leia V. Exa. as ‘Mulheres Illustres do Brazil’ e aprenda a respeitar as filhas desta Republica grandiosa que, jamais deixou de ser gentil para com o estrangeiro aqui aportado. [...]” (*Il Bersagliere*, número comemorativo, p. 9, 5 de maio de 1904).

A revista *A Mensageira*, como já comentamos anteriormente, estava engajada nessa luta pelo direito de igualdade da mulher, pelo direito à educação, por espaço intelectual, entre outros. O objetivo principal da revista, que era o de fornecer espaço para a produção das mulheres intelectuais da época e levar até as demais o conhecimento, vinha acompanhado de diversas matérias que refletiam o posicionamento e a função da mulher na sociedade.

A coluna *Seleção*, por exemplo, que vinha normalmente mais próxima do final da publicação, apresentava diversos trechos de pensamentos que refletiam a condição social da mulher. Eram textos, excertos de livros, frases e pensamentos das mais variadas autorias. Abaixo tomamos alguns exemplos:

Com as mãos sujas de carvão, na cozinha, accendendo o fogo para fazer o almoço do marido, cosendo-lhe a roupa, amamentando os filhos, varrendo a casa ou enterpretando Chopin; pintando uma aquarella ou amarrando um *bouquet*, a mulher tem sempre a mesma poesia: a de trabalhar para ser agradável, util, bôa, para satisfazer uma necessidade moral ou intelectual do esposo e da familia, revelando-se amorosa e digna do doce e pesado encargo que a sociedade lhe destinou.

Julia Lopes de Almeida (Do Livro das Noivas). (*A Mensageira*, Ano I, n. I, p. 14, 15 de out. de 1897)

Quereis que vos diga a verdade?
Vós tendes, minhas senhoras, o direito e o dever de protestar.
Porque sois as bellas filhas desta idade, que se illustrou por George Sand e Emilia Girardin, por Mme. de Steal e Harriet Stowe. Ainda mais: porque sois filhas desta magnifica terra da America – patria das utopias, - região creada para a realização de todos os

sonhos da liberdade, - de toda extinção de preconceitos, de toda conquista moral.

A terra que realizou a emancipação dos homens, ha de realizar a emancipação da mulher.

Castro Alves (Carta às senhoras bahianas). (*A Mensageira*, Ano I, n. 3, p. 45, 15 de nov. de 1897)

O feminismo é a causa mais intuitivamente logica e mais importante para o aperfeiçoamento e engrandecimento da humanidade, que o seculo XIX leva á solução do seculo XX.

Guiomar Torrezão (Noticias do aparecimento da *Mensageira*). (*A Mensageira*, Ano II, n. 36, p. 239, 15 de jan. de 1900)

Podemos destacar também que o primeiro texto de cada publicação geralmente apresentava de modo aprofundado alguma discussão em torno da condição da mulher. Tomamos como exemplo, entre os diversos possíveis, alguns textos: *Falso encanto*⁵⁴, de Maria Emilia, que discute a questão da educação da mulher; *A nossa condição*⁵⁵, assinado com as iniciais M. P. C. D, que assinala a importância da instrução da mulher e a igualdade entre os sexos e teve continuidade em outras publicações da revista; *A primeira avançada*⁵⁶, de Presciliana Duarte de Almeida, texto no qual a diretora da revista comenta sobre o engrandecimento e o avanço intelectual das mulheres após o primeiro ano de existência da *A Mensageira*; *Mme. Dreyfus*⁵⁷, sem assinatura, que discorre sobre a personalidade forte da esposa do capitão Dreyfus e posiciona-se a favor da inocência do capitão, caso que vimos anteriormente; por fim, *Com ares de chronica*⁵⁸, também de Maria Emilia, que assinala o primeiro caso de uma mulher na tribuna judiciaria do Rio de Janeiro, grande conquista realizada pela Dra. Myrthes de Campos.

Por fim, é de muita valia destacar que ao longo de todas as publicações da revista havia textos reflexivos sobre o papel da mulher na sociedade. Assim como foi mencionada a conquista da mulher no espaço jurídico, em diversas outras notas eram divulgadas as conquistas nas mais variadas áreas, como na ciência e na medicina, por exemplo. Além disso, é interessante ressaltar também que a revista trazia informações sobre as lutas e os avanços que as mulheres travavam em outros países,

⁵⁴ A Mensageira, Ano I, n. 2, 30 de out. de 1897.

⁵⁵ A Mensageira, Ano I, n. 4, 30 de nov. de 1897.

⁵⁶ A Mensageira, Ano I, n. 24, 30 de set. de 1897.

⁵⁷ A Mensageira, Ano II, n. 27, 15 de abr. de 1899.

⁵⁸ A Mensageira, Ano II, n. 33, 15 de out. de 1899.

como o exemplar texto *O suffragio feminino em a Nova Zelandia*, sobre o êxito em relação à luta pelo direito ao voto feminino.

3.3 As críticas de arte presentes na coluna *Cartas do Rio* e a participação de Maria Clara da Cunha Santos nas Exposições gerais de Belas Artes do Rio de Janeiro.

Na primeira edição de *A Mensageira*, Maria Clara escreve uma carta à Presciliana, na qual ela agradece o convite para colaboração na revista. Nesta carta, ela comenta sobre o jornal manuscrito *Colibri*, que publicaram ainda muito jovens, na cidade de Pouso Alegre. Maria Clara, ao lembrar este jornal, reafirma os ideais, de ambas as escritoras, voltados ao engrandecimento moral e intelectual da mulher e comenta, rapidamente, sobre os preconceitos e dificuldades enfrentadas – com os quais tivemos contato, anteriormente, a propósito de alguns tópicos, como as críticas literárias recebidas-, que nunca as fizeram desistir. Destacamos também que ela já anunciava a sua coluna de crônicas intitulada *Cartas do Rio*, com a proposta de trazer as notícias da cidade do Rio de Janeiro, sobre os mais variados temas. Abaixo, podemos observar a carta em sua íntegra:

Uma Carta

Minha querida amiga

Disseste-me em a ultima carta que me escreveste, envolta em saudades e caricias, que a “Mensageira” sahiria coxa se não trouxesse um trabalhozinho meu. Agradecida! Eu sei que o muito que me queres te faz divisar em mim qualidades superiores, que infelizmente não possuo.

Em todo o caso, obedecerei a teu desejo, dar-te-hei todo o meu esforço.

Pudesse eu satisfazer-te plenamente!!

A distancia que nos separa é um grande tropeço ás minhas aspirações literarias. Estou tão acostumada a escrever sempre ao teu lado! Lembras-te do *Colibri*? O saudoso jornalzinho manuscrito que escreviamos em Pouso Alegre?! (*)

De longe... mandar-te-hei as minhas impressões, na singela linguagem que escrevo sempre, tão despida de encantos e de arte. Assim pois, guarda pra mim, em tua revista, um logarzinho para as “Cartas do Rio”, que iniciarei ao proximo numero.

Por hoje, para que a “Mensageira” traga em lettra redonda meu nome, satisfazendo assim teu desejo que me alegra tanto, envio-te um conto⁵⁹ que escrevi hontem, após a visita de uma velha amiga,

⁵⁹ Conto intitulado *Brilhantes brutos*.

impressionada por um caso por ella observado no sertão de Minas, n'aquellas paragens longínquas e formosas e relatado com toda a singeleza e naturalidade. Adeus.

Toda tua,

M. Clara.

(*) O *Colibri*, periodico, bi-mensal que publicámos durante tantos annos em Pouso-Alegre, fala bem alto em nome de nossos ideaes! Sem typographia nem meios de mandal-o imprimir, conseguimos todavia publicar-o em manuscripto, com certa regularidade relativa!

Tendo sempre por alvo o engrandecimento moral e intelectual da mulher, nunca trepidámos diante de preconceitos ou de qualquer sorte de difficuldades que nos surgissem no caminho.

Como periodico manuscripto, de limitadissima tiragem e distribuição gratuita, ficou quasi inteiramente desconhecido o *Colibri*; entretanto, a sua collecção, religiosamente guardada por nós, servirá um dia para mostrar a nossas filhas que, mesmo sem o preparo e cultivo necessarios, soubemos compreender a grandeza da causa que defendiamos e pela qual ainda hoje trabalhamos. *Nota da redação.*

(Maria Clara da Cunha Santos, *A Mensageira*, ano I, n. I, p. 5-6, 15 de outubro de 1897)

Nas *Cartas do Rio*, Maria Clara noticiava os mais variados acontecimentos da então capital do Brasil, o Rio de Janeiro. A escritora apresentava comentários e críticas sobre o cotidiano carioca, as festas, os progressos da cidade, alguns aspectos políticos e os mais variados acontecimentos culturais, destacando as exposições de Belas Artes, assunto primordial para nossa discussão e ao qual, portanto, dedicaremos toda a atenção.

Devido à extensão desse trabalho, não é possível que analisemos em sua totalidade as críticas de Maria Clara presentes na revista *A Mensageira*. Em vista disto, se fez necessária uma seleção, baseada em alguns aspectos, como social, formal e o tom “impressionista”, por exemplo.

Um aspecto interessante que podemos observar nas críticas de arte de Maria Clara é a presença tímida de artistas mulheres mencionadas. Em geral, se pensarmos nas críticas de arte em comparação às críticas literárias que saíam nos periódicos do entresséculos é notável a diferença de espaço entre um campo e o outro. Se tomarmos como exemplo as críticas literárias que analisamos anteriormente, destinadas a Maria Clara, perceberemos que muito embora algumas apresentassem um discurso desdenhoso, como foi o caso da crítica do jornal *Mercantil*, de 1890, sobre o livro *Pyrilampos...*, os espaços destinados para as críticas eram consideravelmente grandes, em geral ocupavam praticamente uma página inteira do jornal.

Já por outro lado, nas críticas artísticas o espaço destinado à produção de mulheres era acanhado. Quando se tratava de uma exposição coletiva, por exemplo, as exposições gerais de Belas Artes, as artistas mulheres recebiam normalmente um parágrafo coletivo, no final do texto, e na maioria das vezes com a denominação de amadoras, como estudamos anteriormente. A exemplo disto, observemos o trecho da crítica de João Ribeiro [fig. 11], na qual Maria Clara estava presente, com a obra *Meu Gabinete* em destaque:

Igualmente (e é esse um dos aspectos mais interessantes da Exposição actual) acham-se ahi varios trabalhos de Exmas. amadoras que revelam talento muito digno de nota e que provavelmente hão de brilhar com maior intensidade nas futuras exposições. Taes são as Exmas. Sras. Alina Teixeira, Beatriz Ferro Cardoso de Miranda, Maria Clara da Cunha Santos (expõe sob o n. 72, *meu gabinete*, um estudo de interior bello, e muito justo de tom e de desenho), Mary Manso Sayão (expõe sob o n. 74 um retrato feito com grande felicidade e firmeza de toques). Eis quanto me occorreu assignalar.

Figura 11 - Trecho da crítica de João Ribeiro à Exposição Geral de Belas Artes, Revista *A brasileira*, tomo XI, p. 367, jun-set.1897.

O mesmo ocorre na crítica de Arthur Azevedo, no jornal *O Paiz* (RJ) [fig. 12], sobre a Exposição Geral de Belas Artes de 1901. Ele destina um parágrafo de seu texto para as senhoras amadoras, no qual Maria Clara também estava presente, como podemos observar na imagem destacada abaixo:

Figura 12 - Crítica de Arthur Azevedo à Exposição Geral de Belas Artes, jornal *O Paiz*, ano XVII, n. 6175, p. 1, 4 de setembro de 1901.
Fonte: Hemeroteca Digital⁶⁰.

É válido mencionar que Arthur Azevedo destina outro parágrafo de sua crítica a duas artistas, as senhoritas Cunha Vasco. O crítico dirigiu-se a ambas senhoritas como artistas, afastando-as, em parte, da ideia de amadorismo. Porém, se por um lado ele elogia o progresso no trabalho das alunas de Benno Treidler, por outro ele discorre sobre a falta de originalidade das artistas, como podemos analisar no trecho que segue:

As senhoritas Cunha Vasco distinguiram-se este anno, como no anno passado, pelas suas magnificas aquarelas, pintadas com tanto sentimento da natureza; entretanto, convem que essas duas artistas (porque o são) tratem de se ir a pouco e pouco libertando da influencia de Benno Treidler, seu mestre, que figura na exposição, digamol-o de passagem, com cinco estudos de primeira ordem. Procurem as senhoritas Cunha Vasco adquirir individualidade própria; no seu admiravel temperamento artistico encontrarão, de certo, alguma nota original e imprevista. (*O Paiz*, ano XVII, n. 6175, p. 1, 4 de set. de 1901)

Para que possamos compreender como esse tipo de vinculação social da mulher ao amadorismo estava arraigado no pensamento do período, tomamos para análise uma nota sobre a Exposição da Escola Nacional, de 1897, presente na revista *A Mensageira*:

Belas Artes – A' exposição de pintura da *Escola Nacional de Bellas Artes* concorreram este ano as seguintes senhoras fluminenses, D. D. Alina Teixeira, Beatriz F. C. de Miranda, Maria Clara da Cunha Santos e Mary M. Sayão que sabem, cultivando seu espirito, aproveitar as horas vagas no desenvolvimento do bello e do útil. Sem podermos apreciar de *visu* os trabalhos apresentados ao publico do Rio de Janeiro pelas amadoras, avaliamos todavia o seu merito pela critica dos jornais daquela capital; e aproveitamos o ensejo para enviar d'aqui parabens áquellas distinctas senhoras pelos applausos que têm merecido da imprensa.

Não nos podemos furtar, entretanto, ao prazer de enviar em especial um aperto de mão à nossa prezada amiga e apreciadissima colaboradora Maria Clara da Cunha Santos pelos francos elogios que recebeu da critica geral o seu quadro intitulado *Meu gabinete*. (*A Mensageira*, ano I, n. 1, p. 16, 15 de outubro de 1897)

⁶⁰ Disponível em: <

http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=178691_03&pasta=ano%20190&pesq=bellas-artes > Acesso em: 08 de dezembro de 2017.

Ponderemos que as artistas igualmente receberam o tratamento de amadoras na nota da revista, muito embora tenha sido um destaque exclusivo para as senhoras que estavam em exposição - novamente Maria Clara está em proeminência com o quadro *Meu gabinete* -, espaço incomum de observar nos periódicos do período. Além disso, é de grande interesse nosso observarmos que a revista ao mencionar o trabalho das artistas, vincula-os a um certo ar de domesticidade, ao comentar que as pintoras aproveitavam as horas livres para o desenvolvimento do belo.

Alusivo a esse aspecto da presença de artistas mulheres nas críticas de arte do período estudado, podemos reparar que Maria Clara, em sua crítica de 15 de novembro de 1897, discorre muito brevemente sobre a artista presente na exposição da *Escola ao ar livre*, do mestre Parreiras, ao comentar apenas que “D. Hortencia apresenta 3 bons trabalhos”. Todavia, podemos perceber também que a crítica destaca o fato de existir uma mulher artista entre os expositores ao comentar que “São 4 os expositores, entre elles uma senhora [...]”.

Maria Clara ressalta neste texto os trabalhos de Alvaro Cautanheda. Sobre os seus trabalhos, ela salienta a realidade presente na pintura do artista. Outra questão interessante abordada é a relevância, para Maria Clara, da individualidade do artista, aspecto também presente, como pudemos notar, na crítica de Arthur Azevedo. Percebemos este posicionamento quando ela comenta que “A maneira do Sr. Cautanheda interpretar a natureza é bem diversa da de seu professor. Assim é que eu compreendo o talento de um artista” e, continua, “abomino a rotina que entendia que o alumno seria a continuação do mestre! Cada um deve pintar como sente, como compreende e como vê a natureza – a grande mestra” (*A Mensageira*, Ano I, n. 3, p. 36-37, 15 de novembro de 1897). Podemos examinar no trecho da coluna *Cartas do Rio*, a crítica em sua completude:

[...]. O mais importante acontecimento artistico da quinzena foi, sem duvida, a exposição de pintura da “Escola ao ar livre”, dos alumnos do paysagista Parreiras. São 4 os expositores, entre elles uma senhora, e 60 os quadros. Alvaro Cautanheda expõe 25 telas. Elle é o mais adiantado dos discipulos de Parreiras. De seus quadros destaco o de n.º 24 – Rua em ladeira – que me agradou muito pela correção do desenho e verdade das côres.

Ha nesse trabalho muita perspectiva, a gente vê que as pilastras d’aquelle portãozinho são feitas com geometricas proporções.

O quadro n.º 21 – Rancho de Camaradas – é dfficilimo mas não agrada geralmente. As brazas daquelle fogão rustico que os camaradas costumam fazer nos ranchos, são brazas verdadeiras,

sente-se que aquella côr é quente, é de fogo; mas o aspecto geral é triste, não impressiona bem.

A maneira do Sr. Cautanheda interpretar a natureza é bem diversa da de seu professor. Assim é que eu compreendo o talento de um artista.

Abomino a rotina que entendia que o alumno seria a continuação do mestre! Cada um deve pintar como sente, como comprehende e como vê a natureza – a grande mestra.

D. Hortencia apresenta 3 bons trabalhos. Incontestavelmente os melhores quadros do Snr. Alberto Silva são Mangueiras e Amendoeiras. Quanta verdade; observação e poesia nesses trabalhos! Adivinha-se logo que o pintor é um poeta. Os reflexos da luz do sol são feitos por mão de artista. Do mesmo pintor destacarei ainda o quadrinho “Roça”.

Ha muita alegria nessa téla e eu adoro os quadros claros e alegres.

Faz-nos lembrar, esse quadro, umas casinhas rusticas que vimos na infancia, assim vagamente, sem poder precisar a epocha e nem o logar.

O quadro n.º 31 – Porteira – é muito bello. Fala-nos á alma das paysagens do sertão.

O Snr. Silvio Moreira apresenta um bello estudo de mar no quadrinho n.º 50. A espuma da praia é fiel e parece que as aguas vão e voltam nas ondas impetuosas d’aquelle mar agitado.

Os quadros tinham grande abundancia de verniz, principalmente sobre o verde das arvores e dos montes e o verniz usado assim, em demasia, prejudica os effeitos da luz.

Em todo caso essa exposição denota que a arte da pintura vae fazendo progressos, entre nós.

Parabens sinceros a Parreiras e seus talentosos discipulos. [...].
(*A Mensageira*, Ano I, n. 3, p. 36-37, 15 de novembro de 1897).

Uma característica que Maria Clara afirma em boa parte de seus trabalhos é a maneira despretensiosa com que escreve. O que nos induz a perceber em seus textos, ou em grande parte deles, uma característica voltada à crítica dita “impressionista”, que era corrente no cenário crítico da época. Em 1898, Maria Clara visita a exposição de pintura do italiano Nicolau Agostino Facchinetti (1824-1900) e de Maria Agnelle Forneiro, que havia sido sua aluna. Podemos notar que Maria Clara, a partir da sua percepção íntima de gosto, aponta o que lhe impressionou positivamente na exposição e destaca a evolução dos trabalhos de Fachinetti. Maria Clara ainda aponta alguns aspectos formais sobre a composição das paisagens, enaltecendo a perspectiva naturalista das composições, como confirma o trecho a seguir:

[...]. Muito bonita está a exposição de pintura de Fachinetti e Maria Forneiro e seus discipulos, na Ladeira da Gloria. Vi muitos

quadros que me impressionaram agradavelmente. O atelier é muito bem montado, ha muita luz, muito espaço e sobretudo bellisimos panoramas desta incomparavel Guanabara. O Snr. Fachinetti é um velho que faz progressos. Sua maneira de pintar de hoje é muito melhor e mais agradavel do que a de outros tempos em que a sua demasiada minuciosidade prejudicava muito a seus quadros. Uma vista de Theresopolis “Efeito de manhã” é um attestado de seu progresso. As sombras são muito bem projectadas e ha uma alegria communicativa e franca que faz bem a alma. Para nós, acostumados ás magnificencias deste ceu de anil e ás perspectivas tão grandiosas quanto encantadoras desta natureza exhuberante e rica, o quadro a que me refiro é um estudo consciencioso da nossa terra. Sente-se que aquellas arvores, aquella luz, aquella ceu são nossos, são do Brasil.

Ha ainda muitos quadros de valor, que eu não menciono por falta de espaço.

A “Praia de Icarahy”, vista em uma noite de luar, forma um grande quadro muito harmonico e bonito. D. Maria Forneiro é irmã de Domicio da Gama e com seu irmão possui muito talento e amor pelas artes.

Termino esta ligeira e despretenciosa noticia enviando um punhado de flores á D. Maria Forneiro, Snr. Fachinetti e seus talentosos alumnos.

(*A Mensageira*, ano. I, n. 8, p. 116-117, 30 de janeiro de 1898).

Outra crítica muito interessante de Maria Clara, que merece nossa atenção, também datada de 1898, foi referente à *Exposição de Arte retrospectiva*, elaborada pelo Centro Artístico. Observemos que nessa crítica Maria Clara vai demasiadamente além de uma crítica puramente impressionista sobre alguma obra ou artista, ela expressa uma espécie de inconformidade com a atribuição superficial de julgamento de qualidade de uma obra a partir do *status quo* do artista, variando de acordo com o fato de o executor já possuir ou não reconhecimento, sem colocar em primeiro plano propriamente a apreciação e/ou análise da obra em si. A crítica trouxe exemplarmente um caso que presenciou nessa exposição, um juízo dirigido a um quadro do artista francês Étienne-Prosper Berne-Bellecour (1838-1910), que diz o seguinte:

[...]. Outro dia, na Exposição de Arte retrospectiva, brilhantemente organizada pelo Centro Artístico, contemplava, absorta, um quadro lindissimo.

Era o interior de uma sala de luxo, repleta de formosos objectos de arte. Extraordinaria composição em que se encontravam em harmonioso conjuncto, a riqueza do colorido, a luz vibrante e forte de um dia primaveril, o rigor tecnico dos detalhes e sobretudo a elegancia e naturalidade das figuras. Ao fundo do quadro havia uma janella ampla, francamente aberta e ao longe, muito ao longe viam-se, desenhados com a rigorosa precisão da perspectiva, arvores e arbustos que projectavam no chão deliciosa sombra. Ao contemplar o

formoso quadro, esqueci-me de consultar ao catalogo o nome do auctor.

Apreciava-o incondicionalmente, como se aprecia o que é bello, o que é digno, que é elevado. De repente resoaram a meus ouvidos palavras ásperas de censura ao quadro. Alguem dizia, bem alto, que nenhum valor encontrava na tela que me enfeitiçava cada vez mais.

D'ahi a pouco, o mesmo critico, reconheceu o festejado nome do auctor do quadro e diz entre assustado e arrependido: Ah! é de Berne-Bellecour, não tinha reparado, é esse um pintor emerito, seus quadros têm grande cotação, etc.

Volto á Exposição, dias depois, e que havia de encontrar? O mesmo critico, embevecido, absorto quasi, a contemplar a tela que dias antes tanto o erritára. E mais surprehendida fiquei quando o vi, em phrases repletas de enthusiasmo, chamar a attenção de um amigo e descrever um por um os detalhes completos do quadro que realmente só o encantou depois de reconhecida a assignatura do pintor.

Ha muito tempo que me preocupa o coração a dolorosa verdade que o Padre Antonio Vieira, ha tantos annos disse, nesta phrase suggestiva: Não basta que as cousas que se dizem sejam grandes, se quem as diz não é grande.

(*A Mensageira*, ano I, n. 21, p. 321-323, 15 agosto de 1898).

Não podemos deixar de comentar a crítica que Maria Clara dedicou ao seu professor Adolpho Malevolti⁶¹. Assim como vimos no capítulo dedicado à educação artística das mulheres, que uma maneira alternativa muito utilizada pelas que desejavam estudar artes eram os ateliês particulares, assim o fez também Maria Clara. A artista participou de cinco exposições no Salão Nacional de Belas Artes do Rio de Janeiro. É possível observar nos catálogos dessas exposições, que compreendem os anos de 1897 a 1901, que logo abaixo do nome de Maria Clara da Cunha Santos, estava presente o nome de seu mestre, situação habitual para o período. É importante mencionar também que a produção pictórica de Maria Clara se perdeu ao longo da história. Ao analisar nos catálogos, as obras que ali estão registradas e levando em consideração os gêneros abrangentes na produção das mulheres da época, é possível supor que Maria Clara se dedicou à pintura de paisagem e à natureza-morta. Entre as dezessete obras citadas, destacamos: *Um lado da minha casa* (1897), *Caminho do arvoredo* (1898), *Cathaléa em copo d'agua* (1899), *Fructas do Brazil* (1900) e *A tarde, paisagem mineira* (1901).

⁶¹ Adolpho Malevolti nasceu em Florença, Itália, foi discípulo de Paulo de Nicolau Cianfanelli Marquez, Comendador Paulo Feroni e Comendador Arquitecto Emilio de Fabris. Foi premiado com a 3ª medalha de ouro na Exposição Geral de 1895. Fonte: Exposição geral de Bellas-Artes. Rio de Janeiro, 1897. Catálogo.

Na crítica que Maria Clara discorreu sobre Malevolti, com tom encomiástico, ela esclarece a sua relação próxima com o mestre artista, como podemos observar no excerto do texto extraído da coluna de crônica *Cartas do Rio*:

O distinto pintor Sr. Adolpho Malevolti, faz actualmente bella exposição de pintura, em vasto salão de uma casa, á rua dos Arcos.

Ha ali vinte e seis telas completas, perfeitas, irreprehensivelmente desenhadas. Em todos os generos trabalha o illustre pintor que tanto honra e engrandece a sua arte. Os premios diversos que o Sr. Malevolti tem conquistado em varios paizes onde tem apresentado seus trabalhos, são prova eloquente de seu merito real. Aqui mesmo, no Rio de Janeiro, já recebeu o Snr. Malevolti uma medalha de ouro, em uma Exposição da Escola Nacional. Eu não posso falar do illustre mestre tudo o que devia sobre o seu merecimento, sou suspeita. Desde creança tenho me afeiçoado de tal forma a todos os meus professores, que no fim de algum tempo em cada um delles conto um amigo. Está explicada, pois, minha suspeição. Com o Sr. Malevolti tenho aprendido tudo o que sei em pintura – é verdade que muito pouco, mas a culpa, neste caso, não é do professor, garanto.

Ha quadros, nessa exposição, que impressionam poderosamente ao visitante. Não posso, pelo pequeno espaço desta carta, tratar minuciosamente de todos elles. Recommendo entretanto, as appetitosas “Uvas brancas” tão transparentes e verdadeiras; as “Carambolas maduras” de encantadora belleza; aquellas “Arvores antigas” tão nossas, tão brasileiras; o bello “Efeito de sol” e a “Praia da Saudade”, quadro que deixa a alma do espectador repassada de doce melancolia. Um punhado de rosas sobre a venerada cabeça do distinto filho de Florença que tanto engrandece a nossa patria, que elle considera sua pelo muito que a ama.

(*A Mensageira*, ano. I, n. 22, p. 350-352, 30 de agosto de 1898).

A última crítica que iremos trazer a conhecimento foi realizada por ocasião da sexta Exposição Geral de Belas Artes do Rio de Janeiro. Retomando a questão da presença feminina sufocada no campo das artes plásticas, Maria Clara apresenta o assunto no decorrer de seu texto, ressaltando a importância da participação das mulheres nos salões e comenta que nesta exposição estavam presentes quatorze expositoras; ressaltamos que entre elas participava a própria Maria Clara. Contudo, a crítica é dedicada predominantemente ao artista Almeida Junior. Notemos também que, no final do seu discurso, ela recupera a questão do julgamento de valor das obras de arte por parte dos críticos, assinalando a importância de uma crítica sensata e verdadeira. Observemos suas palavras:

Esplendida e verdadeiramente admiravel está a sexta exposição geral da Escola de Bellas Artes. Ha ali trabalhos de mestres,

trabalhos valiosíssimos que attestam o alto merito de alguns artistas nacionaes.

Como sempre Almeida Junior apresenta quadros de muito folego e de subito valor artistico. Sua technica é admiravel, seu desenho impecavel, seu colorido verdadeiro.

E sobretudo isso ha em todas as suas telas muita poesia.

Os nossos caipiras são os seus modelos preferidos. Aprecio immenso essa manifestação de patriotismo do insigne pintor paulista.

Não poderei, pela escassez de espaço desta revista, fallar, como desejava, detalhadamente da Exposição e de todos os que á ella concorreram.

Noto, com prazer, que o movimento feminista tem progredido muito em questões de arte.

N'esta actual exposição apparecem treze expositoras na secção de pintura e uma esculptora de grande merito.

Já é consoladôra essa tentativa, esse desejo que as nossas patricias mostram trabalhando e procurando se elevar.

Ha muitos quadros de pouco valor no salão da escola, e alguns então de todo sem valor, mas em compensação ha telas que por si só, valem uma exposição inteira.

“Saudades” de Almeida Junior está nesses casos. É um quadro de grandes proporções e tudo ali está tratado com carinho e com arte.

O modelo, disse-me o pintor, era uma viuva de dois mezes, uma pobre rapariga succumbida quasi pela dor da eterna separação do amado esposo.

A viuva contempla um retrato – o dele certamente – e está com a alma esmagada pelo soffrimento. Que poesia e que ternura nos olhos tristes d'aquella pobre mulher! Em segundo plano vê-se o album donde foi destacado o retrato e uma canastra de couro semiaberta.

A viuva recosta-se a um vão da parede rustica de seu casebre. A luz que entra francamente pela janella illumina todo o quadro e destaca a cabeça sympathica e o rosto tristonho da jovem martyr.

“Mendiga” é outro quadro do mesmo auctor, de muita verdade e muita belleza.

Minha querida amiga Julia Lopes de Almeida, que no dia do *Vernissage* admirava os quadros, logo que contemplou o de n.º 10 reconheceu na “Mendiga” uma velha devota, uma pobresinha muito conhecida em S. Paulo, que ia todos os dias á sua porta pedir esmola. Os olhos de minha amiga ficaram lacrimosos de commoção e era visivel a sua alegria ao encarar a admiravel tela que como astro de primeira grandeza illumina todo o salão.

O “Violeiro” é um typo bem estudado do caipira preguiçoso e indolente. A viola quasi que cæe das mãos e os olhos do violeiro revelam a lethargia de sua alma que secontenta com um viver quasi vegetativo. A mulher que canta ao som da viola está admiravel de naturalidade.

É um primor esse quadro.

Que direi de “Importuno”, um dos melhores quadros do illustre pintor paulista?

Devo calar-me, não posso, como já disse, alongar-me demasiado.

Em resumo, a Exposição de 99 é muito bôa, impressiona agradavelmente o visitante.

A proposito de quadros e de criticos andam a brigar por ahi, pintores e amadores.

Que tolice! Eu entendo que o valôr de um objecto de arte não é destruido pelas palavras dos senhores criticos que são muitas vezes incompetentes na materia, assim como uma obra sem valor artistico não fica valendo mais, porque meia duzia de amigos escrevem e publicam elogios immerecidos.

O brilhante é sempre brilhante, quer esteja adornando a frente de uma millionaria, quer esteja na lama a mais immunda...

E o que não tem valor proprio não perdura, cáe por si...

A critica sensata e verdadeira é um beneficio; a outra... a que é feita por desaffectedos ou por amigos intimos, não vale dois caracões.

(*A Mensageira*, ano. II, n. 32, p. 155-158, 15 de setembro de 1899).

A contribuição de Maria Clara para o campo da crítica de arte é significativa, como pudemos notar através dos exemplos apresentados. Ressaltamos que, assim como diversos críticos, em sua quase totalidade homens, conhecidos no campo artístico nacional, como Gonzaga Duque, mencionado anteriormente, Maria Clara também conviveu e participou ativamente das exposições, dos salões e dos acontecimentos da época, nos deixando, desse modo, informações ricas que podem vir a colaborar de modo relevante com a construção da História da Crítica nacional e, também, com a Historiografia da Arte brasileira.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os estudos destinados à vasta produção de Maria Clara da Cunha Santos ainda são tímidos. Apontamos no decorrer desse trabalho, por exemplo, a tese de Maria Alciene Neves que foi dedicada ao estudo específico das crônicas de Maria Clara, intitulada *Os brilhantes brutos de Maria Clara da Cunha Santos*, na área de teoria literária. Porém, salvo esta tese, no decorrer da pesquisa foi possível perceber que a escritora é mencionada vez por outra, de modo muito acanhado, em alguns estudos na área das letras e também na área da comunicação, existindo, então, uma lacuna no campo das artes.

Essa pesquisa foi motivada, principalmente, pelo ensejo de dar visibilidade à produção crítica de Maria Clara no campo historiográfico das artes, tendo em vista a singularidade da produção de uma mulher voltada para a crítica de arte no período estudado. Concomitante a essa questão, existe também a ideia de fomentar uma discussão sobre a necessidade eminente de um novo olhar para a História da Arte oficial, que rompa com a história silenciada de muitas mulheres e que reflita sobre os posicionamentos sociais tão responsáveis por essa invisibilidade coletiva imposta a elas.

Foi na tentativa de compreender e achar algumas respostas, ou ao menos possíveis respostas para algumas das indagações que surgiram ao longo da graduação, como mencionei no início deste trabalho, tais como saber quais eram as mulheres que estavam produzindo antes do modernismo, o que estavam produzindo, como estavam produzindo, qual o contexto social em que essas artistas estavam inseridas, que mergulhamos no estudo teórico, amparado por historiadoras da arte (e áreas afins) feministas.

Ao traçar esse breve panorama sobre a condição da mulher no campo artístico, foi possível compreendermos a total influência das definições sociais que limitam o pensamento intelectual da mulher numa sociedade patriarcal. O interessante estudo de Marián Cao demonstrou como estamos todos nós – homens e mulheres – condicionados a essas imposições sociais. Elas estão inseridas de forma tão internalizadas que agimos totalmente condicionados pelas questões de gênero sem, muitas vezes, ao menos nos darmos conta disso – e acredito que este seja um grande problema.

Tais condicionantes de gênero limitam as mulheres a quaisquer atividades que não sejam as domésticas. Isso pode ser percebido em praticamente todas as áreas e não seria diferente no campo artístico. Um exemplo disso é a educação artística tardia, limitada e repleta de obstáculos, destinada às mulheres, tal como vimos ocorrer tanto na França como no Brasil. Essa eterna luta travada pelas mulheres - artistas, historiadoras, críticas -, que perdura até os dias atuais, revela uma “falha” institucional, como menciona Linda Nochlin em seu texto *Por que não houve grandes mulheres artistas?*

[...] a questão da igualdade das mulheres, na arte ou em qualquer outro campo, não recai sobre a relativa benevolência ou a má intenção de certos homens, ou sobre a autoconfiança ou ‘natureza desprezível’ de certas mulheres, mas sim na natureza de nossas estruturas institucionais e na visão de realidade que estas impõem sobre os seres humanos que a integram. (NOCHLIN, 2016, p. 12)

Se ainda hoje as mulheres continuam a enfrentar as barreiras sociais numa sociedade que se diz muitas vezes “tão evoluída”, podemos constatar quão laborioso e hostil era o ambiente institucional do entresséculos para as mulheres que rompiam com as amarras do lar e optavam por alguma área do conhecimento. Foi justamente com a intenção de descobrir quem eram essas mulheres que produziam no final do século XIX no Brasil, buscando-as nas fontes primárias, principalmente nos jornais da época, que encontramos Maria Clara da Cunha Santos, uma mulher interdisciplinar, que optou não por uma área, mas produziu em diversos campos como a literatura, as artes, a música e a imprensa.

Porém, no presente estudo detivemos nossa atenção para a produção crítica de Maria Clara, voltada para o campo das artes. Tendo em conta a excepcionalidade que era uma mulher escrever sobre arte no período pesquisado e devido, também, à inviabilidade de estudo sobre a sua produção artística, mediante, até então, ao desaparecimento dos quadros produzidos por ela e apresentados em cinco salões gerais de Belas Artes do Rio de Janeiro.

Entretanto, até o momento, constatamos que os escritos críticos de arte de Maria Clara foram produzidos especificamente dentro da coluna de crônicas *Cartas do Rio* publicados na revista *A Mensageira*, de 1897 a 1900. Comento isso, pois acredito que seja um dado interessante a ser analisado. Pois Maria Clara colaborou com um número muito significativo de jornais na época, porém a maior parte de suas

publicações nesses jornais consistia em contos e poesias, talvez por serem gêneros mais facilmente aceitos ao serem escritos por mulheres. Todavia, como as pesquisas sobre ela são tímidas e recentes, como já foi comentado anteriormente, não podemos afirmar, de forma alguma, que Maria Clara não teve comentários críticos sobre arte publicados em outros periódicos, mas a constatação até então é de que essas publicações foram feitas exclusivamente na coluna de crônicas para *A Mensageira*.

Outra questão interessante a se pensar é a inclusão desses comentários críticos em uma coluna de crônicas. Digo isso, considerando alguns pontos: o primeiro deles é referente à condição das escritoras dentro do sistema da época e o segundo é sobre a hierarquização dentro dos gêneros literários.

Pudemos perceber no decorrer da pesquisa a hostilidade enfrentada por Maria Clara e suas contemporâneas através das críticas destinadas às suas produções. Um exemplo disso foi a crítica publicada no jornal *Mercantil*, em 1890, sobre o livro lançado em parceria com Presciliana Duarte, *Pyrilampos...* Nessa crítica percebemos claramente o ataque não à qualidade literária, mas sim à qualidade enquanto uma produção feminina. Porém, nem todas as críticas são hostis, muito pelo contrário, percebemos que em sua maioria elas não atacam de forma direta como o fez o *Mercantil* ou de forma mais velada como o fez Alberto Sousa para *O Archivo Illustrado* em 1902, mas são repletas de estereótipos que ao mesmo tempo que “elogiam” - como “encantadora”, “delicada”, “simples”, entre outros -, enfatizam que a produção é feminina, portanto, um passatempo muitas vezes bem executado.

Sobre a hierarquização dos gêneros literários, assunto que não abordamos diretamente, mas que vale ressaltar para a conclusão desse raciocínio, Maria Alciene Neves comenta em sua pesquisa que a crônica representava um gênero menor da literatura com a função de “Falar da vida ao rés do chão” (NEVES, 2009, p. 49). Inclusive, Maria Clara em uma de suas correspondências comentou sobre o gênero:

É o caso de se prometer um premio – e bom premio – ao chronista que conseguir durante uma quinzena como esta – só de festas e de alegrias – escrever duas linhas que não sejam discriptivas dos festejos esplendurosos e dizer duas palavras que não se refiram á festa, que tudo absorve.

Aos jornaes diarios, exclusivamente, devia caber a tarefa de relatar, por miúdo, as festas e os festejos.

Aos escriptores que escrevem chronicas bem podia se poupar esse trabalho, aliás inútil. Mas como? Si elles proprios são os primeiros

são os primeiros a não poderem se libertar dessa influencia! (*A Mensageira*, ano II, n. 30, p. 119-120, 15 de agosto de 1899)

De forma geral, penso que talvez a opção de Maria Clara por inserir críticas de artes em uma coluna de crônicas possa ter sido uma forma de passar “despercebida” em um sistema ainda opressor ao pensamento e, principalmente, ao posicionamento feminino. Por outro lado, a insistência de Maria Clara no caráter despretensioso de sua própria escrita, como vimos por exemplo no seu texto em agradecimento ao convite de Presciliana Duarte para colaborar na revista *A Mensageira*, em 15 de outubro de 1897, talvez fosse uma forma de minimizar o enfrentamento do seu próprio “Anjo do Lar”.

ANEXO A – Catálogo da Exposição Geral de Belas Arte de 1897



4 EXPOSIÇÃO GERAL.

Alina Teixeira (Mlle.) — Discípula de Aurelio de Figueiredo. Rua das Laranjeiras n. 6. (Premiada na Exposição Geral de 1895 com a menção).

7 Pão d'assucar.
8 Mantilha.
9 Casa pobre (Friburgo).
10 Bebida fidalga.
11 Para a Oração.
12 O Caramujo.

Almeida Junior (José Ferraz de) — Nasceu na Cidade de S. Paulo (Brasil) discípulo de Victor Meirelles e Cabanel. — Rua da Glória n. 62 na mesma Cidade.

13 Caçando.
14 Ponte da Tabatinguera.
15 Tanque velho.

Amoêdo (Rodolpho) — Nasceu no Rio de Janeiro. Vice-Director da Escola Nacional de Bellas-Artes, discípulo de Alexandre Cabanel e P. Chavannes. Rua Marquês de Santos.

16 Retrato de Mme. L. V.
17 Tarde de Maio.
18 Retrato de Mlle. N. C.

DE BELLAS-ARTES 5

19 Reconhação (aquarella).
20 Cabeça de cabrito (aquarella).
21 Estudo.

Armando Affonso de Oliveira. — Nasceu em Christina (E. de Minas-Geraes). Rua das Cabeças (Ouro Preto).

22 Fundo de casa.
23 Paisagem.
24 Chacara do Velloso (casa onde nasceu o Sr. Visconde de Ouro Preto).
25 Fundo do quintal.

Beatriz Ferro Cardoso de Miranda (D.) — Nasceu em Bruxellas (Belgica). Discípula de Amedee e Bourzon. Travessa do Pischy n. 6, proxima a rua de Sauto.

26 Retrato (miniatura a oleo sobre porcelana).

Bernardelli (Felice) — (Premiado com a 3ª medalha na Exposição Geral de 1894).

27 Pagina (aquarella).

Bernardelli (Henrique).— Professor da Escola Nacional de Bellas-Artes.

- 28 *Angustia.*
 29 *Vestal.*
 30 *Helôisa.*
 31 *Retrato.*
 32 *Ocio.*
 33 *Leito do Rio Soberbo* (Barreira de Theresopolis).
 34 *Fazenda Roma* (Pombal).
 35 *Paisagem* (Barreira de Theresopolis).
 36 *Choça abandonada.*
 37 *Retrato.*
 38 *Retrato.*
 39 *Retrato.*
 40 *Retrato.*
 41 *Ocio.*
 42 *Martyr.*
 43 *Monologo.*
 44 *Santa Maria.*

Brocos (Modesto) Actualmente na Europa.
 — Premiado com a 4ª medalha de ouro na Exposição Geral de 1895.

- 45 *Retrato.*
 46 *Retrato.*

Benjamin Parlagreco.— Artista Italiano.
 rua Conde de Sapanhy n. 36.

- 47 *A seguir para a roça.*
 48 *A roda do moinho.*
 49 *A missa cantada.*
 50 *Brioso doente.*
 51 *Vaquinha.*
 52 *Margens do Rio Santo Antonio.*
 53 *Casa rustica.*
 54 *Retrato.*
 55 *Retrato.*

Casimiro Tomba.— Artista italiano (Roma).

- 56 *Margarida.*

Delpino (Alberto).— Discipulo da extinta Academia das Bellas-Artes, Rua Visconde de Sapanhy n. 228. (Premiado com a menção na Exposição Geral de 1895).

- 57 *Retrato da Erma. Sra. D. M. C. Delpino.*
 58 *Retrato do Sr. J. Paizão* (autor das *Adelfas*)
 59 *Cidade Tiradentes.*

Diana Cid (D.)—Paris, 5 bis, rua Baré.—Premiada com a 3ª medalha de ouro na Exposição Geral de 1894.

- 60 *Estudo de nu.*
 61 *Retrato.*
 62 *Retrato.*

Ernesto Papf.

- 63 *Flôres.*

Freitas (Augusto Luiz de).— Alumno da Escola Nacional de Bellas-Artes.

- 64 *Jacobina* (estudo).

Gustavo dall'Ara.— Artista italiano.

- 65 *Casbre na Mangueira* (propriedade do Sr. Bellarmine Carneiro).
 66 *Rua do Rosario no Arruaal* (propriedade do mesmo senhor).

Lopes Rodrigues (Virgilio).— Nasceu em Pernambuco, discipulo de Francisco Garcia de Santa Orla. Rua do Conde de Irajá n. 19 (Botafogo).

- 67 *Carreta Trajano em Copacabana.*

Luiz da Silva Ribeiro Filho.— Nasceu no Rio de Janeiro. Rua Alice n. 19 (Laranjeiras).

- 68 *Vista do Corcovado.*
 69 *Entrada da Barra.*

Maria Clara da Cunha Santos (D.)— Nasceu no Brazil. Discipula de Adolpho Malacelli.

- 70 *Um lado da minha casa.*
 71 *Fructas do Brazil.*
 72 *Meu gabinete.*

Mary Manso Sayão (Mlle.)— Nasceu no Rio de Janeiro. Discipula de Rodolpho Amoêdo, rua Senador Vergueiro n. 31.

- 73 *Vocação precoce.*
 74 *Retrato do Sr. Dr. Manso Sayão.*
 75 *Cabeça* (estudo).

Marques Guimarães (*Joaquim Augusto*). — Nasceu na cidade do Porto. Discipulo de João Corrêa Soares dos Reis. — Premiado com a 2ª medalha de ouro na Exposição Geral de 1893.

- 76 *Benedicto* (cabeça de criança).
 77 *Rio Umbaú* (Fazenda da Limeira, Estado de S. Paulo).
 78 *Copo d'agua*.

Oscar Pereira da Silva. — Nasceu no Rio de Janeiro, Rua Barão de Iguape n. 8 A (Estado de S. Paulo). — Premiado com a 2ª medalha de ouro na Exposição Geral de 1894.

- 79 *Petite Jardinière*.
 80 *Cabeça de expressão*.

Stefano Cavallaro. — Artista italiano.

- 81 *Fructas do Brazil*.

Souza Pinto (*José Julio de*). — Nasceu em Angra do Heroísmo (Ilha Terceira). — Premiado com a 2ª medalha de ouro na Exposição Geral de 1894.

- 82 *Paisagem e animaes na Bretanha* (propriedade de um distincto amador).

Telles Junior (*Jeronymo J. de*). — Nasceu em Pernambuco (Brazil).

- 83 *Paisagem em Pernambuco* (propriedade do Sr. Bellarmino Carneiro).
 84 *Paisagem em Pernambuco* (propriedade do mesmo senhor).

Secção de Esculptura

Bernardelli (*Rodolpho*). — Discipulo de Chaves Pinheiro.

- 85 *Retrato* (modelo em gesso para bronze).

Secção de gravura de medallas e pedras preciosas

Girardet (*Augusto*). Nasceu em Roma. Discipulo do Giorgio Girardet, Professor da Escola Nacional de Bellas-Artes.

- 86 *Primeiras beijas* (agatha).
 87 *Pintura* (agatha).
 88 *Esculapio* (agatha).
 89 *Retrato de M^{me} A. A.*
 90 *Retrato de Senhorita*.

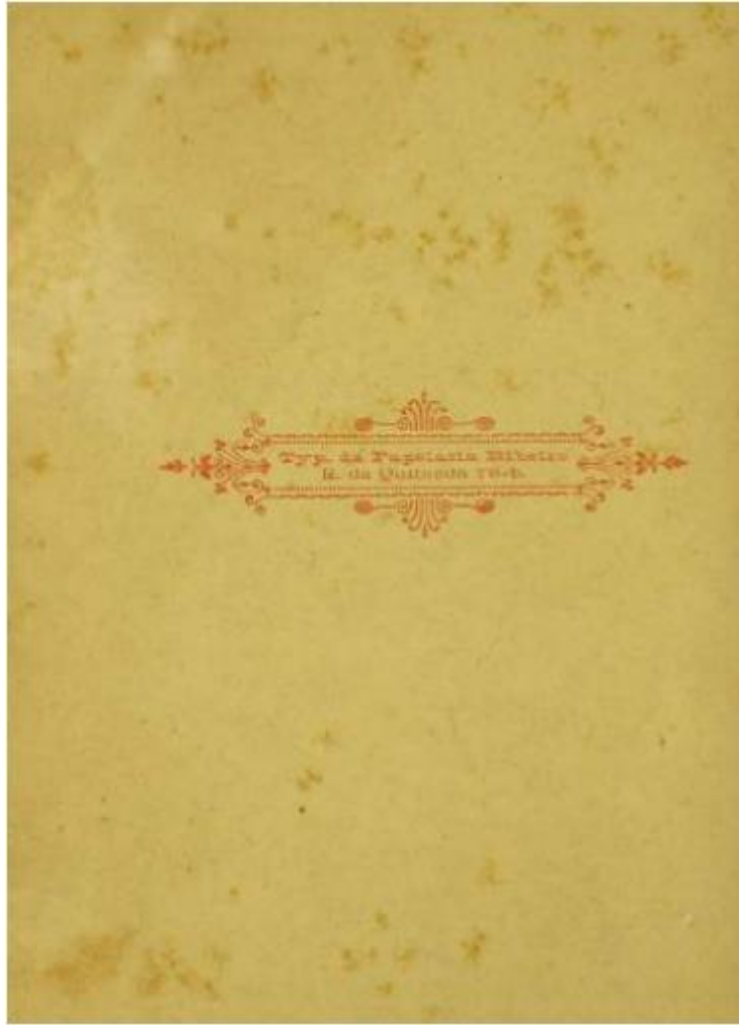
- 91 *Iracema*.
 92 *Cey* (topasio).
 93 *Retrato* (concha).
 94 *Retrato* (aço).
 95 *Retrato de criança* (gesso).
 96 *Retrato de menino* (gesso).
 97 *Retrato do filho do Sr. Dr. R. Octavio*.
 98 *José de Alencar* (medalha em gesso).
 99 *Retrato dos filhinhos do Sr. A. Pereira* (gesso).
 100 *Retrato*.
 101 *Retrato de M^{me} A. P.*

Desenhos a crayon

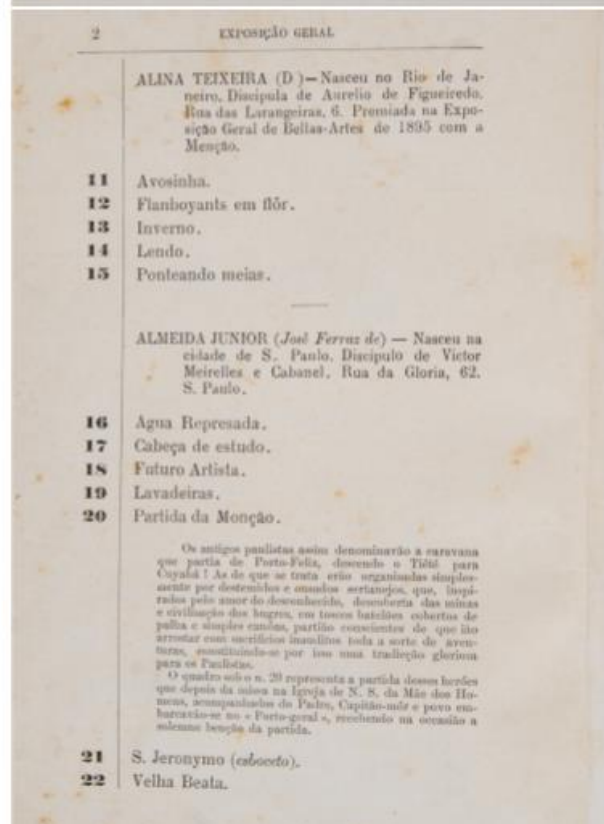
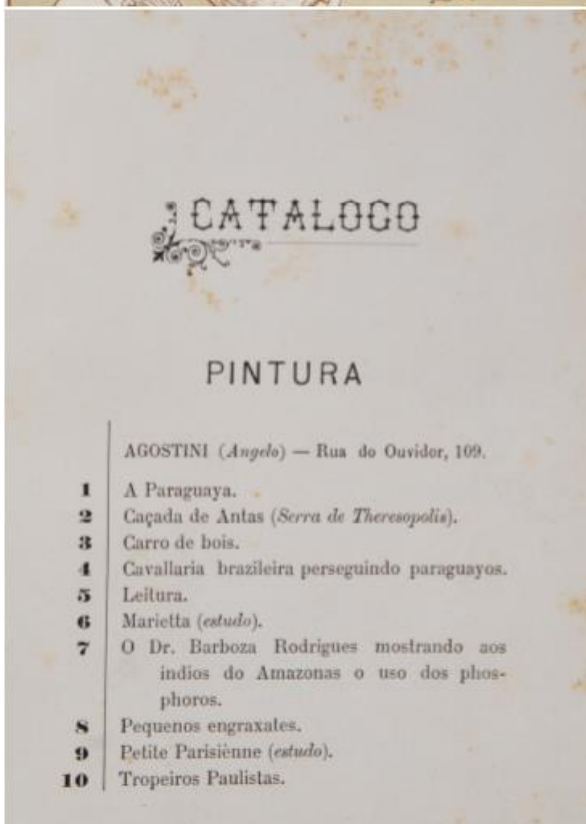
Cesar Machari. — Professor, Senador e artista italiano.

- 102 *Estudo feito para os afrescos da Cathedral de Genova*. (Roma).

Notas



ANEXO B – Catálogo da Exposição Geral de Belas Arte de 1898



AMOEDO (*Rodolpho*)—Nasceu no Rio de Janeiro, Vice-Director e Professor de pintura da Escola Nacional de Bellas Artes. Discipulo de Alexandre Cabanel e Puvle de Chavannes. Rua Marquês de Santos, 2.

- 23 Faceirinha.
24 Fim de intriga.
25 Retrato do pintor Aurelio de Figueiredo.

ARMANDO AFFONSO DE AZEVEDO MENDONÇA—Nasceu no Estado de Minas-Geraes. Reside actualmente em Ouro Preto. E' seu representante o Ilm. Sr. Miguel Figueiredo, Cascadura

- 26 Crepusculo.
27 Fundos da casa de Bernardo Guimarães.
28 Tarde.
29 Tarde depois da chuva.
30 Tarde de verão.

AURELIO DE FIGUEIREDO (*Francisco*)—Nasceu na Parahyba do Norte. Rua Barão de Capangema, 1.

- 31 Paisagem brasileira.
32 Sol da Tarde.

BALLIESTER (*Carlos*)—Nasceu no Rio de Janeiro. Discipulo de Auguste Petit. Rua Martins Ferreira, 21. Botafogo.

- 33 Ao sahir da Lua.
34 Efeito da Manhã (*marinha*).
35 Marinha.

BERNARDELLI (*Liz*). Premiado com a 3ª Medalha de ouro na Exposição Geral de Bellas-Artes de 1894. E' seu representante Henrique Bernardelli.

- 61 A Cancela do Sítio.
62 Aguas mortas.
63 A rua principal do povoado.
64 Lago de Chapala.
65 O filho de meu filho.
66 O Rancho.
67 Pescando.

BOLATO (*Pedra*)—Nasceu em Montevideo (*Uruguay*). Naturalizado Brasileiro. Discipulo de Aurelio de Figueiredo. Rua de Sant'Anna, 33.

- 68 A casa do cão.
69 Atelier do Sr. Aurelio de Figueiredo.
70 Bocca do Matto (*estudo de paisagem*).
71 Cancela.
72 Fructas.
73 Fructas.
74 Estudo de natureza morta.
75 Estudo de natureza morta.
76 Marinha (*Praia do Russel*).
77 Morro da Providencia.
78 O Portão.
79 Paisagem (*Morro do Senado*).
80 Quintal.
81 Rancho.
82 Rua do Alcantara.
83 Tronco de Jaqueira.

- 36 O Almirante Barroso ancorado na bahia do Rio de Janeiro.
37 O pôr do Sol (*marinha*).

BERNARDELLI (*Henrique*) — Professor de pintura da Escola Nacional de Bellas-Artes.

- 38 Auto-retrato.
39 Baccho, tabacco e Venere (*aquarella*).
40 Beala.
41 Bom tempo.
42 Calhambola.
43 Caminho da Senzala.
44 Ceu em cumulus.
45 Em Ouro Preto.
46 Em pleno sol.
47 Euchente do Parahyba.
48 Esteada.
49 Estudo.
50 Fundão.
51 Garôa.
52 Margens do Parahyba.
53 O Dedo de Deus.
54 Prenuncio de tempestade.
55 Retrato de Mme. M...
56 Retrato de Rodolpho Bernardelli.
57 Retrato do Major Suckow (*propriedade do Jockey-Club*).
58 Rio Paquequer.
59 Solidão.
60 Tempo encoberto.

BROCOS (*Modesto*) — Ex-professor de modelivo da Escola Nacional de Bellas-Artes. Premiado com a 1ª Medalha de ouro da Exposição Geral de Bellas-Artes. Actualmente na Europa.

- 84 Aquarella (*propriedade do Sr. Arthur Azevedo*).
85 Retrato.
86 Saudade.

CALIXTO (*Benedicto*) — Nasceu em Santos, Estado de S. Paulo.

- 87 Vista panoramica de Santos.

CHAMBELLAND (*Rodolpho*) — Nasceu no Rio de Janeiro. Discipulo de Rodolpho Bernardelli, Weingartner e Belmiro de Almeida.

- 88 Retrato do Dr. Julio de Castilhos (*a crayon*).
89 Retrato do maestro Leopoldo Miguez (*idem*).

CORINA GRANJO (D.) Brasileira — Discipula de Benno Treidler. Rua Primeiro de Março, 64 B.

- 90 Retrato (*a crayon*).
91 Retrato (*idca*).

CUNHA VASCO (D. Anna da) — Nasceu no Rio de Janeiro. Discipula de Benno Treidler. Rua 1ª de Março, 99.

- 92 Amendoeira (*aquarella*).
93 Arvore (*aquarella*).
94 Bananeiras (*aquarella*).

- 95 Caminho das Paineiras (*aquarella*).
 96 Canto do jardim (*aquarella*).
 97 Casa do vizinho (*aquarella*).
 98 Escada da Horta (*aquarella*).
 99 Ladeira dos Guararapes (*aquarella*).
 100 Manhã de Inverno. Sylvestre (*aquarella*).
 101 O mirante do vizinho (*aquarella*).
 102 O Portão (*aquarella*).
 103 Rua das Mangueiras (*aquarella*).
 104 Rua das Mangueiras (*aquarella*).
 —
 GUNHA VASCO (*D. Maria da*) Nasceu no Rio de Janeiro. Discipula de Benno Treidler. Rua Primeiro de Março, 99.
 105 Bananeiras (*aquarella*).
 106 Bananeiras (*aquarella*).
 107 Cajueiros (*aquarella*).
 108 Canto do jardim (*aquarella*).
 109 Ladeira dos Guararapes (*aquarella*).
 110 Ladeira dos Guararapes (*aquarella*).
 111 Ladeira dos Guararapes (*aquarella*).
 112 Latada (*aquarella*).
 113 Mangueiras (*aquarella*).
 114 Manhã no Sylvestre (*aquarella*).
 115 O Caminho das Paineiras (*aquarella*).
 116 Rua das Mangueiras (*aquarella*).
 —
 DE AGOSTINI (*Chrlas Alberto*) — Brasileiro. Alumno da Escola Nacional de Bellas Artes, discipulo de Rodolpho Amoedo.
 117 Laranjas.

- 131 Occaso (*Morro da Providencia*).
 132 Praia dos Lazaros (*Mangue*).
 —
 EDMÉE CRULS (*D.*) — Nasceu no Rio de Janeiro. Discipula de Benno Treidler.
 133 Barra do Rio de Janeiro.
 134 Efeito de neblina.
 135 Estudo de flores.
 —
 FRANCISCA EMILIA DE CAMPOS (*D.*) — Alumna da Escola Nacional de Bellas-Artes, dis-
 pupa de Rodolpho Amoedo.
 136 Natureza morta.
 —
 FREITAS (*Augusto Luiz de*) — Alumno da Escola Nacional de Bellas-Artes, discipulo de Henrique Bernardelli.
 137 In Deo speravi.
 —
 INSLEY PACHECO (*Joaquim*) — Nasceu em Portugal. Discipulo de F. Renato Moreaux e Carlos Lind. Medalhas de prata da antiga Academia. Rua dos Ourives, 38.
 138 Aurora na bahia do Rio.
 139 Cascata no Andaraby.
 140 Caminho de S. Roque.
 141 Copacabana.
 142 Copacabana.
 143 Gouache.
 144 Gouache.
 145 Gouache.

- DELLA GATTA (*A.*) — Nasceu em Roma. Alumno da Academia de Roma e mais tarde discipulo de Villegas. E' seu representante a Exma. Sra. D. Anna Porto-Alegre.
 118 Ponte-Velha. Florença (*aquarella*).
 119 Spiate d'amore (*aquarella*).
 —
 DELPHIM DA CAMARA — Nasceu no Rio de Janeiro. Discipulo de José Corrêa Lima. Rua Frei Caneca, 98. Premiado na Exposição Geral de Bellas-Artes de 1895 com a 3ª Medalha.
 120 Retrato.
 —
 DELPINO (*Alberto*) — Alumno da antiga Academia. Premiado na Exposição Geral de Bellas-Artes de 1895 com a Menção.
 121 Arraial Velho (*Sabarã*).
 122 Ceramica (*Barbaena*).
 123 Desenhando.
 124 Hospital dos Lazaros.
 125 Retrato do Nimio (*pastel*).
 —
 DORNELLES (*Octavio*) — Nasceu no Rio Grande do Sul. Discipulo de Modesto Brocos e Belmiro de Almeida. Rua do Lavradio, 17.
 126 Cascadura (*panorama*).
 127 Estabulos em Cascadura.
 128 Interior de casa em Cascadura.
 129 Morro da Viuva.
 130 Muro em ruínas (*Morro da Costella*).

- 146 Gouache.
 147 Gouache.
 148 Fantasia (*gouache*).
 149 Ilapoa.
 150 Morro do Inglez.
 151 Paisagem (*gouache*).
 152 Paquetá.
 153 Paquetá.
 154 Paquetá.
 155 Paquetá.
 156 Paquetá.
 157 Paquetá.
 158 Paquetá.
 159 Pastel.
 160 Quadro com 11 paisagens (*gouaches*).
 161 Rio visto de Paquetá.
 162 Serra de Theresopolis.
 163 Sertão do Ceará (*gouache*).
 164 Sertão do Ceará (*gouache*).
 —
 LATOUR (*Eugenio*) — Nasceu no Brazil. Alumno da Escola Nacional de Bellas-Artes, discipulo de Henrique Bernardelli.
 165 Lavadeiras (*aquarella*).
 166 Paisagem. Bello Horizonte (*aquarella*).

- LAVALLE (*Felix Cordiglia*) — Nasceu em Mendoza (Republica Argentina.) Discipulo de Marti. Rua Bambina, 66, Av. Almeida, 7.
- 167** Au clair de la lune...
- MAGEDO (*João*) — Nasceu na cidade da Fortaleza (Ceará.) Alumno da Escola Nacional de Bellas-Artes, discipulo de Henrique Bernardelli.
- 168** A' janella.
169 Paisagem.
170 Retrato.
- MACHADO (*Joaquim Fernandes*) — Nasceu no Rio de Janeiro. Alumno da Escola Nacional de Bellas-Artes, discipulo de Henrique Bernardelli. Rua do Senador Dantas, 34, sobrado.
- 171** Escada Velha (*Capri*).
172 Fauno.
173 Ilha de Capri (*Efeito do Sol*).
174 Ilha de Fernando de Noronha.
175 Marinha.
- MADRUGA FILHO (*Manoel Pereira*) — Nasceu em Theresopolis. Discipulo da antiga Academia de Bellas-Artes. Actualmente em Paris. E' seu representante o Sr. Manoel Pereira Madruga.
- 176** Borboletas maliciosas.
177 Paisagem (*exposto no Salon de Paris*).
178 Raios de Sol.
179 Retrato do Ministro Regis de Oliveira.

- PARLAGRECCO (*B.*) — Artista italiano. Rua do Conde de Baependy, 36.
- 194** Cabeça (*pastel*).
195 Carmen (*pastel*).
- PETIT (*Auguste*) — Artista francez domiciliado no Rio de Janeiro ha muitos annos. Discipulo de Eugene Delacroix. Menção honrosa em 1882 e Medalha de prata em 1884. Rua do Rozario, 123.
- 196** A' votre santé.
197 Fructas.
198 Jeune Arabe.
199 Jeune Arabe.
200 La prière.
201 Le cœur s'éveille.
202 Le fumeur.
203 Marreca.
204 Passaros.
205 Praia das Flexas (*paisagem*).
206 Praia de Icarahy.
207 Por do sol.
208 Retrato do Sr. Charles Morel.
209 Reverie.
- PORTO ALEGRE (*D. Anna*) — Brasileira. Discipula de Pedro Americo e Giovanni Fattori.
- 210** Cantineira (*aquarella*).
211 Joven Romano (*aquarella*).
212 Na Adega (*aquarella*).
213 Tambor-mór (*aquarella*).

- 180** Sous bois.
181 Vieux Saules (*exposto no Salon de Paris*).
- MARIA CLARA DA CUNHA SANTOS (*D.*) — Nasceu no Brazil. Discipula de Adolpho Malevelli. Rua do Conde do Bomfim, 12-A.
- 182** Caminho no arvoredos.
183 Margens do Tieté.
184 Trecho de paisagem.
- MARY MANSO SAYÃO (*D.*) — Nasceu no Rio de Janeiro. Discipula de Rodolpho Amoedo. Rua Senador Vergueiro, 31.
- 185** Canto de toucador.
186 Flor do campo.
187 Melodia.
188 Natureza morta.
189 Retrato da autora.
190 Tête-à-tête.
- OSCAR PEREIRA DA SILVA — Nasceu no Rio de Janeiro. Rua Barão de Iguape, 8-A. (S. Paulo) Premiado com a 2ª Medalha de ouro na Exposição Geral de Bellas-Artes de 1894.
- 191** Passatempo.
192 Sansão e Dalila (*caboceto*).
193 Uvas.

- PRATI (*Romualdo*) — Artista italiano domiciliado no Rio Grande do Sul. E' seu representante o Dr. Raul Pederneras.
- 214** Olha !!
- RIBEIRO (*Luiz*) — Nasceu no Rio de Janeiro. Alumno da antiga Academia de Bellas-Artes, discipulo de Victor Meirelles e João Zeferino. Menções honrosas e Medalhas de ouro de desenho da antiga Academia.
- 215** Bananas.
216 Doces (*pastel*).
217 Flores.
218 Jaqueiras (*paisagem*).
219 Legumes.
220 Milhos.
221 Paisagem.
222 Paisagem.
223 Peixes.
- RIBEIRO FILHO (*Luiz da Silva*) — Nasceu no Rio de Janeiro. Rua Alice, 19. Laranjeiras.
- 224** Almirante Barrozo em alto mar.
225 Alto da Serra (*Petropolis*).
226 Caminho do tunnel da rua Alice.
227 Cascatinha. Estrada da Saudade.
228 Palatinado.
- ROSALVO SIMÕES — Nasceu no Rio de Janeiro. Discipulo de Cornon e Pavis de Chavannes. Rua de Santa Christina, 11.
- 229** Retrato de Mlle. N. S.
230 Retrato de Mlle. F. F.

SANTORO (*Rosalbino*)—Italiano, domiciliado no Estado de S. Paulo.

231 Vida na fazenda.

SOUZA PINTO (*João Julio de*)—Nasceu em Angra do Heroísmo, Açores, Portugal. Discipulo de Cabanel. Medalha de 2ª classe da Exposição Universal de Paris de 1889. Medalha de 1ª classe da Exposição Internacional de Nice de 1884. Medalha 1ª da Exposição de Bellas-Artes d'Atlanta. Medalha de 2ª classe da Exposição Geral de Bellas-Artes do Rio de Janeiro de 1894. Medalha de Honra da Exposição do Centenario de Vasco da Gama em Lisboa de 1898. Cavalleiro de Santiago de Portugal. Cavalleiro da Legion d'Honneur. Representado em varios Museos de França, no de Montecarlo e no de Melbourne. Fg. St. Honoré, 235. Paris.

232 Cavallos.

233 Le Cabaret.

234 En Prairie.

STECKEL (*Frederico Antonio*)—Nasceu na Alemanha, naturalizado brasileiro. Hotel Nacional, Rio de Janeiro.

235 Ao pôr do sol. Capella do Rozario. Vista do lado do sul. Bello-Horizonte.

236 Morro da Estação. Bello-Horizonte.

237 No alto da avenida Garandahy em Bello-Horizonte.

TREIDLEN (*Benno*)—Nasceu na Alemanha. Discipulo da Academia de Berlin e alumno de Christian Wilberg. 2º e 1º Premios da Academia de Berlin e Medalha da Exposição Geral de Bellas-Artes.

238 Efeito de neblina. Sylvestre (*aguarella*).

239 Mangueiras (*aguarella*).

240 Morro da Gloria. Manhã (*aguarella*).

241 Praia-Vermelha. S. Domingos (*aguarella*).

VILLAÇA (*C.*)—Paraense.

242 Retrato do maestro Francisco Braga (*a crayon*).

VISCONTI (*Eliseu d'Angelo*)—Pensionista do Estado na Europa. Discipulo de João Zeferino, Rodolpho Amoedo e Henrique Bernardelli. Premiado com a 2ª Medalha de ouro na Exposição Geral de Bellas-Artes de 1894.

243 Ao longe (*pochade*).

244 Canto do Luxembourg (*pochade*).

245 Da minha janella (*á tarde*).

246 Efeito da manhã (*pochade*).

247 Esperança (*exposto no Salon de 97*).

248 Fatigada (*Ná, tamanho natural*).

249 Modelo em pose.

250 Patinhos.

251 Sahida da vida peccaminosa (*Da Divina Comedia*), esboceto para um grande quadro.

252 Um caminho do *Jardin del Bueno Retiro* (*Madrid*).

253 Um rato de Consolação (*exposto no Salon de 97*).

WEINGARTNER (*Pedro*)—Nasceu em Porto Alegre, Rio Grande do Sul. Ex-professor da Escola Nacional de Bellas-Artes. Actualmente na Europa.

254 Saudades da terra (*propriedade do Sr. Arthur Azevedo*).

ARCHITECTURA

BAHIANA (*Henrique*)—Nasceu em S. Salvador (*Bahia*). Architecto diplomado pela *École Speciale d'Architecture de Paris*. Professor de desenho geometrico, plantas e topographia da Escola Nacional de Bellas-Artes.

255 Ante-projecto de um Hospital de beribericos da Marinha em Theresopolis:

a) plano geral.

b) plano e fachada da administração.

c) plano e fachada de uma enfermaria.

d) plano e fachada de uma enfermaria de isolamento.

e) plano e fachada de um pavilhão para officias.

BERNA (*João Ludovico Maria*)—Brazileiro. Discipulo de Mayeux, Maucheri, Cagnet e Blondel. Ex-pensionista do Estado e actual professor da Escola Nacional de Bellas-Artes. Rua de Santo Amaro, 7.

256 Apparellho de bronze para iluminação electrica, tamanho natural.

- 257** Decoração de janella e tecto no estylo de Luiz XIV.
- 258** Decoração mural no genero denominado japonéz.
- 259** Gabinete de trabalho decorado no estylo de Luiz XIV. (*Pertence ao Sr. C. A. dos Santos*).
- 260** Projecto de edificio para a Bibliotheca Nacional. Composto e desenhado segundo a orientação da arte moderna de construir.
- 261** Projecto de edificio para uma fabrica de tecidos e viagem. (*Pertence a uma firma commercial do Estado de Minas Geraes.*)
- 262** Projecto para o novo edificio do Club Naval. Perspectiva da fachada principal.
- 263** Vitraux decorado no estylo de Luiz XVI.
- 264** Vitraux no genero japonéz.
-
- MORALES DE LOS RIOS (*Adolfo*) — Nasceu em Sevilha (*Espanha*) Engenheiro e Architecto. Premiado com medalhas de bronze e de prata em diversas exposições. Professor da Escola Nacional de Bellas Artes.
- 265** Composição decorativa, estylo renascimento hespanhol para ser executada em cerâmica. (*Casino de San Sebastian—Espanha*).
- 266** Composição de estylo japonéz para ser executada em tapeçaria. (*Cadiz -- Espanha*).

ESCULPTURA

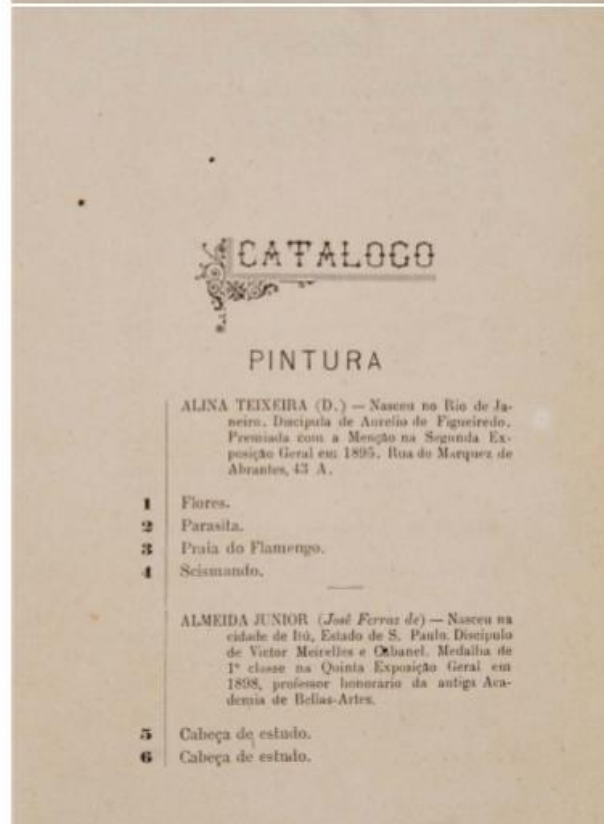
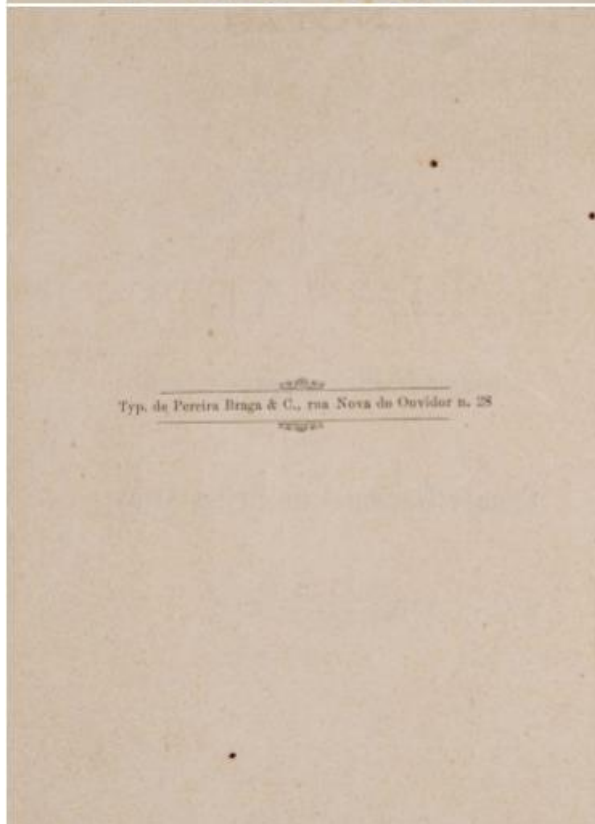
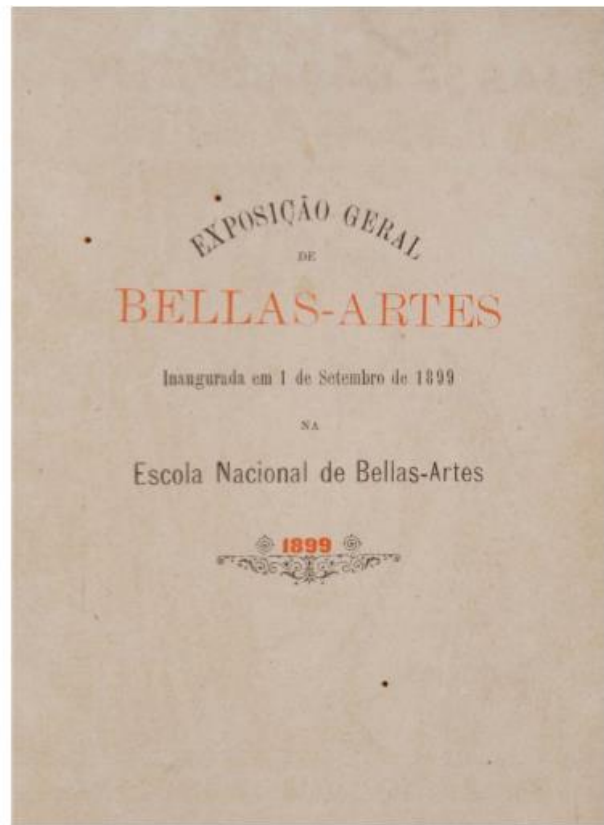
- BERNARDELLI (*Rodolpho*) — Discipulo de Chaves Pinheiro. Director e professor da Escola Nacional de Bellas Artes.
- 267** S. Lucas (*esboceto projectado para a igreja da Cruz dos Militares*).
-
- CORREIA LIMA (*José Octavio*) — Nasceu no Estado do Rio de Janeiro. Alumno da Escola Nacional de Bellas Artes, discipulo de Rodolpho Bernardelli.
- 268** Retrato. (*busto em gesso*).
-
- JULIETA FRANÇA (*D.*) — Nasceu no Estado do Pará: Alumna da Escola Nacional de Bellas Artes, discipula de Rodolpho Bernardelli.
- 269** Retrato (*busto em gesso*).
-
- PEREIRA (*Mansel Joaquim da Silva*) — Nasceu no Estado de Pernambuco. Alumno da Escola Nacional de Bellas Artes, discipulo de Rodolpho Bernardelli.
- 270** Retrato (*busto em gesso*).

Gravura de medalhas e pedras preciosas

- GIRARDET (*Augusto*) — Nasceu em Roma. Discipulo de Giorgio Girardet. Professor da Escola Nacional de Bellas Artes.
- 271** Esboceto de medalha humoristica
- 272** Esboceto para um distinctivo de collegio ou instituto de musica.
- 273** Modelo de medalha (*verso e reverso*) commemorativa da inauguração da Igreja da Candelaria.
- 274** Modelo de medalha (*verso e reverso*) commemorativa de Carlos Gomes.
- 275** Ondinas.
- 276** Retrato (*gravura em agatha*).



ANEXO C – Catálogo da Exposição Geral de Belas Arte de 1899



- 7 Estrada.
8 Importuno.
9 Mamão.
10 Mendiga.
11 Pic-Nic.
12 Saudades.
13 Violeiro.

ALTEN (*D. Mathilde*) — Nasceu na Alemanha. Rua dos Voluntários da Pátria, 144 B. Casa IV.

- 14 Ruínas do Convento dos Benedictinos. Paulinzella, Thuringen em Alemanha, construído no século XII.

AMOEDO (*Rodolpho*) — Nasceu no Rio de Janeiro. Professor de pintura e Vice-director da Escola Nacional de Bellas-Artes. Discipulo de Alexandre Cabanel e Puris de Chavaunes.

- 15 Festão de magnolias, estudo (*tempera envernizada*).
16 Retrato do Dr. S. R. (*tempera envernizada*).

ANESIA DE SOUZA (*D.*) — Nasceu em S. Paulo. Discipula de Almeida Junior. Largo Sete de Setembro, 7. S. Paulo.

- 17 Laranjas.
18 Limões.

BAPTISTA DA COSTA (*João*) — Nasceu no Rio de Janeiro. Professor do Instituto Profissional, discipulo de Rodolpho Amoedo. Obteve na Primeira Exposição Geral em 1894 o Premio de Viagem.

- 31 A Predilecta.
32 Casa de Pescadores (*Capri*).
33 Estrada d'Anacapri (*Capri*).
34 Flores campestres (*Capri*).
35 Lac des Minimes.
36 Lago das Fadas (*Petropolis*).
37 Monte Solaro (*Capri*).
38 Suresnes. Começo de Outomno.

BOLATO (*Pedro*) — Nasceu em Montevidéo, naturalizado Brasileiro. Ex-discipulo de Aurelio de Figueiredo e alumno da Escola Nacional de Bellas-Artes, da aula do professor Rodolpho Amoedo. Rua de Sant'Anna, 33.

- 39 Cajús.
40 Da janella do meu quarto.
41 Maçãs.
42 Morro de S. Carlos.
43 Villa Guarany.

CHAMBELLAND (*Rodolpho*) — Nasceu no Rio de Janeiro. Discipulo de Weingartner, Rodolpho Bernardelli e Belmiro de Almeida. Rua do Senador Dantas, 54.

- 44 Retrato de Paulo Chambelland (*a crayon*).

ARMANDO AFFONSO DE AZEVEDO MENDONÇA — Nasceu no Estado de Minas-Geraes. É seu representante o Ilm. Sr. Othton Mendonça.

- 19 Manha.
20 Poente.

ARRUDA (*D. M. E.*) — Nasceu em S. Paulo. Discipulo de Almeida Junior. Rua da Aurora, 104. S. Paulo.

- 21 Abacaxi.
22 Toucador Servido.

AURELIO DE FIGUEIREDO (*Francisco*) — Nasceu na Paratyba do Norte. Rua Barão de Capanea, 1.

- 23 Decorando a lição.
24 Doce perfume.
25 Ilha Fiscal.
26 Paisagem Mineira (*arredores da Cuzumbá*).
27 Quaresmas em flor.
28 Rapsodia das ondas.
29 Tarde Serena.

BALLIESTER (*Carlos*) — Nasceu no Rio de Janeiro. Discipulo de Augusto Peitt. Rua Martins Ferreira, 21. Botafogo.

- 30 O Almirante Barrozo em alto mar.

COOK (*Benjamin*) — Nasceu no Brazil.

- 45 Igrejinha da Copacabana.
46 Uma casa na Copacabana.

CUNHA VASCO (*D. Anna da*) — Nasceu no Rio de Janeiro. Discipula de Benno Treidler. Premiada com a Menção na Quinta Exposição Geral em 1898. Ladeira dos Guararapes, 9. Silvestre.

- 47 Morro da Marthia. Silvestre (*aguarella*).
48 Paisagem. Silvestre (*aguarella*).
49 Tarde de Junho. Silvestre (*aguarella*).
50 Tronco de Mangueira (*aguarella*).
51 Uma rua da chacara (*aguarella*).
52 Um atalho da chacara (*aguarella*).

CUNHA VASCO (*D. Maria da*) — Nasceu no Rio de Janeiro. Discipula de Benno Treidler. Premiada com a Menção na Quinta Exposição Geral em 1898. Ladeira dos Guararapes, 9. Silvestre.

- 53 Mangueiras (*aguarella*).
54 Paisagem. Silvestre (*aguarella*).
55 Tarde de Junho (*aguarella*).
56 Tronco de Mangueira (*aguarella*).
57 Uma rua da chacara (*aguarella*).

- DELPINO (*Aberto*) — Alumno da antiga Academia. Premiado com a Menção na Segunda Exposição Geral em 1895.
- 58** Candieiro (*costumes mineiros*) *panel.*
- 59** Lagoa Santa — Minas — onde residiu e falleceu o naturalista dinamarquez Lund.
- 60** Paisagem da Fazenda do Dr. Coult. (*Borboena*).
- 61** Paisagem. (*Ouro-Preto*).
- 62** Santa-Luzia do Rio das Velhas, logar onde foram baldos os revolucionarios de 1842. (*Minas*).
- 63** Tomates.
- FRANCISCA EMILIA DE CAMPOS (D.) — Alumna da Escola Nacional de Bellas-Artes, discipula de Rodolpho Amoedo.
- 64** Fructas.
- 65** Laranjas.
- 66** Paisagem.
- 67** Retrato.
- FREDERICO (*Raphael*) — Ex-pensionista da Escola Nacional de Bellas-Artes.
- 68** Concerto ao ar livre.
- 69** Interior de Atelier (*Roma*).
- 70** Tentação de Santo Antonio.

- 84** Feira. (*Pertence ao Sr. Mario Alencar*).
- 85** Mulheres do Mar do Norte.
- 86** Primavera.
- 87** Scena do Tyrol.
- LATOUR (*Eugenio*) — Nasceu no Brazil. Alumno da Escola Nacional de Bellas-Artes, discipulo de Henrique Bernardelli.
- 88** Ao voltar da horta.
- 89** Paisagem.
- MACEDO (*João Moreira de*) — Nasceu na cidade da Fortaleza (Ceara). Alumno da Escola Nacional de Bellas-Artes, discipulo de Henrique Bernardelli.
- 90** Gravador.
- 91** Retrato.
- MACHADO (*Joaquim Fernandes*) — Nasceu no Rio de Janeiro. Alumno da Escola Nacional de Bellas-Artes, discipulo dos professores Amoedo e Henrique Bernardelli.
- 92** Depois do peccado.
- 93** Desembarque dos Portuguezes em 1^o de Maio de 1500 (*caboclo*).
- 94** Flores Campestres.
- 95** Lago Verde.
- MARIA AGNELLE FORNEIRO (D.) — Nasceu na Ponta Negra, municipio de Maricá. Discipula de Nicolau Facchinetti. Ladeira da Gloria, 15.
- 96** A Lagoa de Rodrigo de Freitas, vista da cha-

- HEITOR COSTA — Nasceu no Estado do Rio. Alumno da Escola Nacional de Bellas-Artes, discipulo de Henrique Bernardelli.
- 71** Paisagem.
- 72** Saudades.
- HELENA VAZ PEREIRA DE VIVEIROS (D.) — Nasceu no Maranhão. Discipula de Adolpho Malevoli. Rua Malvino Reis, 91.
- 73** A Serpente Aquatica (*Norte do Brazil*).
- 74** Lagoa Tury-Assú (*Maranhão*).
- 75** Trecho da Bocaina (*Fazenda dos Pyrenóas*).
- JACINTHO ALVES DA SILVA — Nasceu no Rio de Janeiro. Alumno da antiga Academia das Bellas-Artes, foi discipulo de João Maximiano Mafra e Agostinho José da Motta. Rua Antonio de Padua, 13. Riachuelo.
- 76** Fructas do Brazil.
- 77** Fructas do Brazil.
- 78** Fructas do Brazil.
- 79** Fructas do Brazil.
- JOÃO RIBEIRO — Da Academia de Letras.
- 80** Berço Vasio. Inspirada de uma poesia das Canções do Outomno.
- 81** Campagna Lombarda.
- 82** Chacara da rua do Progresso. Santa Thereza. (*Pertence ao Sr. F. de Sampaio*).
- 83** Estudo.

- cara do Dr. Alfredo Valdetaro (*effeito da manhã*).
- 97** Os dous irmãos, do terraço do Hotel das Palmeiras (*de manhã*).
- 98** Um canto do jardim do Dr. Francisco Martins Esteves, na Gloria (*manhã*).
- 99** Um trecho da nossa rua (*effeito da manhã*).
- 100** Um trecho da rua do Russell, visto do jardim do Dr. Esteves.
- MARIA CLARA DA CUNHA SANTOS (D.) — Nasceu no Brazil. Discipula de Adolpho Malevoli. Rua do Conde de Bomfim, 12. A.
- 101** Calhalça em copo d'agua.
- 102** Laranja e Manga.
- 103** Mangueiral.
- 104** Minha Fructeira.
- MARIA EMILIA DE CAMPOS (D.) — Alumna da Escola Nacional de Bellas-Artes, discipula de Rodolpho Amoedo.
- 105** Retrato.
- 106** Retrato da autora.
- MATTOS (*J. de*) — Nasceu em Campinas, Estado de S. Paulo. Discipulo de Almeida Junior. Rua da Gloria, 74. S. Paulo.
- 107** Cabeça de estudo.
- 108** Cebolas.

- NILO DE PAULA — Nasceu em Campinas, Estado de S. Paulo, Discipulo de Almeida Junior, Rua da Gloria, 74. S. Paulo.
- 109** Cabeça de estudo.
- 110** Ultimo prato.
- NORFINI (*Alfredo*) — Nasceu em Florença, Discipulo do pintor Norfini, seu pae. Domiciliado ha annos em S. Paulo, Rua Campos Salles, 48. S. Paulo. E' seu representante o Sr. professor Ludovico Berna.
- 111** Amarrando.
- 112** Senza titolo.
- PARLAGRECCO (B.) — Artista italiano. Premiado com a Medalha de 3ª classe na Quinta Exposição Geral em 1898, Rua do Conde de Bapendy, 36.
- 113** Alger.
- 114** De Volta.
- 115** O Parahyba.
- 116** Paisagem.
- 117** Poço do Imperador (*paisagem*).
- 118** Rua Nassau. (*Petropolis*).
- 119** Vacca e bezerro.
- PETIT (*Auguste*) — Artista francez domiciliado no Rio de Janeiro ha muitos annos. Discipulo de Eugène Nestle. Menção honrosa em 1882. Medalha de prata em 1884 e Medalha de 3ª classe na Quinta Exposição Geral em 1898.
- 120** Fructas.
- 121** Fructas.
- 122** Fructas.

- 143** Fructas do Brazil. (*Ameixas amarellas*).
- 144** Fructas do Brazil. (*Ameixas do Pará*).
- 145** Fructas do Brazil. (*Jamboes*).
- 146** Fructas do Brazil. (*Melancia*).
- 147** Vista da Igreja de N. S. da Penha de Irajá.
- SERVI (*Carlo De*) — Italiano, estudou em Roma. Domiciliado em S. Paulo ha 3 annos. Rua de S. Bento, 93. S. Paulo.
- 148** Caboclo (*Estudo de cabeça*).
- 149** Estudo de natureza morta.
- 150** Luciola. *Julius MARTIN*
- 151** Retrato do Sr. Julio-Martins
(O primeiro de 1873, estudo de cabeça em SP)
- TEIXEIRA DA ROCHA — Nasceu no Estado das Alagoas. Alumno da antiga Academia. Medalhas de ouro de pintura e de desenho da antiga Academia. Rua Petropolis, 13. Santa-Thereza.
- 152** Cajueiro. (*Paisagem de Villa-Izabel*).
- 153** Cesta com cajús.
- 154** Chacarra da Casa de S. José.
- 155** Estudo de desenho a penna.
- 156** Faceirice.
- 157** Horta da Casa de S. José.
- 158** Interior com retratos.
- 159** Lei 29 de Setembro. (*Esboço para decoraçáo*).
- 160** Occaso.
- 161** Paisagem de Santa Thereza.
- 162** Paisagem.

- 123** Fructas.
- 124** Fructas.
- 125** Fructas.
- 126** Fructas.
- 127** Hortaliça.
- 128** Hortaliça.
- 129** Paisagem.
- 130** Retrato de Mlle. M. G.
- 131** Um apreciador.
- RIBEIRO FILHO (*Luiz da Silva*) — Nasceu no Rio de Janeiro. Premiado com a Menção na Quinta Exposição Geral em 1898. Rua Alice, 19. Laranjeiras.
- 132** Adamastor.
- 133** Almirante Tamandaré.
- 134** Benjamin Constant em cruzeiro.
- 135** Crepusculo.
- 136** Iowa.
- 137** Navios allemães.
- 138** Palafinado. (*Petropolis*).
- 139** Primeiro de Março em cruzeiro.
- 140** Prolet e Benjamin Constant (*Luar*).
- 141** Segunda Divisão (*Luar*).
- SANTOS PEDROSO (*José Braz dos*) — Nasceu no Rio de Janeiro. Alumno da antiga Academia de Bellas-Artes, foi discipulo de Agostinho José da Motta. E' seu representante o Commendador Jacintho Alves da Silva, Rua Antonio de Padua, 13. Riachuelo.

- 163** Paisagem de Santa-Thereza. (*Rua Occidental*).
- 164** Paisagem de Villa-Izabel.
- 165** Pedras na Copacabana.
- 166** Relgato do Sr. Rodrigues Cortes.
- 167** Rua Occidental. (*Santa-Thereza*).
- 168** Trecho da aula de desenho dos menores do Arsenal de Guerra.
- 169** Trecho da Chacarra da Casa de S. José.
- 170** Trecho da Horta da Casa de S. José.
- 171** Trecho da rua Petropolis. (*Santa-Thereza*).
- 172** Trecho de Villa-Izabel.
- TREIDLER. (*Berns*) — Nasceu em Berlim. Discipulo de Christiano Wilberg. Premiado com a Medalha de 2ª classe na Primeira Exposição Geral em 1894.
- 173** Allegoria (*aguarella*).
- VAZ (*D. B.*) — Nasceu em Sorocaba, Estado de S. Paulo. Discipulo de Almeida Junior. Rua Vieira de Carvalho, 14. S. Paulo.
- 174** Begonia.
- 175** Ovos com farinha.

ARCHITECTURA

BERNA (*João Ludovico Maria*) — Brasileiro. Ex-pensionista do Estado e actual professor da Escola Nacional de Bellas-Artes. Discipulo de Bittencourt da Silva, Mayeux Cugnet e Blondel. Medalhas de ouro da antiga Academia. Premiado com a Medalha de 2ª classe da primeira Exposição Geral em 1894.

- 176** Altar-mór do Sagrado Coração de Jesus da rua Benjamin Constant. (*Esquissos do projecto*).
- a) fachada principal do altar.
b) planta baixa.
- 177** Construção á rua Evoneas.
- 178** Estudo de decoração de uma janella estylo Luiz XVI (*aquarella*).
- 179** Estudo de decoração de um vestibulo, estylo Luiz XI. (*Sepia*).
- 180** Residência em Campinas. (*Estado de S. Paulo*).
- 181** Theatro. Fachada principal. (*Esquissos do projecto*).

ESCULPTURA

CORREIA LIMA (*José Octavio*) — Nasceu no Estado do Rio de Janeiro. Alumno da Escola Nacional de Bellas-Artes, discipulo de Rodolpho Bernardelli.

- 182** O Remorso (*estátua em gesso*).

NICOLINA VAZ DE ASSIS (D.) — Nasceu em São Paulo. Alumna da Escola Nacional de Bellas-Artes, discipula de Rodolpho Bernardelli.

- 183** Busto do almirante Saldanha da Gama.
- 184** Cabeça de menina.

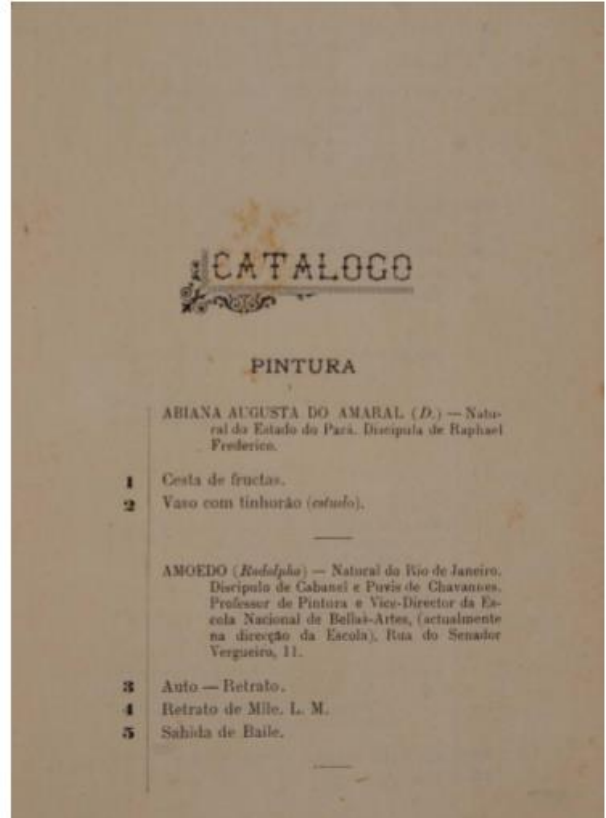
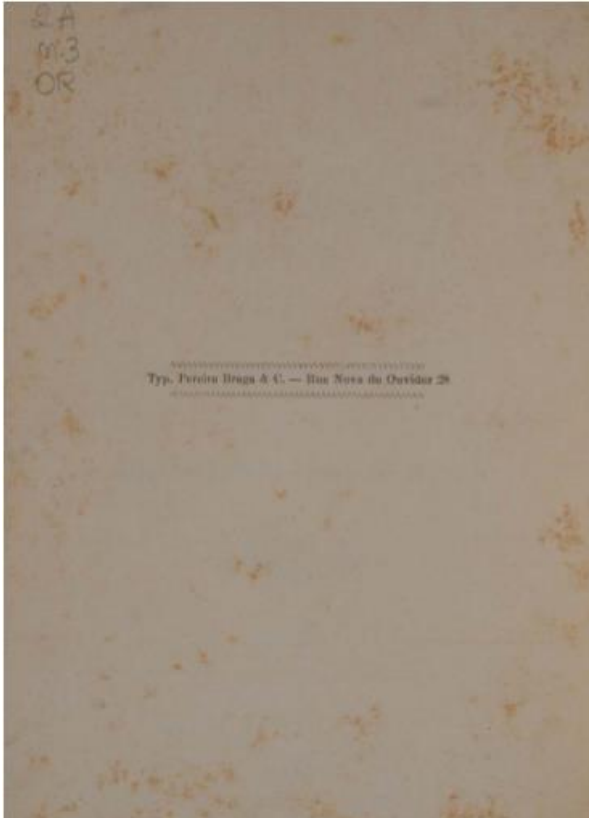
Gravura de medalhas e pedras preciosas

GIRARDET (*Augusto*) — Nasceu em Roma. Discipulo de Giorgio Girardet. Professor da Escola Nacional de Bellas-Artes.

- 185** Ondinas. (*Gravura em agatha encastada de diamantes*).
- 186** Distinctivo para instituto de musica (*gravura em aço*).
- 187** Retrato de menina (*gesso*).
- 188** Retrato de senhora (*gesso*).



ANEXO D – Catálogo da Exposição Geral de Belas Arte de 1900



- BAPTISTA DA COSTA (Jodo) — Natural do Rio de Janeiro. Discipulo de Rodolpho Amoedo. Professor do Instituto Profissional. Obteve na Primeira Exposição Geral (1894) o Premio de Viagem. Rua Sete de Setembro, 140, 2º andar.
- 6** Bons dias em Bomjardim.
7 Manhã em Santa Barbara.
8 Pecegos de Santa Barbara.
9 Um Transe Doloroso.
10 Um Trecho do Rio Grande (*Bomjardim*).
-
- BELMIRO DE ALMEIDA — Natural do Estado de Minas-Geraes. Alumno da antiga Academia de Bellas-Artes e ex-professor da Escola Nacional de Bellas-Artes. Premiado com a Medalha de 2ª classe na Primeira Exposição Geral (1894).
- 11** Retrato de Mile. Abigail Seabra.
-
- BOLATO (Pedro) — Natural de Montevidéo, naturalizado Brasileiro. Alumno da Escola Nacional de Bellas-Artes.
- 12** Lavanderia.
13 Paisagem (*Rua Monte Alegre*).
-
- BRAZILINA BRAZILICA DE BARROS VAZ (D.) — Natural de Sorocaba, S. Paulo. Discipula de Almeida Junior. Rua Dr. Vieira de Carvalho, 14, S. Paulo.
- 14** Cesta com bananas, mangas e romãs.
15 Cesta de ameixas.

- 34** Pecegos (*pastel*).
35 Soliões.
36 Uma Curva do Rio.
-
- CARDOSO (Alberto) — Natural da Capital Federal. Discipulo de Hilário Teixeira, Arthur Ferreira e outros. Rua Lucido do Lago, 15, Meyer.
- 37** Retrato do poeta americano Longfellow.
-
- CARMEN CORREIA (D.) — Natural da Capital Federal. Discipula de Raphael Frederico.
- 38** Canto do Quintal.
39 Estudo de Flores.
40 Melancia.
-
- COOK (Benjamin) — Natural do Brazil.
- 41** Paisagem em Copacabana.
-
- CORREIA e CASTRO (A. E.) — Natural do Rio de Janeiro. Discipulo de Geuz, Ferrario e Hanoteau. Travessa de S. Salvador, 18.
- 42** Fundo de Casa.
43 O açude (*paisagem*).
44 Orchidea (*cathalea crispata*).
45 Orchideas e Begonias.
46 O Quintal (*paisagem*).

- 16** Preparativos para o doce.
17 Tachinho.
18 Talhada de Melancia.

—

BROGOS (Modesto) — Natural da Hespanha. Ex-professor de desenho de modelo-vivo da Escola Nacional de Bellas-Artes. Premiado com a Medalha de 1ª classe na Segunda Exposição Geral (1896).

- 19** A Figueira.
20 A Mangueira.
21 A Paineira.
22 Estado de Capresa.
23 O hode preto (*bona de Diamantina*).
24 Retrato.

—

CANTANHEDA (Alvaro de) — Natural da Capital Federal. Bacharel em sciencias juridicas e socias pela Faculdade de Direito de S. Paulo. Professor da Gymnasio Fluminense, Petropolis. E seu representante o tabellito Cantanheda Junior. Rua do Rosario, 79.

- 25** A Ponte.
26 Bananas (*pastel*).
27 Cabeça de estudo (*pastel*).
28 Cajús maduros (*pastel*).
29 Caminho do morro.
30 Canto do jardim.
31 Flor de Maio (*pastel*).
32 Manhã de Abril.
33 O Terreiro.

- 47** Paisagem.
48 Paisagem (*fumaça*).
49 Paisagem (*fumaça*).
50 Paisagem (S. Francisco Xavier).
51 Pedreira de S. Francisco Xavier.
52 Trecho da Tijuca.
53 Trecho de casa.

—

CUNHA VASCO (D. Anna da) — Natural do Rio de Janeiro. Discipula de Benno Treidler. Premiada com a Menção na Quinta Exposição Geral (1898). Ladeira dos Guararapes, 9, Silvestre.

- 54** Latada (*aguarella*).
55 Na Estação do Silvestre. Estrada de Ferro do Corcovado (*aguarella*).
56 Estudo (*aguarella*).
57 Estudo (*aguarella*).
58 Paisagem (*aguarella*).

—

CUNHA VASCO (D. Maria da) — Natural do Rio de Janeiro. Discipula de Benno Treidler. Premiada com a Menção na Quinta Exposição Geral (1898). Ladeira dos Guararapes, 9, Silvestre.

- 59** Corcovado. Da estação do Silvestre (*aguarella*).
60 Estudo (*aguarella*).
61 Estudo (*aguarella*).
62 Paisagem, Silvestre (*aguarella*).
63 Portão da Chacara (*aguarella*).

- DELPINO (*Alberto*) — Natural do Rio de Janeiro. Alumno da antiga Academia de Bellas-Artes. Premiado com a Menção na Segunda Exposição Geral (1895).
- 64** Cruz das Almas. Fazenda de Augusto A. de A. Lima. Barbacena.
- 65** Leiteiro (*Costume Mineiro*).
- 66** Retrato da Exma. Sra. H. C. de L. D.
- 67** *Zéze* (*pastel*).
- DINORAH MEIRELLES (*D.*) — Natural do Estado de S. Paulo. Discipula de Marques Guimarães, Guaratinguetá.
- 68** Retrato do Ilm. Sr. Antonio de Meirelles Freire.
- EDITH LEFEBRE (*D.*) — Natural do Estado do Rio Grande do Sul. Discipula de Raphael Frederico.
- 69** Vista tirada do morro do Mundo Novo.
- FACCHINETTI (*Nicolò*) — Natural de Treviso, Italia. Ladeira da Gloria, 15.
- 70** Phenomeno Vegetal.
- Reprodução fiel, pintada do natural, deste phenomeno ceitado por Martins na Flora Brasiliens; que por longo tempo foi admirado na rua Hadlock Lobo, conhecida. Tanto a figura brava como o coqueiro morreram em 1880.
- (N. do A.)

- FRANCISCA EMILIA DE CAMPOS (*D.*) — Natural do Estado de Mato Grosso. Alumna da Escola Nacional de Bellas-Artes.
- 71** Abacaxis.
- 72** Paisagem.
- FREDERICO (*Raphael*) — Natural do Rio de Janeiro. Ex-pensionista da Escola Nacional de Bellas-Artes. Rua do Coronel Cabrita, 16.
- 73** Agua na parreira.
- 74** Antes do ensaio.
- 75** Mamão.
- 76** Rondô em lá maior.
- 77** Scena de interior.
- GENY FROES (*D.*) — Natural do Rio de Janeiro. Rua do Visconde da Gavea, 40.
- 78** Primeiros estudos.
- 79** Primeiros estudos.
- 80** Primeiros estudos.
- 81** Primeiros estudos.
- GEORGINA AZUREM FURTADO (*D.*) — Natural do Estado de S. Paulo, Discipula de Mile. Martha Hennig. Praia do Flamengo, 38.
- 82** Natureza Morta.

- GRAZIELA JORDÃO BASTOS (*D.*) — Natural da Capital Federal. Discipula de Raphael Frederico.
- 83** Vista tirada do morro do Mundo Novo.
- HEITOR COSTA — Natural do Estado do Rio de Janeiro. Ex-alumno da Escola Nacional de Bellas-Artes.
- 84** Mendiga.
- 85** Trecho de rio (*Paisagem*).
- HELENA VAZ PEREIRA DE VIVEIROS (*D.*) — Natural do Maranhão. Discipula de Adolpho Malevoli. Rua Malvino Reis, 115.
- 86** Fazenda de Santa Helena, Mendes (*estudo*).
- 87** Fazenda de Santa Helena, Mendes (*estudo*).
- 88** Fructas (*estudo*).
- IRACEMA OROSCO (*D.*) — Natural do Rio de Janeiro. Discipula de José Maria de Medeiros. Rua Souza Franco, 1, Villa Isabel.
- 89** Bananas.
- 90** Entrada.
- 91** Flores.
- 92** Paisagem (*Andarahy-Grande*).
- 93** Retrato.

- JOÃO RIBEIRO — Natural do Estado de Sergipe. Rua Oriente, 8.
- 94** Paisagem.
- 95** Paisagem.
- 96** Paisagem.
- 97** Estudo.
- 98** Estudo.
- 99** Estudo.
- 100** Estudo.
- 101** Estudo.
- 102** Estudo.
- JULIE NAEGELI (*D.*) — Natural da Suissa. Discipula de Witing e Dresden. Rua do General Camara, 63, 2º andar.
- 103** Estudo.
- 104** Estudo.
- 105** Retrato do Dr. Guilherme Naegeli.
- L. A. HUNTER (*D.*) — Natural da Inglaterra. Discipula de Ferrarini, Wagner e Treidler. Praia do Flamengo, 40.
- 106** Architectura Romana.
- 107** Architectura Romana.
- 108** Convento em Capri.
- 109** Mercado Italiano.
- 110** Natureza Morta.
- 111** Rua dos Barqueiros (*Maranhão*).
- 112** Vista da bahia (*Rio*).
- 113** Vista da bahia (*Rio*).
- 114** Vista de Capri.

- LATOUR (*Eugênio*) — Natural do Rio de Janeiro. Alumno da Escola Nacional de Bellas-Artes.
- 115** Flores.
- 116** Paisagem.
- 117** Retrato de Mile, B. L.
-
- MACEDO (*João*) — Natural do Estado do Ceará. Alumno da Escola Nacional de Bellas-Artes. Premiado com a Medalha de 3ª classe na Sexta Exposição Geral (1899).
- 118** Lavadeiras.
- 119** Margens do Sanna.
- 120** Prêce.
-
- MACHADO (*Joaquim Fernandes*) — Natural do Rio de Janeiro. Ex-alumno da Escola Nacional de Bellas-Artes. Premiado com a Menção na Sexta Exposição Geral (1899).
- 121** Cravos.
- 122** Livro de orações.
- 123** Mão Tempo.
- 124** Paisagem.
- 125** Profeta Daniel.
- 126** Rosas.
-
- MALAGUTI (*Heitor*) — Natural da Italia. Rua Faria, 31 B.
- 127** Cabeça (*esquavello*).
- 128** Cabeça de menina (*aleo e esquavello*).
- 129** Estudo de cabeça.

- 146** Serra do Cubatão.
- 147** Trecho de via-ferrea.
-
- MARIA ELISA DE ABRUDA BOTELHO (*D.*) — Natural de S. João de Capivary, S. Paulo. Discipula de Almeida Junior. Premiado com a Menção na Sexta Exposição Geral (1899). Rua Aurora, 104, S. Paulo.
- 148** Cabeça (*estudo*).
- 149** Natureza Morta.
-
- MARHETTA MEIBELLES (*D.*) — Natural do Estado de S. Paulo. Discipula de Marques Guimarães. Guaratinguetá.
- 150** Retrato do Rev. Padre Antonio dos Reis França.
-
- MENGE (*Adolpho Alvisio*) — Natural do Estado do Rio de Janeiro. Ex-alumno da Escola Nacional de Bellas-Artes e de Max Kuebel. Rua do Visconde do Uruguay, 224, S. Domingos.
- 151** Ao pôr do Sol.
- 152** Nas solidões do Paquetaer.
- 153** Scena Rustica.
- 154** Terra! Terra!
- 155** Uma noite em Veneza.

- 130** Lago de Ghiera.
- 131** Maria.
- 132** Morro do Senado (*esquavello*).
- 133** Outomno.
- 134** Retrato de menina.
- 135** Retrato (*esboço a oleo*).
- 136** Scena Milanvza (*Patro de uma Escola Publica*).
-
- MARIA AGNELLE FORNEIRO (*D.*) — Natural do Estado do Rio de Janeiro. Discipula de Nicolau Facchini. Ladeira da Gloria, 15.
- 137** Alto de Theresopolis.
- 138** Alto de Theresopolis (*sumado*).
- 139** Da Varanda de nossa casa. (*Pertence ao Sr. Visconde de Castro Guidão*).
- 140** Hotel Bessa (*Theresopolis*). (*Pertence á Emma, Srta. D. Annita Cardoso*).
- 141** Rio Paquetaer (*Theresopolis*).
- 142** Theresopolis (*Casa de D. Adalberto*). (*Pertence ao Sr. Antonio Lopes Zinha*).
- 143** Theresopolis. (*Pertence ao Sr. Bartholdy*).
-
- MARIA CLARA DA CUNHA SANTOS (*D.*) — Natural do Estado do Rio Grande do Sul. Discipula de Adolpho Malivoiti. Rua do Conde de Bonfim, 12 A.
- 144** Fructas do Brazil.
- 145** Margens do Sapucaby.

- PARLAGRECCO (*B.*) — Natural da Italia. Premiado com a Medalha de 3ª classe na Quinta Exposição Geral (1898). Rua do Conde de Bapendy, 24.
- 156** A' Procura de Parasitas.
- 157** Cabeça de estudo.
- 158** Casa de Villegiatura em Copacabana.
- 159** Casa de Villegiatura em Copacabana.
- 160** Effeito de Neve.
- 161** Marinha em Copacabana.
- 162** Marinha em Copacabana.
- 163** Marinha e Rochedos.
- 164** Navio Mercante.
- 165** Os dous Irmãos (*Copacabana*).
- 166** Paisagem (*Copacabana*).
- 167** Paisagem (*Copacabana*).
- 168** Quitandinha (*Petropolis*).
-
- RIBEIRO FILHO (*Luiz da Silva*) — Natural do Rio de Janeiro. Premiado com a Menção na Quinta Exposição Geral (1898). Rua Alice, 19, Laranjeiras.
- 169** Cruzador Barrozo (*effeito de luar*).
- 170** Cruzador D. Carlos.
- 171** Luar sobre Villegaignon.
- 172** Manhã fóra da barra.
- 173** O Pirajá entrando a barra.

- TEIXEIRA (*Luis*)—Natural do Estado de S. Paulo, Discipulo de Victor Meirelles e João Zafe-rino, Rua Dr. Pessoa de Barros, 59.
- 174** Camélias.
175 Um canto de S. João d'El-Rey (*Paisagens*).
176 Vargem do Marçal (S. João d'El-Rey).
- TREIDLER (*Beno*)—Natural da Alemanha, Dis-cipulo de Christian Wilberg. Premiado com a Medalha de 3ª classe na Primeira Exposi-ção Geral (1894). Rua Barque de Macedo, A 1.
- 177** Copacabana.
(Pertence ao Sr. Arthur Hauser).
- 178** Corcovado (*aquarella*).
(Pertence ao Sr. Hoffmann).
- 179** Igreja da Gloria (*aquarella*).
(Pertence ao Sr. Hoffmann).
- 180** Praia do Russell (*aquarella*).
(Pertence ao Sr. Hoffmann).
- 181** Retrato do Sr. Hoffmann (*aquarella*).
182 Vista de Santa Theresza (*aquarella*).
(Pertence ao Sr. Kunning).
- XAVIER (*J.*)—Natural de Campinas. Alumno da Escola Nacional de Bellas-Artes.
- 183** Fructas (*estudo*).
184 Fructas (*estudo*).

ARCHITECTURA

- BERNA (*João Ludovico Maria*)—Natural do Bra-zil. Ex-pensionista do estado e actual pro-fessor da Escola Nacional de Bellas-Artes. Discipulo de Biltencourt da Silva, Mayeux, Gagnet e Blondel. Medalhas de ouro da antiga Academia. Premiado com a Medalha de 2ª classe na Primeira Exposição Geral (1894).
- 185** Arco do Triumpho no estylo denominado Manuelino (*estudo de conjunto a lapis*).
- MELLO (*Heitor*)—Natural da Capital Federal com o curso de architectura da Escola Na-cional de Bellas-Artes. Alumno do enge-nheiro-architecto Moraes de los Rios.
- 186** Esquisso de Villa á beira-mar.
187 Estudo de decoraçào interior.
188 Estudo de Vaso neo-grego.

APPENDICE

- BERNARDELLI (*Henrique*)—Professor da Escola Nacional de Bellas-Artes.
- 1** Auto — Retrato.
2 Cloé.
3 Gonzaga (o poeta dos Inconfidentes).
4 O Aleijadinho, o esculptor A. F. Lisboa.
5 Suzanna.
6 Tentação.
7 Visão.

- MICHELJ (*Gioacchino*)—Natural da Italia. Rua do Senador Vergueiro, 11.
- 189** Projecto (*estudo*) de um Zimborio em pers-pectiva, visto de baixo para cima — segundo as proporções do Vignole.
 " Parte geometral do Zimborio (*a projecção é tomada do terço inferior das columnas para baixo*).
- MORALES DE LOS RIOS (*Adolfo*)—Natural de Sevilha, Hespanha, Engenheiro e Architecto. Professor da Escola Nacional de Bellas-Artes.
- 190** Balneario para a chacara do Palacio Real de verão em S. Sebastian (*Hespanha*).
191 Esboço da ornamentação monumental da praça de Catalunha em Barcelona.
192 Esboço de escolas districtaes para o Rio de Janeiro.
193 Esboço do projecto para o Banco de Canções e Descontos, Rio de Janeiro.
194 Fachada do palacete para o Sr. Commenda-dor Garcia de Infante.
195 Modelos de Villas Italianas para o Sr. F. Pinto, Rio de Janeiro.
196 Monumento Commemorativo e pequeno Mu-seo ao poeta Calderon de la Barca, em Madrid.
197 Monumento funebre ao 1º tenente Pio To-relli (em execução pelo Sr. Em. Cresta).

- 198** Museo regional gaditano (*Cádiz, Hespanha*).
- 199** Palacete do Sr. Dr. Francisco Ferreira, na Tijuca (*em construção*).
- 200** Pavilhão para banhos de mar em San Lucar de Barrameda (*Hespanha*) para o Infante D. Antonio de Orleans.
- 201** Pretoria, feira e mercado de pannos em Tolosa (*Hespanha*).
- 202** Projectos de Abside e altar para a Igreja de Sant'Anna.
- 203** Sala de banho para o Conde de Leopoldina.
- 204** Segundo projecto de monumento ao 1.º tenente Pio Torelli.
- 205** Tropheo decorativo de elementos de architectura polychroma.

—
 SPELTZ (*Alexandre*) — Natural da Alemanha, naturalizado Brasileiro. Engenheiro-architecto pela Escola Polytechnica de Darmstadt. Rua da Quitanda, 69.

206 Plantas:

- a) Palacete do Sr. Coronel B. M. Rocha, rua dos Voluntarios da Patria, 15. Estylo Renaissance.
- b) Palacete do Sr. Danenberg, rua dos Voluntarios da Patria, 67 A. Estylo eclectico.

Photographias das fachadas.

ESCULPTURA

NICOLINA VAZ DE ASSIS (*D.*) — Natural do Estado de S. Paulo. Alumna da Escola Nacional de Bellas-Artes.

- 210** Busto do Visconde de Ouro-Preto.
- 211** Cabeça de estudo.

207 Plantas:

- e e d) Casa do Sr. Dr. Rego Barros, rua Barão do Flamengo, 1. Estylo eclectico.
- e) Casa da Sra. Viscondessa de Castello-Lousã, rua do Senador Vergueiro, 8 C. Estylo Luiz XV.
- f) Casa do Sr. Alexandre Speltz, rua Concelheiro Andrade Perence, 1. Estylo Renaissance.
- g) Casa do Sr. Comendador J. M. Pereira de Moraes, rua do Carmo, 38. Estylo eclectico.
- h e i) Casa do Sr. desembargador João Martins, rua Benjamin Constant, 26 G. Estylo Mourisco.
- l) Casa do Sr. Carlos Schmidt, rua Gonçalves Dias, 38. Estylo Luiz XV.

Photographias das fachadas.

- 208** Planta e fachada da casa do Sr. José Francisco Correia na rua do Cosme Velho. Estylo Mourisco.
- 209** Planta e fachada da casa do Sr. H. Garnier na rua Chile, 189. Estylo eclectico.

Gravura de Medalhas e Pedras Preciosas

- 212** Medalha da Academia de Lettras (*verso e reverso*).
- 213** Medalha da Associação Commemorativa do IV Centenario do Descobrimto do Brazil.
- 214** Medalha em homenagem ao benefitor do Asylo Gonçalves de Araujo (*reverso*).
- 215** *Pensée*.
- 216** Targa que as senhoras Maranhenses vão offerrecer a Mme. Dreyfus.

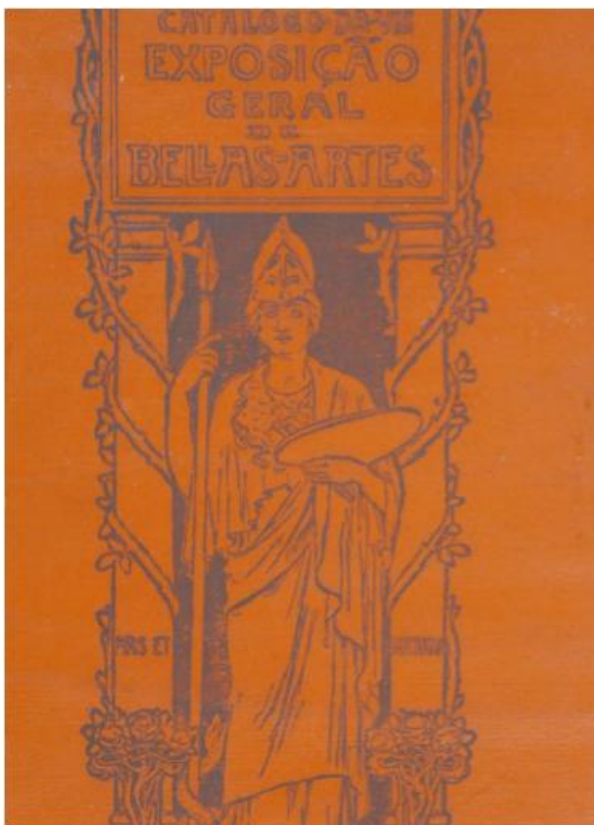
GRAVURA E LITHOGRAPHIA

BROCOS (*Modesto*) — Natural da Hespanha. Ex-professor de desenho de modelo-vivo da Escola Nacional de Bellas-Artes. Premiado com a Medalha de 1ª classe na Segunda Exposição Geral (1895).

- 217** Retrato (*agua-forte*). Feito no Rio de Janeiro e impresso em Paris.



ANEXO E – Catálogo da Exposição Geral de Belas Arte de 1901



Catalogo

PINTURA

1	<p>Agostini (Angelo)—Largo da Carioca, 4 Aurora.</p> <hr style="width: 20%; margin: 0 auto;"/> <p>Amoedo (Rodolpho)—Natural do Rio de Janeiro.—Professor de pintura da Escola Nacional de Bellas-Artes.—Discipulo de Alexandre Cabanel e Puvís de Chavannes.</p> <p>2 Saudade.</p> <hr style="width: 20%; margin: 0 auto;"/> <p>Benjamim Constante Netto—Natural de S. Paulo.—Discipulo de Almeida Junior.—Rua da Mooca, 80, São Paulo.</p> <p>3 Atelier — (<i>estudo</i>). — Pertence ao Dr. Bento Biendo.</p>
---	--

5	Laranjas.
6	Peixes, etc.
7	Petrechos de caça.
8	Verduras.
9	Vocação.
—	
<p>Bernardelli (Henrique)—Professor de pintura da Escola Nacional de Bellas Artes.</p>	
10	Auto-retrato.
11	Frei Ignacio.
12	Maria.
13	No banho.
14	O pateo do convento.
15	Padre José Mauricio.
16	Religiosa.
17	Retrato.
18	Retrato.
19	Retrato.
20	Virgem da Rosa.
21	Visão.

	Bolato (Pedro) —Natural de Montevidéo, naturalizado brasileiro—Alumno da Escola Nacional de Bellas-Artes.—Rua de Sant'Anna, 33.
22	Agua parada.
23	Leitura ao ar livre. — (<i>Quinta da Boa-Vista</i>).
24	Mancha.
	—
	Brocos (Modesto) —Natural de Hespanha. — Ex-professor de desenho de modelo-vivo da Escola Nacional de Bellas-Artes.—Premiado com a Medalha de 1ª classe na Segunda Exposição Geral. (1895)
25	A descascar goiabas.
26	A peneirar café.
27	Cruzeiro do Sul (<i>visão</i>).
28	Retrato de Mlle. A.
29	Retrato do Sr. M. P.
29A	Retrato da Sra. M. P.
30	Retrato do Sr. R. de A.
	—
	Cavallaro (Stefano) —Natural da Italia. Discipulo de Estevão Silva. Professor de desenho do Lycéo de Artes e Officios. Rua Z n. C 2, Catumby.
31	Fructas do natural,
	—
43	Pão de Assucar (<i>primeiros estudos</i>) — aquarella.
44	Praia de Botafogo (<i>estudo</i>) aquarella.
45	Praia de Botafogo (<i>estudo</i>) aquarella.
46	Praia do Flamengo (<i>estudo</i>) aquarella.
47	Praia do Flamengo (<i>estudo</i>) aquarella.
	—
	Dall'Ara (Gustavo) — Rua Dr. Garnier, 45, S. Francisco Xavier.
48	Caes do Mercado.
49	Retrato.
	—
	De Agostini (Carlos Alberto) —Natural do Rio de Janeiro. Alumno da Escola Nacional de Bellas-Artes. Rua do Progresso, 6, Paula Mattos.
50	Casa da Camara de Araxá (<i>vista dos fundos</i>).
51	Criada impertinente.
52	Paisagem (<i>Ribeirão Preto</i>).
53	Paisagem (<i>Quinta da Boa-Vista</i>).
54	Paisagem (<i>Quinta da Boa-Vista</i>).
55	Rancho do Carreiro (<i>Araxá</i>).
56	Reclamando seu companheiro (<i>paisagem</i>).
57	Saudades (<i>estudo</i>).

	Cunha Vasco (D. Anna da) —Natural do Rio de Janeiro. Discipula de Benno Treidler. Premiada com a Menção na Quinta Exposição Geral (1898). Rua Barão de Itamby, 10, Botafogo.
32	Anoitecendo (<i>impressão</i>) aquarella.
33	Pão de Assucar (<i>estudo</i>) aquarella.
34	Pão de Assucar (<i>primeiros estudos</i>) — aquarella.
35	Pão de Assucar (<i>primeiros estudos</i>) — aquarella.
36	Praia de Botafogo (<i>estudo</i>) aquarella.
37	Praia de Botafogo (<i>estudo</i>) aquarella.
38	Praia do Flamengo (<i>estudo</i>) aquarella.
39	Praia do Flamengo (<i>estudo</i>) aquarella.
	—
	Cunha Vasco (D. Maria da) —Natural do Rio de Janeiro. Discipula de Benno Treidler. Premiada com a Menção na Quinta Exposição Geral (1898). Rua Barão de Itamby, 10, Botafogo.
40	Ao entardecer (<i>impressão</i>) aquarella.
41	Crepusculo (<i>estudo</i>) aquarella.
42	Pão de Assucar (<i>primeiros estudos</i>) —
	—
	Delpino (Alberto) —Alumno da antiga Academia de Bellas-Artes. Premiada com a Menção na Segunda Exposição Geral (1895).
58	Chacara (<i>Barbacena</i>).
59	Faiscadora (<i>costume mineiro</i>) Rio das Velhas.
60	Paisagem (<i>Ouro Preto</i>).
	—
	Evencio Nunes —Natural de Sergipe — Alumno da Escola Nacional de Bellas-Artes—Ladeira de Monte-Alegre, 17.
61	A Visão no carcere (<i>Tiradentes</i>).
62	Mãe.
	—
	Fiuza Guimarães (José) — Natural do Rio de Janeiro—Ex-alumno e expansionista da Escola Nacional de Bellas-Artes.
63	Cabeça de menina (<i>estudo</i>).
64	Cabeça de moça (<i>estudo</i>).
65	Cabeça de mulher (<i>estudo</i>).

Fontana—Natural da Italia (*Milano*), já fallecido.

67 Helvetia (*aquarella*). — Propriedade do Sr. Professor Ricardo Tatti.

Francisca Emilia de Campos (D.)
— Natural de Matto-Grosso — Ex-alumna da Escola Nacional de Bellas-Artes.

68 Lavandeira.
69 Paizagem.
70 Rancho de sapé.
71 Tangerinas.

Freitas (Augusto Luiz de)—Natural do Rio Grande do Sul—Ex-alumno da Escola Nacional de Bellas-Artes.— Obteve na Quinta Exposição Geral (1898) o Premio de viagem.

72 Abandonada.
73 Anticoli Corrado.
74 Anticoli Corrado (*outono*).
75 A Prece.
76 Arabe.
77 Arredores de Roma.

Helena Vaz Pereira de Viveiros (D.)—Natural do Maranhão—Discipula de Adolpho Malevolti, Rua Malvino Reis, 115.

95 O açude (*Fazenda Santa Helena em Mendes*).
96 Fructas.
97 Fructas.
98 Fructas.
99 Trecho de paizagem.
100 Trecho de paizagem (*Fazenda de Santa Helena*).

Iracema Orosco (D.)— Natural do Rio de Janeiro—Discipula de José Maria de Medeiros—Diplomada pela Escola Normal do Districto Federal Rua Souza Franco, 1.

101 A carta (*interior*).
102 Entrada.
103 Fructas.
104 Fructas (*pintura em scium*).
105 O gabinete.
106 O terraço.

78 Campagna romana.
79 Ciociarra.
80 Ciociarra.
81 Confidencias.
82 Consulta.
83 Costume anticolano.
84 Estudo de paizagem.
85 Fiera in Grotte di Castro.
86 Pastor.
87 Strada della Madonella (*Grotte di Castro*).
88 Tarde de outono.
89 Trasteverina.
90 Velhinho.
91 Vicolo della Signora (*Soriam nel Cimino*).

Görms (Willy)— Alumno do terceiro anno da Academia de Pintura de Berlim.

92 Festão decorativo (*tempera*).
93 Festão decorativo (*tempera*).

Heitor Costa—Natural do Rio de Janeiro — Ex-alumno da Escola Nacional de Bellas-Artes.

94 Réveuse.

107 Peixes.
108 Retrato.

Kempff (J.)— Natural da França. Discipulo de Benjamin Constant.

109 Fructas.

Latour (Eugenio)—Natural do Rio de Janeiro—Alumno da Escola Nacional de Bellas-Artes — Rua Miguel Angelo, 41, Meyer.

110 A féria do dia.
111 Antes de sahir.
112 O pequeno trocista.

Lopes Rodrigues (Virgilio)— Natural de Pernambuco — Discipulo de Santos Ollala—Villa Humayti, casa C-1, Largo dos Leões.

113 Esquadra em alto mar. (*efeito de luar*).
114 Papagaio.

	Loy (Jose de) —Natural de Hespanna— Rua da Assembléa, 87.
115	Retrato de menina.
116	Typos e scenas da rua.

	Lucilio de Albuquerque —Natural de Pernambuco—Alumno da Escola Nacional de Bellas-Artes. Travessa das Bellas Artes, 1.
117	Hortensia.

	Luiz Maria Filippo —Natural da Ita- lia—Discipulo de Marques Guima- rães.
118	Retrato.

	Luiz Ribeiro —Natural do Rio de Janeiro—Alumno da antiga Acade- mia de Bellas-Artes—Discipulo de Victor Meirelles e Zeferino da Costa —Menções honrosas e medalhas de ouro de desêno da antiga Academia —Rua das Lorangeiras, 3.
119	Ameixas.
120	A vaga.

139	Cabeça de estudo.
140	Retrato.
141	Retrato do Sr. E. T.
142	Retrato de menino. — <i>Pertence ao Illm. Sr. Capitão-Tenente Teófilo Savio.</i>
143	Retrato de Mme. C. M. S. — <i>Pertence ao Illm. Sr. Sousa Laurindo.</i>

	Maria Barbosa de Oliveira e Silva —Natural do Rio de Janeiro Discipula de Rodolpho Amoedo— Rua Alliança II, Lorangeiras.
144	Canto de <i>toilette</i> .
145	Crysanthemias.
146	Hortensias.
147	Quinta-feira santa.

	Maria Bulcão (D.) —Natural de Santa Catharina—Alumna livre do curso geral da Escola Nacional de Bellas- Artes—Rua Farani, 6-C.
148	Tangerinas.

	12 Exposição geral
121	Fantasia.
122	Flores.
123	Paizagem (<i>impresso</i>).
124	Retrato (<i>pastel</i>).

	Machado (Joaquim Fernandes) —Na- tural do Rio de Janeiro—Ex-alumno da Escola Nacional de Bellas-Artes Premiado com a Menção na Sexta Exposição Geral (1899).
125	Cerração.
126	Limões e pecegos.
127	Margaridas e dhalias.
128	O relógio de bronze.
129	Os dous vasos.
130	O sonho de Jacob.
131	O vaso de bronze.
132	Perpetuas e rosas.
133	Pitangas e cajús.
134	Viveiro de amores perfeitos.
135	Viveiro de margaridas.
136	Uvas.
137	Uvas e figos.

	Malaguti (Heitor) —Natural da Italia Alumno do Instituto de Bellas-Artes de Milão—Rua do Faria, 31-B.
138	Cabeça de estudo.

	14 Exposição geral
	Maria Clara da Cunha Santos (D.) —Natural do Rio Grande do Sul —Discipula de Adolpho Malevolti— Rua Conde de Bomfim, 12-A.
149	A tarde (<i>paizagem mineira</i>).
150	Igrejinha (<i>Copacabana</i>).
151	Sant'Anna (<i>arrabalde na capital de S. Paulo</i>).

	Maria Emilia de Campos (D.) —Na- tural de Matto-Grosso. Ex-alumna da Escola Nacional de Bellas-Artes.
152	Paisagem.

	Maria Hermínia Lisboa (D.) —Na- tural de S. Paulo. Discipula de Benno Troidler. Rua Costa Gama, 7. Pe- tropolis.
153	Estudo.
154	Estudo.
155	Estudo.
156	Estudo.

	Maria Santos (D.) Natural de S. Paulo. Discipula de Marques Guimarães.
157	Rosas.

Meirelles (D. Dinorah)—Discipula de Marques Guimarães.

- 158 Cabeça de Negra.
- 159 Primeiros Estudos.
- 160 Retrato.

Marietta Meirelles (D.)—Natural de S. Paulo. Discipula de Marques Guimarães.

- 161 Canto do atelier.
- 162 Maçãs.
- 163 Retrato.

Marques Guimarães (Joaquim Augusto)—Ex-professor da Academia de Bellas-Artes do Porto. Premiado com a Medalha de 3.^a classe na Segunda Exposição Geral. (1895.)

- 164 Copo d'agoa.
- 165 Jasinios. — Pertence ao Ilm. Sr. Luiz Filippo.
- 166 Lorena ao entardecer. — Pertence ao Ilm. Sr. J. J. Antunes Braga.
- 167 Maricá em flor.

Parlagreco (B.) Natural da Italia. Premiado com a Medalha de 3.^a classe na Quinta Exposição Geral (1898). Praça da Igrejinha, 30 (Copacabana)

- 168 Cabeça (pastel).
- 169 Cavallo passarinho.
- 170 Copacabana (mancha).
- 171 Igrejinha (paisagem).
- 172 Mao tempo (paisagem).
- 173 Pedra do Arpoador.
- 174 Petropolis (mancha).
- 175 Petropolis. Rua Nassau (mancha).
- 176 Pintinhos.
- 177 Quitandinha (estudo).
- 178 Rochedo e Marinha.
- 179 Rochedo. Samambaia.
- 180 Uma manhã de Maio.
- 181 Villa Ipanema (mancha).

Petit (Auguste). — Natural da França, domiciliado no Rio de Janeiro ha muitos annos. Discipulo de Eugène Nesle. Menção honrosa em 1882, Medalha de prata em 1884 e Medalha de 3.^a classe na Quinta Exposição Geral. (1898). Rua do Rosario n. 123.

- 182 Ameixas.
- 183 Cabeça de Velho.

de Bellas Artes 17

- 184 Flores.
- 185 Flores.
- 186 Flores.
- 187 Flores.
- 188 Flores e Fructas.
- 189 Fructas de Conde.
- 190 Laranjas.
- 191 Laranjas da Bahia.
- 192 O Mendigo.
- 193 S. Francisco de Paula.

Raphael Frederico.—Natural do Rio de Janeiro. Ex-pensionista da Escola Nacional de Bellas-Artes. Rua Coronel Cabrita, 19.

- 194 Entre couves.

Ribeiro Filho (Luiz da Silva).—Natural do Rio de Janeiro. Rua Alice, 19. (Lorangeiras).

- 195 Luar em Botafogo.
- 196 Por do Sol (effeito).
- 197 Trem rapido.
- 198 Vineta salvando ao porto.

Roberto Rowley Mendes.—Natural do Brazil. Boulevard 28 de Setembro, 40 (Villa-Isabel).

- 199 Estudo (pastel).
- 200 Rancho de pescadores (pastel).
- 201 Tarde de verão (pastel).
- 202 Uma volta do rio (pastel).

Santos (D. Antonietta).—Natural de S. Paulo. Discipula de Marques Guimarães.

- 203 Flores.

Sebastião Vieira Fernandes.—Natural de Santa Catharina. Discipulo de Victor Meirelles e Zeferino da Costa. Rua da Uruguayana, 111, sobrado.

- 204 Helena (retrato a fantasia). Pertence ao Sr. Visconde de Sande.

Tchilde.—Natural da França. Rua de Santo Amaro, 18 (Cattete).

- 205 Flores (aquarella).

Treidler (Benno)—Natural da Alemanha. Discipulo de Christian Wilberg. Premiado com a Medalha de 3.ª classe na Primeira Exposição Geral (1894). Rua Buarque de Macedo, A 1.

- 206 Efeito do Occaso (*aquarella*)
 207 Lagôinha (*aquarella*)
 208 Marinha (*aquarella*) Pertence ao Sr. Aurelio de Figueiredo.
 209 Residencia do Sr. Consul Allemão (*aquarella*)
 210 Ultima luz da tarde (*aquarella*).

Vasquez (D. G. y)—Alumno da antiga Academia de Bellas-Artes. —Rua da Quitanda, 85.

- 211 Marinha.
 212 Paizagem.
 213 Paizagem.
 214 Paizagem.
 215 Paizagem.
 216 Paizagem.
 217 Paizagem.
 218 Paizagem.
 219 Paizagem.
 220 Paizagem.

de Bellas Artes 21

Xavier (J)—Natural de Campinas.—Alumno do curso geral da Escola Nacional de Bellas-Artes—Rua Had-dock Lobo, 173.

- 227 Estudo de cabeça.
 228 Estudo de cabeça.
 229 Estudo de paizagem.
 230 Estudo de paizagem.
 231 Estudo de paizagem.



Verdussen (Jules)—Natural da Belgica—Discipulo de Vervloet e Boom. —E' seu representante o Sr. Léon Mertens—Rua da Alfandega, 91, sobrado.

- 221 Arredores de Bello-Horizonte.
 222 Arredores de Bello-Horizonte (*Lagoa*).

Viscondessa de Sistello—Natural do Rio de Janeiro—Discipula de José Malhóa.

- 223 Premiers flocons.
 224 Trotins.

Wilmot (Comnie)—Natural do Brazil, actualmente na Suissa.

- 225 Flores (*aquarella*). — Pertence ao Sr. E. F. Tribouillet.

Wilmot (Mary)—Natural do Brazil, actualmente na Suissa.

- 226 Flores e fructas (*aquarella*) — Pertence ao Sr. E. F. Tribouillet.

ARCHITECTURA

Aurelio de Figueiredo.—Natural da Parahyba do Norte. Rua Barão de Capanema, 1.

- 232 Projecto de um Monumento a Carlos Gomes.

Berna (João Ludovico Maria)—Natural do Brazil. Professor da Escola Nacional de Bellas-Artes. Premiado com a Medalha de 2.ª classe na Primeira Exposição Geral (1894).

- 233 Projecto de uma habitação nas Aguas Ferreas.
 234 Projecto do novo edificio do "Jornal do Brasil".

Dubugras (Victor).—Natural da França Residente em S. Paulo, Avenida Paulista, Alameda Lima, 3.

- 235 Projecto da Matriz em Ribeirão Preto.

Morales de los Rios (Adolfo).—Natural de Sevilla, Hespanha. Engenheiro e architecto. Professor da Escola Nacional de Bellas-Artes.

- 236 Ante-projectos para a reconstrução do Mercado da Praça das Marinhas do Rio de Janeiro.

- a) Planta geral da Praça das Marinhas, docas e novo mercado;
- b) Planta do Mercado;
- c) Fachada principal do lado das docas (1.^a solução);
- d) Fachada principal do lado das docas (2.^a solução);
- e) Fachada principal do lado das docas (3.^a solução);
- f) Esboço de perspectiva.

- 237 Projecto para construção de quinze pequenos mercados seccionaes na Capital Federal. Typo do mercado do Largo de S. Salvador.

- g) Planta;

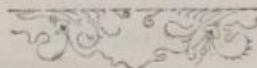
- 241 Anteprojecto para a construção no terraço do Passeio Publico da Capital Federal de um theatro para o Centro Artístico.

- r) Plantas dos 1.^o e 2.^o pavimentos;
- n) Fachada para o mar.

- 242 Esboço para a construção de um Circo-Hippodromo (no Rio de Janeiro), coberto, para grandes representações.

- r) Planta;
- s) Fachada e secção.

- 243 Esboço para o projecto do Gran-Casino de San Sebastian (edificado).—Fachada e detalhe.



- b) Fachadas e secções;
- d) Disposição geral dos mercados da Praia do Russel e da Lagoa Rodrigo de Freitas;
- f) Perspectiva de um dos typos de mercado de 1.^a classe.

- 238 Cadastro Architectonico do Hospital da Real e Benemerita Sociedade Portugueza de Beneficencia á rua de Santo Amaro.

- k) Planta geral;
- l) Planta pormenorizada do 1.^o pavimento;
- m) Planta pormenorizada do 2.^o pavimento;
- n) Fachada principal.

- 239 Projecto para a construção do Gran-Theatro de Cadiz (edificado).

- o) Fachada principal e secção transversal;
- p) Fachada lateral;
- q) Secção longitudinal.

- 240 Anteprojecto para a construção do novo theatro de Carthagená.

- r) Plantas,
- s) Plantas, fachada e secções.

Artes applicadas a' Industria

Morales de los Rios (Adolfo)—Natural de Sevilla, Hespanha—Engenheiro e architecto—Professor da Escola Nacional de Bellas-Artes.

- 244 Frontespicio para a edição do Dicionario hispano-bascongado de Aizquibel (*aguarella original e chromo*).
- 245 Modelo de sanefa para fabricação de papel pintado.
- 246 Modelo e exemplar de edição de papel de carta para a infanta D. Eulalia em sua *vileggiatura* de San Sebastian.

ESCUPTURA

Aurelio de Figueiredo—Natural da Parahyba do Norte—Rua do Barão de Capanema, 1.

247 Marechal Floriano (*busto em bronze*).

Bernardelli (Rodolpho)—Discipulo de Chaves Pinheiro—Director e professor da Escola Nacional de Bellas-Artes.

248 Busto de Ferreira de Araujo (*bronze*).

249 Retrato de L. R. (*busto*).

250 Victoria (*bronze dourado*).

Correia Lima (José Octavio)—Natural do Estado do Rio de Janeiro—Ex-alumno da Escola Nacional de Bellas-Artes—Discipulo de Rodolpho Bernardelli—Obteve o premio de viagem na Quinta Exposição Geral (1898).

251 Caim (*bronze*).

252 O pagé (*bronze*).

253 O prisioneiro (*bronze*).

254 S. João (*gesso, tamanho natural*).

Nicolina Vaz de Assis (D)—Natural de S. Paulo—Alumna da Escola Nacional de Bellas-Artes.

255 Adormecida.

256 Cabeça de estudo.

Zani (Amadeo)—Natural de Veneza—Discipulo de Rodolpho Bernardelli e Enjalbert—Alameda dos Andradas, 35, S. Paulo.

257 D. Bosco (*busto*).

258 Projecto de um monumento funebre.

Gravura de Medalhas e Pedras Preciosas

Girardet (Augusto)—Natural de Roma. Discipulo de Giorgio Girardet. Professor da Escola Nacional de Bellas-Artes.

259 Almirante Barrozo (*gesso*).

260 Almirante Barrozo (*gesso, meia figura*).

261 Almirante Tamandaré (*gesso*).

262 Medalha Commemorativa do IV Centenario do Brasil.

263 Medalha—Duque de Caxias (*bronze*).

264 Medalha em memoria do Rei Umberto I (*gesso*).

265 Medalha em memoria do maestro Verdi (*gesso*).

266 Medalha (*Homenagem do Conselho Superior de Bellas-Artes a Rodolpho Bernardelli*).

32 Exposição geral

267 Pensée (*ouro*).

268 Retrato de Senhorita.

269 Retrato em concha.

270 Reverso da Medalha a Santos Dumont. (*gesso*).

271 Verso da Medalha a Gonçalves de Araujo.



GRAVURA E LITHOGRAPHIA

Brocos (Modesto).—Natural de Hespanha. Ex-professor de desenho de modelo-vivo da Escola Nacional de Bellas-Artes. Premiado com a Medalha de 1.ª classe na Segunda Exposição Geral (1895).

- 272 Retrato de Fagundes Varella (*agua-forte*).
273 Retrato de Ferreira de Araujo (*agua-forte*).
274 Retrato do Dr. Fajardo (*agua-forte*).
275 Retrato de Gonçalves Dias (*agua-forte*).
276 Retrato de Quintino Bocayuva (*agua-forte*).

34

Exposição geral

Cattaneo (João Ricardi).—Natural da Italia. Discipulo de Salvini, Panemaker e Roussot. Rua Sete de Setembro, 17, sobrado.

- 277 Quadro com modelos de xilographia.



ANEXO F – Coluna de crônicas *Cartas do Rio* em ordem cronológica de 1897 a 1900, extraída da edição fac-similar de *A Mensageira* de 1987.

modo de certos homens que não têm nunca uma opinião firme e decisaiva, agitem-se embora no seu paziz as mais complicadas e importantes questões de interesse publico!

Felizmente, porém, é muito maior o numero das que sabem pesar as suas responsabilidades e cumprir o seu dever a todo custo, apesar de não o parecer a quem não tenha o genio bastante observador. Fazemos as nossas patricias e devemos dizer a verdade tal qual é.

Todas nós sabemos que nossas avós, por via de regra, pelo menos no interior do Brazil, não aprenderam a ler; nossas mães, mais felizes um pouco, aprenderam a soletrar e fazer muito mal as quatro operações; a actual geração vão obtendo alguma cultura intellectual, já vão adquirindo conhecimento de algumas linguas, sciencias, etc., etc.

E tudo isso, a verdade seja dita sem reboços, tido isso a esforços, a sacrificios ingentes das nossas mães devotadas. E' a essas santas creaturas que devemos a pouca de luz que se vão fazendo sobre o destino das brasileiras. Para isso, quanto soffreram e luctaram? Os pais, tendo grandes aspirações sobre seus filhos, não ambicionavam, salvo honrosas excepções, sinão que as filhas fossem honestas. Isto bastava! As mães, porém, por intuito e por uma altivez natural iam sempre que podiam ministran-

do ás suas filhas todos os meios de serem educadas e dignas, sacrificando-se para isto aos maiores dissabores e sacrificios.

Abençoemos o nome de nossas mães e busquemos continuar a sua obra, aclarando o porvir de nossas filhas.

MARIA EMILIA.

¶ Jornada

Infancia! Trilho doce, em farta messe De rosas, cheio de aves multicores, Onde, do sol aos ultimos fulgores, No reggo miterno se adormece.

Adolescencia! O mundo que parece Um perfume jardim de eternas flores, Em que, entre sonhos, presentindo amores, O som do baile se mistura á prece.

Mocidade! Luz Piena! O céo na terra! A vida intensa! Amar e ser amada! Eis a maior das bemaventuranças!

Velhice! Atra avalanche que soeerra Em densissima treva iluminada, Illusões, devaneios, esperanças...

Outubro-97.

ADELINA LOPES VIEIRA.



Garta do Rio

Começam agora os formosos dias de verão! Levanto-me muito cedo para os banhos de mar e aprecio immensamente estas deliciosas manhãs, que me enchem a alma de sã e benéfica alegria.

O mar é um encanto! Nadar — ois um dos maiores prazeres concedidos por Deus aos miseros mortaes. Outro dia, estava no mar, admirada, esquecida a contemplar a magestade das ondas que placidas e serenas davam ao mar o aspecto de um manso lago. De repente sinto bem juncto a mim um objecto estranho que aos balauços preguiçosos das ondas se aproximava da praia. Contemplo-o admirada! Que havia de ser? Uma trança postíça de cabelo grisalho, presa ainda a um grampo de tartaruga!

A trança despresada aos balauços das ondas approximava-se e afastava-se de mim.

Pobre trança perdida! disse eu! De quem és? A quem pertences? Quem seria a tua primitiva dona? Comecei a imaginar mil cousas exquistas.

Aquella trança era velha, estava cheia de cabellos brancos, e seria a velhice a causa de seu despreso?

Não creio. Fora talvez perdida no banho, quando prestava á sua velha dona o serviço precioso de não lhe deixar a calva á mostra.

Nesto tempo de horrivel carestia, aquella trança daria alguns nickels em um belchior qualquer da rua da Cartóca.

Trança postíça — que ignominia! A fãra verdade, todas as tranças postíças deviam ter um fim

trágico, não direi que fossem lançadas ao mar, por hygiene e formosura das praias, mas lançadas ás chamas de uma fogueira enorme!

Para toda a alma bem formada, a natureza é a melhor mestra, é o mais importante factor da perfectibilidade humana.

Nenhum poeta consegue impressionar e arrabatar seus leitores se suas poesias não têm verdade, se suas dores são mentirosas, se suas descrições são falsas.

O pintor que inventa marinhas, que falsifica paysagens e que de côr pinta o que não vê e por conseguinte o que não sente, não conseguirá jamais imprimir a seus quadros a nota caracteristica e alegre da verdade e do bello.

As naturezas muito sensiveis sentem-se impressionadas diante de quadros verdadeiros e cheios de criteriosa observação.

Esta impressão, esta alegria é a consciencia da propria verdade.

A *Mensageira* teve feliz accettazione aqui no Rio. Ouvi de muitas pessoas autorizadas, palavras de animação e apreço.

Ainda bem!

Projecta-se para breve uma bella festa ao ar livre, no Passeio Publico, organisaada por senhores das

principaes familias desta Capital. Haverá corridas de bicycletas, baile infantil e mil outras cousas encanadoras. Applaudo essas festas canipestes, onde as creanças podem brincar á vontade, sem receio de abalar o *porte-bibebots* com as solavancos dos pulos ou fazer em muitos pedaços um bello e precioso vaso de Sevres.

A proposito de creanças: minha vizinha tem uma filhinha adoravel, formosa e loura, de 4 annos de idade. Em casa acostumaram-se (que maldito costume!) a amedrontar as creanças quando fazem manhas com a invocação do nome de *seu* Azevedo. É preciso que eu explique que *seu* Azevedo é um bom amigo de familia, muito velho e horriavelmente feio. É carinhoso para as creanças, mas não consegue a afeição desses anjinhos por causa de sua horriavel careta, que a falar verdade, assusta até a gente grande.

A menina da vizinha, querendo mostrar a sua coragem, o seu grande heroismo ás outras creanças, suas companheiras, approximou-se de *seu* Azevedo, que todo grave e sério conversava com a avó da creança, no sofá da sala.

A pobresita queria-se mostrar valente e conseguiu dar alguns passos para juncto do homem, mas era impellida por uma força extranha e atastava-se, depois, novamente se approximava, toda tre-

mula, com a voz entrecortada pelo pavor e dizia, meio rindo meio chorando: «*Seu* Azevedo, estou pertinho do Senhor e não tenho médo nenhum.»

As outras creanças, pasmas com a coragem desta menina, gritavam: volta, volta, que elle te péga.

O pobre velho, despondido, fingia não entender a historia das creanças; a avó, envergonhadissima, distaryava como melhor podia.

De 15 em 15 dias conto poder palestrar com as leitoras desta revista. Prometto ser laconica e contar só cousas alegres, mesmo porque com tristezas, como já disseram, não se pagam dividas.

Os jardins estão lindissimos agora. Em minha casa as margaridas e jasmims do Cabo abundam em profusão. As flores, além das muitissimas virtudes que têm, possuem mais uma que percebi por experiencia propria: falam-nos das pessoas amadas que estão ausentes, com impertosa e doce insistencia, e é por isso que ao ver margaridas brancas e roxas juntas em um ramilhete lembro-me saudosa de Zalina Roim que em um dia, de agradável palestra, me contou sua predileção por essas duas especies de margaridas — as brancas e as roxas.

Por hoje, faço ponto.

MARIA CLARA DA CUNHA SANTOS.

O mergulhador

(Idéa de Murger)

Querendo mais um astro em seu cabelle, a clara Rainha assim fallou: «Desce ao mar e passaria Por esse amplo palacio onde canta a serena, E traz-me lá do fundo do mar uma mais rara.»

E o bom mergulhador, em busca do thesouro, Desce, passa o olhar pela amplitude marinha; Acha a perola, e offerta-a á formosa rainha Numa catxinha azul verticillada de ouro.

O poeta é assim tambem: se teu capricho, instante, Requer, Senhora, um verso, unicamente um verso, Mas um verso perfeito, aureo, sonoro e terço, Que diga a tua ideal formosura radiante,

Ao fundo da surtana immaculada e santa, Undoso platio azul, vasto mar onde boia O domado palacio onde a serena canta, Mergulha, e vae buscar a desejada joia.

FRANCISCA JULIA DA SILVA.

Chronica omnimoda

**Vigilate et orate*...

Ainda se ouve o tilitar das contas dos rosarios.

Terruntion o mez consagrado ao culto da Mãe de Deus!...

Quem é aquella figura de asceta que se vê prostrada aos pés de

Maria de quem recebo aquellas corôas, que serviam outrora para ornar as cabeças das virgens christas no caminhar para o martyrio?!

Rezan as chronicas monasticas que aquella physionomia seraphica, representada em todos os quadros de altar, é a do austero São Domingos...

Recebe de Maria o rosario, symbolo da oração, para inculcar á posteridade a precisão de orar insistentemente, sem jamais descontinuar.

O rosario é a concretisação do: — *vigilate et orate* do Divino Messias, — no *Gethsemani*...

Carta do Rio

Ha dois dias que esta grande capital está sob a dolorosa impressão que causou o nefando atentado contra o Presidente da Republica e occasionou a morte do inelyto e valoroso Marechal Bittencourt. A expressão do pezar e da magoa lê-se em todos os semblantes.

Nós, mulheres brasileiras, engranghamo-nos desse triste acontecimento que enlutou a alma nacional, porque foi um brasileiro o auctor do tão barbaro crime.

O Marechal está hoje immortalizado. O seu enterro foi uma apotheoze, sentia-se que a alma do povo soluçava diante de seu túmulo coberto de flores! E que morte cheia de heroismo! Quanta abnegação! Para salvar um amigo querido e um chefe respeitavel, elle o valoroso e bravo Marechal não trepidou em expor seu peito ao punhal assassino.

Morreu como vivera — legando um exemplo de altruismo e de heroica disciplina aos republicanos sinceros.

«Victima do dever» foi o districto que se lia nas fitas da riquissima grinalda que o estado de Minas offoreceu ao grande morto. Expressiva e verdadeira essa inscripção tão singela!

Duzentas e tantas grinaldas sobro a sua sepultura! A' desven-

turada esposa do Marechal e aos 11 queridos filhinhos que deixou, essa manifestação espontanea de pezar e de respeito do povo, ha de commover em extremo. Sobre o túmulo do glorioso Marechal Bittencourt — martyr de seu grande coração — eu verto sinceras lagrimas de dor!

Albino Loureiro

O mais importante acontecimento artistico da quinzena foi, sem duvida, a exposição de pintura da «Escola ao ar livre», dos alumnos do paysagista Parreiras. São 4 os expositores, entre elles uma senhora, e 60 os quadros. Alvaro Cantanhada expoe 25 telas. Elle é o mais adiantado dos discipulos de Parreiras. De seus quadros destaca o de n.º 24 — Rua em la-deira — que me agradao muito pela correção do desenho e verdade das côres.

Ha nesse trabalho muita perspectiva, a gente vê que as pilastras d'aquelle portosinho são feitas com geometricas proporções.

O quadro n.º 21 — Rancho de Camaradas — é difficilissimo mas não agradao geralmente. As brazas daquelle fogão rustico que os camaradas costumam fazer nos ranchos, são brazas verdadeiras, sente-se que aquella côr é quente, é de fogo; mas o aspecto geral é triste, não impressiona bem.

A manieira do Sr. Cantanhada

interpretar a natureza é bem diversa da de seu professor. Assim é que eu comprehendendo o talento de um artista.

Abomino a rotina que entendia que o alumno seria a continuação do mestre! Cada um deve pintar como sente, como comprehendendo e como vê a Natureza — a grande mestra.

D. Hortencia apresenta 3 bons trabalhos. Incontestavelmente os melhores quadros do Sr. Alberto Silva são Mangueiras e Amendoeiras. Quanta verdade, observação e poesia nesses trabalhos! Adivinha-se logo que o pintor é um poeta. Os reflexos da luz do sol são feitos por mão de artista. Do mesmo pinto destaquei ainda o quadrinho «Kocá».

Ha muita alegria nessa tela e eu adoro os quadros claros e alegres. Raz-nos lembrar, esse quadro, umas casinhas rusticas que vimos na infancia, assim vagamente, sem poder precisar a epocha e nem o logar.

O quadro n.º 31 — Porteira — é muito bello. Falta-nos a alma das paysagens do sertão.

O Sr. Silvio Moreira apresenta um bello estudo do mar no quadrinho n.º 50. A espuma da praia é fiel e parece que as aguas vão e voltam nas ondas impetuosas d'aquelle mar agitado.

Os quadros tinham grande abun-

dancia de verniz, principalmente sobre o verde das arvores e dos montes e o verniz usado assim, em demasia, prejudica os effeitos da luz.

Em todo o caso essa exposição denota que a arte da pintura vai fazendo progressos, entre nós.

Parabens sinceros a Parreiras e seus talentosos discipulos.

Não quero terminar esta carta como principio, com uma nota triste; muito ao contrario quero contar aos leitores da *Mensagem* cousas alegres.

Assistí, ha dias, a uma festa infantil, por occasião do anniversario natalicio do marido de uma amiga.

O programma da festa, originalissimo, começava pela «Manifestação dos Bebês» — um grupo de engracados rapazes que vestidos como creancinhas de 2 annos, de touca, camisola ampla, babadoiro e pun-deirinho á mão — faziam-nos rir a morrer. Imaginem, os rapazes pareciam verdadeiras creancinhas,

falavam em linguagem incerta, tubendo e andavam como quem ensaia os primeiros passos, cáe aqui, cáe acolá. A festa continuou pela noite a dentro, cheia sempre de surpresas e originalidades e terminou com uma engracada comedia e um entusiasmado Cullon. Arromedar uma creança com graça

o naturalidade é muito mais difficil do que arremedar o Fregoli. Quem duvidar... experimente, é um brinquedo inoffensivo.

7 de Novembro.

MARIA CLARA DA COSTA SASTROS.



Horas de sonho

Do meu piano a musica sentida,
Nos seus accordes magicos, saudosos,
Longe me leva em sonhos venturosos
Na sua voadora de illuzão querida.

E se a minha alma sinto entristecida,
E se no peito sinto os venenosos
Espinhos da saudade, torturosos,
No coração me abrindo uma ferida

Choro, e da Norma sinto que os gemidos,
Fazem-me bem, e, vou nos sons doridos
Deusa divina musica, sonhando...

E esta minha alma triste, apaixonada,
Que tanto soffre, sente-se embalada,
Folia, na dor que a vive alimentando!

GEORGINA TEIXEIRA.



Carta

A Presciliana Duarte de Almeida.

Minha Senhora:

Tor amor pela leitura, diz Monteiro, é trocar as horas de tedio por horas deliciosas. E, realmente, depois que li *A Mensageira*, senti

commigo essa satisfação espiritual que, deixando-me, por algumas horas, esquecida de uma persistente e maniosa enfermidade que ha mezes me aniquila o corpo, concorre para que eu recobrasse o entusiasmo para dizer vos, na phrase de M.^{me} de Staël, que — «a vós pertence um lugar entre aquellas que bem mostram ser a mulher apta para todos os artojos do engenho humano».

E, para confirmar esta asserção, aqui está, sobre a minha mesa de trabalho, *A Mensageira*, cujo programma revela o mais louvavel tentamen de um espirito superior, em favor da instrução; aqui estão os preciosos frutos intellectuaes das pensadoras que acompanham a marcha do progresso, sob o larbato triumphal da Arte.

Julia Lopes de Almeida, na sua prosa adoravel, disse-nos que: «se não temos medicas e escriptoras de mais, também não temos de menos; que a mulher brasileira conhece que póde querer mais do que até aqui tem querido; que póde fazer mais do que até aqui tem feito».

E tanto assim é, que esta observação da sympathica autora da *Familia Meleiros* torna-se incontestavel perante o apparecimento de novos nomes que, dia a dia, assignalam uma época de progresso na litteratura feminina.

Em todos os Estados do Norte da Republica, nota-se um grande numero de escriptoras, as quaes, muito principalmente, as citadas pel' *A Mensageira*, são dignas dos mais entusiasticos applausos pelo seu real merecimento.

Tambem no Sul, principalmente no Estado do Rio Grande, há um elevado numero de escriptoras, dentre as quaes salientarei, pelo seu rascullo talento e cultivo espirital, a infatigavel Revocata Heloisa de Mello. Esta notavel escriptora rene no seu complexo temperamento de artista de raça, a tenacidade de uma laboriosa excepcional que, não obstante as attribuições de uma vida votada ao magisterio, acha o indispensavel para desenvolver todo o movimento da litteratura feminina pelas paginas d' *O Corymbó*, jornal que ella propria fundou e que mantém, semanalmente, sob a sua redacção, há quatorze annos.

E foi pel' *O Corymbó* que Revocata de Mello advogou a causa do seu ideal: — a instrução da mulher e a sua influencia moral na sociedade — tracando artigos vibrantes, n'uma orientação tenaz, n'uma logica inquebrantavel, cheios de conceitos e de bellezas admiraveis, que firmaram o nome immorredouro na litteratura nacional.

D. Frizonar Torrezo, prestando justa homenagem ao peregrino talento de Revocata Mello, n'uma

recente publicação, em Lisboa, inseriu o seguinte topico biographico. «F' uma distincta senhora que muito tem trabalhado para a elevação do nivel intellectual de mulher no Brasil. Desde muito creança principiou a cultivar a poesia.

Os seus primeiros versos foram publicados em 1874, n' *A Grinalda*; em seguida fez parte da redacção litteraria do *Diario de Palotas*, filha hoje extincta. Nascida em Porto Alegre, no Rio Grande do Sul, desceude a estimada escriptora de uma familia conhecida no mundo das Letras. Sua mãe, já fallecida, foi também uma apreciada poetisa.

D. Revocata publicou há tempo um livro de prosa, intitulado *Folhas errantes*, prefaciado pelo escriptor Mucio Teixeira: redige, há quatorze annos *O Corymbó*, interessante revista em cujas columnas conseguiu illustrar o seu nome. Tem collaborado em muitos jornaes brasileiros, assim como n' *A Patria Illustrada*, que outr'ora sahia a lume em Buenos Ayres, e de collaboração com sua intelligente irmã, D. Juheta de Mello Monteiro escreveren o *Corucão de mãe*, drama em dois actos, além d'outro, intitulado *Marta*.

Julio Ribeiro, o saudoso philologo paulista, escreveren no *Correio de Santos*, a 23 de Janeiro de 1886,

de Maria, comprovando a nossa asserção: «Pode-se avaliar a civilização de um povo, pela attenção, deconção, consideração com que as mulheres são educadas, tratadas e protegidas.»

Não admitimos o egoismo nesta questão — a instrução. Um homem civilisado e intelligente deve instruir e educar suas filhas, pela melhor forma que lhe permittirem as suas circumstancias.

Ha entretanto homens doutos, cujas filhas são quasi analfabetas!

Mas, perguntamos, esses homens merecem a consideração da sociedade e o nome de bons cidadãos? Não, de certo. Elles devem ser estigmatizados porque para ella cam uma ruina, descurando-se da educação de suas filhas, que amanhã serão esposas e mães, e como taes, responsaveis pela prosperidade de uma geração.

Seria inconveniente, e até mesmo detestavel, uma mulher que entregue completamente a seus estudos, não se lembrasse de que seus filhos, ao cuidado da creada, almogaram doces em vez de bifes e força do calor, dormiram de camisola de flanela; que a sala de visitas não foi varrida e que os móveis conservaram-se cheios de pó! Isso não seria só atrazo para o marido, seria uma calamidade para toda a familia. Mas, afastemos de

nosso espirito esse typo de mulher inútil e pensemos em uma M.^{me} de Sevirgé, que ao mesmo tempo que escrevia suas cartas, que são flores da litteratura universal, escrevia e assignava receitas de doces, fazendo-os ella mesma, com admiravel perfeição.

Não basta que comprehendamos a utilidade e os attractivos do espirito cultivado, é mister que façamos de nossa parte o maior esforço possível, procurando instruir-nos e desenvolver-nos a bem da patria e da familia.

Quanto mais illustrada e intelligente for uma mulher, tanto mais zelosa e cumpridora de seus deveres será. E ainda ha quem receie esclarecê-la com a luz da verdade temendo um futuro de trevas! Oh! é preciso que se arranque do espirito de certos homens essa crença retrograda, que é a bronzea cadeia que nos opprime. E como romper essa prisão que anniquila o pensamento e esterilisa a intelligencia? Estudando, e estudando muito.

Negar a instrução a uma filha é um attentado revoltante, é negar a mão ao cego que vacillante circumda o abysmo, é negar o pão ao mendigo que desfallece e morre de fraqueza.

Em algumas das capitales do Brazil, como em S. Paulo, já se encontram estabelecimentos de educação onde a mulher póde eluciar

o prover a sua intelligencia dignamente; e amanhã, quando os lyceus e gymnasios se acharem pelo interior dos Estados, dissipando a ignorancia e elevando o nivel intellectual da mulher, uma alegria

M. P. C. D.



Yelha Saudade

A Prescritiana Duarte de Almeida

Eu fico horas inteiras contemplan-do
Os céus em noites de luar, saudosa...
E se uma nuvem passa vagarosa
Da lua a face pallida occultando,

E se uma estrella vejo se apogando,
Que palpitrando eu via e luminosa
Como dourada flor, irradiosa,
Alto, no azul somnambula brilhando,

Eu fico-me a pensar... Para em minha alma
Yelha saudade, tristemente calma,
Que do passado aos dias me transporta;

E o pensamento então que não descança,
Faz reviver em mim doce esperança:
— Ave, em seu ninho ha muito tempo morta...

GEORGINA TEIXEIRA.



Carta do Rio

A annunciada chuva de estrellas não veio. Debalde muita gente ficou com pouquissima cotação para os carioas.

Os sabios erram, os philosophos ficam com pouquissima cotação para os carioas. Para compensar tamanha decepção, o céu quiz nos consolar e no

nabado passado, entre onze horas e meio dia, muita gente viu um phenomeno meteorologico interessante, um arco-iris enorme a roda do sol. Sinto realmente não ter observado esse holophote celeste que, segundo me disseram, foi bellissimo.

Os sabios erram, os philosophos montom...

Tua mim, a melhor philosophia consiste em saber viver; supportar com paciencia os defeitos alheios e procurar diminuir ou attenuar os proprios.

Conheci, no sertão de Minas, um homem de mediana educação e que, no entanto, era um philosopho perfeito. Elle encarava a vida como a vida é: uma serie de factos, uns alegres e outros tristes, mas todos naturaes e esperados. Tinha esse homem muitos filhos, era fazendeiro e remediado de fortuna. A sua filha mais velha era muito talentosa, mostrava muito gosto pelas lettras e pela musica. O pae mandou educal-a em um excellente collegio em Ouro-Preto, fez juntamente as grandes despesas que obrigavam as penosas e longinquas viagens e durante 5 annos a filha foi todo o seu cuidado e todo o seu orgulho.

Concluida a educação no collegio, voltou para a Fazenda, onde tinha escolhida bibliotheca e excelente piano. Lia, estudava e, sem-

pre cultivando com empenho seu espirito delicado, conseguia tornar-se uma mulher illustrada e util.

Hoje, casada com o Juiz de Direito de lá, vive feliz e transmite a seus filhos a educação solida e benéfica que possui.

A segunda filha do fazendeiro não gostava absolutamente de estudar. Os livros e o piano causavam-lhe somno. Aos 14 annos mal sabia assignar o nome. O pae — isto é que é ser philosopho — comprehendeu depressa a inclinação da filha e chamou-a á fala um dia. Depois de longas ponderações, disse-lhe: a gente neste mundo deve servir para sala ou para cozinha; a utilidade das creaturas é a mesma, quer interprete Chopin, como tua irmã, quer cultive a terra, como eu; quer amamente os filhos e remende a roupa velha, como tua mãe, quer finalmente, como tua irmã, dome animaes bravios. O que é preciso é que cada um siga a sua inclinação, ahí é que está o grande segredo da vida. Acho que esta historia de livros e de musica não te agrada; vê lá se queres outra vida, por exemplo — casar. Se queres te casar, diz-me, falarei ao filho do Compadre Lopes, que está nos casos, é bom rapaz, trabalhador, sadio.

— E' isso mesmo, meu Pae, sou dos de sua opinião, não dou para estudos, quero me casar.

Em menos de dois mezes o filho do Compadre Lopes recebia como esposa a formosa roceirinha.

Pasaram-se os tempos. Quando a terceira filha estava na idade de ir para o collegio, o pae chamou-a, com um discurso cheio de verdades incontestaveis, depois de lhe dizer o que era a vida na sua dolorosa accepção, perguntou-lhe: queros estudar, como tua irmã mais velha ou casar, como a outra?

Papae, eu quero estudar e depois... mais tarde... casar.

— Perfeitamente, iremos então na proxima semana para Ouro-Preto, vies para o collegio onde estoves tu tua irmã.

A quarta filha, mais disposta á vida material do que ás lettras, pediu em vez de livros — um marido. Desta sorte o homem philosopho não contrariou a vocação das filhas e vivem hoje as quatro muito felizes, a seu modo, está claro.

A terceira, casada com um medico, é amiga inseparavel da primeira, tocam piano juntas, lem os mesmos livros, estudam e criam seus filhos muito diversamente da segunda e da quarta, que, tambem muito amigos, vivem lá a cultivar a terra, plantando favas e pepinos e criando os filhos a lascar bois, pescar, caçar; enfim, uma vida completamente material. O velho — o philosopho, ama-as por egual.

Em razão tinha elle em affirmar que cada um deve seguir a sua inclinação.

Não foi muito melhor assim? Eu prefiro um bom hortelão a um medico mediocre, do mesmo modo que gosto mais de uma mulher que faça excellentes biscoitos frios na gordura do que de uma que faça sonetos do pé quebrado.

E assim é que deve ser a vida.

Na quinzena passada tive o grande prazer de ir á bordo do «La Plata» abraçar a minha distincta amiga Mrs. Speers, esposa do illustre superintendente da S. Paulo Railway, ingleza de nascimento o paulista de coração, pois que, ha vinte annos, reside nessa capital, que é a patria de seus filhos.

Voltava de Londres. Estava esplendido o dia! Um sol brilhante — parecia de encomenda. As montanhas, o mar e toda esta bahia ostentavam o mais bello panorama possível.

Mrs. Speers, encantada, saudosa desta terra sem igual, não se cansava de admitir a nossa rica natureza.

A' bordo vinha um inglez velho; era a primeira vez que vinha ao Brazil. O velho — que já viajou a Africa, a Asia, a Europa quasi toda, dizia embevecido que o pa-

norma do Rio de Janeiro era o mais esplendido que elle conhecia. Desembarcaram e durante as horas que passaram em terra visitaram o pitoresco arrabalde do Cosme Velho, a rua do Ourvidor e alguns edificios notaveis, adquirindo algumas vistas da formosa Guanabara. E noto-se que o inglez já devia estar muito acostumado com bellos panoramas porque elle é da Escocsia, onde a natureza, dizem, é exuberante e formosa!

MARIA CLARA DA CUNHA SANTOS.



Noite

Quando a hora final da Ave-Maria
Deixa o eco voar espaço em fóra;
N'esse momento em que a melancolia
Mais na terra se estende e se demora;

Quando a sombra da noite que apavora
Encobre o sol, escurecendo o dia,
Quando não temos mais da ultima aurora
A doce luz, embora fugidia;

Quando as trevas mais negras vão crescendo
E cobrem toda a Natureza; quando
Reposou e dorme tudo em paz, — genitais

Ouvem-se, o espaço inteiro percorrendo...
E' que, tristes no mundo, soluçando
Vagueiam muitos corações perdidos.

AMELIA DE OLIVEIRA.



ordem a provar o nosso direito a tal denominação?!

Alguem tanto... *deputado*, é verdade, ainda poderia cohonosiar a nossa inopia, nessa materia, aquelle grujinho de primores artisticos, alli reunidos pelo entranhado bastrismo do pintor ituano, o inspirado auctor da *Carinha de roça* e de outros quadros de assumptos do nosso Folklore, surpreendido em flagranço da mais assombrosa realidade.

Ainda nos podia alimentar, artificialmente, a vaidade nativista o extraordinario talento desse aquarelleista delicado, actualmente no vello mundo, em busca do aperfeiçoamento, de que se resentiam as suas pequeninas obras primas...

Ainda se não apagou a reminiscencia dos poetas e dos oradores academicos, meteoros brilhantes, que illuminaram, com intensidade, o firmamento paulistano!

Fôra um phonographo colossal o recinto do vello *S. José* e ainda lá ecoariam as vozes de Fagundes Varella e de Castro Alves; de José Bonifacio e de Oliveira Bello!...

S. Paulo, uma vez *gankeeficado*, voltou-se todo, e fez bem, para a instrução da mocidade!

Por isso foi que dispendeu e dispende milhares de contos de réis, na construção dessas escolas-palacios, em que se prepara para

Chronica omnimoda

Vai pelas escolas um borborinho entonecedor...

As colmeias estão em plena actividade!

Os enxames vão sahir!...

São Paulo ainda não perdeu o sceptro das letras, no meio desse vertiginoso para a barbaria: ninguém lhe contesta o direito ao titulo de — Athenas do Sul.

Capital artistica do Brazil, de certo não é, como em um lance dramático a epithetizou a genial tragica franceza...

Efectivamente a velha aldeia de Tibiriçá, ora convertida em opulenta capital civilisada, não pôde aspirar a taes honras.

Começa por não possuir uma Academia de Bellas-Artes, nem um Conservatorio de Musica!

Onde estão as suas colleções artisticas?...

A não ser aquelle *pandemonium* do Ypiranga, onde se accumulam — *un peu à la diable* — a setta do selvagem brasileiro e o... omithyouno da Oceania, que outros pergaminhos podemos exhibir, em

E vós, apenas iniciadas as férias escolares, já não pensais a não ser nas gulodices do Natal!

Em vossa imaginação superexercitada, já ideis architectando os mais lindos castellos...

Quereis, no meio do salão, um bello pinheiro, verde-negro, de cujos ramos lanceolados pendam os mais extravagantes polichinellos e os mais appetitosos *bombons*...

Não sabeis si o vosso paé está em dia com o senhorio e com o...

Harpagon da esquina...

Vós vos quereis divertir e... acabou-se!

Como esse povo romano, a eterna creança, também vos importais apenas com o cidadissimo — *patrem et civitates!*...

Comtanto que vos divertais... *apris vous le déluge!*...

Comamos e bebamos!...

* * *

Entretanto, laes não devem ser as aspirações da mocidade...

A eterna distração, a séde insaciavel de divertimentos, é a par-tilha dos espiritos futeis e da incapacidade doirada...

Outras devem ser as idéias, pelas quaes deveis luchar!...

Certamente, ninguém vos quer privar da folga que deveis ter do trabalho indifesso de quasi um anno...

Podeis e deveis trocar a atmosphera pesada das salas de aula pelo ar livre e saudavel das campinas...

Precisais de correr, desapoderadamente, por montes e vales, ao sabor da vossa phantasia...

Mas, careceis egualmente de não deslembar o lado pratico da vida...

* * *

Ahi está a patria, que tudo espera de vós!

Si não fosse a esperanza que ella nutre na mocidade, seria caso de se entregar ao desespero!

Angustiosa é a situação do paiz! A caligem do estado de sitio mais uma vez envolve o ambiente social: e as tenazes da suspensão de garantias de novo comprimmem a garganta do cidadão!

Rumores subterraneos, denuncia-dores de proxima catastrophe, põem nos corações as agurras de um terror vago, de um terror impalpavel!...

Clarões sinistros cortam o negro-me da noite que cerca, e ninguém pôde mais contar com o dia de amanhã!...

* * *

Em vós, ó moços, unicamente em vós, é que confia esta patria, pobre mãe amargurada!...

Daes treguas ás futilidades que

vós preocupam e attendei nos seus rogos sentidos!

Quando a nossa mãe pudere, não é justo, não é decente que nos entreguemos ao prazer.

E a patria soffre e a patria reclama o concurso de todos os seus filhos!...

Acostumai-vos, desde já, a encantar o lado serio da existencia.

Ataque firmes e resolutos o problema da vida!...

* * *

Entretanto... este é o mez das creanças!

Ainda bem não deixaram ellas os livros e se voltam já para as gulodices!

Fóris e arvoras do Natal!

S. Paulo-15 Dezembro-1897.



ANILDEGASÃO

Dezoto de Novembro

A Maria Clara

Hoje não quero pranto nem tristeza!

Quero minha alma cheia de alegria,

Adegando no céu da fantasia,

Simplex e bella como a natureza!

Como tralala limpida despreza

As misérias da vida, em neste dia

Tambem desprezo a atroz melancolia

Que no meu coração soluga e pesa!

Eu te abraço e te beijo! E tu, mimosa, abraça-me também! Como é formosa Neste momento a luz dos olhos teus!

E assim unidas, fugidas, contentes,
Nossas almas, amigas, sorridentes,
Lá vão cantando pelo azul dos céus!
18-11-1897.

AVRORA PERES.



Carta do Rio

Durante toda a quinzena os telegrammas de Pariz não cessaram de falar sobre o emocionante caso do Capitão Dreyfus sobre a campanha de reabilitação que em seu favor se move em França. Realmente, não pode deixar de impressionar todos os espiritos esse caso assombroso!

Eu li a dolorosa historia do sofrimento desse homem, de sua ignobil degradação militar, dos despresos, humilhações, insultos e ultrajes que soffreu e senti uma grande admiração por aquella alma torturada quando respondia a seus algozos estas palavras tão simples mas tão expressivas e cheias de heroismo: Eu sou innocente, eu sou innocente! A esposa de Dreyfus, conforme o uso de França, facultou a lei o direito de desligar do seu o degradante nome do marido. Mas a esposa não quiz: o amor — o eterno regenerador da humanidade — falou mais alto a

seu coração magoado que o des-
preso e o odio da multidão enfi-
recida, não despresou o nome ig-
nomioso de seu companheiro de
existência, continuou a unal-o. Pas-
saram-se os tempos.

Hoje, mais calmos os espiritos de
seus contemporaneos, passado o
primeiro momento do delirio da
vingança, eis que a possibilidade da
innocencia d'aquelle homem, co-
meça a apparecer.

O seu martyrio foi tão profundo,
tão dolorosa foi a sua tortura, que
se elle provar que é innocente, eu
creio que a unica reparação possi-
vel a tão negra injustiça, seria a
sua canonisação.

Extremego ao pensar no remorso
dos algozes de um dos maiores
martyres do seculo dezenove!

No Hospicio Nacional de Alie-
nados tambem appareceu uma his-
toria commovente: trata-se de uma
senhora que foi recolhida aquelle
estabelecimento como louca e como
louca alli conservada ha mezes.
Dizem que ha um mysterio em tudo
isso, que a mulher não é louca, o
que está provando o seu advogado
com attestados medicos. Realmente,
se a Sor.^a em questão provar que
não é louca e sair do Hospicio
ainda em pleno gozo de suas fa-
culdades mentaes, provará que ti-
nha juizo de sobra quando lá en-
rou, pois que a grande dor de se

ver encerrada em um quarto de
Hospicio, para satisfazer a ving-
ça de um desaffecço, não teve a
força precisa para esquecer-lhe a
raza. Outras creaturas que não
se tivessem declarado ainda, teriam
em vista de tão cruciantes provas,
excellente occasião de mostrar que
soffriam da telha...

O Riachuelo, o formoso cou-
rado que durante alguns mezes es-
teve em concerto no digue Gua-
nabara, ha dias que fluctua gar-
boso nas aguas de nossa bahia.
Quando o Riachuelo aqui chegou
quasi inutilisado, com o casco ar-
rebentado e a roda da pra par-
tida, houve quem dissesse ser pre-
ferivel enval-o a qualquer hom-
esteleiro da Europa, onde pudesse
ser reconstruido com perfeição. Mas
um brasileiro que tem confiança
em sua terra e em seus patricios
assegurou que os reparos, conquanto
muito difficeis, poderiam ser prati-
cados aqui mesmo. E de facto, o
Riachuelo está prompto, garboso de
sua força, orgulhoso de suas tradi-
ções, a balançar-se tranquillo sobre
as aguas da nossa formosa bahia.

Que por longos annos não pre-
cise de outro concerto, é o que de-
sejo para economia dos cofres pu-
blicos, já tão deopuperados e para
gloria dos operarios brasileiros.

Se, em epochas remotas, alguém

ousasse affirmar que os surdos-
mudos, com o estudo de methodos
melhoricos, viessem, ao fim de al-
gum tempo, a falar intelligivelmente,
divulgaríamos, e com razão. No en-
tanto, os ultimos exames do Insti-
tuto dos surdos-mudos desta Capi-
tal acabam de provar que não é
uma utopia o que nos parecia
impossivel, ha annos passados. Dois
alunos falaram, com uma só in-
flexão de voz e quasi aphonicos,
mas, em todo caso, é um progresso
que devemos assignalar contentes.
São dignos de maiores elogios o
Director do Instituto, D.^r João
Paulo, e os professores, particula-
rmente o Sn.^r Candido Juca. Já
não é tão desgraçado, como era em
outras epochas, o surdo-mudo. É
bastante consoladora a ideia de que
um homem que seria fatalmente
um inutil, um peso para a huma-
nidade, o benemerito Instituto dos
Surdos-Mudos do Rio de Janeiro
educa e apparella para as luctas
da vida com o mais valioso dos
capitais — a instrução.

Recebi o livro de Igenz Sabino
intitulado «Noites Brasileiras» com
uma captivante dedicatória. O li-
vro foi impresso em Pariz e é or-
nado com gravuras. É muito bo-
ninho. A auctora dedica-o ás
creanças e ella propria me disse
que elle tem tido muita procura e
accolação.

Ainda bem. Gosto disso. Em
carta dirigida ao A. A. do Pariz e

Sei de uma amiga que hontem

publicada na «Palestra», Ignez Sabino diz francamente que não nos consulta das palavras de louvor dos nossos literatos, inclusive o A. A., pois que teve os maiores elogios de distintos homens de letras. E é por isso que eu, a mais humilde das collaboradoras da «Mensagem», abstenho-me de falar sobre o merito do livro; faria má figura a minha desautorizada opinião. Que poderia eu dizer que vallesse a pena, quando a auctora tem, como diz, em seu alvoro, a opinião dos mestres?

De coraçoão agradeço o conto «Entre rosas» que ella bondosamente me offereceu.

Aproxima-se o Natal. Ah! vem o tempo das festas e das alegrias, das presentes, das amendoas, das folhinhas e dos *bombons*.

Termino esta *Carta* enviando boas-festas ás assignantes da «Mensagem».

MARIA CLARA DA CUNHA SANTOS.



Patuit Dea...

Tem o que pôde ter a creatura
De mais sublime pelo sentimento...

Tua coraçoão é lago de terra,

Logo que se espelha todo o firmamento!

Tua meigalhe, que no olhar fulgura,

Sorri nos labios, a qualquer momento;

E tu a alma genti, que é sempre pura,

Vibra tambem de ardor e movimento!

Junto de ti, até de mim me esqueço...
Esqueço tudo mais, que é vil e baixo,
Pois nada mais encontro de tal preço!

Junto de ti, ólympica beatude,
Subo da baixa plana em que me achou,
Incendiado na tua claridade...

Dezembro, 97.

SILVIO DE ALMEIDA.



O suffragio feminino em a Nova Zelandia

O seguinte artigo, que transcrevemos da interessante e bem escripta *Gazeta de Petropolis*, é um valioso documento em favor da mulher. Attesta elle, de modo eloquente, o bom senso e sobranceira do sexo fraco. Vejão:

Foi ha tres annos que as mulheres da Nova Zelandia exerceram pela primeira vez o direito eleitoral, não sem vira resistencia da parte de uma poderosa classe, a dos taverneiros e vendedores de bebidas alcoolicas, receiosos de que a influencia de tal categoria de eleitores, pela maior parte filiaos (ou antes filiaas) ás sociedades de temperança, determinasse a adopção de medidas que os impedissem de continuar a envenenar os seus compatriotas com os productos da sua industria.

As mulheres acabaram por vencer, mas não abusaram da victoria,

limitando-se a obter algumas restricções á venda das bebidas e licenças fortes, mostrando assim uma noção assés lucida das exigencias do orçamento, que, para se equilibrar, precisa de que o contribuinte se obrigue o mais possível, ou pelo menos se sacrifique abundantemente ao demonio do alcool, como lhe chamava Edgar-Poë.

Esta primeira intervenção da mulher nas luctas electoraes não produziu em summa grandes alterações na composição da camara electiva; mas, ha poucos mezes, tiveram ellas occasião de exercer de novo o direito de suffragio e muito conscienciosamente o fizeram: porquanto, segundo as estatísticas, o numero de eleitores femininos foi apenas inferior de 30/6 no de eleitores do outro sexo.

O primeiro resultado da intervenção das mulheres na batalha eleitoral foi, segundo um antigo membro do Parlamento neo-zelandez, Mr. Hugh Lusk, que publica sobre este assumpto um importante artigo no *Forum*, attenuar, pela sua salutar influencia, as rixas e violencias de toda a ordem que se produziam em toda a Colonia durante o periodo agudo da época eleitoral.

«As reuniões politicas, diz Mr. Hugh Lusk, deixaram de ser assemblies, em que eram admittidos só homens; as mulheres concorrem

a ellas agora em grande numero; e bastou a sua presença para inspirar aos oradores mais modernção na linguagem, e mais attenção, cortezia e tolerancia no auditorio. Barras vezes succedem subir qualquer mulher á tribuna; as que tomaram a palavra eram quasi todas do partido da temperança obrigatoria.

O principal resultado do suffragio feminino foi, porém, a eliminação do Parlamento Colonial, de todos os homens politicos cujos antecedentes não *presentavam* crystallina pureza. A mais amavel metade do genero humano é rebelde á disciplina de partido. Nas ultimas eleições, as neozeandezas inspiraram-se mais no coraçoão do que na cabeça, e votaram pelos candidatos que lhes mereciam estima ou sympathy, sem se importarem com as suas opiniões politicas.

«Para solicitar com bom exito os suffragios das mulheres, escreve o collaborador do *Forum*, era necessario gosar de irreprehensivel reputação. Todo o homem cuja vida privada ou cuja carreira politica deixava a desejar, estava de antemão vencido. A capacidade mais universalmente reconhecida não bastava para salvar de um desastre este ou aquelle personagem consideravel, cujo caracter pessoal podia ser discutido.

Candidatos que pela primeira

Æ minha mãe

Ella —
E's injúria e cruel, Palmyra, como
encontras no passado que me ouviste
um ponto deusal?!
Palmyra, que te fiz eu? Porquê estas triste?

Põe á prova este amor, marca-me um prazo,
curto, longo, de um dia, um mez, eterno!
mas responde afinal!...

Que te fiz eu? que te fiz eu, Palmyra?
Já não tens, para mim, aquelle termo
sorrinho de perdão?

Palmyra, por Deus, mulher, era mentira
tudo o que me dizias o teu encanto?
era tudo illusão?

O teu olhar tão meigo, o arfar do seio,
o sobresalto ao ver-me, caso eu fosse
surrender-te... e a voz, e a voz tão doce!
o o beijo?!... Deus!

Lembra-te bem, Palmyra? estavas lendo
Moussé, tão entretida na leitura,
tão abluída de tudo e aos olhos meus
tão fascinante, que foi-me crescendo
malha um ardente, indomito desejo
e aproximamente, presa da tortura
de ou beijar-te, ou morrer.
Beijar-te e então... feliz... rubra de pejo
beijaste-me também!

Não imaginas, filha, que tormento
é recordar tal bem!
e sentir que de mim teu pensamento
vive a atmar-se dia a dia... lento...

Isso não pode ser.
Ter provado a ventura! o Paraiso!
ter beijado teu labio ardente e mudo!
soletar meu perdão no teu sorriso
e agora, ver por terra tudo! todo!
Que te fiz eu, mulher?

Ella —
Hasta já de mentir. E's falso. Escundas
outro amor, bem o sei.

Contemplar a chorar, horns e horns
a miniatura da mulher que adoras,
que trazes em medalha unida ao peito!
Sorria?! Pallido riso contrafeito!
Bem sabes que não minto. Não respondes?

A lealdade é lei.

Oh ella, oh eu. Escucha. Teus saudades
de um amor que se foi? de outros carinhos?
Lastime-te, Kaul. Que inquietade!
Eu! singelar-me ainda a tal parilha?
Antes ir mendigar pelos caminhos
a compatxão da algeme!

Ella —

Tu vases pedir perdão e chorar, filha,
que esse amor que perdi e a todo instante
invoco e chamo em vão, fabricante,
esse amor mais que todos santo e puro,
vês? vases chorar também...

essa triste rival que beijo ardente,
essa morta que choro eternamente...

por Deus! por ti o juro!
é minha mãe! é minha mãe! queinda!
Vejo nublada a limpidez azul
do teu olhar, que é todo o meu encanto...

— da injúria idéa, arrependido pranto! —
Falla! responde, ó sol da minha vida!

Ella —
Como te amo, Kaul!

ADEREUA LOPES VIEIRA.



Carta do Rio

A litteratura franceza acaba de
soffrer grande perda com a morte
do genial escriptor Alphonse Dau-
det. O telegrapho transmitiu-nos
essa noticia que tem contristado
geralmente a todos os amantes das
letras de aquem o de além mar.

Lembro-me ainda da deliciosa
impressão que me causou n'alma
a leitura de um *conto* de Daudet
— O dedal de prata.

Eu era muito creança e esse foi
um dos primeiros contos que li.

Foi a historia commovente de
uma meimã pobre que fôra seduzida
e mais tarde abandonada pelo
seu ingrato amante.

Depois... de quêda em quêda a
misera abandonada atirara-se á to-
da a sorte de devarrido.

Tinha joias e sedas, palacios e
carruagens... Um dia, admirando
a fascinante riqueza de suas cus-
tosas joias — escripto das mais
ricas e formosas pedras preciosas

— encontrou, por acaso, um dedal
de prata, antigo, que lhe fôra dado
por sua pobre mãe, nas festas do

Natal. Aquelle modesto dedal obrin-
gou-a a uma divagação pelo pas-
sado. N'aquelle tempo — que dif-
ferença! — esse simples dedal de

prata lhe causara vivissima impres-
são, sua alma candida não sonhava
com as seducções do mundo. Era
simples e pura, tinha ainda sua
mãe e tinha honra!

E triste, hallucinada, traspassada
de dor, a misera chorou horas e
horas. Divagando pelo passado vin

claramente que a joia mais pre-
ciosa d'aquelle escripto riquissimo
era aquelle singelo dedal de prata.

E teve um momento de indizível
tristeza!

Ainda hoje ao recordar esse *con-
to* do grande escriptor que acaba
de desaparecer dentre os vivos,
sinto minh'alma inundada de vagra
melancholia.

A mulher de Daudet é devotada
cultora das letras. A ella se deve
o magnifico livro *Femmes d'ar-
tistes*.

Daudet deixa um filho, que já é
tambem um escriptor de nome, e
cujo destino se achã ligado ao de
Joanna Hugo.

Ha dias appareceu uma onça
pintada já para os lados do Irajá,
e tem pintado o sete a tal onça.
Já foi vista muitas vezes pelos mo-
radores d'aquelle bairro. Imagino
que a forasteira vein explorar o
logar a ver se lhe convem para
trazer a familia.

Sim, eu penso que a onça tal
qual o homem, não é propheta em
sua terra e por isso entende que
de tempos a tempos um passeio a
outra cidade, a outro paiz, instrue
e fortifica a alma, do mesmo modo
que fortifica e retempora o corpo.
Uma onça em Irajá, tem graça!
Amanhã, si a onça ampliando mais
o seu passeio, vier até aqui ao
Engenho Velho, não nos podere-
mos queixar caso algum extran-
geiro admirado nos chame boto-
cudos.

Decididamente, a onça de Irajá

ou é uma forasteira que procura novos sítios, certa de que ninguém é profeta em sua terra; ou é uma apaixonada que procura o bulício das grandes cidades para esquecer amores não correspondidos, ou é uma malvada que pretende abater o nosso orgulho de povo civilisado. A civilisação e as onças são incompatíveis.

Oigo o canto das cigarras no momento em que escrevo esta «Carta». O verão este anno não esteve à espera da folhinha, entrou abertamente, furtosamente, muito antes do dia marcado pelo calendario, que é, se não me enganar, a 21 de Dezembro.

Quatro inenitios em um só dia tivemos na semana passada! Isto é que é progresso!

Nessa proporção medonha, si o *negocio* continuar, esta Capital fica liquidada em pouco tempo.

Contou-me, hontem, uma amiga que sua vizinha tencionava fazer da filha — menina de doze annos — uma bôa poetiza. A menina, coitada, não tem vontade, a mãe quer e é quanto basta, ha de ser poetiza... á força. E' original. Depois da Inana — a mulher que, ao fim de doze annos de esforço,

conseguiu voar sem um ponto de apoio, só mesmo onças em Injã e poetizas... á força.

A 24 do corrente o Club de Engenharia commemorou dignamente o seu 17º anniversario, offerecendo a seus socios e convidados uma diversão ao Corcovado. Magnifica esteve a festa dos engenheiros. Em bond e trem espedas subimos ao pifitresco pico do Corcovado. O dia estava nuabiado e por isso não pudemos des-cortinar muito bem o rico panorama desta bella cidade. Mesmo assim, nos rapidos momentos em que o sol apparecia, gosavamos de uma vista deslumbrante. Explendidado almoço ao ar livre aguardava a chegada dos convidados ao hotel das Palmeiras.

Houve muitos discursos, flores, saudações e alegria. A pequenez do espaço de que dispõe a Mensageira não me permite descrever minuciosamente a bella festa do Club de Engenharia. Agradeço a saudação que por um dos engenheiros presentes foi feita á mulher brasileira e particularmente á mulher do engenheiro, eu disse algumas palavras simples e sinceras. Dois motivos imperiosos levaram-me a usar da palavra em resposta a esse saudação: ser

mulher brasileira e ser esposa de um engenheiro.

Confesso que tive uma pequena parcellla de orgulho pelo triumpho da festa dos engenheiros. Meu marido foi um dos socios fundadores do Club e é um de seus mais devotados amigos.

Que o Club viva e prospere — eis o que desejo — para garantia de uma classe distinctissima a qual o Brazil já deve muito e da qual ainda muito espera.

Expira 97. E' costume muito nosso apedrejar o anno que finda o cobrir de flores o que nasce.

E' mau esse costume. Não devemos esperar muita coisa do anno que começa, porque assim qual-quer beneficio ou favor que Deus nos conceda, alegrará em extremo nossa alma, inundando-a de salutar contentamento.

E... até o anno que vem, gentis letórnas!

MARIA CLARA DA COSTA SANTOS.



Filha, Esposa, Mãe

Qual é a luz da tua noite escura,
Qual é a flor do teu jardim despido,
Triste anão que gemes de amargura
Deixando a vida — lacrimosa trilha —,
Quem é?

— E' tua filha. —

Homem infeliz no teu viver de dor,
Homem d'isso — em tua loba hora,
Quem mala sentio teu fundo anagorou,
Quem na tua ventura mala a goza,
Quem é?

— E' tua esposa. —

Creança — a quem d'as tu o teu sorriso?
Quem com seu sangue te alimenta, nutiga?
Quem é o teu amor, teu paratizo,
Quem a tua alma innocentiha cecanta,
Quem é?

— E' tua Mãe, a mulher santa!

DELMIRDA SILVEIRA.

Dezembro de 1897.

Juva Simões

Elegantemente edictado em brochura acaba de apparecer em Lisboa, e de ser remettido para este paiz americano o romance *Juva Simões*.

Sua escriptora é d. Julia Lopes de Almeida, que com a publicação da *Família Medeiros* firmou invejavel nome no romanticismo brasileiro.

A nova produção é daquellas que pôde dar ao auctor as satisfacções do orgulho que a profissão das lettras, ás vezes, proporciona. Já mereceu o applauso dos intellectuaes e nesse numero include-se o da abalizada escriptora d. Guimar Torrezaço, que em vibrantissimo artigo analysou o ro-

Juva Lopes

ahi no Brazil a mulher sahisse do interpeccimento em que se encontra ntida e se lançasse como as suas irmãs da França, da Inglaterra, da Alemanha, da Scandinavia, dos Estados Unidos da America do Norte em pleno movimento emancipador, reclamando nos codigos a revisão dos artigos que ferem profundamente os direitos da mulher, frequentando as escholas superiores etc. Aquellas que ainda não cobrigem o fundo das doutrinas feministas devem consultar *Humanisme Integral* de Leopold Lacour (edição da livraria Stock, Paris), as obras diversas de Julio Bois, (livraria Chailley), todos os trabalhos de Louis Frank, os trabalhos de Stuart Mill sobre a mulher, os trabalhos de Leon Richer, de Alfred Fouillee, de Me^{me} Chauvin, de Bebel, de Grosserrie, de Paul Lacombe, de Jacques Loubet, de Ernest Naville, de Paul Gide, do dr. Thulé, do dr. Martin etc.

As mulheres contam em Paris, além da folha diaria *La Fronde*, as revistas: *Journal des Femmes*, *Revue Feministe*, *Revue des Femmes Russes*, *Revue des Femmes Chrétiennes*, *La Femme* etc. São pelo menos estes orgãos feministas que conhecemos. Todos muito bom redigidos.

Quem assigna este artigo fundou ha annos no Porto (Portugal) uma

revista quinzenal *A Mulher* para a defesa das reivindicações feministas e para a propaganda da litteratura feminista. As nossas collaboradoras foram d. Maria Amalia Vaz de Carvalho, d. Olívia Telles de Menezes, d. Clóvinda de Macedo e uma dama franceza de que nos não recorda agora o nome (porque não possuímos a colleção da *Mulher*) e que morreu queimada no incendio d'um theatro em Nice. No

Seculo publicamos em 1890 um artigo longo e minucioso sobre o feminismo, que serviu de thema a uma das lições do curso de Direito na Universidade de Coimbra, na cadeira regida pelo dr. Manoel Emygdio Garcia. E aqui em Paris temos acompanhado as mais audaciosas propagandistas da causa da emancipação da mulher, notando comtudo em muitas d'ellas a falta de continuidade e o receio das ultimas conclusões logicas tão bem sentidas e tão admiravelmente descritas no ultimo romance de Xavier de Ricard, *Les conditions de Claire*. Collaborando hoje n'esta bella revista brasileira, nós protestamos mais uma vez o nosso amor pela causa da Eterna Menor, saudando a Eva Futura que será a verdadeira companheira do homem e não a sua escrava de hoje.

Paris, dezembro 1897.

XAVIER DE CARVALHO.

O Sonho

«Vem! — o Sonho me diz, e a sua mão me acena —
Sobre uma ana que vibra, e se estendo, e se eleva,
Sobe! sobe! e á região afastada e serena
Das estrelas o vôo ousadamente leva!

A vida corre sempre amargurada ou séva;
A esperança atirada e a paixão evanesca.
Nada vale a embriaguez da poesia que enleva...
Patria acima da terra onde habites, sem pena.

E' mais formoso e puro o patz da chimenea:
— O aroma fresco, o céu azul, a aragem branda;
Azas frechem á luz de um sol de primavera.

Gloria, vida e prazer, tudo esse mundo encerra.
— Pensa, ó alma infeliz, ó alma miseranda,
Que nada existe assim sobre a face de terra.»

JULIA CORTINES

Carta do Rio

Mais um melhoramento — e muito importante, vão ter as senhoras desta terra. Um engenheiro distincto, o dr. Cordeiro da Graça, que regressou agora dos Estados Unidos da America do Norte, trouxe em sua companhia e na de sua familia, Miss Elisabeth Ambler, que veio contractada pelo prazo de um anno para ensinar ás nossas patrias tachigraphia e manejo das machinas de escrever. Para esse fim resolveu o dr. Cordeiro da Graça abrir um curso gratuito pelo prazo de oito mezes, a contar de 15 de

Março proximo futuro. Aquellas de nossas patrias que desejarem dedicar-se a esse genero de trabalho deverão dirigir-se á rua do Hospício, 88, afim de se inscreverem, exigindo-se apenas que tenham conhecimentos preliminares da lingua ingleza.

As vantagens resultantes de um tal ensino para as moças brasileiras são de facil comprehensão. E' uma excellento profissão para a mulher a tachigraphia: é decente e rendosa.

Ninguém ignora a economia, a presteza, o asseio e todas as vantagens da machina de escrever.

Associação esse delicado serviço todo o auxilio que nos pôde vir da mulher que precisa, por circumstancias de vida, procurar meios de subsistencia para si e para os seus — é já um dever que todos temos.

Ao dr. Cordero da Graça sauda a « Mensageira » pelo valioso auxilio que presta ás mulheres brasileiras proporcionando-lhes mais esse precioso cabedal, com o qual muitas de nossas patricias poderão suavemente ganhar a sua vida.

* * *

La Fronte é o titulo de um jornal diario que appareceu agora em Paris. A directora da nova folha é M.^{me} Durand. O jornal é todo rodigido, collaborado e mesmo typographicamente composto por mulheres.

Essa noticia de algum modo nos encoraja! Gostaríamos que o exemplo fosse imitado aqui no Brazil.

Quantas senhoras de talento, aptidões e fortuna conhecemos que se deixam envelhecer inutilmente. A rotina é tudo em nossa terra. Ainda ha muita gente — e gente da alta sociedade — que tem horror á mulher litterata. No entanto, seja qual for a posição do marido, sempre a coadjuvação de uma intelligencia cultivada de uma mulher superior será um preciosissimo auxiliar.

Interessante, foi cumprido rigorosamente. Representaram alguns amadores duas comedias originas de Coelho Netto, intituladas «Rato X», e «Cotó».

A primeira é conhecida já, a segunda era inédita. Coelho Netto, o grande escriptor, é tambem um grande actor. Elle fez com admiravel perfeição o papel de *Jagunço*. Estava tão bem caracterizado que delle proprio só ficaram os olhos e os seus mesmos obedeciam a uns impulsos exquistas do olhar do sortanjo da Bahia. A dona da casa — é uma verdadeira fidalga de raça — sabe receber seus convidados com as maneiras mais capitivantes e distinctas.

Quando voltamos da festa, vinha rompendo o dia. Só assim é que eu comprehendendo perder uma noite de somno.

* * *

Por toda a parte, em quasi todas as lojas, eu vejo em letras garrasas este letreiro: Liquidação real. Pois vou lhes contar, caros leitores, o que fez um intelligente negociante para vender uma peça de seda muito feia, de um padrão horrivel: — inutilizou o principio da peça da seda, emnodou os dois primeiros metros. Fez um pego . . . commodo e immediatamente vendeu toda a fazenda.

As froguezas com sentido na burateza, nem olhavam a feitura do pudão.

O mundo é mesmo assim!

MARIA CLARA DA CUNHA SANTOS.



Amphitrite

A *Francisco Lima*

Por mar a fóra, no som cadenciado
Dois remos scintillantes de ardente,
O' bella, erravas! Tal, com as vagas, in
Amphitrite no concheyo illuminado.

Da lua a esphera ao páramo azulado,
Por traz das serras, pallida anhin,
E a seus raios o mar, que estremeia,
Manso, embalsava teu babel dorado.

Solta a flava matizaxa de ciro fino,
Da espadua á flor, o oceano immenso o manto
Reddeia-te o vulso peregrino . . .

E a agua, a esteira de prata, a noite e os arcos,
Astros e espumas, te segua tudo
A loira sombra na amplitude dos mares!

ALBERTO DE OLIVEIRA.



Intellectualidade Feminina Brasileira

Quem não se encherá de júbilo e orgulho nacional, vendo que, no mundo das idéas da America latina, a mulher brasileira vaegulbrilhante vendeu toda a fazenda.

para o sorriso, mãos para as cartelas, faces para os beijos; sentir a carcassa mal vestida por uma carne que se desfaz, uma pelle que se rompe e se contrahê, é suplicio que uma alma heroica repudia por de mais infimo e torturante.

Aquellas palavras viriam do coração, ou seriam já reflectidas, emanadas de um fervor religioso que as dicesse, apontando-lhe o caminho do ceu?

Atiremos a duvida pela janella fóra. Era uma santa, o *Diario* o disse e eu quero crel-o.

Foram irmaes de caridade e meninas do asylo, vestidas de branco ao seu sahimento, e fizeram alas ao caixão que passava, abençoando por um conego, e talvez dissessem por olhos humidos e peito convolto, como os outros da poesia do Creopo:

— Como ella vae bonita!

Talvez dissessem, porque a imitação e a sympathy, coloreem e amenisam os mais tremendos aspectos, e uma santa é sempre simpatica, principalmente para as meninas vestidas de branco —

A estas horas, a sua enfermeira, que tantos gabos mereceu de paciencia, tenacidade e docura, e a quem não sei que titulo caiba, será talvez de mãos postas a S.^{ta} Maria Bravida, que lá no Ceu, rissonha e placida, já formosa e

coroada de luzes gosa da paz e da alegria eterna.

Grande peccadora eu sou por abrigar na minha ideia que maior virtude teve a enfermeira do que a paciente . . .

Lavar um corpo asqueroso, mudar-lhe os lençoes e a roupa, chegar-lhe a comida á bocca, erguel-a, sental-a, deital-a, estar quinze annos assistindo ás ruinas de uma creatura que se esphacella e apodrece, embaixo das mesmas telhas, comendo do mesmo alimento, bebendo da mesma agua, sem ser a sua mãe, nem ser a sua filha, é que acho, de uma caridade limitada, espantosa e perfeita. Não eram dois entes humanos que viviam junctos. . .

Não sei se haverá aqui, pela minha velha cidade, alma que, como a de Maria Bravida, tenha medo do amor e asco ao peccado.

Julgo que não. Estas grandes virtudes são cada vez mais raras e geralmente só se annham em séculos que não tenham outro remedio senão dar-lhes guarida. . .

Pobre Maria, a tua lingua não era dessas de dizer coisas que o teu coração lá dentro não sentisse. . . . As meninas de branco que te atiraram flores (é provavel que tivessem levado flores) guardarão na memoria, enquanto vivos, a doce lembrança do teu enterro e os teus exempls sem par.

Que Deus as mate já bem velhinas e então, doce Maria Bravida, desce lá do teu throno, e, fechando os olhos aos seus peccados, abre-lhes os braços e acalenta-as, que os velhos são como as creanças, — gostam de festinhas. . .

JULIA LOPES DE ALMEIDA.



Em Ouro Preto

Foi aqui nestas altas penedias,
Que parecem romper o firmamento,
Que ruiu fulgurante o pensamento
Do Liberdade, que pregou Messias.

Foi aqui! — Diz a voz das ventanias;
Foi aqui! — Diz um velho monumento;
Foi aqui! — Tudo diz com sentimento,
Contando a historia dos passados dias!

Salve! Cidade legendaria e illeca!
Se hoje a moderna geração despreza
Teu passado de glórias e de sóes;

Minh'uma ajoelha commovida e em pranto
Beija o teu seio generoso e santo,
Onde pulsaram corações de Heróis!

ÁUREA PARES.

1896.



Carta do Rio

Quantas vezes se não têm fallado das creus decepções que a todo instante encontram os amoro-

sos coraçãoes nesta vida tão cheia de sonhos e de mentiras!

O amor é sempre a causa dessas queédas tremendas. A's vezes a vida de uma creatura parece deslissar serena e calma como as arguas de um manso lago. Nenhum leve pezar, nem o mais pequenino desgosto turvam a serenidade de seu viver pacato e feliz; de repente muda-se o scenario, empalidecem os doirados raios de luz e sobre a vida ha pouco povoada de appareções formosas projectam-se apenas dolorosas realidades. Apagam-se, como por encanto, as alegrias e esperanças todas.

Tal foi o que se deu com uma doente, ha já algum tempo, nesta cidade, e que ainda hoje no Hospicio Nacional de Alienados está submettida a criterioso tratamento.

Chama-se Theodora, a infeliz, e seu caso foi largamente commentado pela imprensa diaria. Sua historia é muito interessante para a medicina.

Tão acostumadas estamos a ver, em questões de amor, ingratições e perfidias que dizemos ser o caso interessante para a medicina, unicamente. Theodora amava com todo o ardor de uma paixão purissima e acreditava-se amada tambem. Passaram-se os tempos. Uma rival mais feliz despedaçou todos os seus sonhos, todas as suas alegrias! Theodora, de ha muito que des-

confava de seu amado, mas elle, o perfido, jurara-lhe eterna fidelidade e amor eterno.

Avisos prudentes de velhos e atiliados amigos, conselhos carinhosos e bons, tudo, tudo Theodora despresava para só crer em seu amado!

Um dia, lendo na *Gazeta* os proclamas de casamento deparou subitamente com o nome *delle* e o da *outra*.

Era certo, não havia duvida, ali estavam aquellos nomes que lhe queimavam os olhos como se fossem de fogo. O que pensou nesse instante a pobre abandonada? Ni-
guem soube, nenhuma palavra ar-
teiou, apenas estatica, dura, hirta,
com as unhas enterradas no jornal,
os dentes cerrados e pallida como
se estivesse morta, cahio de todo
o cumprimto, vencida pela gran-
de dor d'aquelle golpe fatal.

Correram todos, acudiram pres-
surosos, foram prestados todos os
socorros medicos e nada fazia com
que ella tornasse á vida.

Morta! morta! pensaram todos.
Distincto facultativo affirmou en-
tretanto que aquillo não era a morte,
era um somno, uma especie de morte
é verdade, mas emfim era um
somno.

Durante 20 longos mezes dormio
Theodora; os medicos interessados
por esse caso tão curioso trataram-
na com todo o carinho e desvello

da sciencia. Recolheram-na no Hos-
picio, onde ha mais elementos para
longos estudos e variadas experien-
cias scientificas. Ha pouco tempo
a doente acordou, foi a pouco e
pouco despertando como quem
acorda de um somno natural: não
pôde fallar ainda, mas ouve, traba-
lha, alimentase-se regularmente e as
vezes sorri.

Vi-a no Hospicio, um dia destes
e senti uma grande compaixão ao
ver-a! O intorno, 5.º annista de
medicina, a cuja gentileza devo o
favor de me haver mostrado a do-
ente, disse que ella por ora não
fallava por ter uma paralyxia na
garganta, mais tarde é provavel que
fique completamente restabelecia.
Fiz-lhe algumas perguntas que ella
promptamente comprehendeu e sor-
riu.

Pobre victima do amor! O mun-
do dá tantas voltas e é tão bella a
lei divina da compensação que eu
não me admirarei se um dia en-
contrar Theodora completamente eu-
rada, resignada, consolada e casada
...com outro. Ella, pelo muito que
já soffreu, mais do que todas, tem
direitos a ser largamente compen-
sada!

Muito bonita está a exposição de
pintura de Fachinetti e Maria For-
neiro e, seus discipulos, na Ladeira
da Gloria. Vi muitos quadros que
me impressionaram agradavelmente.

O atelier é muito bem montado,
ha muita luz, muito espaço e so-
bretudo bellissimos panoramas desta
incomparavel Guanabara. O Sor,
Fachinetti é um velho que faz pro-
gressos. Sua maneira de pintar de
hoje é muito melhor e mais agre-
davel do que a de outros tempos
em que a sua demasniada minucio-
sidade prejudicava muito a seus
quadros. Uma vista de Theresopo-
lis «Effeito de manha» é um attes-
tado de seu progresso. As sombras
são muito bem projectadas e ha
uma alegria nessa tela, uma alegria
communicativa e franca que faz
bem a alma. Para nós, acostuma-
das as magnificencias deste ceu de
anil e ás perspectivas tão grandio-
sas quanto encantadoras desta na-
tureza exuberante e rica, o quadro
a que me refiro é um estudo con-
scientioso da nossa terra. Sente-se
que aquellas arvores, aquella luz,
aquelle ceu são nossos, são do Bra-
zil.

Ha ainda muitos quadros de va-
lor, que eu não menciono por falta
de espaço.

A «Praia de Icarahy», vista em
uma noite de luar, forma um gran-
de quadro muito harmonico e bo-
nito. D. Maria Forneiro é irmã de
Domício da Gama e como seu irmão
possue muito talento e amor pelas
artes.

Termino esta ligeira e despreten-
ciosa noticia enviando um punhado

de flores á D. Maria Forneiro, Sor,
Fachinetti e seus talentosos alu-
nos.

Aviso ull ás mães de familia:
não consintam em vossas casas uma
ave que é muito prejudicial a avos-
truz. Ha dias deu-se nesta cidade
um facto dolorosissimo. Uma me-
nina que eu conheço e estimo, de
6 annos de idade, bonita, intelli-
gente, sadia e alegre, foi victima
dessa ave cruel.

Era uma tarde bonita como são
as tardes de verão nesta terra.

A menina transpunha o degrão
da porta da rua p.º brincar com o
irmãozinho, no jardim. Vinha vin-
do, a pequena distancia, um carro-
gador trazendo ao collo uma aves-
truz.

A menina mal teve tempo de
fiar o homem que trazia a aves-
truz, quando esta, trahçoiamente,
desprende-se dos braços possantes
do carregador, que não ponde con-
tê-la e certeira como uma flecha,
fura com o bico esguio um dos
olhos da formosa creança. Não
houve um segundo de demora na
realisação deste desastre. A ave
choupano o olho da menina, deixan-
do na orbita um vacuo profundo
e medonho.

O carregador, embaracatissimo,
não podia explicar como se deira o
facto, affirmou entretanto que a a-
vestruz quando se desprendeu de

seus braços teve uma força enorme, inigualável, força muito superior á sua.

Tanto chorava o pobre homem, como a creança e as pessoas de sua familia em vista desse desastre.

A menina já está hoje com um olho de vidro, pobresinha!

Realmente os olhos de Laura, de tão bonitos e scintillantes que eram, causavam admiração geral.

A inconsciente avestruz se deixou fascinar tambem e tomou-os, quem sabe? por brilhantes negros. Tombo pena de encontrar a formosa Laura assim deformada! Pobre creança!

Grande exemplo de philosophia acaba de nos dar, em Partz, um cocheiro de tilbury. Tirou uma sorte na loteria, de alguns milhares de francos correspondentes a 200 contos de nossa moéda.

Pensaram os tilbureiros que teriam um collega de menos, e que, como é natural, o felizarado cocheiro fosse gozar sua fortuna e empregar sua actividade em cousas mais altas. Engano. O homem continuou no seu modesto emprego, disse que jamais se acostumaria com a variedade, que é um crime segundo o seu caracter, e que não sabia trabalhar em outras cousas senão em tilburys, como cocheiro. Confiar seus captaes a outros...

não queria, tinha receios e bem fundados,— por isso continuava a trabalhar n'aquillo que sabia.

Decididamente é um grande philosopho esse cocheiro! tem a rara virtude de conhecer a sua ignorancia!

MARIA CLARA DA CUNHA SANTOS.



O meu ideal

No porte a distincção nobre e correcta cheia da graça natural que encanta; nos olhos — doce luz que me aquebranta — um reverbero de alma de Poeta.

Como canto materno que aquietava febril infante co' a harmonia santa, derrama a sua voz dopura tanta que a negra dor não mais minh'ama affecta.

Tudo o que eu penso vejo em seus pensamentos, prefere o gosto seu tudo o que eu amo, são como os meus seus intimos pesares:

e eu louca, louca! — o meu ideal — lhe chamo...
mas, si existe a visão dos meus sonhos, debalde em seu amor meu peito inflammo!

DELMANDA SILVEIRA

Florianopolis, Janeiro — 1898.



Pela mulher

D. Jolyo Alvaro, presidente da republica do Equador, dirigiu ao con-

gresso do seu paiz a seguinte mensagem, que desajuriamos fosse lida e meditada pelos estadistas de todos os paizes sul-americanos:

*Senhores deputados: — Nada é mais doloroso do que a condicção da mulher em nossa patria, onde, empregada nos afazeres domesticos, é limitadissima a esphera da sua actividade intellectual e mais estreito ainda o circulo onde pôde prover a subsistencia, independente e honradamente.

Mostrar-lhe novos horisontes, fazel-a participar das manifestações do trabalho, compativel com o seu sexo, chama-la a colaborar nos concursos das sciencias e das artes, ampliar-lhe, numa palavra, o campo de accção, melhorando-lhe o porvir, é assumpto que não devemos esquecer.

No Equador, especialmente, nada se fez para melhorar a condicção da mulher e não é justo que uma assembla illustrada e composta de libertas encerre suas sessões sem ter iniciado siquer a reforma nesse sentido.

Porque não se franquearem á mulher as portas das universidades, afim de que se dedique ao estudo das profissões scientificas?

Porque não se lhe proporcionam institutos especiaes para a aprendizagem de artes e officios, privados de seu sexo?

Porque não se lhe da participa-

ção nos empregos publicos, compativel tambem com o seu sexo?

Nos Estados Unidos a protecção especial que as instituções têm dado á mulher está proclamando o aperfeiçoamento social desse grande paiz.

E não se diga, conforme o pessimismo egoista de muitos, que todas estas reformas na educacção da mulher tiram-lhe sua poesia e tranquillidade. Pelo contrario: a mulher instruida, a mulher que possue artes ou industrias, a mulher que trabalha e adquire a experiencia que dá o contacto mais immediato com a vida real, em vez de prejudicar a vida domestica, é um grande auxiliar para a familia e uma prenda valiosa para o esposo, porque, retomperda sua alma no realismo, suas ideias acorva da fidelidade e da honra — seu melhor patrimonio — chegam a ser mais claras e mais perfeitas, e mais solida por conseguinte a educacção moral que recebem os filhos de taes mulheres.

Praticamente demonstra a assercção anterior a mulher da America do Norte, onde as leis protegem decididamente o bello sexo dando-lhe garantias e concedendo-lhe direitos que levantaram seu nivel a um tal gráo, que é prodigiosa a actividade em que se desenvolve a influencia feminina nas distintas manifestações da vida.

Aqui mesmo em Ouro Preto, reside a exma. esposa do sr. doutor Sizmio Pontes (medico e lente da Escola de Pharmacia), a qual se agora fez, no que me consta, na antiga Instrução Publica da Provincia, todos ou quasi todos os exames de preparatorios para mediana. Como essa, varias outras damas e senhorias intelligentes tem o men e outros Estados prasilentos, todas ellas capazes de, com estudo, methodo, perseverança e inquebrantaveis mostras de virtude, virem muito breve a formar uma falange de batalhadoras sincoras, poderosas e ousadas, tanto nos dominios agrestes da Sciencia, como nas regiões ideaes da Arte.

Formem gremios e associações, fundem jornaes e revistas, levem de vencida os tirocinios academicos, procurem as mais illustres e felizes, com a sua influencia, aviventar a campanha em bem da mulher e seus direitos, aqui, no Brasil: e assim terão as nossas virtuosas e dignas compatriotas peloado, com o recato e moderação naturaes ao seu delicado sexo, pela bella idea — «Fazer da Brazilera um modelo feminino de educação e cultura *espiritual, activa, distincta e forte*».

Ouro Preto — 1898.

ERAYO SERRANO.

C'est Dieu qui mit l'amour au bout de toute chose, l'amour en qui tout vit, l'amour sur qui tout pose!
V. Hugo.

Vai-se acalmando a pouco e pouco, e aiuto que a paz lhe volta e as penas vão-se embora; Se nelle o amor não é de todo extinto, A magua já não é tambem senhora.

Pobre amigo! a vagar num labyrintho De divites e crengas, hora a hora, Tudo entevendo pallido e indistinto, Temendo a noite e desejando a aurora...

E a noite veio só, não veio o dia...
Ai, coração, que a perdidã magua
Do amor ao seio teu não mais aporte!

E alle, baixinho e manso e dolorido:
—E' a morte ser, assim, qual fui, trahido,
Mas viver sem amor é mais que a morte.
ZALINA BOHLM.



Carta do Rio

Desde creança que ouço falar com muito despreso sobre a falta de segurança que ha em segredos em bocca de mulher.

Ha muita gente que diz: Confiar um segredo á uma mulher... é o melhor meio de botal-o na rua, no dominio publico.

Nessa injustiça, o que nos dóe mais vivamente, é que mais nos fere o coração, é ouvirmos essa opinião de algumas mulheres. Pois bem, nesta capital, tivemos agora um desmentido formal dessa

columnia que tem corrido seculos e gerações. Um facto altamente symphatico para o nosso credito, mecha de se dar na Imprensa Nacional do Rio de Janeiro.

Como se sabe, no trabalho material da fabricação do Diario Official, muitas mulheres encontram aqui elementos para ganhar sua vida, ora auxiliando nos trabalhos de revisão e encadernação. Um facto de subida monta — a publicação do relatório sobre o attentado do dia 5 de Novembro, no Arsenal de Guerra, facto que tem agitado vivamente toda esta população, reclamava grande sigillo, absoluta reserva.

Era preciso que os compositores da peça official subdessem ser discretos. Uma só palavra, a revelação de qualquer dos pormenores do relatório poderia perturbar a ordem e o bom exito do mesmo. Em taes emergencias, pensaram os interessados nesta questão em obter para os trabalhos matricias do relatório possas criteriosas, que não trahissem... que não contassem os segredos que só a Policia tem o direito de perscrutar e em boa hora escolheram para esse servico 22 mulheres. Nenhum homem trabalhou nessa composição, as mulheres sósinhas fizeram todo o relatório.

Tambem ninguem soube das mi-

nuciosidades do processo sendo de pois que a folha foi lançada á publicidade. Conveém notar que a preferencia ás mulheres foi dada pelos homens, que quizeram occultar segredos dos outros homens.

E' bella a lei da compensação; se em parte o nosso descreto vom de algumas mulheres que abertamente falam de seu sexo, despres-tigiam-o, vemos de outro lado alguns homens que sabem fazer justiça á nossa discreção e preferem para uma emergencia melindrosa, como essa da publicação do relatório sobre o attentado de 5 de Novembro — as mulheres e não os homens, que extremados em politica e com ideais diversos poderiam esquecer o seu dever e trahir a sua patria.

Ainda bem, os factos vão des-truindo as accusações insensatas. Ninguém mais venha dizer ao pé de mim: «Segredo em bocca de mulher...». Saberei defender o sexo traço lembrando o recente facto a que acabo de alludir!

«Livro das Criangas» é o titulo de um formoso livrinho que Zalina Bohlm acaba de publicar. E' todo escripto em versos — como os sabe fazer a inspirada poetiza paulista — tem bonitas gravuras e foi impresso em Boston. O plano dessa obra foi traçado pelo eme-

to professor Dr. João Kopke e é tão burocrático para um sincero alto. O Dr. Kopke tem o segredo do ensino. O magistério para elle é um sacerdocio e um plano seu deve ser o mais completo e edificante. Dando noticia do «Livro das Crianças» em sãudo cordialmente a sua auctora, a mimosa poetisa que é tambem a talentosa directora do Jardim da Infancia desejo que continue a enriquecer a nossa litteratura escrevendo romans e tão formosos como o «Corço».

Transcrevendo de uma revista ingleza o «Journal do Commercio» haes que a imprensa de Londres tem a gloria de contar entre seus confrades a Rainha Victoria, em pessoa. Sua Magestade dirige com tanto talento o *Court Circular*, que publica quotidianamente todos os incidentes da Corte. A' noite Rainha revê as provas, trabalho que não confia a ninguém. A caridade dos *pasteis* não é pouca e a augusta directora do *Court Circular*, tal qual como aos outros miseros plunífidos.

Os cunhosos e bonitos carros de ideias ostentam toda a sua riqueza e espirito passando alegremente pela cidade na terça-feira gorda.

Os que a tanto não aspiram, os resignados, que não pódem gastar tanto dinheiro, contentam-se em passeatas pelos arrabaldes, em pequenos grupos. Esses, camuados, suados, roucos de tanto dar vivas e perguntar: Você me conhece? divertem-se tambem lá a seu modo.

Na quarta-feira de cinzas, quando a tristeza, mãe do ceo! quantos gente que perden o emprego para folgar á vontade nos 3 dias dedicados a Momo!

Sei de uma amiga que em um sabbado de alleluia mandou o coqueiro, um rapagote de 15 annos, buscar um feixe de lenha á venda proxima.

Nunca mais voltava o coqueiro, minha amiga desanimou e deu novas providencias. Passaram-se os tres dias da loucura, na quarta-feira de cinzas, muito cedinho, entra o moleque pela porta a dentro, com o feixe de lenha ás costas, muito espartado, ainda vestido de diabinho.

— Que é isso rapaz, pergunta a minha amiga.

— Nada, patão, tambem o vendeiro, o caixeiro, o moço do acougue e todos foram... não fui só eu... foram todos.»

— Que é isso rapaz, pergunta a minha amiga.

O copoito decoro metódico havia assini: desde que a loucura é geral, não é tão grave a minha falta. E elle tinha razão!

MARIA CLARA DA CUNHA SANTOS.



Æ Luz da Lua

Eu sei como na varruada, eu penso no passado, olhando a natureza amena e silenciosa. Que dorme á luz da lua, envolta em vaporesa Koupagem de neblina. Eu sei como no passado...

E ainto o voo do bater amargurado No fundo de meu peito. Ainda é mais dolorosa Na vasta solidão da noite mysticosa. A saudade que afflige um ser desventurado!

E enquanto adormecida e calma a natureza, Tão cheia de poesia e nobre singeleza, No regoço da paz desceanga livremente...

Eu sei como no passado! Eu vejo a imagem tua Mais viva... mais radiosa! E á doce luz da lua Sentilha o pranto meu correndo tristemente!

AVRIL PAES.



Chronica omnimoda

Pierrot, desentrevadamente, enfia a vista por uma festa da caverna!

Tilintam os guizos e rufam as zabumbas!

O Carnaíal desponha no horizonte!...

* * *

Vai já grande azalama pelos barcos, erguidos em diferentes pontos da cidade.

Os carros de idéas sãem armados do *bestudo* do *Alá-Babá*, como a Minerva antiga do cerebro de Jupiter!

Eccõam as martelladas no tecto ondulante da lona ephemera, tão conchicantes de concorrerem para a glorificação do deus da Folia; como o arte de povo-rei demolindo as cidades, para servirem ao triumpho pomposo dos seus generaes!

Apruma-se aqui o inglez, de suissas ao vento, representando a já sedicã personificação do cambio, que teima em não subir!

Empertiga-se alli o militar, que volta de Cannes e quer apresentar candidatos á presidencia da Republica!

Aqui se insinuam os tractantes de especies varias, alli se occultam os intrigantes de espheras diferentes...

Para todos elles tem o Carnaíal a gargalhada, que entonhece, ou o látego que rebalha!

* * *

Bom comprehendido o ridendo dos antigos, o Carnaíal poderá ser o terror de certos hypocritas que trazendo o anno inteiro a mascara afvellada ao rosto, teriam então de a contemplar desfeita em mil

aquella critica affirmava, consanguinidade, com raro brillantismo, dois bellos triumphos em concursos flores daquelle folha, tendo, em ambas, alcançado o *primeiro premio*.

Como merecida homenagem ao seu talento damos, no *Almanach*, uma daquellas duas gemmas litterarias, de fino quilate.

Silvio de Almeida, como homem de letras, tem a sua nomeada feita e consagrada.

Nasceu em Pouso Alegre, a bella cidade sul mineira. Em S. Paulo, alcançou, com o seu esforço exclusivo, o bachelariado em direito, em 1892. Tres annos depois, era nomeado lente de portuguez, no Gymnasio daquelle Estado, após brillante concurso.

Muito estudioso, modesto em exterior; de uma vida quasi ascetica, toda dedicada ao affecto da esposa e dos filhos, que elle idolatra.

Em outro meio e com alguma ousadia, seria um grande poeta.

Musicas. — Acabam de apparecer, editadas pela casa de Julia Filippone, as seguintes musicas: *For assim que o Coelho fugio...*

polka, por Marianna Barroso da Silveira; *Tornatina*, schottisch, por J. M. Azevedo Lemos; *Dolores*, valsa, *Eravos meu bem!!!* e *Não engrasse, polkas, Estrella*, schottisch, e *Tomada de Canudos*, marchas, por Alexandro Weissman; *Amor innocente, reverie*, por Theo-

philo José Martins; *Vogando, marchas*, por J. C. D. e Elvyrinha, por M. Quintão.

Recebemos e agradecemos. —

Almanach de Jutz de Fôra, que traz o retrato e dados biographicos do notavel pyysagista mineiro Hippolito Caron, fallecido em 1892; interessante parte litteraria e multas indicações uteis. O *Almanach* é organiado por Heitor Guimarães e nitidamente impresso pela Typographia Matoso de Jutz de Fôra.

Ha ainda a notar neste *almanach* a bella pagina artistica dedicada a Floriano Peixoto, devida a Alberto Delpino; — *Revisia Populár*, interessante publicação que apparece na capital da Bahia, trazendo, entre outros trabalhos, um bello estudo sobre *Chopin e a sua musica*, escripto pela Ex.^{ma} sra. d. Maria Elisa Moniz de Aragão; *Commercio de Pernambuco*, do Recife; *A Faryta*, organ satyrico litterario, que se publica em Porto Alegre sob a direcção de F. Chataignier e que vem ornada de bellas illustrações; *O Arrehol*, de Uberaba; *A Lyra*, de Caçapava; o *Paraguassá*, de Curitiba; *O Sereu*, de Sergipe; *O Reporter*, de Ribeirão Preto e o *Risorgiolo*, folha italiana e socialista que acaba de iniciar sua publicação nesta capital.

São Paulo

28 de Fevereiro de 1898

Anno I, N. 10

A MENSAGEIRA

Revista litteraria dedicada á mulher brasileira

Directora — Prescilliana Duarte de Almeida

Esta revista garante a sua publicação durante um anno.

Publica-se nos dias 15 e 30 de cada mes.

Pagamento adiantado	Preço da assignatura, 12\$000 por anno	Numero avulso Rs. 18'000
Endereço: Rua dos Estudantes N. 23		

Summario: — Carta do Rio, Maria Clara; — Celeste, soneto, Aurelio Neves;

— A emancipação femini, V. M. de Barros; — Ven, soneto, Aurora Pires; — Literas Inglezas, Emano do Val; — Os olhos, poesia, Leopoldo Motta; — Chronica omnimoda, J. Vieira de Almeida; — Poesia, Prescilliana Duarte de Almeida; — Seleção; — Por terras e mares, poesia, Candido de Carvalho; — Notas pequenas.

Carta do Rio

Desta vez as honras do carnavalesco caberham não a este ou aquelle club, não a esta ou aquella sociedade, mas exclusivamente ao popular e sympathico bairro de S. Christovam. O antigo arrabalde, tão cheio de saudosas tradições, teve a palma da victoria este anno, e metteu em um chinello o aristocratico Botafogo, o risonho Cosme Velho, o barulhento Catete e a incomparavel Tijuca. O Club de S. Christovam sahio em alegre passeata no Domingo, ostentando riquissimos carros de phantasias e de espirituosas criticas.

Os *confetti* e serpentinhas foram

em tanta profusão que me fizeram — que optimista que sou! — divertir do que andam por ali a dizer: que a vida está horrivel e que o cambio apresenta a mais dolorosa das perspectivas.

Ha ainda muito dinheiro nesta terra, ao contrario as ruas não estariam atapetadas de *confetti* e serpentinhas.

Um negociante muito pratico calculou em algumas contennas de contos de reis a despeza que o povo fez, nestes tres dias de festas e de delirio, com os taes papelinhos picados!

O illustre critico portuguez, da Academia de Sciencias de Lisboa, Alberto Pimento, acaba de publicar o bello livro de Iguéz Sabino «Luctas do Coração». Por estes dias teremos cá o livro, que já está em viagem.

Iguéz Sabino, a distincta escriptora, acaba de receber uma justa homenagem ao seu talento. O seu

Muito bem! O primeiro e mais forte alívio está construído. O casamento sem amor ou o amor sem juízo são os melhores agentes das dissidências e dos divorcios.

Quem ama tem o maior prazer em agradar. Já vê que não é preciso ensiná-la que trate seu marido com todo o agrado, com todo o carinho.

Evite, sempre que poder, as discussões, principalmente sobre religião e política.

Conheço um casal que era realmente feliz e que por causa do Floriano e do Custódio brigaram muitas vezes. E depois de terminada a revolta, perderam a cerimonia e brigam como creanças mal educadas; todo o dia, a toda a hora. Convém que haja uma certa cerimonia na vida conjugal, quebrado o encanto... adaus.

A verdadeira felicidade consiste em cada um estar contente consigo mesmo e com sua casa. Faça de sua nova residencia um lugar aprazível e para isso haja sempre muito azeite, muitas flores, muita luz e muito ar.

Se não puder ter cortinas e estofos, moveis de luxo e objectos de arte, não se incomode, isso tudo nada vale.

Eu conheço uma mulher que é muito desgraçada com o marido, muito infeliz e que tem, no entanto, toda a apparencia de felicida-

de. A mim, essa apparencia não conseguia illudir, eu vejo n'aquelles moveis e tapearias apenas as mãos mercantis de um estofador; nem um toque especial! Nem a mais leve impressão pessoal! Advinha-se que aquillo tudo só serve para encantar os outros, as visitas!

Acho muito mal feito um costume que constantemente observe: ha pessoas que são muito amáveis e engraçadas e gentis com as de fóra, em casa tudo as aborrece.

Eu sou justamente o contrario: nunca me falta assumpto para conversar com meu marido e com as pessoas que amo e que me cercam e ás vezes só Deus sabe como me custa supporiar uma visita de cerimonia e dizer meia duzia de banalidades obrigatorias!

Haure um tempo em que eu pensei que a nossa felicidade poderia vir exclusivamente de outro. Hoje modifiquei minhas ideias. A propria pessoa é quem traça, com o seu procedimento, o seu futuro. Um velhinho, muito pobre que via de pedir esmolas e que eu conheci no sertão, me disse um dia: menina, quem planta arroz não colhe feijão. E' o caso: quem faz de seu lar um lugar aprazível, quem vive satisfeita com o que tem, quem não inveja as grandezas ephemericas que a outros seduz e enlanguenece, não terá o desgosto

de ver um dia deserto seu lar, deserto de carinhos e de affeições porque o marido, aborrecido, foi procurar distrações nos Clubs ou em casa dos vizinhos. Faça tudo quanto eu disse que não se ha de esquecer. E se alguma duvida tiver futuramente, encontrará remedio prompto nesta observação: depois da tempstade vem a bonança; depois dos dias impiedosos do inverno vem a primavera; depois das rugas passageiras veem as pazas deliciosas.

MARIA OLGA DA CUNHA SANTOS.



Celeste...

Celeste... Sim: do céu nos falla aquella Magnana e triste pallidez de Santa, E aquelle riso, e o doce olhar que tanta Vez se enubla e de lagrimas se estrélla!...

Celeste!... e, como o céu nos lembra, n'ella Para uma Graça singular que encanta, (Traga d'Além, que o Espirito levanta. Alto, sobre este Val que a Dor enchea!

Cingê-lhe o corpo a chamayde inconsueta Da pureza dos Lirios não tocados Por este Mundo fragico e reféce.

Celeste... e outro lavor lhe fôr inuti:

— Que seus lavores háo de ser cantados Nos versiculos d'ouro de uma Preeci!

Peveiro, de 1898.

ATILIO NETES.



Re emancipação feminil

«Breve comprehender-se-á que todas as mulheres são feministas, o que ha é que muitas são... e não o sabem.»

Estas palavras com que ha dias um diario da capital paulista terminou uma interessante noticia, encerram a mais profunda verdade.

Onde quer que se encontre a mulher de caracter, a mulher que presa o seu *eu moral*, mesmo quando seja ella gale da ignorancia e não tenha predicaes litterarias, ali achareis uma partidaria, consciente ou não, da emancipação feminil.

E de outro modo não pôde ser, porquanto está no proprio instincto, na propria dignidade da mulher, na propria dignidade da mulher, na propria dignidade da mulher, na propria dignidade da mulher, eternamente escrava.

Si alguns homens ha (para gloria do sexo) que fazem da mulher uma verdadeira amiga, uma companheira, á qual confiam os segredos de sua vida e de quem ouvem a opinião sobre seus negocios, si ha homens que procuram mostrar á esposa os seus defeitos com delicadeza e brandura, tendo em vista unicamente aperfeiçoal-a e dirigi-la com a pratica que têm do mundo, o certo é que esses constituem excepção.

O geral, o que a cada passo se vê no seio das familias, é coisa

los cabellos sempre lindos, sejam da cor do ouro ou do ébano, esse todo de cherrim —, esse composto de lírio e rosa, mimoso invólucro de uma alma de archaio... é a alegria, é a graça do lar! Mas... quando essa tez rosada se arroxa de cólera, quando pelos céus desdes olhos tão puros se estende a nuvem da tempestade interior, e aquellas mãozinhas delicadas arrepelem os lindos cabellos de ébano ou de ouro, e os pés pequeninos batem o sólo em uma dança infernal de *birra*, e a voz que só deveria ser um gorgêio de innocencia e amor solta-se como atordoador garrido entremado de palavras que nos fazem corar...

Oh, que desaparece toda a graça, todo o encanto da creança, e o chorubim se transforma em pequeno demônio detestavel!

Com pequenos taes, não se fale nom brinquê, que nos envergonham, nos recebem com seus modos grossos, nos respondem descortezes, o véxam, e irritam seus paes diante dos amigos e visitas de respeito. Mas... de onde provém tudo isto? Da educação tão somente.

O espirito da creança traz em si o germen do bem e do mal; cumprir ao guia, ao educador de sua infancia desenvolver-lhe as virtudes, prevenindo-o contra os vícios: ora, quem é esse educador, esse guia, esse protector

desde o primeiro momento? A mãe — mentor natural confiado por Deus. Sempre ella em primeiro logar; a ella somente cumpre formar aquella alma confiada por Deus aos seus devotos; velar por aquelle thesouro divino de que é depositaria, e que algum dia lhe será reclamado...

Que contas então dará ella — o anjo da guarda — de semelhante encargo?

Entretanto... quantas, ou por ignorancia ou por desleixo se eximem de um trabalho que deveria constituir a delicia, o cuidado unico de toda a mãe!

Lembre-me de ter, ha tempos, passado alguns dias com uma amiga mãe de muitos filhos, pequenos graciosos e intelligentes, aos quaes, entretanto, ella chamava — «sua desgraça»!

Porque?... Quem os fornára causa de pesares tanto? Um dia, aquellos pequenos, de 3 annos de idade, era um horror de má educação; e minha amiga lastimava-se, e eu bem via que — ali — faltava qualquer *bôa cousa* que vinha muito de traz...

Mães, não entregueis vossos filhos innocentes a mãos mercenarias; a alma de vosso filho será formada na convivencia do creado; o espirito de vossa filha será imbuido dos erros, dos preconceitos da ignorancia de suas amas. De-

pois, as mães companhias dão lhos exemplos detestaveis...

O espirito da creança é luido e investigador; cumpre vigilancia accurada.

Mães, subei incutir-lhes por vós muito respeito e amor; nunca o terror, nunca a indifferença.

Ensina-lhes a orar, a amar os infelizes e subalternos; excita-lhes a piedade para com seus semelhantes e para com os irracionaes, o respeito a vellice; nunca lhes incutais terror pelos mortos, ensinao-lhes antes a orar por elles, a respeitá-os. Não os amedronteis, jamais, com estupidas chiméras; adverti-os sempre do perigo real. Emfim: ensina-lhes a conhecer e amar o bom Deus.

DERMUDA SILVEIRA

Capital do Estado de Santa Catharina.



Yoz de serieia

A *Cantido de Cavalho*

No céu azul — do azul das aguasellas — derrama a lua o seu alvor de freira, Orta as montanhas fridas e bellas, tinge do mar a esbranquiçada esteira.

As ondas crespas sulla passageira embarcação de relesadas velas. Freamta voz, com graça faticeira, solta ao vento do mar canções singellas.

Trovam amplias de amor, onde palpita a alma de uma saudade solitante, que labios vos esfoham pelos ares?

Labios finos em face mais bonita, talvez de uma serieia fasciante, lendaria dona destes verdes mares...
S. Paulo, 1893.
ALBERTO SOUZA.



Carta do Rio

Pariz e S. Paulo foram os pontos donde emanaram todas as noticias de sensação durante a semana.

Zola e Dreyfus, a exposição de nuvas e as maravilhosas curas do engenheiro Eduardo Silva encheram os 7 dias da semana que hoje expira.

Realmente nada mais era preciso para occupar a attenção dos cariocas. O estranho caso do capitão Dreyfus já havia causado doloroso espanto a todos nós, mas a condemnación do grande romancista, cujo unico crime foi o de ter tido a coragem de defender publicamente o infeliz prisioneiro, veio abalar ainda mais o nosso coração já tão rudemente ferido por esse caso tão extranho quanto emocionante.

Nos obscuros tempos medievaes, creio, não seriam mais barbaros os homens do que os que hontem,

em pleno Paris, — o fôco da civilização — condemnaram ao degredo e ao exílio o genial escritor que honrou o seculo que o viu nascer!

As uvas de S. Paulo, que bellas! que ricas e que deliciosas! Excedam muito a minha espectativa. Nunca vi e nem pensei que houvesse uvas assim tão ricas e formosas!

Ao descer as escadas do salão nobre da Prefeitura, onde está a exposição de uvas, ouvi a seguinte exclamação de uma senhora que, deambulada com a riqueza da terra paulista, dizia: Que bellas uvas! parecem da Europa!

E' verdade, pensei eu, as apparencias illudem, as uvas parece que são da Europa, assim como a condemnacão de Zola parece um facto que se tenha dado no centro da Africa ou nos sertões de Goyaz!

As maravilhosas curas do engenheiro Eduardo Silva encham de admiracão a todos! Outro dia ouvi um medico dizer, espiritosamente, que se o engenheiro continuasse a curar que elle iria fazer estradas de ferro.

E' o caso: ninguem é propheta em... sua profissão!

Conheço uma pobre lavadeira que me contou outro dia que foi captiva e que ficou liberta no dia

13 de Maio. «Nome dia, disse-me ella, eu estava empregada como ama de leite de uma criança rica. Meu filho estava sendo criado por uma preta velha, eu não o via senão de mez em mez. A creança que eu creava, eu a amava tanto que as vezes — que loucural quando a beijava e affagava sentia que beijava o meu filho e que differença — meu filho negro como carrão, e a creança alva como jasmim, mais o coraçào não quer saber dessas cousas!

No dia 13 de Maio, quando chegou a noticia de que a Princeza tinha forrado todos os captivos, eu senti uma alegria sem conta e uma tristeza sem nome! Alegre poderia viver com o meu filhinho! triste! — porque me lembrava que minha mãe morreu captiva e era tão velha! sempre trabalhou e não pode gosar desse favor da Princeza. Depois, continuou a lavadeira, quando acabou a festa da rua e os fogos e a musica, o meu patrão — porque é preciso que explique — eu era captiva, mas meu senhor me alugou para ama de leite dessa creança, de que eu falô, por 120\$000 por mez — o meu patrão chegou ao pé de mim e me disse que daquella dia em diante eu era livre mas que continuasse a amamentar seu filho.

Men ordenado seria d'ahi por diante de 40\$000 por mez porque

o dinho era para mim mesma e seria loucura pagar-me o mesmo que pagava a meu senhor, que era um homem rico.»

Ela ficou pasma com essa historia revoltante e perguntei-lhe: porque você não se despediu? era já livre e não deveria se sujeitar a ganhar menos. — «Ah! simhazinha! me disse a lavadeira, com os olhos rasos d'agua, eu já tinha dado meu leite 5 mezas á creança e já a amava tanto que não tive coragem para reagir. O patrão poderia despedir-me, elle era homem zaugado.

— E seu filho? perguntei.

— Meu filho, respondeu soltando, morreu nesse dia 13 de Maio, mas eu só soube muitos dias depois!»

A lavadeira despediu-se e partiu.

Ela fiquei a pensar na alma angelica dessa creatura e na abnegacão de seu proceder tão nobre.

Todos conhecem casos hehondos e atrozes de barbaridades commetidas no tempo do capiteiro, por isso não é demais que eu conte esse da lavadeira e do homem rico que entendia que o leite que amamentava o seu filho valia cento e vinte mil réis por mez emquanto um outro homem — tambem rico — recebia o aluguel para cuidar de um filho de um pobre, e assim, humilhado em captivos vinhos e luxuosas ostentações e que no mo-

mento em que a ama ficou liberta, só valia o seu leite o torço do seu valor! Edificante, não acham?

Foi reeleita como presidente do *Orpheon Carlos Gomes* a notavel escriptora e primorosa poetisa Adolina Vieira! Não podia ser melhor a escolha. O *Orpheon* é presentemente todo o enlevo da nossa poetisa e é pena que para dedicar-se de corpo e alma ao *Orpheon*, se esqueça da litteratura em geral e da «Mensageira» em particular, a qual prometteu umas *Palavras Formosas* e que pelos modos vão ficar para o dia de S. Nunca, de tarde.

MARIA CLARA DA CRISTA SANTOS.



Elle ou ella?

Da *Mensageira*, Revista dada á luz na Paricica, uma questào ponho á vista, e não é theodica.

As eruditas senhoras que illustram a *Mensageira* certamente são credoras de saudagão lisonjeira.

Eu, portanto, mui sincero as cumprimento e saudô; no acoblimento, que espero, estro-mo e não me illudo.

logar dos paes que, com honrosas mortes — que «não tem a banalidade digna excepções, não curam da educação das suas filhas, seguem a rotina de seus avós e haõ de ser por conseguinte eternamente retrógrados; e em segundo lugar, dos governos que só cogitam de politica, mas não da alta politica que felicita a Inglaterra e os Estados Unidos da America do Norte, da politicagem que tisa ciencias e corrrompe os mais puros caracteres.

Man grado todas essas influencias mesologicas, nós nos desvancemos de possuir em nosso caro Brazil, escriptoras distinctissimas que desfraldaram já no campo das idéas a bandeira do combate e hão de sair victoriosas porque a causa que defendem é justa, é nobre, e concorre para o engrandecimento da patria.

Ahi temos Presciliana Duarte, congregando todas as escriptoras brasileiras e popularisando-as pela sua importante Revista — A Mensageira —; Revocata de Mello, a papiza das lettras que tem no Rio Grande do Sul seu throno de ouro e purpura e é acolytada pelas virtuosas sacerdotissas da Forma, Julieta Monteiro, Carolina Kosowitz, Paula Ferreira, Andrada de Oliveira, Terceira Nunes e outras muitas; Francisca Julia da Silva, poetisa que immortalizou-se publicando seu livro de versos — Mar-

morez — que «não tem a banalidade vulgar do commun das poetisas outrora escriptas por multas res» e acerca de quem depois de afirmar João Ribeiro não encontrar nem no sul nem no norte, um poeta que se avante, ou eguale á celebrada poetisa, escreveu:

«Todos lھے são positivamente inferiores no estro, na composição e factura do verso; nenhum possui em tal grão o talento de produzir as bellezas classicas com essa fria severidade de forma e de epithetos de que Heredia e Leconte deram o exemplo na litteratura franceza; nenhum jamais dentro os mysticos e nephelithas de Lisboa ou do Rio de Janeiro se elevou a essa região serena do mysticismo que a poetisa «De joelhos» nos revela com tão extraordinaria emoção.»

Dignas substitutas de Francisca Julia, são as dulcissimas poetisas brasileiras, Julia Cortines, Zalina Rolim, Arrea Pres, e a meiga e melancolica Georgina Teixeira.

Como chronistas elegantes e criticas, dentre muitas outras, cito Maria Clara Santos, Iprantina Cardona e Maria Emilia. Dessas e de outras de egual tempera muito tem a esperar o Brazil.

Essas, certamente, não preferirão uma trivialissima *soirée* dan-

Fo romper da lua

Como vem teu formoso, ó lua bella, serena pela azul immensidade, qual ave branca na lagôa mansa; assim, acompanhada de uma estrella, — como esta longe cantando! ai, ai podessas a minha alma voar té junto a ti, seguida da esperança.

Agora teu palor não me entristece como outras vezes que no céu te vi, e dor cruel não me deixou sorrir-te; — como esta longe cantando! ai, ai podessas a minha alma voar té junto a ti, como essa estrella n'ampellido seguir-te!...

Do céu sereno pelo azul infinito, errante iria estelam tão andosa olhando o mundo no teu clarão, d'altura; e, quem sabe?... n'algum recanto lido, como em Oeas fonte preciosa, não adaria eu minha ventura!...

Ahi segue n'ampellido lua formosa, minha alma te acompanha n'um suspiro, és sempre a mesma — aqui ou n'outro céu; vamos pois: que esta luz mangia, tu, me mostre além o plácido recto onde minha ventura se escondou!

DEMARINDA SILVEIRA.



Carta do Rio

Ha dias recebi a visita de uma amiga que ha muito tempo não via. Comprehende-se bem porque passamos tantos mezes, sem nos encontrarmos: moramos em extremos oppostos, eu aqui á entrada da Ilhaca, ella lá nos confins de Botafogo.



Depois das primeiras expressões de saudades e abraços, ella poz-se a falar em tudo e em todos que conhecemos. Dava-me noticias agradaveis umas e outras tristes, tudo de mistura, sem quasi descançar.

Incidentes engracados vinham cortar o fio das longas divagações e ella sempre a falar contrava-me que a nossa amiga A. estava em excellente villegiatura em Lambury, que D. Fulana mudára de casa por ter brigado com a vizinha, que o filho do Coronel C. foi reprovado em francez e mil cousas mais de que me não lembro agora. Depois, com voz muito triste e olhos rasos d'agua, disse-me: Sabes de uma desgraça? Nossa amiga Laura está pobre!! O Commandador está muito atrazado, derram balançaço no negocio e elle ficou sem cousa alguma, a mudança lá na casa de familia foi horrivel, não imaginas! venderam os carros e cavallos, quadros e estatuas e o predio nobre vae ser entregue em pagamento de vida a um negociante de S. Paulo.

Olha, causa dó! Laura está inconsolavel e vexada! O Commandador vae ter um emprego muito secundario, que o seu amigo Dario arranjan na Alfandega e ella, a pobre Laura, quer ausentar-se desta cidade, onde viveu folgadamente e ostentou e deu festas e recepções e agora... coitada! »

— Mas, francamente, não acho motivo para ella estar assim tão desanimada e tu tão contristada! Estão todos fortes, tem saúde, podem trabalhar. Precisamos ter coragem. A fortuna é um bem, não ha duvida, mas sem ella tambem se vive e pód-se mesmo ser feliz. Deus me livre de pensar assim como pensas! A respeito da fortuna eu tenho minhas ideias muito especiaes. Acho que o luxo é o maior factor da desgraça. Na mulher principalmente é que o luxo actua do modo mais desastroso! Nota bem que o que a nossa amiga sente e patenteia por esse pezar enorme é a falta do luxo que vae ter d'ora em diante.

Aquelle vexame nada mais é que o reflexo da verdade, ella sente que vae terminar a febre dos theatros e dos bailes e das occasiões de brilhar ostentando custosas *toilettes*. Coitada! Eu sinto por sabel-a tão acabanhada, mas não que o facto em si inspire dó. »

— Mas, minha amiga, continon a visita — achas que um homem depois de ter sido, como o Commandador, chefe de uma casa bancaria, pôde, sem quebra de dignidade, ser um empregado qualquer e andar ainda com a cara alegre? — Perfeitamente, respondi. Deoque pensamos, neste ponto, de modo muito diverso. E, para certificar-te do pouco valor que tem a

fortuna relativamente á felicidade conjugal, vou te contar um facto que eu sei contado por minha querida avó, que Deus haja no Céo. Havia, em Netheroly, uma moça muito rica e que dava á sua fortuna aprego demasiado. Para ella o dinheiro era tudo. Acostumada, desde creança, a ouvir falar com desprezo da pobreza e endoecor o dinheiro, começou por dar toda importância somente á gente rica. Lá um bello dia, porém, a moça sentiu no coração o tal tic-tac que toda a gente sente quando tem vinte annos e por uma fatalidade o rapaz era pobre. O coração dos moços é sempre bom e por isso, apozar da repugnancia que a pobreza lhe inspirava, venceu o coração, e o casamento effectou-se.

O rapaz era muito digno para poder ouvir insinuações de qualquer ordem. Limitava suas despesas ao que ganhava com a sua advocacia da roça. A moça, — que levava dote — não estava por isso — e dizia ao marido constantemente que queria vestidos de sedas e joias e que para isso tinha fortuna, gastava do que era seu.

Promptamente era servida. As exigencias repetiam-se todos os dias, a moça não pensava que a fortuna pudesse um dia se acabar e inventava gastos de toda ordem: um dia era uma viagem, outro dia uma festa, enfim, ella julgava que a vi-

da era isso mesmo — folgar, vir e gastar dinheiro. (O que, porém, ella não imaginava era o que o marido fazia: assentava todas as despesas extraordinarias da mulher — essas despesas que ella fazia exclusivamente com o dinheiro do dote — em um livro diário onde podia provar a verdade com os recibos e documentos. Um dia, minha amiga, o dote acabou. Bem sabes que, a gastar por essa forma, não ha mãos a medir. A moça, como sempre, imperiosa, disse: quero um vestido de velludo, tire do meu dinheiro. O marido chamou-a docemente, fe-la sentar-se a seu lado e com todo o carinho obrigou-a a ler aquelle livro.

A principio ella não quiz: que iria lucrar com isso?

Mas o marido disse-lhe energicamente que era preciso que ella soubesse que o dinheiro do dote estava esgotado — ella o dissipára exclusivamente em suas phantasias e despesas e que daquela data em diante tinha que se sujeitar as suas condições e receber o que elle lhe pudesse dar, exclusivamente.

Ella quiz chorar, pudera! a perspectiva da economia aterrorisava-a! Ah! então o marido, como homem ajudado e verdadeiro amigo, fe-la calar-se e disse-lhe que novos horizontes de felicidade vinham illuminar o lar, a querida paz do lar

que até então só era perturbada pela ideia do luxo, que é a ostentação da variedade e de mil outras paixões despresáveis.

Viveram d'ahi por diante muito felizes, — o marido livre d'aquelle vexame constante de ouvir falar em dote e em dinheiro humilhante, — ella mais feliz tambem, porque, livre de toda preoccupação do luxo, começou por dar ao dinheiro o valor que elle tem.

Eisahi um dote que só serviu para a interrupção da felicidade na vida d'aquelle casal.

— Se todos os maridos fossem como esse advegado, exclamou sorrindo minha amiga.... mas a historia é que a arte da *chicana* só a possuem esses senhores que a prendem a discurrir e convencer em cinco annos de estudo!!

Mais um melhoramento para o nosso formoso bairro: uma fabrica de gelo. Decididamente o Engenho Velho está na ponta. O Snr. Arthur Aguiar, proprietario da fabrica de gelo, tem concorrido muito para o aformoseamento das ruas deste arruabnde, edificando muitos predios bonitos e elegantes e agora de um modo muito poderoso, com a fundação da fabrica de gelo, que se serve da celebre Agua do Vinhem para sua fabricação. A festa do

dia da inauguração foi muito bonita e muito concorrida.

Diversos brindes foram feitos ao Snr. Aguiar, á imprensa, ao progresso e á França, porque é preciso que se saiba que foi um engenheiro francez o autor da montagem das machinas. Aos convidados foi servido um profusso *lunch*. A Exm.^a esposa do Snr. Aguiar, D. Maria da Gloria, foi quem intencionou os trabalhos da machina fazendo com que o vapor entrasse na gaveta da distribuição. Ao progresso do Engenho Velho foi a saúde que bebi com mais prazer e mais enthusiasmo!

Noticia o *Journal do Commercio* que na igreja parochial de Santa Maria, em Quebec, realison-se ultimamente uma curiosa cerimonia.

Dous vizinhos de origem franceza tinham cada um oito filhos, quatro rapazes e quatro raparigas. Ora, os filhos de Marin apaixonaram-se das filhas Beame, ao mesmo tempo que as filhas deste dos filhos d'aquelle. Conclusão: no mesmo dia realisaram-se oito casamentos.

Eisahi o que é ser-se pratico. As despesas de um casamento, por mais simples que sejam, alteram forçosamente o orçamento das pessoas que não são ricas.

Por isso os filhos do paiz mais pratico do mundo acabam de nos dar a proveitosa lição de casamento por atacado. Excellente moda para as familias pobres!

MARIA CLARA DA COSTA SANTOS.



Santa

A *Lindolpho Xavier*

Si en não lhe houvesse, tanta vez, a fim, Nevada não na minha mão tomado, Inda hoje pensaria, deambulando, Nela estar vindo uma visão divina.

Porque só nos nistases se descortina Um perfil, como o seu, tão delicado: E olhar tão doce assim só é achado Boiando numa angelica reina.

Seu corpo, de aguçena alva e minosa, E um ninho formoso, onde esvoega Uma alma cem mil vezes mais formosa.

E quando ella entre as turbas apparece, Cada olhar se deslumbra, a tanta graça, E cada labio manda-lhe uma preece.

Minas Geraes.

BENTO ERNESTO JUNIOR.



Seleccção

Si Deus fencionasse fazer da mulher a senhora do homem, telaria tirado da cabeça deste, si sua escarva, tiral-a-ia de seus pés: mas, como destinou-a para companhia

e igual do homem, trou-a de suas costellas.

SANTO AGOSTINHO.

Ainda que as qualidades do homem pertençam mais á cabeça, e as da mulher ao coração, é indispensavel que o coração de ambos seja cultivado conjuntamente com a cabeça, porque um homem de mau coração é tão indigno da sociedade como uma mulher intelligente. O cultivo de todas as partes da natureza moral e intellectual é indispensavel para formar o homem e a mulher de caracter salutar e bem equilibrado. Sem sympathia nem consideração pelos outros, o homem ficará sendo um pobre ente, acanhado, sentido e egoista; e sem intelligencia cultivada, a mulher mais formosa não passará de uma boneca bem enfeitada.

Ainda se pratica muito cultivar a fraqueza da mulher em vez da sua força, e dar-lhe attractivos em lugar de confiança propria. A sua sensibilidade desenvolver-se á custa da saúde do corpo e do espirito: ella vive, move-se e depende toda da sympathia dos outros: veste-se com o fim de attrahir o e sobrecarregada de prendas que lhe possam dar a preferencia. Fraca, vacillante e dependente, é susceptivel de personificar o proverbio: «E' tão boa que para nada presta.»

Depois, quando o carrasco desmorbidio
Alçou a mão muerlêgo, horrôroa,
Para ultrajar o nojo adormecido,
Já morto! a face livida, miútoa,
Rebucando o formoso colorido,
Iluminou-se do matiz da rosa!
Eugênio Jequitá-85-9-89.

MARIA JUCK.



Morta!!!

A' saudosa memoria de minha
querida Irma Maria Juck de M.
Lima, fallecida a 3 de Abril de
1890.

«J'entends encore ta voix,
Ta vis, ô! dans mon cœur
Je prie Dieu pour toi
Toigours, ma bonne seur!»

Dentre as luzes do triste lampadario,
Na chama ardente, em que o silencio habita,
De dor vergada, solitante, afflicta,
Osculeta no esquife solitario!

Inda a voz, de côr de seu sudario,
Tho nveia qual um raio luzirno!
Porque talhado fora seu destino,
Ter de findar tão cedo seu fadario?!

Sit'alma, que ascendeu á azulca esphera,
Deixara mergulhada em dura fragua
Quem lhe daria a vida si pudera.

Que diga, quem sentiu tão grande magua,
Ema dor, que meu peito dilacra,
Voa que tenho inda os olhos razos d'agua.
Macedá, 31-5-96.

ADRIANA JUCK.



Notas pequenas

Doutora Anna Amalia de Carvalho Soares — Com profundo pesar, transcrevemos do *Parê* a seguinte luctuosa noticia:

«Falleceu a 23 do corrente, na capital da Bahia, conforme telegramma nosso, a Doutora Anna Amalia de Carvalho Soares, esposa do Dr. Izaias P. Soares e irmã do nosso collega do *Diario Official* Manoel Augusto de Carvalho.

Formada aos 17 annos, tendo feito um curso brilhantissimo, D. Anna de Carvalho Soares, aos 19 annos, por concurso, já era professora cathedratca de physica e chimica, concorrendo com illustres médicos da Bahia.

D. Anna de Carvalho Soares deixa um vacuo no magisterio publico do Estado da Bahia, onde gozava de uma reputação não inferior aos seus talentos e á sua provavel illustração.³

Carta do Rio — Ainda hoje não podemos dar aquella costumada secção. Maria Clara, porém, que partiu de volta para o Rio, a 25 do corrente, em companhia de seu illustre consorte, Dr. José Americo dos Santos, ex-redactor da *Revista de Engenharia*, nos promette recençar as *Cartas* no proximo numero da *Mensagem*.



A MENSAGEIRA

Revista litteraria dedicada á mulher brazileira

Directora — Presciliana Duarte de Almeida

Esta revista garante a sua publicação durante um anno.
Publica-se nos dias 15 e 30 de cada mes.

Pagamento adiantado	Preço da assinatura, 12\$000 por anno	Numero avulso Rs. 1\$000
Endereço: Rua dos Estudantes N. 22		

Sumario: — Carta do Rio; Maria Clara da Cunha Santos; — Anotice; soneto, Adelina A. Lopes Vieira; — Com ares de Chronica, Maria Emilia; — In sylvis, soneto, Carvalho Aranha; — Flores sem fructo, conto, Igeuz Sabino; — A' Paulicêa, Soares Junior; — Mime, de La Fayette, trad., Perpétua do Valle; — Portas e mares, poesia, Candido de Carvalho; — Seleção; — Pensado, poesia, Aneva Pires; — Notas pequenas.

Carta do Rio

Depois de um passeio de vinte e tantos dias á formosa capital de S. Paulo, eis-me enfim aqui no Rio, a escrever a minha costumada carta.

Vinte e quatro dias que se passaram tão rápidos! tão felizes!

A S. Paulo eu levanto um hymno de agradecimento pelo generoso agasalho que nos deu, e espero que esta impressão deliciosa de gratidão que se animou em mi-

ni'alma, nunca mais me abandone! Não quero e não posso jamais esquecer de S. Paulo.

A tantos obsequios recebidos e a tão captivantes provas de affei-

ção que recebemos — meu marido e eu — seremos gratos eternamente. E haverá prova mais edificante de um affecto generoso do que a gratidão?

Bellissimos edificios possuem São Paulo. Por toda a parte se veem construções modernas e elegantes.

Os estylos variados dos predios e a quantidade e riqueza dos jardins dão um aspecto encantador á cidade. Ha, especialmente, um quartão de palacetes nos Campos Elyseos que deslumbra a vista e encanta a alma!

Visitei a Avenida Paulista em uma manhã sombria! A paizagem, resentida com a falta do sol, não nos proporcionou todos os atractivos de sua belleza.

Admira principalmente a arte apurada dos bellos predios e a harmonia dos tons que se notam em toda a alameda. A caixa d'agua situada no alto do morro, ó cheia,

de poesia e sente-se prazer em aspirar o perfume das flores ao som das águas que se desdobram cressallinas no grande charfeiz central. No interior da Avenida, ouvindo o canto mavioso dos passaros e aspirando o perfume delicioso das flores, a gente se esquece das agruras da vida!

Presciliana, minha querida e devotada amiga, minha adorada companheira de todos os tempos, chamou-me a atenção para o grande echo da caixa d'água e dizendo uns versinhos que todos nós sabemos desde criança, esperou que o echo reproduzisse fielmente o que um poeta já disse ha tanto tempo:

«Nas horas tristes do cair da tarde,
Não te esqueças de mim que te amo tanto!»

O dia do passeio á Cantareira, foi um dia de sol, um bello dia! Parece-me ainda estar percorrendo o lindo jardim, delicioso de folhagens e de flores exquistas e contemplar no reflexo das águas a belleza das arvores. Era de um verde encantador a côr das agras; ao longe, através das frondosas arvores antigas, uma nesga azul do céu entrava triunphante de luz a completar a harmonia do quadro. Era um domingo; muitas familias lá estavam com seus providos filhos para passar o dia todo, alegremente.

Respire-se um ambiente de saúde e de conforto n'aquelle logar, onde se encontram em deliciosa harmonia os primores do céu e as belezas da terra!

O Ypiranga é um dos passeios obrigados a todos os excursionistas de S. Paulo. Ao pisar a grande e riquissima escaida de mármore do monumento, senti um entusiasmo inthimo, um enthusiasmo repleto de patriotismo e orgulho por este Brazil, que estremeço.

E' que ali, naquelle logar sagrado, onde o grito de independencia ou morte foi dado como um protesto energico de nossa liberdade, até então oppressa, meu coração sentia uma onda de mel, uma onda de ternura inauda-o completamente.

Visitei o monumento como quem visita um templo: cheia de respeito e religião. O muséo é importante e variado. O edificio do monumento foi projectado pelo Engenheiro Thomaz Bezzi, que dirigio a sua construção. De tudo o que lá vi do que mais gostei foi da secção de mineralogia. As pedras exquistas e preciosas absorveram quasi que exclusivamente a minha atenção. A cadeira e a cama do Regente Feijó, a penultima camista que vestio o General Carneiro, a cadeirinha da Marquiza de Santos

e muitas outras curiosidades formam uma secção interessante do muséo.

De noite em S. Paulo ha muito movimento e muita alegria. Tres vezes por semana ha musica no jardim do Palacio e é agradável ver-se a animação d'aquella gente. Ha nesse jardim uma arvore esplendida — um carvalho magestoso. Piquei pasma quando me disseram que aquelle colosso tem apenas 9 annos. Eu, a julgar pelas apparencias, calculava que o frondoso carvalho fosse do seculo passado!

S. Paulo deve muito ao illustre engenheiro D.º Ramos de Azevedo, considerado o constructor do São Paulo moderno. As mais bellas construcções da cidade são de planos seus.

A esse engenheiro devemos nós a obsequiosidade de nos haver mostrado alguns edificios e proporcionado o excellento passeio que fizemos a Juquery, para ver o monumental Hospicio de Alienados, que, sob sua administração, está sendo construido. E' um edificio esplendido, moderno, feito sob esclarecida e lucida direcção. Falta-me tempo e espaço para descrever aqui tudo o que vi nesse agradável passeio.

Bellissima vegetação circumda Ju-

query! No meio do matto avistamos algumas flores vermelhas, muito bonitas e exquistas, de um formato bizarro e delicioso. Admiradas — Presciliana e eu — nos mostramos encantadas pela flor thorrara! O D.º Ramos de Azevedo, com inextinguivel gentileza, fez parar o wagonzinho que nos conduzia e ordenou ao mechinista que fosse colher as flores que tanto nos encantavam! Dahi a pouco tinhamos nas mãos as cubhyadas flores!

Vi em São Paulo uma fructa exquista que nunca vi em parte alguma; chama-se *kaká*, é de côr alaranjada viva, de sabor agradável e um tanto semelhante ao abio.

Vou terminar esta longa narrativa... Antes, porém, quero enviar á minha boa amiga Zalina Rollin um abraço pela sua effizaz collaboração no formoso «Jardim da Infancia». Também que melhor jardineira poderiam aspirar as creanças do que a meiga e talentosa poetiza do «Coração»?

Tal qual o outro que foi a Roma e não vio o Papa, eu fui a S. Paulo e não vi o Eduardo Silva!

Um dia em Santos

Tambem fomos gozar das bellas naturas da viagem, na subida da serra do Cubatão. E' encantador o panorama e a viagem, toda cheia de surpresas, enleva-nos a alma prodigiosamente. Devido á gentileza e obsequiosidade do Sr. Speers, superintendente da *S. Paulo Railway*, tivemos excellentes e confortaveis logares para a pittoresca viagem.

O panorama é o mais rico possível! Verdes valles intercalados entre altissimas montanhas, formam um contraste imponente! Ha um despenhadeiro medonho no alto da serra; quando a locomotiva, cercada pela fumaça, chega ao ponto culminante da serra, a gente sente a pequenez das misérias da vida ante a perspectiva atroz do descolho!

Um nevoeiro intenso domina o horizonte. Tem-se a illusão de uma viagem aerea. Nos declives perigosos ha cabos de segurança para evitar accidentes. No alto da serra ha uma especie de cidade, onde vivem o trabalhão mais de duas mil almas. Ah! o trem faz uma pequena parada. Pode-se então, a pouco e pouco, descobrir a bella perspectiva. Era um espectáculo imponente para nós, que nos surpreendiamos com as variegradas scenas de tão phantastico panorama.

Chegamos finalmente a Santos, onde meu primo Afonso Vieira da Cunha nos recebeu na estação, com a sua costumada llanxanza. Depois de excellentes almoços, fomos visitar, de relance, a pittoresca cidade.

O tempo escasseava; era preciso saber aproveitá-lo avaramente. Acompanhados pela mais gentil das *cicerones* — minha prima Laila da Cunha — fomos visitar Miramar. Que encanto! Meu marido, que consigo levava seu *poche-kodak*, aproveitou a belleza da praia para tirar algumas vistas. Estavamos todos saudosos pelo mar! As ruas de Santos são amplas, limpas, alegres e ha muito movimento e vida. Tomamos o bond e fomos por ali afóra, contentes, a conversar em tudo e em todos, com a soffreguidão de quem sabe que tem pouco tempo para dizer muitas cousas.

Excellentes situação balnearia encontrá-se em Miramar. Que bella praia! Quanta poesia e quanta saudade nos desperta o mar!

O sol do meio dia brilhava e os reflexos luminosos doiravam as agnas agitadas do oceano. Um velho e abandonado navio, encalhado a pequena distancia da praia, alli estava quebrado e desfeito como um protesto energico do prestigio antigo. As ondas vinham e voltavam e ao quebrarem-se, preguntavam de encontro ao casco abandonado e triste d'aquelle navio sem

domo, faziam pensar na constancia de certos corações sensíveis, que, mesmo abandonados e perdidos no mundo da ingratitude, conservam a mesma creança e o mesmo ardor dos primeiros tempos.

Em piedosa romaria fomos visitar o túmulo de José Bonifácio, que se acha em uma area da igreja do Carmo. A estatua do grande brasileiro jaz deitada sobre seus ossos, em um caixão de marmore, coberta por uma colcha de bronze. E' uma obra de arte muito bem acabada. José Bonifácio, o homem que reuniu em si a triplice aureola da sciencia, da poesia e da politica, o homem cuja vida foi um exemplo de acrisolado patriotismo, repousa serenamente na sua mudez de estatua, na sombria area de uma igreja velha! Ao contemplar o grande vulto, senti no intimo da alma fortissima commoção!

E' que os grandes homens, os campeões do bem e da verdade, vivem em nossos corações eternamente, mesmo que a morte se apodere do seu corpo e que de suas feições de outróra só tenhamos uma ideia nas linhas artisticas de um marmoro sem vida.

MARIA GRANA DA CUNHA SANTOS.



Fnoitece...

(Os olhos de Maria Clara da Cunha Santos)

Vêtu de trizteza a terra e os ceus invade; de espgoço a espgoço, ave agorrenia puz; o orvalho chora, e, em lenta anuidade, hndula o sino ao longe — Ave Maria.

Ave Maria, essa hora em que á saudade da luz, se junta o horror á treva fria, tão cheia de mysterios e anididade, tão repossada de melancolia!

Cheguei tambem da vida a essa hora triste, crepusculo, em que o sol já não existe, em que a luz da illusão desaparece.

Horas ardentes em que o sol fulgura! horas de amor! de gloria! de ventura! Dial! porque me foges? Anoiitece...

ADELINA AMELIA LOPES VIEIRA.



Gom ares de chronica

Completam-se hoje dez annos que a rosea luz de uma nova aurora se derramou sobre o solo abençoado da Patria! Foi a 13 de Maio de 1888 que se extinguia no horizonte a ultima nuvem do despotismo — da deshumana escravidão! Dessa epocha para cá, todas as mães brasileiras tem os mesmos direitos sobre seus filhos. Até então...

Mas, que digo eu? — ainda hoje quantas mulheres desventuradas procuram de balde seus filhos? De muitas sabemos que fixaram

Hinhas bem podia entrar na classificação de Binet como um *typo essencialmente visual*, pois vive sempre na deliciosa embriaguez da luz e das cores...

Para terminar:

Um livro como os *Poentes* não é dos que se publicam sempre. Tinha os defeitos que tiver, verdade é que em S. Paulo, pelo menos, poucos seriam capazes de chegar à maestria de Eugenio Leonel na sabia contextura dos versos. Depois disto, só um aperto de mão.

SILVIO DE ALMEIDA.



Fôra da Barra

Ja vamos longe... Os mortos benzineiros Mettem na bruma os cinos alherosos... Ventos da tarde, ventos lacrimosos, Vão soz da patria os derradeiros beijos!

As alvas plagas, os profundos brejos, Ficam além, além!... Adeus, gostosos Tormentos do passado! Adeus, oh! gossos! Adeus, oh! velhos e infantis desejos!

Na fugitiva luz do sol poente, Vão se apagando ao longe tristemente Do Corcovado a magistosa serra:

O mar parece todo um *só gemido*... E en mal sustento o coração partido, Oh! terra de meus peses! oh! minha terra! Luiz GUMARÃES JUNIOR.

Carta do Rio

Expira Maio, o formoso mez de Maria, mez das rosas e das borboletas de azas cor de saphira! O cheiro suave das flores do jardim entra pela janella aberta de meu gabinete, onde penetra um raio de sol fortissimo, cheio de belleza e de poesia. Maio é o mez querido das almas contemplativas! A natureza tem encantos particulares para estas dias que não participam ainda da aridez do inverno e que deixam distantes os dias entonecedores de verão desta formosa capital. Os passaros guardam para este mez os seus mais suaves e melodiosos cantos e as flores toda a pujança e esplendor de sua graça. E como se tudo isso não bastasse para sua primazia, Maio, o mez de Nossa Senhora, encerra em si a mais gloriosa data da historia do Brazil — o dia 13 — o grande dia da redempção dos captivos. No meio das festas e das apothoses, da alegria e dos folguedos desse dia 13 de Maio, meu coração volta-se agradecido para o passado e o vulto sympathico e bondoso da primeira Izabel vem, docemente, receber os applausos de meu entusiasmo sincero.

Vejo-a, como uma caricia na terra, por entre os zallados veos da phantasia, na apothese enthu-

siastica e sublime que o povo theoz, ha 10 annos passados, quando ella assignou a avarca lei que redimiu uma raça, por tantos annos, egoliticamente usurpada pela outra!

João do Patrocinio, o valente defensor da emancipação dos escravos, o bravo campeão que tão brilhantemente soube pugnar pelos frecos nessa lucha tremenda, foi o iniciador das festas commemorativas da grande data. Ainda bem! em nossa patria não passa despercebido o glorioso 13 de Maio!

Por associação de ideias, ao lembrar a campanha da abolição, vem-me á lembrança o nome sympathico do eminente engenheiro André Rebouças, fallecido ha dias na Madeira. Como é sabido, elle foi um grande abolitionista, e teve como companheiro, nessa campanha, meu marido, seu intimo e dedicado amigo.

Seu nome, a historia de seu passado brilhante e glorioso, suas obras scientificas, seus trabalhos technicos, seu ilibado caracter e grande coração não podem ser tratados no estreito espaço desta Carta. Elle foi sempre um trabalhador e um justo. Morreu pobre e em paz longinquo, longe dos seus. A classe de engenharia brasileira perde com a morte de An-

dré Rebouças um de seus mais illustre representantes.

A formosa Tijuca vai ser desvasada pela civilisação! A electricidade vai ter ingresso n'aquellas matas seculares, é o que noticiam as folhas desta capital. D'aqui a alguns annos, quando a Tijuca estiver cortada de bonds e avendadas, quando as confeitarias e casas de modas ostentarem suas vistosas placas, quando houver coretos para as bandas marciaes e miasmas e desinfecções e hypodromos e clubs, os passaros que agora cantam e alegrem aquelles sitios fugirão em demanda de outros logares, onde possam viver em liberdade; as arvores frondosas terão caído por terra, derribadas para dar passagem aos vehiculos e espaço para modernas construcções; as flores exquistas e raras d'aquelle logar, não se acimando com as mãos de jardineiros mercantils, terão emurchecido para sempre e a luz e o ar purissimo e o cheiro agreste e saudavel d'aquella luxuriante vegetação, estarão corrompidos pelo progresso! Pobre Tijuca. Maldita civilisação!

Disse-me hontem um de meus primos que perdou alguns numeros da «Mensageira» em empes-

linhos continuos que faz da revista a amigos que a apreciavam muito. E terminou por me dizer que o n.º 12 havia sido emprestado a cinco ou seis amigos, que esse n.º estava em Nictitroy actualmente, depois de haver estado uns dias em Cascadura. Ouvi e... não fiquei alegre, como era de esperar. Ninguém deve emprestar a «Mensageira». Esse pedido eu o faço a todos os assignantes. Quem quiser lê-la que a assigne ou compre avulsa, custa tão pouco... é só dar um pulo á rua do Ouvidor, 93, na

conhecida casa de Julia Philippo. Se todos fizerem como meu primo... adeus «Mensageira», sua historia, no futuro será está: morto, mataram — na os seus amigos; cuidando que lhe faziam *realisme*, daram — na a lãr de graça a passas que bem podiam ter tomado uma assignatura.

Adeus Maio, formoso mez de Maria, mez das rosas e das borboletas de azas cõr de saphira!

MARIA CHAMA DE CUNHA SANTOS.



Na Praia

A minha irmã Oliveira Pires

Aqui na solidão da praia enlameada,
Onde o mar vem soltar a sua voz maganda,
E' que eu posso tambem soltar meu triste canto
E expandir esta dor que me tortura tanto!
Tu não zombas de mim, formoso e vasto oceano,
Tu não tens a ironia atroz do labio humano,
Que zomba da tristeza alheia e alegremente
Sorri quando mais soffres, e mostra-se contente!
A humanidade é assim! Por isso eu te procuro
Nest' hora de silencio em que no manto escuro
A noite envolve tudo.

— Eu venho, oceano amigo,
Eu venho de bem longe aqui chorar contigo!
A minha historia é triste, hei de contar'a um dia.
Tão grande como tu, é a melancolia
Que eu sinto dentro d'alma e que ninguém comprehendendo
E é por isso que a sombra em meu olhar se estende!

Out'ora no meu lar, no seio carinhoso
De minha pobre Mãe, meu rosto lacrimoso

Enxuguel muita vez. Agora é bem diverso
Meu sombrio viver! Perdidã no Universo,
Milhaes alma geme afflicta em busca do Ideal
Que um dia lhe sorriu num ponto divinal
— Meletofo falas, que no horizonte meu
Surtiu... brilhou formoso... e desapareceu!...

Escuta a triste voz de um peito desgarrado
Pelo ambiente cruel do mundo espedaçado!
Já não tenho esperanças, eu já não tenho crenças;
Que vale a vida assim? Oh que saudade immensa
Eu tenho do passado! Adeus, sonhos formosos,
Que na infancia sonhei, em dias venturosos!...
Eu já tenho de tudo um tedio indescritivel,
Tombo horror a este mundo! Até parece invervel
Que na flor da existencia haja quem viva assim!
Ai! Eu nunca encontrei um ente igual a mim!

Se no mecos, minha irmã, viessees neste instante
Sentar-te junto a mim, beijando o meu semblante;
Se neste desespero em que me vejo agora
Eu te visse chegar, formosa como a aurora,
Trazendo á flor do labio o riso da bondade
E no olhar semillando a doce caridade
Da affeição fraternal, talvez que meu tormento
Se acalmasse e eu sorrisse embora um só momento!

Se viessees, meu anjo!... E porque não, se eu te amo
E tu me tens amor? Virás porque te chamo!...
Virás porque tu'alma é boa e delicada,
Não quere'rá que eu morra assim desesperada!

O' velho e triste mar, que tambem choras tanto,
Não contes a ninguém a historia de meu pranto!
Chorei perto de ti! Tu foste testemunha
Do desespero atroz que a vida me acbrunha,
Mas não quero que o mundo infame, incomprehensivel
Desconhe sequer do meu tormento horrivel!

Guarda bem no teu seio este segredo antigo...
— Segredo que me mata e ha de morrer conmigo!

Illa das Cobras, 1897.

AUREA PIRES.



E vê, felizem, que vivêa cantando,
Sem amor quanto canta um desenganado,
Nào vos fiéis na sorte usain brincando:
A dor peregrina todo o ser humano.»

PRESELIANA DUARTE DE ALMEIDA,
1890.



Æ Mensageira

Recebemos hoje o 14.º numero da *Mensageira*, bella revista litteraria dedicada a mulher brazileira, que se publica em S. Paulo, sob a intelligente direcção da conhecida poetisa Preseliana Duarte de Almeida.

Inserer artigos de Delminda Silveira, Julia Lopes de Almeida, Maria Clara da Cunha Santos, Perpétua do Valle, e harmoniosos versos de Francisca Julia da Silva, Aurora Pires, Adelia Juca, e um soneto de Maria Juca que, por ser bellissimo, reproduzimos.

(Da *Cidade do Rio*.)

«A *Mensageira*. Temos sobre a mesma, sabido hoje, o numero 15 desta interessante revista litteraria, publicada nesta capital sob a intelligente direcção de d. Preseliana Duarte.

Destacam-se naquelle numero *A carta do Rio*, de d. Maria Clara; uma noticia sobre M.^{me} Laffayette, de Perpétua do Valle e uma bella poesia de Candido de Carvalho.

(Do *Diario Popular*.)

A *Mensageira*. Recebemos esta interessante revista que sae á luz em S. Paulo, dirigida por D. Preseliana Duarte, cujo nome, sobejamente conhecido no mundo litterario, honra o sexo a que pertence.

Não realçaríamos mais o merito deste bello jornal se fizessemos outra cousa do que mencionar ser elle escripto por senhoras brasileiras illustres e intelligentes, que se esforçam nessa campanha humanitaria de elevar a mulher á altura a que ella deve atingir por direito de conquistista.

Nossas felicitações á *Mensageira*.
(Da *Rua do Ouridor*.)



A MENSAGEIRA

Revista litteraria dedicada á mulher brazileira

Directora — Preseliana Duarte de Almeida

Publica-se nos dias 15 e 30 de cada mes.

Pagamento adiantado

Preço da assignatura, 12\$000 por anno

Numero avulso Rs. 18000

Endereço: Rua dos Estudantes N. 23

Sumario: — Carta do Rio, Maria Clara; — Por terras e mares, poesia, Candido de Carvalho; — Borboletas, conto, Zalina Rolim; — Caminho do Sertão, soneto, Aulia de Souza; — O romance de uma orça, André Rebouças; — A Luiz Guimarães, soneto, Aurora Pires; — Na Selva, poesia, Preseliana Duarte de Almeida; — De um livro de viagens, Nelson de Senaa; — Mãe, Delminda Silveira; — Notas pequenas.

Carta do Rio

Chego tarde para falar das esplendidas festas do centenario da India; da estrondosa apotheuose á memoria de Vasco da Gama; da grande perda que soffreu a Inglaterra com a morte do eminente estadista Gladstone; da irreparavel perda que tivemos com o fallecimento do mais inspirado dos poetas contemporaneos — Luiz Guimarães Junior.

Estes factos foram todos largamente commentados pela imprensa, durante a quinzena finda.

Tudo, porém, quanto tenho lido sobre Luiz Guimarães ainda está em minha humilde opinião, abaixo de seu merito. Que elle foi um

poeta inspirado e correcto e mi-moso — é o que leio em quasi todas as folhas desta capital. E isto basta para qualificar o poeta suavissimo, cujos sonetos são paginas divinas arrancadas ao livro do coração?

Quem, como elle, cantou com tanta graça e tanto amor as scenas da vida intima? Quem alevantou tão alto o sentimento da justiça, da verdade e do bem?

E' grande a lista dos trabalhos que deixou o marroso poeta, mas dentre todos avulta como estrella de primeira grandeza os «Sonetos e Rimas».

Com este livro de versos dá-se uma cousa singular: tanto consola e conforta ás almas contemplativas e tristes como agrada e delicia os corações alegres e bem dispostos. E' o mais popular dos poetas modernos, affirmo sem medo de errar.

Haverá alguém que, sabendo lêr, não conheça aquelle magistral soneto que começa assim: *O coração que bate neste peito?*

Eu dou valor á poesia muito mais pela ideia do que pela forma. Sacrificar uma expressão verdadeira e que photographo bem os sentimentos da alma por uma palavra bonita, por uma rima difficil e rara, é cousa que eu não comprehendo. Luiz Guimarães foi sempre um escriptor correcto e impecavel, mas nunca em seus versos alguém notou que a ideia fosse sacrificada pelos effeitos da forma. Bem sei que os modernissimos poetas me hão de accusar, mas... paciencia.

Tenho ao menos a virtude, hoje tão rara, de dizer o que sinto e o que penso. Conheço muita gente que acompanha a onda, isto é, as opiniões alheias, com as quaes intimamente não concorda, sómente para ser moderno, para fazer *bo-vito*. Que ignominia! não ter coragem para sustentar as suas opiniões!

Luiz Guimarães dorme hoje o dormeador somno junto á sua querida companheira, cuja morte prematura tanto lhe abalara a alma apulxomada.

Canillo Castello Branco referindo-se aos «Sonetos e Rimas» disse esta phrase: «E' o livro mais bello que se tem escripto em portuguez, desde que leio versos».

Abençoada seja a memoria do maravilhoso poeta que tantas emoções de jubilo, de ternura, de

compuncto e de consolo soube inspirar!

Um passeio á Tijuca é um dos mais delicados prazeres que se pôde proporcionar á alma! Lá fui um dia destes, para aproveitar o formoso domingo de sol, tão claro e tão alegre!

Arvores gigantes, cipós entrelaçados, rumorêjar da cascatinha em altas pedras e despenhadeiros, campos maviços de passaros, perfume inebriante da saudavel vegetação, lindas flores de manacá desde o branco ao roxo escuro e por sobre todas estas bellezas o ceo azul sereno a perder-se no horizonte, onde se confundia com o verde negro dos longinquos montes!

Encontramos no passeio com alguns caçadores que voltavam, acompanhados por cães de caça e sobrando grande quantidade de passaros mortos. Um dos caçadores trazia á tiracollo, uma enfada de sabias, unidos uns aos outros, por uma corrinha. Tive pena, confesso. Os pobres cantores, que tanto alegram as nossas florestas, bem podiam ser poupados!

Que linda paraisia avistei no tronco de uma arvore colossal! Era de uma côr muito viva, amarella, e de formato muito e original.

Chama-se *Chura de ouro*. Trouxe-a para meu jardimzito

bem como alguns crotons exquisitos que me prenderam a attenção. E espero que dentro em pouco, ou seja largamente compensada do trabalho de trazel-os de tão longe, quando, bonitos e vigorosos, elles enfeitarem os canteiros de meu jardim, para regalo de meus olhos e cubiça dos transeantes!

Neste mundo tudo tem serventia e todos têm seu dia!

Quando morei no sertão, assisti a uma scena muito engraçada, que se passou na loja de um amigo de nossa familia. O negociante, á moda da roça, tinha de tudo em sua casa commercial, desde a séda á carne secca, desde as panelhas ás rendas. Um sujeito lá entrou para comprar preparados para o enterro de um parente querido. Depois de uns tantos metros de setim e de galões, de fitas e de flores de panno, deparou com uns sapatos de borracha, que estavam ao fundo de uma prateleira e foi logo pedindo os taes sapatos com esta exclamação: «Excellentes para defunto! O que mais não inventarão? é verdade!» O negociante comprehendeu de prompto a ignorancia do freguez, mas como tinha interesse em ver-se livre d'aquelle *alcateia* — concordou sobre a vartagem de tão util melhoramento. Conclusão: a moda pegou e em-

quanto, na cidade, houve taes alcateias, todos que partiram para a viagem eterna, foram de sapatos de borracha!

MARIA CLARA DA CUNHA SANTOS.



Por terras e mares

VI

Ao Manoel Viotti

Eu ando em torno do teu palacio
Vibrando o plectro, tecendo endeixas,
Pleno de maguas, cheio de queixas,
— Eu ando em torno do teu palacio.

Vite ha dez annos, formosa dama,
Fazes de jumbo, laltos de cravo,
As mãos pedindo beijos de escravo...
Vite ha dez annos, formosa dama.

Teu vulto, é sombra de teu pomar,
Lembrava o talhe de uma palmeira.
Cobria flores de laranjeira.
Teu vulto, é sombra de teu pomar.

Não tinha a lyra de trovador
Quando, cahidas tuas madeixas,
Disseste um dia — porque me deixas?
Não tinha a lyra de trovador.

Andei planicies, vingnei penhascos
Em terra isempia de teu carinho,
E venho em busca do teu arminho...
Andei planicies, vingnei penhascos.

Na patria excelsa dos desgraçados
Deram-me a lyra de trovador.
Antes morresse de mágua e dôr,
Na patria excelsa dos desgraçados.

Eu ando em torno de teu palacio
Vibrando o plectro, tecendo endeixas;
Pleno de maguas, cheio de queixas,
Eu ando em torno de teu palacio.

CANDIDO DE CARVALHO.

dios tocantes da nossa vida de povo que já tem tradições, lingua propria, felizes caracteristicas, emfim todas as modalidades peculiares a uma raça homogenea que se desenvolve.

A *Mensageira* agradece, por meu humilde intermedio, a José Vicente Sobrinho a gentil offerta que lhe fez de um exemplar dos *Contos e phantasias*.

ALBERTO SOUZA.



Yelando

Abrir as janelas alta noite; fóra,
Olgo o rumor do vento que murmura
Entre as folhas das arvores, escuta,
Inconsciente noite que agora!

Nem outro som se escuta, aterradora
Pátria a mudez em tudo o mais, na altura
Nenhuma estrella tímida fulgura...
— E o meu olhar usado se demora

O negro céo infundo interrogando;
E o vento vai crescendo, despenhando
Folham e troncos, galhos na passagem,

E quanto mais augmenta a ventania
E cresce a escuridão, profunda e fria,
Mala eu me sinto cheia de coragem!

GEORGINA TEIXEIRA.



Carta do Rio

Tiveram um brilho excepcional as festas commemorativas da gloriosa data — 11 de Junho, que lembra a victoria do Riachuelo e o demolo e a coragem dos brasileiros quando, ha 32 annos, souberam, desafiando nossa patria, levantar bem alto nossos creditos de nobreza e de heroismo e anniquiar nossos inimigos — os paraguayos — fazendo-os perder sua esquadra e suas esperanças! Devemos todos estar alegres com esse festejo patriota. A parinha de out'ora foi saudada pela marinha de hoje, tal qual um filho estremeido sahda seu velho páe no dia de seu natalicio. O entusiasmo febril do povo, a alegria communicativa e sã dos officiaes superiores, as sacadas repletas de formosas damas que jogavam flores aos victoriosos marinheiros e o bello dia de sol primaveril correram para que as festas em honra da mais gloriosa batalha naval da America do Sul tivessem um esplendor digno de applausos!

Eram cinco horas da tarde. Voltavamos de Icarahy, onde haviamos passado muitas horas alegres a contemplar a belleza daquelle formosa praia. A barca deslisava suavemente. O mar estava

calmo e limpo. Nem um tufo de ventos. O sol derrivava os altos montes e fugia para o oceano, lentamente... E alho, no horizonte, uma sombra azulada apparecia, do leve, derramando por sobre as aguas tão calmas, deliciosa poesia.

Ao contemplar este quadro suggestivo, deixando-me prender pelos encantos da natureza, bem longe estava de suppor que dahi a algumas horas esse mesmo mar, iracundo e furioso, engoliria duas vidas preciosas, arrebatando brutalmente, duas jovens, cheias de sorrisos, cheias de esperanças! Foi em Copacabana que se deu o tragico drama. A amizade unira as duas amigas que nem a morte ponde apartar. Contentes, com as almas despreoccupadas, no vendor de seus 16 e 17 annos, as duas amigas, confiando no trahicoeiro mar, deixaram-se levar pelas ondas perfiás!

A lucta foi horrivel, como é facil de imaginar. Um cavalleiro, n'um impeto de generosidade, atirase ao mar, no intento de salvar as jovens que luctam contra o furor das ondas! Consegne apertar-se uma e a conduz para terra; ella, porém, n'um lance de altruismo, num rasgo de abnegação e coragem precipita-se novamente ao mar a ver se salva a amiga que, sózinha, luctava e quasi succumbia. Estorço inútil, bal-

dado sacrificio! Dahi a pouco, já sem vida, os dois corpos foram transportados para terra. Amigas na vida e companheiras na morte!

Dois brasileiros distinctos vieram, esta semana, em demanda da patria querida. Um veio morto, para nesta terra, que tanto amou, dormir o derradeiro somno. André Rebouças não podia repousar em solo extranho! Os brasileiros reclamaram os restos mortaes do sincero abolicionista, que tanto elevou sua patria.

Ultima homenagem ao grande homem que tinha o coração de ouro e a alma de criança!

Clotilde Maragliano, a brasileira illustre cujo talento tem sido applaudido nas cultas capitães da Europa, veio tambem nos encantar, com os primores de sua voz e receber os applausos a que têm direitos os seus dotes artisticos e real merecimento.

Muito interessante está a exposição de pintura de Aurilio de Figueiredo. Não cabe, no estreito espaço desta *Carta* a detalhada noticia que eu devia dar de seus quadros tão perfectos, tão verdadeiros, tão sinceros! Visitando a exposição, tive ensejo de notar minha grande predilecção pela pay-

saagem mineira, a qual meus olhos acostumados estão a apreciar! Os trabalhos que mais me agradavam o dos quaes eu logo procurava, no catalogo, a explicação, eram de Minas!

O quadrinho n.º 31 — Poço das Águas Virtuosas (Lambary) foi o que mais me impressionou dentre tantos outros dessa rica exposição. Parabens ao grande artista, que é tambem exímio litterato, tendo já obtido o primeiro premio em um concurso de litteratura, na Gazeta de Noticias, se não me fallia a memoria.

Li, no «Journal do Commercio» uma noticia muito interessante. Imaginem... até as vaccas já usam oculos.

É o que póde verificar-se nos steppes da Russia.

Os steppes ficam cobertos de neve durante mais de seis mezas no anno.

As vaccas alimentam-se de pequenas moitas de capim que transparecem átravez da neve, e os raios do sol sobre a neve tornam-se tão brilhantes que produzem a cegueira. Para obviar a esta calamidade, um homem de bom coração lembrou-se de proteger os olhos desses animaes da mesma fórma que se protegem os dos homens e poz-se a fabricar oculos de vidros

enfumagados que podam ser trazidos com toda a segurança pelo gado. Estes oculos produzem resultado satisfactorio e são actualmente usados por mais de 40.000 cabeças de gado, que desde então não são mais victimas da cegueira da neve, que tanto os fazia sofrer.

É o que ha de mais *fin de seculo*, não acham?

MARIA CLARA DA CUNHA SANTOS.



Natal

É' meia noite... O sino alvareiro Lá da Igreja branca pendurado, Como n'um sonho mystico e fagueiro, Vem relembrar o tempo do passado.

O' velho sino, ó bronze abençoado, Na alegria e na magua companheiro, Tu me recordas o sorriso primario Do menino Jesus Immaculado.

E enquanto escuto a tua voz dolente Men ser, que gemo dolorosamente Da desventura aos gelidos apoies

Bebe em teus sons tanta alegria, tanta! Sino, que lembras uma noite santa, Noite benedicta em meio ás outras noites!

AVTÁ DE SOUZA.



Saudade antiga

(A' Albatroa)

... Na região do Pausado, quando sea a hora da Saudade, nas sombras do primeiro crepusculo de Abril...

Dizem que o crepusculo é a hora das reminiscencias, é a hora em que o pensamento vai levado em azas mysteriosas, caminhando celere, até se perder n'um tempo longinquo, na região humana da Saudade, onde repousa occulta a infinita tristeza do passado...

É' ao cair da tarde que te escreevo, ó nessa hora em que a melancolia nos prende, em que uma impresso indefinivel nos domina...

Escrevo-te ao cair da tarde, na hora em que o sol desaparece ao longe, magestoso na sua agonia, indifferente ás sombras que irrompon do Levante... escrevo-te contemplando este crepusculo de abril sob a impresso de um crepusculo mais triste que esse que me envolve-o occaso das illusões...

Escrevo-te quando o meu pensamento, abrindo o livro da vida, relê as suas paginas voltadas para sempre e se detém, depois de haver sonhado arte o estenso capitulo das magras — nos ingenuos periodos da simplicidade de outrora...

Out'ora é a nossa infancia, é o tempo da nossa alegria, da ampla

serenidade da nossa inconsciencia... Out'ora, é o que passou, é o que não volta mais!...

Relembrar a infancia, é aspirar de novo a flor emmurchada das mortas alegrias; — é atear a labareda ás cinzas de um fogo extinto, é contemplar, ondante, nesse claro de fogo-latto, o phantasma immortedeiro da felicidade!...

Relembrar a infancia é sentir-se bom, ingenuo e desprotegido; é temer ainda ante a visao dos mil espectros que nos povoam a insomnia, depois de historias maravilhosas de genios encantados...

Lembraste (na quantos annos já!) quando ficavamos unidos um ao outro, attentos, ouvindo a terrica historia dos phantasmias? Lembraste?

E o Polvo do meio nos empolgava com os seus braços invisiveis... Tremulos e indecisos deviamos a vista do quarto escuro que nos ficava em frente, o quarto onde vagarosamente se moviam as imagens do nosso parvo!...

Lembraste como não ousavamos levantar os olhos para a janella aberta que dava para o jardim?... Todavia, na limpida solidão do ceu, corria a noite de uma frescura de petalo, de uma doçura de sonho. As estrelinhas tremeluziam silenciosas, enquanto a lua tranquilla, ia derramando a sua luz

a avó em pé, hirta, pallida, fiando-a, como animada de súbita resolução.

— Bertha, minha filha, esse homem não pôde ser teu marido! A bruxa veio prevenir-nos de que traí-lo-á desgraça este casamento. Trata, pois, de esquecel-o. Vou devolver a carta.

A pobre moça, que bem conhecia a avó, limitou-se a curvar a cabeça, desfazendo-se em pranto.

II

Todos os empenhos foram baldados para resolver a senhora Mendes a consentir no casamento da neta.

Entretanto, ella ama extremamente a sua querida Bertha e, por isso mesmo, a boa senhora, mergulhada em fetichismo, passa horas e horas encerrada no seu oratório, a espera de que o Todo Poderoso se digne esclarecê-la ou desmentir com algum milagre o aviso lugubre da bruxa.

III

São onze horas da noite.

Tudo parece repousar em casa e é profundo o silencio.

Fôra, o mesmo grande mysterio, morgullado no seio enorme da escuridão.

Ajoelhada no chão do oratório; o olhar beatificamente levantado para o crucifixo, que se eleva no

altar entre duas estatuas, a senhora Mendes reza baixo, passando as contas do seu rosario.

De quando em quando, uma balagem moira e perfumada, levanta suavemente as cortinas de ganga das janelas de grades, e vem agitar a chamma das velas e franja prateada das tapeçarias.

IV

No seu pequenino quarto de dormir, Bertha, opprimida entre aquellas quatro paredes, que não podiam outr'ora conter sua immensa felicidade, e menos agora sua enorme dor, chora os seus sonhos desfeitos, as suas mortas esperanças.

V

A senhora Mendes, dando fim ás orações, levanta-se peisigando-se devotamente, e vai apagar as velas... Mas — oh! surpresa! — duas lindas borboletas brancas, com reflexos de ouro, agitam as finas azas sobre as flores do altar.

— Meu Deus! exclama a boa senhora, caindo novamente de joelhos, pasma e reconhecida — attendes por fim á vossa humilde serra: são vossas enviadas estas formosas borboletas brancas!

VI

Esplendida festa, em casa da senhora Mendes.

Bertha, divinamente bella no seu

traje de noivado, acaba de chegar do templo pelo braço do esposo.

Ambos, radiantes de ventura, se dirigem ao aposento da avó de Bertha, que a espera com o abraço convencional e symbolico.

Ao transporem o limiar da porta, Volmar detem-se, fita com amor a esposa e murmura-lhe sorrindo: — Graças ao meu milagre de borboletas...

— Oh! cala-te! — fez a joven com gesto adoravel, pondo-lhe sobre os labios a mãozinha espalhada — se a vórvá soubesse!...

CAYDIDA FORRES.
(Das *Phantasias*)



Naufraga

A *Mario Talim*

Venho da terra de *Men-Voie*, aquella Paga phenomonal do eterno olvido, cujo har o pensamento estrêlla

De quem chorar, de quem tiver soffrido.

Batel ao mar. Indomita a procella
Liva a gomer; o oce indelirido
Ao meu olhar medroso se revela
Medonho, e a vaga num cruel genido

Arqueia o dorso; mas arqueia e passa;
Vom gavotas, celeres, em bando;
Flores subis de frígida fumaça

Cobrem, de todo, o espago filimado.
E, de pé, no convéz, hirta, chorando
Minha alma inoveca os deuses do passado.
(*Cherero*)

CARVALHO ARAÚJA.

Carta do Rio

A proposito dos chapéus das senhoras no theatro lyrico tam-se gasto muita tinta e muito papel. Tem havido brigas, discursos e questões, mas o certo é que nenhuma senhora mais se apresenta lá com os taos chapéus, cuja unica serventia era impedir a vista dos espectadores. Ainda bem! As chapeleiras deram o cavaco com a nova moda, em compensação os cabelleiros estão radiantes de alegria. Pudera! O chapéu, de algum modo encobria o penteado deslegrante, mas agora muda de figura... ficam á amostira muitas calvas!

Quvi censurar a «Monsagerina» por haver transcripto um trabalho litterario.

E a propria pessoa que censurava esse facto, falava com entusiasmo do trabalho transcripto, que até então não conhecia. Não acho razao nessa censura. Se a «Monsagerina» não tivesse tido a franqueza de declarar a procedencia do trabalho transcripto, passaria despercebido talvez, como a muita gente passou, certamente, o que vou referir.

O «Novo Mundo» publicou em Maio de 1879, o bellissimo conto «Sonho de um sabiá» original de Sylvio Dinarte, transparente pseu-

donymo do illustre Visconde de Tammy. Pois bem, a «Semana» de memoria gloriosa, revista litteraria por excellencia, publicou a 8 de Junho de 1895, por consequente 18 annos depois, o mesmo conto sem alteração de uma virgula, apenas em vez do pseudonymo o proprio nome do auctor. Não declaron a procedencia do conto... de modo que todos ou quasi todos o leram e o apreciaram de véras. Isso de memoria boa... não é para todos. A mim, graças a Deus, difficilmente me enganaão em questoes de arte. Ha pouco tempo encontrei no mesmo «Novo Mundo», a copia de um quadro de genero, original de um pintor illustre, que figurou no «Salon de Pariz», ha

muitos annos.

Sabem o que acontecer? Um dos nossos pintores copiou fielmente a principal figura do quadro e o impingiu como feito do natural, de um modelo vivo. A gente vendo essas cousas entristece. A Arte deve ser tratada com mais respeito.

Os grandes acontecimentos da quinzena são: a proxima exposiçào retrospectiva, organisaada pelo Centro Artístico; a fundação de crechens e jardins da Infancia, genervosa ideia que tem a sympathia de todas as brazileiras, e a inau-

guração da monumental igreja da Candelaria.

Este templo, que é considerado o primeiro da America, foi iniciado ha cento e tantos annos. E' riquissimo e imponente. A musica que cantaram no dia da festa inaugural, e que é bellissima, é original do maestro Padre José Mauricio e tem tambem mais de cem annos de idade. Tudo n'aquelle templo magestoso obedece e respeita a tradiçào.

Contam que uns naufragos, presas a succumbir, invocaram a protecção de Nossa Senhora da Candelaria e prometteram construir uma capella á virgem se Ella os valesse nessa dolorosa situaçào.

E a promessa foi cumprida. A imagem de Nossa Senhora é ainda a mesma. Ella que ovrio e piedosa attendu aos naufragos do seculo passado, tem protegido tantas outras gerações, que em seu seio encontram sempre o sublime conforto da fé, a alegria da esperanza e o beneficio da caridade.

Neste fim de seculo, as noivas estão muito ariscas. Uma dellas, outro dia, desmanchou o casamento por uma futilidade apparente mas que é falta muito grave para quem só encara a vida pelo seu lado pratico. Eis o caso: A noiva guardava em casa de seu futuro, os

doços que ia fazendo para o dia do casamento. A casa do noivo era mais commoda, prestava-se melhor para guardar o stock dos doços. Um dia a noiva descobriu... ali fallava grande quantidade de doços.

Trou a limpo a questào: quem os comia era o noivo. Ah! então ella raciocinando disse: quem não tem capacidade para guardar algumas bandejas de doços, muito menos terá para guar o futuro da mulher e proteger e amparar a familia.

E por causa de ter comido os doços do casamento, o noivo foi despedido!

MARIA CLARA DA CUNHA SANTOS.



Frugustia

(A Amelia Cardoso Americana)

Com trizeza enorme, lancinante e funda, A tu alma em trevas, desolada vejo; Uma filha morta! Ah! lagrima recuada, A que te hicon do derradeiro beijo...

O pallor da morte, a magua da agonia, E essa despedida sem remedio, eterna, Te deixaram n'alma a dor que mais crucia, — Vivez do riso, agrilhoação materna!

Onde quer que vás ou que tens olhos patrem, Acharas vestigios de teu anjo morto! E somente quando as mangas te desvarem E quehas de encontrar numma thiso conforto!

E eu que, commovida, vejo o teu martyrio, Sem saber, ao menos, consolar-te a casto, O meu coraçào, num vago de delirio, Por meus filhos ábito estremecer de susto!

PRESCILIANA DUARTE DE ALMEIDA.
S. Paulo, 17 de Fevereiro de 1897.

Notas pequenas

Pharmaceutica. — Sto do *Mix* as seguintes linhas: «Ha na Policlínica de Niteroy uma pharmacia e esse estabelecimento é habil e caprichosamente dirigido por dona Maria Luiza Torreziõ Sue Sarville, diplomada em pharmacia pela nossa Facultade, desde 1887.

Folgamos de registrar esse facto que muito honra as senhoras brazileiras, e especialmente quem, *sans brunt et sans étal*, ha 8 annos se exercita em tão elevada funcção.»

A Nação. — Com este titulo appareceu no Rio de Janeiro mais um campeão dos interesses do povo, cuja divisa é: *clama, ne cesses*, de propriedade do Dr. Augusto de Almeida & Comp.

Do seu vigoroso artigo de apresentação, trasladamos estas linhas que dão uma ideia bastante accentuada dos seus designios:

«As difficuldades nos arrastam para frente, os perigos têm facções encantadoras, e na marcha progressiva da sociedade o que nos prende e nos attrah não é o goso de um momento, mas a lucha sempre crescente da perfeição social. Que todos fallem e gritem; que todos clamem pela verdade, pelo direito, pelas garantias da liberdade, pelo cumprimento da lei, que é a ordem e a defesa dos fracos; que todos clamem, mesmo até o

deu, pelo, pela consagração da justiça, que é o anjo tutelar dos desvalidos, da innocencia, do pudor e da honra, e tentamos fé que tudo se aplannará ao impeto heroico da propaganda do bem, que afinal ha de penetrar como um raio de luz por todas as cambradas socies, indifferentes ou emburtecidas.

Não temos, portanto, programma definido; fallamos por todos os que soffrem, pelos pequenos, pelos fracos, pelos pobres, que formam o nosso partido e a guarda de honra do nosso jornal.

Sabham todos, o nosso programma são as dores e as lagrimas do povo, das quaes faremos o poema do nosso amor pela dedicação sem limites de nossos esforços. Onde estiver a oppressão ou a desgraça, estaremos ao seu lado, ou para remediar os seus males ou para gemer com ellas.»

Arthur Lobo. — Foi unanimemente absolvido pelo jury de Uberaba, a 26 do pp. o maravilhoso poeta mineiro Arthur Lobo, para o qual estavam voltadas as sympathias de todos que têm enthusiasmo pelos verdadeiros artistas e de todos que conhecem a triste contingencia da humanidade ao choque

de emoções inventáveis... Arthur Lobo teve de arcar na vida com uns desses momentos difficeis, de dura fatalidade, e isto era mais uma razão para que se interessassem por elle todos os seus patrióticos e admiradores.

A Mensageira saúda o cantor dos *Emagrelhos* e das *Kermesses* fazendo votos para que a vida se lhe deslize dora avante cheia de suavidade e de ventura, entre o riso crystallino de seus filhinhos e a voz animadóra de sua esposa.

Revista Americana. — Do Rio de Janeiro chega-nos esta encantadora publicação mensal, de 26 paginas, nitidamente impressas, preceitadas de um retrato do primoroso prosador-poeta Coelho Neto.

Na parte litteraria figuram, alem daquelle notavel publicista, Sylvio Romero, Olavo Bilac, Lauro Sodré, Reis Carvalho, Oliveira de Menezes, E. Goeldi, G. Paranhos, Luiz Barreiros, J. Oiticica, A. Bahia e H. Mattos. Parabens á *Revista Americana*, da qual o alto empenho é estabelecer reciprocos conhecimentos e estima litteraria entre todos os obreiros do pensamento que têm a gloria de pertencer ás luminosas plagas do Novo Mundo.



A MENSAGEIRA

Revista litteraria dedicada á mulher brasileira

Directora — Prescilliana Duarte de Almeida

Publica-se nos dias 15 e 30 de cada mez.

Pagamento adiantado	Preço da assignatura, 12\$000 por anno	Numero avulso
	Endereço: Rua dos Estudantes N. 23	Rs. 1\$000

Sumario: — Carta do Rio, Maria Clara da Cunha Santos; — Com ares de chronica, Maria Emilia; — Por montes e vales, Igeuz Sabino; — Parentesis, soneto, Prescilliana Duarte de Almeida; — Pagineas americanas, Pelayo Serrano; — Chrono, soneto, Adelia Judi; — Selecção; — Notas do interior, Dolores Alcantara de Araújo; — Notas pequenas.

Carta do Rio

A exposição retrospectiva organizada pelo Centro Artístico teve um exito brilhante.

Não imagináva eu que nesta terra houvesse tantos primores de arte. Em uma rapida visita apenas não é possível que eu tenha visto tudo que lá existe de bello e original. Com mais vagar voltarei ao assumpto, que bem merece toda a attenção.

A sympathica ideia da fundação de Creches e Jardins da Infancia, nesta capital, tem sido acolhida em geral com muito enthusiasmo e amor. Julia Lopes de Almeida, a brilhante escriptora que tão conhecida e estimada é, está trabalhando

do com afan para tornar em realidade o seu sonho de tantos annos. Com effeito, é uma necessidade e um dever que todos temos de cooperar com o contingente de nossas forças para a realisação dessa obra grandiosa, cujos beneficos resultados não se farão esperar.

A Creche é feita para descanço dos pobres e tranquillidade dos ricos. Uma mulher pobre que precisa ganhar o pão de cada dia no trabalho penoso de crenda de servir, encontrará na Creche, conforto para o filhinho que ahí será bem tratado e alimentado convenientemente. A' noite, ao voltar do trabalho, receberá seu filhinho amado. Ao contrario é impossivel se conciliarem as cousas. Trabalhar com o filho ao colo é um supplotio para a creança e para a mãe. Será um fardo pesado para os brucos, embora não seja para o coração.

E a mulher rica que pode pagar creandas exige, e com razão, que o serviço seja bem feito.

Assim pois, a generosa ideia da fundação das Creches, nesta cidade,

é de grande benefício para as famílias ricas ou pobres.

Não se contando absolutamente com o auxilio official para a realisação deste sonho — sonho? não, ideia muito pratica, devemos nós

mulheres, as mais interessadas em bom organizar nosso *ménage*, trabalhar com coragem para esse fim.

Já resouram a meus ouvidos plannos muito felizes. Sei que se organizará um leilão de prendas — de trabalhos de nossas gentis patrias — e como não desejo que

alguem alegue falta de tempo para execução de um trabalho bonito e

dizendo, aviso desde já as cariocas, ou melhor ainda, as brazileiras em geral. Irei, nestas «Cartas» con-

tando tudo o que souber acerca desta ideia que hoje me preoccupa inteiramente o cerebro e o coração.

da frescura deliciosa d'aquelle logar quando ouviram muito ao longo o pio estridido de uma ave do matto.

— Que bello canto tem o jacó, disse o marido, escuta, elle está cantando.

— Não é jacó, é jacutinga, affirma a mulher.

— Estás enganada, é jacó. — Não é, eu sei, é jacutinga. — Não teimes commigo. — Teimoso és tu, grandissimamente mallevado.

E a discussão foi augmentando, augmentando... já nenhum dos contendores ouvia o que o outro

dizia, cada qual queria mostrar maior conhecimento de adjectivos insuetos.

E para encurtar razões, o marido como mais forte, venceu a discussão quebrando nas costas da

carra metade uma bengala de junco. A pobre mulher voltou para casa dos paes — refugio de quem naufraga no casamento. Não pôde mais tolerar aquelle barbaço que se esquecera de seu amor, da deferencia que devia á mulher, de tudo, tudo, para espancal-a assim!

Passaram-se muitos mezes. O marido já muito arrependido procurou reconciliar-se com a mulher.

Lágrimas, rogos, promessas, tudo elle invocou em seu auxilio e o certo é que ella perdoou a

offensa e... reconciliaram-se. (Conselho: não se metam em

brigas de marido com mulher, tenham em vista a reconciliação deste casal). Mas, como ia dizendo, voltaram para a casa abandonada pela futil discussão do pio de uma ave do matto. E a alegria, a paz e a felicidade voltaram tambem áquelle lar. Muito bem, estava tudo como dantes. Lá um bello dia, entre beijos e caricias, a mulher docemente suspirando, disse: faz hoje um anno, lembra-te? que brigamos por causa do jacó e da jacutinga, tu lembravas que era jacó.

— E era mesmo, tu não tinhas razão.

— Era jacutinga.

— Não era.

— Era.

Com ares de chronica

Commemoramos a queda da Bastilha, a folhinha nos apresenta o 14 de Julho, a data inicial da liberdade dos povos.

Este dia que, com o correr dos annos, se tornou, por assim dizer, de festa universal, nos relembra que a Revolução Franceza, ao mesmo tempo que rasgava novos horizontes para o espirito do povo, fazia-o conhecer a força desse nobre ente que constitue a sua metado e que participa de todos os seus martyrios. M^{me}. Roland, que no dizer de Lamartine foi a alma da Revolução, M^{me}. Roland não pôde ser esquecida por mulher nenhuma neste dia de tamanha grandezza historica! E o seu vulto aureolado nos apparece em mente, ora dirigindo os altos planos dos mais eminentes personagens da epocha, ora subindo ao catafalco e deixando cair dos labios aquella phrase tão cheia de ironia e de verdade: «Liberdade! liberdade! quantos crimes em teu nome se commetteram!»

Então levadas por um sentimento de enthusiasmo e de piedade, de pasmo e de veneração, buscamos as suas *Memorias* e ficamos embaldadas por aquella linguagem singella e grandiosa, vestindo pensamentos nobres e ternas recordações da infancia! M^{me}. Roland é um symbolo! Si nenhuma outra

brigas de marido com mulher, tenham em vista a reconciliação deste casal). Mas, como ia dizendo, voltaram para a casa abandonada pela futil discussão do pio de uma ave do matto. E a alegria, a paz e a felicidade voltaram tambem áquelle lar. Muito bem, estava tudo como dantes. Lá um bello dia, entre beijos e caricias, a mulher docemente suspirando, disse: faz hoje um anno, lembra-te? que brigamos por causa do jacó e da jacutinga, tu lembravas que era jacó.

— E era mesmo, tu não tinhas razão.

— Era jacutinga.

— Não era.

— Era.

— Não era.

— Era.

— Não era.

— Era.

— Não era.

— Era.

— Não era.



MARIA CLARA DA CUNHA SANTOS.

do foro são avultadíssimos, existindo duas varas de Direito.

Resente-se o logar da falta de um Mercado, que tanto favorece a commodidade publica. Em contraposto tem um completo serviço telephónico.

São facéis os meios de transporta, devido a companhia de bondes e abundancia de carros de aluguel.

Ha extracção diaria de duas loterias. Embelleza muito a localidade a somma avultada de fazendas proximas. Como cidade moderna que é, segue, no dizer de um homem de espirito, o systema Knapp e por isso anda descalça.

Oroto, porém, que senam melhor avisados os gentis habitantes d'esta bella terra se cuidassem seriamente em fazer um calçamento solido e util e se dessem um caracter mais risinho á cidade, promovendo reuniões recreativas e festas litterarias, em vez de se preocuparem tanto com os barbaros exercitios cynegéticos, cujo fim é perseguir e matar os sublimas e inoffensivos cantores, que habitam as regiões superiores, onde a inveja, o odio e a vingança não encontram adepto e nem throno. Etais ou não, foram estas as minhas impressões e — quem dá o que póde não faz mais do que aquillo que deve.

Doloras Alcantara Vilhena de Araújo.

12 de Maio de 1898.

Notas pequenas

Recebemos e agradecemos: —

Correio de Minas, folha diaria, fundada em Juiz de Fora — a florescente cidade mineira, e de cuja redacção faz parte o estimado chronicista Heitor Guimarães; *Revista Moderna*, periodico literario publicado no Rio de Janeiro e redigido por Eugenio de Barros, S. de Castro e mais alguns talentosos moços;

Oito de Setembro, revista catholica, Rio Grande do Norte; *Cidade de Inajá*; *A Ordem*, de S. José do Paraizo e *Verdade e Luz*, desta capital.

Versos. — Mimosou-nos com um exemplar dos seus formosos *Versos* o conhecido e apreciado poeta mineiro Francisco Lins. Agru-deemos a offerta do seu livro, sobre o qual se encarregou gentilmente de fazer a critica na *Mensageira* o nosso talentoso e distinctissimo collaborador D.º Manoel Viotti.

A Mensageira

A Mensageira. — Apareceu o n.º 17 da *Mensageira*, a *chic* revista litteraria que com todo brilho intellectual a sra. d. Prescilliana Duarte de Almeida redige nesta capital.

Entre os bons artigos e poesias que contém sobrehsta o conto *Bohoteses* da poetisa d. Zalina Kolin.

(Do *Diario Popular*)

São Paulo

15 de Agosto de 1898

Anno I, N. 21

A MENSAGEIRA

Revista litteraria dedicada á mulher brasileira

Directora — Prescilliana Duarte de Almeida

Publica-se nos dias 15 e 30 de cada mes.

Pagamento adelantado	Preço da assignatura, 12\$000 por anno	Numero avulso
	Endereço: Rua dos Estudantes N. 23	Rs. 1\$000

Summario: — Carta do Rio, Maria Clara da Cunha Santos; — Do Livro da Saudade, soneto, Zalina Kolin; — Adens, soneto, Aurea Pres; — Divergões, C. de Carvalho; — No Album, soneto, Carlos Góes; — Versos de F. Lins, critica litteraria, Emanoel de Val; — O Orphan, soneto, Francisco Lins; — O Armador, conto, Andradinha de Oliveira; — Sembois, Relajo Serrano. — Notas pequenas.

Carta do Rio

«Vale o esforço ou vale a victoria?» Eis o problema. Esta pergunta intrinsecada fazia, ha dias, no jornal do Commercio, em um vibrante artigo, a distincta escriptora Maria Amalia Vaz de Carvalho. Vale a immolação dos que deram a um ideal sonhado toda sua alma, ou vale a felicidade dos que attingiram o seu fim e colheram na apothose final, a palma appetecida? O mundo, accrescenta a illustre escriptora, só vê os que venceram.» Triste verdade essa! Os factos da vida pratica, demonstram bem que o povo só leva em conta os factos dos vencedores. E é por isso que em fioo pensativa a scismar quando vejo desses factos tão communs

e com os quaes meu espirito e coração rebeldes á rotina que domina o mundo, não se acostumam, e a que não se submettem.

Outro dia, na Exposição de Arte retrospectiva, brillantemente organizada pelo Centro Artístico, contemp-lava, absorta, um quadro lindissimo. Era o interior de uma sala de luxo, repleta de formosos objectos de arte. Extraordinaria composição em que se encontravam em harmonioso conjuncto, a riqueza do colorido, a luz vibrante e forte de um dia primaveril, o rigor tecnico dos detalhes e sobretudo a elegancia e naturalidade das figuras. Ao fundo do quadro havia uma janella ampla, francamente aberta e ao longo, muito ao longe viam-se, desenhados com a rigorosa precisão da perspectiva, arvores e arbustos que projectavam no chão deliciosas sombras. Ao contemplar o formoso quadro, esqueci-me de consultar ao catalogo o nome do autor.

Apreciava-o incondicionalmente, como se aprecia o que é bello, o que é digno, o que é elevado. Do

repente resourram a meus ouvidos palavras asperas de censura ao quadro. Alguem dizia, bem alto, que nenhum valor encontrava na tela que me enfeitava cada vez mais.

D'ahi a pouco, o mesmo critico, reconheceu o festejado nome do autor do quadro e diz entre assustado e arrependido: Ah! é de Berno-Bellecour, não tinha reparado, é esse um pintor emérito, seus quadros têm grande cotação, etc.

Volto á Exposição, dias depois, e que havia de encontrar? O mesmo critico, embevecido, absorto quasi, a contemplar a tela que dias antes tanto o erritára. E mais surprehendida fiquei quando o vi, em phrases repletas de entusiasmo, chamar a attenção de um amigo e descrever um por um os detalhes completos do quadro que realmente só o encantou depois de reconhecida a assignatura do pintor.

Ha muito tempo que me preoccupa o coração a dolorosa verdade que o Padre Antonio Vieira, ha tantos annos disse, nesta phrase suggestiva: Não basta que as cousas que se dizem sejam grandes, se quem as diz não é grande.

Entrou para o prelo o formoso livro de estrea, «Flores de Neve», da talentosa e inspirada poetisa Aurea Pres. A poetisa é muito jovem mas já tem um nome vantajosamente conhecido em nosso meio

litterario. Apesar da fraternal amizade que me proude a melga e intelligente poetisa não sou suspetta garantindo desde já o exito de seu livro Lento as poesias de Aurea, a gente, involuntariamente, se lembra de Luiz Guimarães Junior.

São fluentes e naturaes os versos, inspirados quasi todos nas belezas da natureza, nos sentimentos generosos e sobretudo no amor sincero e nobre que tanto eleva e arrebatava as creaturas! Ninguem encontra uma palavra *forçada* nos versos desta poetisa. A rima é facil sem ser banal; a cadencia é doce e a factura natural.

Comparando os versos de Aurea Pres aos de Luiz Guimarães Junior, eu faço o maior elogio possível á poetisa; pois tanto ella como eu prestamos ao poeta, recentemente morto, o maior preito e a maior homenagem e admiração!

Não sei porque, entendem as nossas patricias, que quem escreve para a imprensa deve ter muita pratica da vida e conhecer perfeitamente os factos e as pessoas. E assim devia ser, na verdade.

Recebo sempre cartas gentilissimas que me sollicitam conselhos sobre varios pontos. A ultima que recebi era de uma noiva.

Notaram já como as noivas gostam de escrever e receber cartas? Perguntava-me a gentili missivis-

ta se a mulher educada deve ou não abrir as cartas do marido e vice-versa. E' um ponto este de importancia summa. Parece uma questão ridicula e comessinha; mas não é. Entendo que entre marido e mulher não deve absolutamente haver segredos, mas entendo tambem que qualquer dos dois pode ser o depositario do segredo de um terceiro e nesse caso não pode e nem deve, em absoluto, confiar-o a quem quer que seja.

E' mais prudente, pois, que cada um respeite o outro e não abra cartas que não são suas. E' muito problematica a ventura que nos pode trazer uma carta a outrem dirigida e é muito mais provavel que ella nos traga um desapontamento ou uma decepção.

Tambem é um máo habito o costume de lêr cartas que se encontram abertas sobre os moveis de uma casa. Ha muita gente cobardede, que sendo incapaz de frente a frente dizer o que sente, se preva-lece desse meio commodo e cynico para dizer o que quer. Em resumio, a verdadeira norma a seguir é esta: ninguem deve abrir ou lêr cartas que não lhe são dirigidas. Deste modo evitam-se muitos aborrecimentos futuros.

Contou-me, ha dias, um pintor



MARIA CLARA DA COSTA SANTOS.

Ilustre que seu irmão — tambem tambem pintor emérito o de grande nomeada — tivera a encomenda do retrato a oleo de um menino, mas do modo mais exguisito que se pode imaginar. O menino tinha fallecido ha seis annos já, e o pae queria que o pintor, auxiliado por uma photographia velha, fizesse o retrato do menino, como elle deveria ser, se fosse vivo, isto é, se tivesse treze annos.

— Mas, seu filho, por esta photographia mostra ser um menino de sete annos, pouco mais ou menos, disse o pintor.

— Justamente, replica o pae. Elle tinha sete annos quando morreu. Mas o senhor como bom pintor, com o auxilio desta photographia e com um pouco de boa vontade e de imaginação póde, perfeitamente, pintar o retrato como eu quero, isto é, de um rapazinho de treze annos, muito parecido commigo, com a differença apenas que tinha os olhos azues.

Haverá cousa mais estúpida do que isto? Não creio.

Decidamente, para se ser pintor, nesta terra, é preciso possuir, além de todos os conhecimentos technicos indispensaveis á grande arte, a sublime virtude da paciencia.

claudorua, bem grato me seria poder decontar-vos a belleza e o vigor, se os dolos de meu espirito não fossem tão mesquinhos. Aguas rrimorjantes, corros de pendor verde e avelludado, matas veneraveis, se ou vos não tivesse procurado com a alma tao lacerada de angustias, por certo que vos amaria com redobrado sentimento. Ainda assim não é sem pena que te deixio, exilio casto e recatado.»

* * *

Conto que bem me agradeceria os leitores patrios, por ter-lhes proporcionado tao primorosos trechos do novo livro do romancista portefeito, não ha muito sagrado assim com a joia limpida do *Inverno em Flor*.

Minas-Agosto 98.

NEISON DE SENNA.



Carta do Rio

As demonstrações de regosijo e sympathia que a população desta capital, representada por diversas classes sociais, prestaram ao illustre Dr. Campos Salles, por occasião de seu regresso á patria, bem mostram o alto conceito em que é tido o presidente eleito dos E. U. do Brazil, que tanto honrou, no estrangeiro, o nosso amado paiz. Ao presidente eleito saudá o povo

em delirio, cheio de entusiasmo e esperança pela rissonha perspectiva de seu governo criterioso. Eu o saudó tambem, sem me esquecer entretanto do illustre Dr. Prudente de Moraes, que tanto tem se esforçado pela pacificação e progresso desta terra.

Com o desenvolvimento da instrução ao povo, até a propria desgraça é atenuada de um modo consolador! E é por isso que hoje em dia, não é tao dolorosa, como dantes era, a desgraça de ser cego.

O benefico Instituto Benjamin Constant, desta cidade, tem prestado os mais relevantes servicos aos cegos, principalmente aos que não são ricos. Assisti a festa de distribuição de premios aos alumnos d'aquella casa de educação e fiquei satisfeita com o excellentes resultado obtido pelo digno director Dr. Brazil Silvado.

A festa musical e litteraria foi esplendida. Fizem-se applaudir distinctos litteratos e artistas de merito consagrado.

Os cegos, resignados quasi, com o seu viver — eterna noite que não tem aurora — mostraram-se merecedoras dos mais calorosos elogios.

Sobde que uma menina cega, que recebeu premio, era engeitada! Pobresinha!

Quanta dedicacão, perseverança e esforço não foi preciso para aquella pobre alma não succumbir nos primeiros tempos de sua vida! Não ter pae! não ter mãe! não ter a luz dos olhos e ter coragem para lutar e ter merito para vencer é de um caracter privilegiado!

O Instituto váe iniciar uma serie de conferencias litterarias, proporcionando assim excellentes util distracção aos cegos. Quanto vale o progresso! Na commumidade sociedade, é hoje recebido como um homem util aquelle que privado da vista, seria em outros tempos, um pesadelo para a familia e para a patria. Bendicto o progresso! abençoada civilisacão! Parabens ao Dr. Brazil Silvado — a alma do instituto — e aos ceginhos que apezar de muito beneficiados hoje pela instrução — que espanca as trevas do espirito, são ainda dignos de toda nossa piedade, de todo nosso carinho.

O distincto pintor Sr. Adolpho Malevoli, faz actualmente bella exposicão de pintura, em vasto salão de uma casa, á rua dos Arcoos.

Ha ali vinte e seis telas completas, perfectas, irreprehensivelmente desenhadas. Em todos os generos trabalha o illustre pintor que tanto honra e engrandece a

sua arte. Os premios diversos que o Sr. Malevoli tem conquistado em varios paizes onde tem apresentado seus trabalhos, são prova eloquente de seu merito real. Aqui mesmo, no Rio de Janeiro, já recebeu o Sr. Malevoli uma medalha de ouro, em uma Exposicão da Escola Nacional. Eu não posso falar do illustre mestre tudo o que devia sobre o seu merecimento, sou suspeita. Desde creança tenho me affeiçoado de tal forma a todos os meus professores, que no fim de algum tempo em cada um delles conto um amigo. Esta explicação, pois, minha suspeiçào. Com o Sr. Malevoli tenho aprendido tudo o que sei em pintura — é verdade que muito pouco, mas a culpa, neste caso, não é do professor, garantto.

Ha quadros, nessa exposicão, que impressionam poderosamente ao visitante. Não posso, pelo pequeno espaço desta carta, tratar minuciosamente de todos elles. Recomendando entretanto, as appetitosas «Uvas brancas» tão transparentes e verdadeiras; as «Carnubolas maduras» de encantadora belleza; aquellas «Arvores antigas» tão nobres, tão brazileiras; o bello «Effeito de sol» e a «Praia da Sandade», quadro que deixa a alma do espectador repassada de doce melancolia. Um punhado de rozas sobre a veneranda cabeça do distincto filho de Florença que tanto engran-

dece a nossa patria, que elle considerava sua pelo muito que a ama.

Cento e quarenta annos bem somados tinham os dois, elle e ella, ou simplificando a operação, setenta annos cada um delles, o raptor e a raptada.

E' verdade! pelo menos foi o que publicaram os jornaes desta capital.

Aos setenta annos ainda pôde uma mulher, naturalmente feiçoera, incendiar paixões e provocar desordens, e com egual idade, ainda existe nesta terra poderosa, homem de corração apaixonado e cheio de vigor para cavallarias tão altas!! E' o caso do sabio proverbio: não falta nunca para um pé inchado um chinello velho. Para uma Juleta de setenta annos ha sempre um Romem da mesma idade!

MARIA CLARA DA CUNHA SANTOS.



Notas pequenas

Elizabeth Lynn Linton — A litteratura ingleza vem de soffrer uma grande perda com a morte da notavel romancista Elizabeth Lynn Linton, cujos traços biographicos vimos algumas resumidos nestas linhas:

* Elizabeth Lynn era a filha mais nova do revd. James Lynn,

vigario de Crosthwaite, e nasceu em 22 de fevereiro de 1822.

A mãe falleceu quando ella era ainda criança, e ella propria descreveu de modo imitavel os seus primeiros annos no campo, apprendendo francez, allemão e italiano, e embebendo aquelle culto litterario por que depois se tornou conhecida.

Miss Lynn foi para Londres em 1845 e os seus primeiros tentamenos litterarios foram guados por Walter Savage Landor.

O seu primeiro romance foi *Azeth, o Egypto*; seguindo-se-lhe — *Amymone e Realidades* — e trabalhando tambem no jornalismo. s

Mathematica — A facultade de mathematica da Universidade de Coimbra, viu este anno sair de seu recinto uma mulher formada, é ella a Exma. Sra. D. Domitila Miranda Carvalho.

O Paiz — Temos tido a satisfação de receber este importante diario da Capital Federal, com a maxima pontualidade.

Agradecemos-lhe, muitissimo pehoradas, a honrosa deferencia.

Carlos D. Fernandes — Inicia hoje a sua collocação na *Mensagem* este illustre poeta, que tanto brilho tem dado á poesia symbolista no Brazil. E' o caso de dar parabens aos nossos leitores.

A MENSAGEIRA

Revista litteraria dedicada á mulher brasileira

Direcção — Preselliana Duarte de Almeida

Publica-se nos dias 15 e 30 de cada mes.

Pagamento adiantado	Preço da assignatura, 12\$000 por anno	Numero avulso Rs. 18000
---------------------	--	-------------------------

Endereço: Rua dos Estudantes N. 23



MARIA CLARA DA CUNHA SANTOS

Carta do Rio

A Sociedade Comemorativa das Datas Nacionais inicia de modo brilhante seus festejos com o nosso glorioso 7 de Setembro. E' o caso de não saber a quem dirigir parabéns, se á Sociedade Comemorativa, se aos brasileiros em geral.

O illustre presidente eleito de Minas, Dr. Silviano Brandão, to-

mou posse de seu alto cargo, no dia 7 do corrente, no meio de applausos e regosijo popular. No grande brasileiro que renne em si os mais nobres e elevados dotes de coraçào e espirito, veem os mineiros um amigo sincero e tolerante que saberá administrar brilhantemente a terra que lhe foi o berço. Novo embaraço para mim, que não sei a quem saudar, se ao illustre presidente pelo seu elevado cargo, se aos mineiros, pela excellente escolha que fizeram elegendo-o para dirigir os altos destinos da poderosa terra, glorificada pelo sangue de Tiradentes.

O Rio Grande do Sul, o meu querido Rio Grande, não quiz ficar atrás de S. Paulo, o adiantado Estado que tanto se tem distinguído no caminho dos artes e da

sciencia. Não tinham ainda terminado os applausos delirantes em honra da talentosa artista Clotilde Mareglhano, e outra artista, não menos digna, não menos talentosa, veiu nos encantar com sua voz educada e bella. Amalia Tracema, a riograndense do sul, é digna gemula da cantora paulista e ambas vieram despertar grande enthusiasmo no coraçào de seus compatriotas!

A quinta Exposição Nacional de Pintura, inaugurada a 1 de Setembro, nesta capital, está magnifica. Para que a Exposição fosse excellente, bastava o grande quadro de Almeida Junior, «Partida da Mongão», que lá está, como um raio de sol, illuminando o salão. Ha quadros de principiantes collocados bem proximos á grande tela do pintor paulista. Mas, que mal ha nisso? pergunto eu. Cada um enterra seu pae como pôde.

MARIA CLARA DA CUNHA SANTOS.



Do "Estellario"

A' que me entende

Hontem foi vel-a e eis tudo quanto almeja:
«Ver, tendo visto, quem mais ver deseja.»

Chegou, tomou-lhe a mão fria de ancio:
E um longo olhar prendeu-os num enleio.

Depois fizeram de um amor secreto,
Padrimento de feliz projecto.

Fôra — nevava luar serenamente
No sereno da gándara dormente;

Dentro — dois corações na mesma chama,
De amor que as almas lhes inflama.

E ao *tête-à-tête*, na saleta esquisse
Deixam que o tempo assim, breve, deslisse,

Mas é chegada a hora derradeira,
Força é deixar a sua companheira;

Companheira de amor, feita ao combate
De duas almas que a paixão abate.

As *Bons noites*, ríngido lhe acena
O seu eleito, e aquella não pequena.

De sua amada encerra os mais rosados
Sonhos de amor dos corações amados.

Seus labios lembram bogarys e cravos,
Bello puniceo de murgos bravos,

Quando suspiram a pequenina phrase:
«Toda a nossa ventura agora faz.»

E como o invade uma ventura longa,
Ouvindo-a agora de sua rósea bocca.

E um seu olhar que, para merecel-o,
Daria em troca todo um setestrello.

Parte sonhando... e quando mais distante
Vaé, illumina-lhe o seablante

A sua imagem pura e vaporosa,
Toda de preto, finida e amorosa.

E embora parta, o pensamento aberto,
Aminha a sua imagem calma, perto.

Da saudade e dos sonhos que elle encerra
Na que tem por Eclida aqui na terra.

E vive assim sonhando quanto almeja:
«Ver, tendo visto, quem mais ver deseja.»

MANOEL VIGOTI.



Escerpto da "Profissão de Fé"

Volvamos a nossa attenção para um assumpto de primordial importancia, mas que ao espirito obsocado dos felizes, tem sido sempre considerado como um meio secundario, objecto unico de prazer e nada mais. Tratenos d'essa principal fracção da humanidade, a que se chama MULHER.

Lycinque, que julgou o sexo feminino como um ser inferior, teve de curvar-se ante a realidade dos factos, e reconhecer a mulher como digna de partilhar com o homem de todas as glorias e de todos os trabalhos.

E quem negará hoje tal direito á mulher? Quem poderá contestar a sua intelligencia, as suas aptidões?

O papel que a mulher representa na terra, é sublime. A docura, o amor, a paciencia persistentes, tornam a mulher um poderoso auxiliar na conquista do progresso humano, e na sua propria emancipação.

dignidade caso se veja sózinha neste mundo, eis o dever de todo o homem que foi batizado pelo sopro da civilização e que pode sofrer o proveito das luctas em que se tem debatido a humanidade.

Para que, porém, o tecto que abriga uma familia seja digno de ser considerado como o templo da paz e do amor, quanto esforço não é preciso da parte de cada um dos conjuges? Muita gente diz: *o marido faz a mulher*, outros: *a mulher faz o marido*, e esquecem-se assim daquillo que se aprende num proverbio muito corriqueiro — «uma andorinha só não faz verão».

O que é preciso é que haja honradez de parte a parte, benevolencia de lado a lado, boa disposição de cada um para ver nos conselhos do outro o interesse do bom e do justo, o proveito moral de ambos, e o que é ainda mais certo, a felicidade dos filhos.

É bem triste de ver a jactancia com que certos homens se gabam de não consultar nunca suas mulheres acerca de seus negocios! É verdade que existem, infelizmente, mulheres que cuidando só de fins e futilidades não têm senso commun para *ajudar o marido a pensar*, ou a discreção precisa para guardar um segredo. Mas, são excepções; e, si o marido estivesse bem comprehendido da ligação estreita que deve existir no casal,

amistosamente porque via nellas outros tantos conselheiros respeitosos. Erão amigos da casa, amigos seguros do marido, da mulher, dos filhos.

Nessas casas convivia-se a jantar as relações, e a dona da casa sentia-se orgulhosa de poder dizer «fui eu quem fez este prato»; geralmente ella servia a sôpa. O esposo não desdenhava descer á adoga para buscar certo vinho velho, de que contava a historia.

Como todos os convidados pertenciam ao mesmo mundo, a conversação era geral e interessante. Então, sabia-se conversar com sinceridade, franqueza «laissez aller», porém sempre com decencia.

Depois do jantar, a conversação seguia. Ainda não havia o costume dos homens retirarem-se a outro quarto para fumar e as mulheres reunirem-se em pequenos grupos para falarem de modas e outros assumptos que as afastavam dos homens.

Tods reunidos conversavam sobre o ultimo livro ou o ultimo quadro. Recitavam ou liam versos. Tambem cantavam, muitas vezes com acompanhamento de guitarra.

Assim acontecia quando eu era joven.

Então, num salão todos eram sinceros, e todos sabiam divertir-se francamente.»

Bello devia ter sido, na verdade, esse tempo de simplicidade e virtude. Que a mulher não seja, pois, essa *lei vigente* a que se refere Jules Simon, que não seja a *providencia moral* da moderna

setta philosophica, mas que seja ao menos uma companheira a qual se prodigalise consideração, respeito e fraternidade. A oppressão produz a revolta, disse-o ha muito eminente escriptor. Entanto é bem certo que a mulher, pela sua infinita magnanimidade e grande força affectiva, mesmo quando se revolta pela razão, cinge-se, amolga-se e tudo perdoa, levada pelo sentimento.

MARIA EMILIA.



“Garta do Rio”

Completa a “Mensageira” com o presente numero, seu primeiro anno de publicidade. É motivo de jubilo para mim, esse facto. Se o grande interesse que tenho por esta revista, não me tornasse tão suspeita aos olhos dos leitores criticos, eu teceria hoje os mais calorosos elogios á directora desta folha, cujos primeiros passos ella tão brilhantemente tem guiado, por via de regra, os mais difficis do guiar.

Um anno de existencia o que

6? — Nada; um rapido abrir e fechar de olhos; uma illusão que se esvaio; um sonho que se dissipa; uma nuvem que passa. No entanto, se a semente de um mio conselho ou de uma falsa educação, fica em uma alma infantil e brota e vira e cresce... quantos prejuizos e desgraças podem se desenvolver no curto espaço de um anno! Tudo é relativo, pois. Um anno pode ter a rapidez de um minuto ou a lentidão de um seculo. Depende do ensinamento que delle soubermos tirar.

Se a «Mensageira» tiver despedido, com suas idéas aqui externadas, uma vocação ao menos; se tiver alevantado em um coração descrente uma energia digna; se tiver consolado um triste e encurajado uma alma tímida e medrosa, terá cumprido dignamente o seu dever. Mais vive quem faz bem do que quem muito vive.

A «Mensageira» tem em suas columnas, sempre francas aos escriptores de boa vontade, embora principiantes, apresentado algumas escripturas de talento e divulgado o merito de muitas outras que eram até então bem pouco conhecidas.

E não é que eu estou me esquecendo que sou suspeita e vou entrando em divagações que terminarão fatalmente em francos e-logios a esta revista? Calate, co-rração!

vidos a elogios banhos. Aos 17 annos, como é grande a influencia da critica! eu que o diga! Uma palavra de louvor ou uma phrase de censura causam-nos tambem abalo que ficamos por muito tempo dominadas por essa impressão tão forte!

E é por isso que eu aconselho ao joven poeta que não se sinta muito lisongrado se a critica lhe for favoravel e nem se mostre subjugado se ella for inclemente. Continue a estudar e muito e a ler os bons poetas. A entriquecer o seu espirito na solida comprehensão da verdadeira arte, lucrará muito mais do que a escutar criticas litterarias que muitas vezes não têm valor, que muitas vezes não são sinceras.

Pediram-me, ha dias, para escolher um nome bonito para um recém-nascido. Antes que eu respondesse, uma senhora presente, muito dada a litteratura franceza, lembrou o nome de Victor Hugo. E a pobre creançã recebeu na pia baptis-mal a responsabilidade desse grande e glorioso nome. Horror! Pelo amor de Deus, mães de familia, livre vossos amados filhinhos de tamanho destructe. Victor Hugo de Souza! Floriano Peixoto de Azevedo! Que vem a ser isso? Que cousa ridicula!

MARIA OLAVIA DA CUNHA SANTOS.

Uma recordação

O pequeno Leoncio morreu.
Dois annos apenas!...

Passados oito dias, fui visitar a desconsoiada mãe.

Carmem vestia a cor das violetas, e como a flor mimosa, pendida a pallida fronte, chorava.

Palavras de consolação, de conforto, nada! Todo o remédio applicado áquella ferida recente, mais lhe arivava a grande dor, mais e mais fazia sangrar o materno coração.

Levantei-me, e, passando pela sala, procurava uma idéa qualquer com que a distraísse.

Sobre uma das consolas de mármore havia grande quantidade de quinquilharias galantes; entre ellas sobresahia um pequeno corção de velludo escarlate artisticamente bordado á seda com uma corôsinha de amores e violetas corôando em mimoso relêvo d'ouro a doce palavra — «Amor».

Tomel o delicado trabalho e chogando-me á triste amiga, disse:

«Que gracioso corção!

Será a copia de teu tão formoso e sempre tão cheio de amor, Carmem?

E fôste tu que lhe bordaste essa doce palavra?...

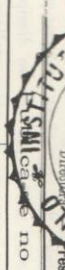
Carmem levantou para mim o terno olhar magoado, e uma explosão de lagrimas e soluços mais

ARTICULADA

15 de Fevereiro de 1899 Anno II, N. 25

A MENSAGEIRA

Esta litteraria, dedicada á mulher brasileira
Direccão: Presciliana Duarte de Almeida



Pagamento adiantado	Preço da assignatura, 12\$000 por anno	Numero avulso Rs. 1\$000
Endereço: Rua de Sta. Iphigenia, N. 57.		

saie no dia 15 de cada mez

Summario: — Carta do Rio, Maria Clara da Cunha Santos; — A Lancha Negra, soneto, Adelfina Lopes Vieira; — Sapho, notas, Silvio de Almeida; — De manhã, fragmento de um poema, Aurea Fries; — Seleção; — A Mensageira, soneto, Candida Fortes; — Notas brasileiras, Nelson de Senaa; — Valsando, poesia, Presciliana Duarte de Almeida; — De luto, Maria Clara da Cunha Santos; — Beatrix, poesia, Gutomar Torrezão; — Esato de critica, R. da Cunha; — A borda, soneto, Georgina Teixeira; — Episodio da roça, Ruteilma Ferreira; — Carta aberta, soneto, Hernachio Viotti; — Notas piquenas.

Carta do Rio

Com o presente numero entra a Mensageira em seu 2.º anno de existencia.

Esse facto — que attesta a estima e merecimento desta folha — por si só deveria encher de jubilo o coração de sua illustre directora, se elle não estivesse, como está, sangrando ainda de dor!

A perda, quasi que repentina, de seu ultimo filhinho, o adoravel Bolivar — formoso lyrio que enchia de alegria o seu lar e de esperanças o seu coração — abalou-a

fortemente, como é facil de imaginar. Por esse motivo, allis muito justo, esta revista suspendeu por 4 mezes, sua publicação. E se hoje reapparece, vem provar a força de vontade, a digna emergia de sua directora, que continda a trabalhar e a luchar, tendo embora o coração dilacerado de dor, pela magua sem consolo, pela saudade inextinguivel, da separação eterna de um filhinho idolatrado....

Quantas cigarras, neste momento, cantam alegres por sobre os galhos verdes das trepadeirasas em flor! Graças a Deus, o inverno se recolheu aos bastidores. Ha quem adóre o frio e no entanto é comum compararem-no sempre á venllice. Que é isso? que incoherencia! Ninguem se lembrou ainda de chamar a mocidade, o amor, o enthusiasmo e a alegria de sentimentos frios. Fria é a indiferença; fria é a ingratitude; frias são as almas sem fé e sem ideal; fria é a morte. Hosanna pois, ao verão

que vom enriquecer do rosas e de azulhas os nossos jardins, tornando-os exuberantes de vício e de esplendor!

Os concertos symphonicos, no salão do Instituto Nacional de Musica, organizados pelo Centro Artístico estiveram magnificos.

Não se pôde imaginar gozo de espirito mais fino e mais elevado do que ouvir esses concertos, em boa hora confiados ao exímio professor que com tanto brilho e autoridade exerce o importante cargo de Director de Nosso Instituto. A musica eleva a alma e ennobeece o coração. Não posso crer que alguém depois de assistir a um concerto classico, como os sabe organisar o professor Miguez, saia lá do Instituto com a alma pesada por algum desgosto intimo. Todas as maguas se dissipam, como por encanto ao som da sublime musica de Wagner e a gente, involuntariamente, se transporta a um mundo melhor, a um mundo ideal, aonde não chegam as tristezas e onde tudo é puro e transparente como a alma de uma criança.



Sabbado, duas horas da tarde! Deve estar correndo a grande loteria dos 500 contos. Quantos copios de fagueiras esperanças. Quanto sonho que vae se dissipar! aqui a pouco; quanto castello que vae cair no duro chão da realidade. Quem compra um bilhete, faz logo os seus calculos, não ha duvida. Ir á Europa, posso affirmar, que é o mais geral dos sonhos dos brasileiros. Ver Paris... que delicia!

Paris é um céu que a phantasia engrandece talvez — quem sabe? — mais do que merece. Vale a pena pensar alguns dias na sorte grande. É um dinheiro bem empregado o do bilhete... mesmo que saia *branco*. Tal qual um dispico que precisa de appetitivos para excitar o estomago cançado e doentio, ha muita gente que precisa de vez enquando de um bilhete de loteria para reanimar a imaginação abatida e proporcionar ao espirito o suavissimo gozo de sonhar acordado.

MARIA CLARA DA CUNHA SAMOGS

Fr Lancha Negra

Para velar da lua a face reluzente
Nuvens pesadas vão correndo acumuladas,
E na treva do oceano as vagas compassadas
Passam uma por uma interminavelmente.

Mais do que a sombra, escura, avulsa de repente
A lancha negra, vem... dos remos as pancadas
Ferrem o mar, que chora, em gotas praticadas,
As lagrimas sem fim da sua dor pungente.

Ella a meus pés a lancha, e nella, silenciosa
Embarca a doce e branca imagem de outra cidade.
E vejo-a ir... sumir-se... a lancha mysteriosa....

Então, dentro de mim, n'um soluço, a saudade
Murmura, a prescrever a sombra tenebrosa:

Nunca mais voltarás, nunca mais, mocidade!

Adelino A. Lopes Vieira



Sappho

(Notas)

Pela segunda metade do VIII século antes de Christo, floresceu em Lesbos, hoje Mytilene, ilha do Archipelago, antigo Mar Egeu. Ella pertencia á tribu Eolia, re-chassada da Moréa ou Peloponeso pela invasão dos Dórios. Assistiu a guerra de Troia, e tornou-se o seu *Hymno a Venus* e uma ode para o latim, Boileau e Delille para o francez.

Sappho inventou o verso sapphico, que começa e acaba por um pé physico condiz com a vulgarizada ardência dos seus impulsos. Chamam-lhe a *Musa Decima*, e o facto é que não houve até hoje poetisa mais notavel; a posição de Honoreo entre os homens, ella occupa entre as mulheres. Só nos restam da sua lavra dois curtos poemas e cerca de 150 linhas esparsas. Louvam-se muito o seu *Hymno a Venus* e uma ode a *Amalia*, que Catullo trasladou para o latim, Boileau e Delille para o francez. Sappho inventou o verso sapphico, que começa e acaba por um pé

Sobre um tumulto

Alli tão longe de minha dormes agora!
 Não muita te posso á noite acanhar,
 (Como fazis, meu filhinho, out'ora.
 Tenho vontade de rasgar a terra
 E de aquecer-te e de correr-te ao seio
 Que o malis profundo desespero encerra.
 E de joelhos por sobre a terra fôr,
 Sem te ver, sem te ouvir, sem te beijar,
 Creio trazer-te uns laivos de alegria...

Quem sabe si extremeces no teu leito,
 Presentando o ruido de meus passos,
 Adivinhando as ansias de meu peito?
 Outro dia, ao sair do cemiterio,
 Os teus braços via a me acenar
 Numa onda de luz e de mysterio...

E fiquei-me chorando junto á grade,
 Como si fora ingrátido tremenda
 Deixar-te nesta enorme solidade!
 Deixar-te?... Mas tambem aqui não fica
 Minhalma agoniada, intrata em dor,
 Minhalma que a tristeza santifica?

De ti nunca se váe meu pensamento!
 Das borlas do sepulchro teu, si fogo,
 Procurar-te na luz do firmamento...
 Procurar-te nas sombras do passado
 E te revêe formoso, andando, a rit,
 Antes do dia negro e malhado...

E nunca vez, ó desgarrado lyrico,
 Ao aflugar os teus irmãos ditosos,
 E, tu que affigo e heijo com delirio...
 Mas de todos os quadros da lembrança
 O que mais faz meu coração bater
 E' o teu olhar de suplice confiança
 Tão poucos horas antes de morrer!

PRESCILANA DUARTE DE ALMEIDA
 Janeiro de 1899.

Carta do Rio

Nunca é tarde para falar de um
 morto illustre! E' certo que a im-
 prensa brazileira, em geral, tem
 tratado do illustrado Visconde de
 Tanay com amoroso respeito e
 grande admiração! Seriam, pois,
 dispensaveis as minhas palavras de
 pezar, se ellas não fossem tão si-
 ceras.

Falase em uma estatua para o
 grande brazileiro. E' uma homem-
 nagem justa e merecida.

Tenho em minha estante um li-
 vro que adoro, que me delicia o
 espirito todas as vezes que o fo-
 lleio e que me causa maior satis-
 facção ainda pela sua côr nacional,
 pelo seu estylo singelo, de puro
 brazilirismo. E' a *Innocencia* de
 Tanay. Ha livros que não ficam
 velhos, são sempre novos, agrada-
 veis e queridos. Não admira que
 com os livros aconteça isso, se
 tambem com as creaturas se ob-
 serva o mesmo facto. Ha pessoas
 cuja *verve* é sempre nova e en-
 cantadora; creaturas cujo espirito
 não envelhece. Bemaventurados,
 pois, os bons livros como a *Inno-
 cencia* e bemaventurados as pes-
 soas que sabem encantar a todos
 com a eterna presença de seu es-
 piritto sempre novo. E' pena que
 tanto os livros desse theor e as
 pessoas que possuem taes quali-
 dades sejam tão raras!

O carnaval este anno teve uma
 nova orientação. Cada arrabalde fez
 a sua festa, conforme ponde e so-
 mente na terra-feira a cidade to-
 mou os seus ares festivos e luxu-
 sos para a passagem das tres prin-
 cipaes sociedades carnavalescas.

Assim é que deve ser. Cada
 bairro deve ter seus clubs e suas
 sociedades. Nós todos, inconscien-
 temente, gostamos do nosso can-
 tinho. E' é por isso que a socie-
 dade do nosso bairro, a gente que
 commoso toma diariamente o mes-
 mo bond, que gosa do mesmo pa-
 norama, que compra nas mesmas
 casas, que dança no mesmo salão,
 nos desperta maior sympathy, em-
 bora sejam alheios ás nossas rela-
 ções de amizade. E' um caso de
 observação. Eu quando passeio pe-
 los outros arrabaldes, confesso, apre-
 cio immenso a belleza e diversida-
 de das variadas vistas e moder-
 nas construcções, mas o intimo pra-
 zer, comparavel somente ao encan-
 to de estar em familia, conversan-
 do, á noite, em torno á mesa de
 jantar, na verdadeira e unica felici-
 cidade — a tranquillidade do lar
 — eu só encontro quando tomo o
 meu bond e venho para estes la-
 dos tão saudaveis e tão formosos
 da incomparavel Tijuca.

Sair da Tijuca para ir dançar
 na Gavea; deixar as Laranjeiras
 para ir procear no Pedregulho são
 cousas difficeis.

Só muita amizade ou muita va-
 dição...

O *Lar Domestico* de Vera Cle-
 ser, tem agraddado extraordinaria-
 mente.

E' um livro util. Suas receitas
 muito praticas provam bem. Vê-se
 que a auctora é uma excellente
menagère. Aconselho a leitura do
Lar Domestico ás jovens noivas
 e a todos que se interessam pelo
 bem estar de suas casas.

Nada mais agradavel do que uma
 casa confortavel e alegre!
 E Vera Cleser ensina, intelligen-
 temente, todos os meios de conser-
 var o encanto do lar.

E' um livro esse que as donas
 de casa devem estimar muito e os
 homens, principalmente, os homens
 devem adorá-lo. A mulher que se-
 guir a risca todos os salutaros con-
 selhos de Vera Cleser, fará de seu
 lar uma especie de paraizo, para
 o descanso e completa ventura do
 esposo.

Um sabio allemão acaba de pro-
 gnosticar que o mundo terá fim no
 dia 13 de Novembro proximo fi-
 turo. Esse vaticinio tem feito mal
 á muita gente, que anda nervosa
 e apprehensiva.

A mim... não me abala. Com
 o genio communicativo e alegre
 que tenho, confesso que não me

desagradaria este fim trágico e divertido.

Todos juntos, que barafunda, Santo Deus!!

Seria uma verdadeira festa fim de seculo e sobretudo muito original.

O Dr. Cruls affirma que haverá apenas uma notavel chuva de estrelas cadentes.

No dia 14 de Novembro não haverá mais dividas a respeito e nós teremos então *verificado* qual disse a verdade, se o sabio da Allemanha, se o sabio do Rio de Janeiro.

MARIA CLARA DA CUNHA SANTOS



O primeiro sorriso

No alvo berço mimoso
feto de vimes trançados,
sobre os folhos rendilhados
do traveseiro sedoso,

o pequenito dormia
qual entre as plumas do ninho
dorme o tenro passarinho
ao findar de um bello dia.

Ao lado a mãe cuidadosa
o brando somno espreitando,
como a rola carinhosa
ao pé do ninho pousando,

fiava o meigo semblante
do anjo seu adorado
qual fia o lino no prado
a linda estrella brilhante.

E o pequenito dormia
tão ledo... talvez sonhasse,
talvez sur' alma vagasse
n'aquelle céu que entevia.

Leve, leve a mãe cuidadosa
na pura fronte infantil
pousanda a bocca amorosa
estampa um beijo subtil.

Os sonhos vãos, fingido,
foge á terra o Parasito;
desperta o anjo sorrindo...
era o primeiro sorriso!

Deusinda Siqueira



Literatos húngaros

(Notas)

A Mensageira

Um húngaro, conhecedor da historia litteraria de seu paiz, cuidou de fazel-a tambem conhecida de outras nacionalidades que sabem pouco das letras daquelle paiz, apesar do notavel trabalho empreendido ha tempos por M. J. Kont — *A Hungaria litteraria e scientifica*, e publicado ha quatro annos.

Para tornar daquella obra um livro de leitura universal, o auctor fel-o no idioma inglez, que é incontestavelmente uma lingua de penetração e de diffusão.

O livro de Emilio Reich (o nome do auctor) é um bom resumo de uma litteratura cujas origens se perdem na edade media, porque pôde-se fazel-as remontar aos can-

tiões heróicos dos bardos húngaros — os *typtgerack* e os *hegedusok* — em memoria dos seus feitos de Attila e de Bleda, seu irmão, ambos chefes dos Hunos.

Depois de um capitulo destinado a pôr em evidencia a superioridade, no ponto de vista litterario, dos Húngaros, que têm uma lingua original, sobre os Americanos, os Belgas, os Suíços, e algumas outras nações ainda, que não a têm — o auctor faz uma synthese da historia e da constituição politica da Hungria, e demora-se um instante em nalhar os traços característicos daquelle povo e de sua lingua.

Assim se exprime o auctor:

«O Magyar assemelha-se muito, de um lado, ao Polaco e de outro ao Hespanhol. O húngaro ama as lousas poeticas; é entusiasta; naturalmente auctor e improvisador; tem uma sensibilidade extrema por tudo que toca a dignidade individual ou social.»

Emilio Reich divide a historia da litteratura húngara em quatro periodos. O primeiro, muito pobre de documentos, estende-se da chegada dos Magyars na Hungria até a Reforma e comprehende os annos de 895 a 1520; o segundo — do começo da Reforma á paz de Szathmar, que assignala o estabelecimento definitivo da dominação austriaca, de 1520 a 1711; o terceiro, ou o periodo de "estagnação",

de 1711 a 1722, o quarto, finalmente, ou a «epoca de desenvolvimento e da florescencia» que ainda não se terminou.

Como produção litteraria das mais notaveis do 2.º periodo historico, cita-se uma excellente tradução da Biblia, devida em grande parte a Gaspar Karolyi; e mais — as balladas de Miguel Zrinji e numerosas produções da poesia popular cujas fontes estão longe de se estancarem ainda no seio do povo; no 3.º periodo, em que a erudição não impedia a decadencia, a theologia e a historia foram os ramos que deram fructos mais notaveis; porém, no fim do seculo XVIII e no começo do seculo XIX produz-se uma renascença vigorosa, sob a influencia immediata dos escriptores francezes, mas, apesar de tudo, puramente, caracteristicamente nacional.

Depois do rompimento da grande polémica entre os classicos, representados por Bartsanyi e os romanticos por seu campião A. Kisfaludy, a litteratura húngara libertou-se da imitação estrangeira e produziu grandes obras originas com os poetas epicos — Vörösmarty e Arany; os romancistas — Jósika, Estrós, Kemény, que Emilio Reich compara ao genio de Honoré de Balzac; Jókai, cujas obras foram verdadeas em francez, e Coloman Mikszáth, que relembram, em

«e eu vejo minha filha pequenina
«n'uma tarimba, o Balbina cho-
«rando passar n'um trolly ao lado
«do empregado de sinhô.

«Enão eu rezo, rezo e benzo-me
«muitas vezes para atingerar os
«espíritos que vêm atormentar-me,
«porque Balbina já deve ter mor-
«rido, minha filha é quasi velha!

Levantei-me e encarei aquelle
martyr, victima dos horrores da
escrevidão. Só então eu compre-
hendi porque elle murmurava e
perseguyva-se mais quando o tizi-
am *atado*. Só então eu compre-
hendi que o desgraçado estivera
doudo trez mezes em consequencia
do choque que soffera.

Sahi do paiol com o coração
apertado e d'ahi em diante mais
piedadeo me inspirava o Tio Job,
mais meigamente eu lhe fallava,
principalmente quando o via per-
siguando-se e ouvia-o murmurar
na taes palavras intelligíveis das
quos só eu agora sabia a signifi-
cação! ! ! . . .

Fazenda S. João da Barra, 20 de
Março de 1899.

RUBELINA FERREIRA



Carta do Rio

Março é o mez das almas reli-
giosas, das creaturas idealistas, que
acreditam nas precas, confiam nas
orações e sonham com a vida
eterna. E' o mez de S. José, o
casto esposo da Virgem Maria, o
santo protector dos bem casados.
Muitas familias piedosas celebram
o mez de S. José, rezando todos
os dias ou todas as noites ora-
ções apropriadas para cada dia do
mez de Março. A vida do grande
santo é estudada sob todos os as-
pectos por escriptores sacros de
real merecimento. E' uma devo-
ção salutar que fortifica e retem-
pera a alma, dando-lhe fé e cora-
gem para soffrer os rudes golpes
da adversidade.

Desde creança acostumei-me a
ver minha querida mãe rezar este
mez com particular devoção.

Muitas pessoas sem fé e sem
religião não acreditam na efficacia
desta pratica tão simples e tão con-
fortativa. Eu creio, felizmente.

Para pensar que S. José não
existiu, que não foi um santo vir-
tuosissimo, que não foi o guarda
fiel da sagrada mãe de Deus, que
não foi o protector dos fracos e
dos desamparados, era preciso não
crer na Biblia, não crer na Igreja,
não crer na virtude, não crer em
Deus!

O que me admira ás vezes é
ver flagrantemente contradicção que to-
rno observado: ha pessoas que
davidam até da existencia do
grande quanto e acreditam entre-
tanto que existio Plutarcho, Ho-
méro, Socrates, Nero e uma infi-
nidade de creaturas, umas boas,
outras más, umas dignas, outras
abjectas, mas que dellas todas te-
mos noticias, unicamente, pelos
livros que ficaram, e pela Historia
que é o attestado da vida do pas-
ado. A creer nos sabios devemos
crer nos santos. E' racional o meu
argumento.

«Perutilidades de um Macrobio»
é o titulo do decimo quinto livro
de versos do Padre Corrêa de Al-
meida. Os versos quasi todos sa-
tyricos, são bem medidos e inte-
ressantes. O Padre Corrêa de Al-
meida abre seu livro com este pen-
samento de Nicoláo Tolentino:

«Querem saber quem é velho?
E' velho quem o parece.»

Isto justifica perfeitamente a posi-
ção do laborioso poeta, que sendo
já adiantado em annos, conserva
todavia o espirito novo e são, ale-
gre e jocoso, prompto sempre para
critica fina e delicada, que sem
offender a pessoa alguma, mostra
o comico de muitos acontecimen-
tos e de muitos personagens.

E' um livro interessante, cuja
leitura amena e desopianté, pro-
voca, por vezes, gostosas risadas.

Na Igreja do Senhor Bom Jesus
do Calvario está exposto um qua-
dro extraordinario, cuja belleza
surprehendente arrebatou e commo-
ve. E' a ceia do Senhor, o co-
nhecido quadro de Leonardo de
Vinci. Jesus e os Apostolos estão

representados em tamanho natural.
Ha muita vida e muito movimento
nesso quadro.

As figuras parece que fallam, a
conspiração dos Apostolos é pa-
tente e Jesus, o doce e meigo Je-
sus, tem nos labios um sorriso de
resignação e nos olhos uns lampe-
jos de bondade.

Ao fundo da tela vê-se Jerusa-
lem n'uma onda de luz sonora e
triste. Ha nesse grande quadro
todas as regras technicas da pin-
tura e toda a verdade e sentimen-
to indispensaveis em uma obra de
Arte.

31 — Março — 1899.

MARIA CLARA DA CUNHA SANTOS



Riso pungente

Ah! Não te rias, que teu riso abala
Todas as fibras de minh'alma ardente!
Ella se estorce convulsivamente,
Das grandes maguas percorrendo a escaleta!

Como o violino que soluga e falla
E geme e grita apaixonadamente,
Sob os dedos do artista intelligente,
Enthousiasmado n'um salto de gala!...

Se ouve a risada limpida e sonora
Dos labios teus, ella estremece e chora,
Como o violino sob as mãos do artista!

Minh'alma é fraca, tímida e sensível!...
Cesse o teu riso — este martyrio horrível!
Que outra mais forte talvez não resistal!

28 — 3 — 1899.

Aurora Pires



Excelsa gloria

Era um poeta lyrico espontaneo;
Mas, velho e entangecido para os gozos,
Não mais accordes ternos declilhava:
Só no alarde tremulo chorava
Os tempos da Fortuna mais minuses.

Tinha um aspecto grave e melancholico,
Uma expressao suave de desgosto,
Como quem, do viver na longa estrada,
Veiu vindo das nevoas da alvorada
Para os ensonbramentos do sol posto...

A gelidez da lapide do tumulo
Dizia ser o derradeiro anhelo
Que formava no epilogo da sorte,
Porque suppunha que depois da morte
Um mundo havia, mais ditoso e bello...

Aos desencantos da experiencia trispida,
Fera perdendo todas, uma a uma,
As chimeras do espirito vivace:
Assim na areia fórma-se, e desfaz-se,
Um rendilhado ephemero de espuma!

Da gloria mundi a ruilante aureola,
De largo tempo havia comprehendido,
Era poeira d'outro transitoria...
Elle tivera a sensação da gloria
Uma só vez — contou-me embevecido:

«Foi quando, com timbrada voz melodica,
Orvi alguém, de olhar piedoso e brando,
E que meu proprio nome não sabia,
Repetir entre lagrimas um dia
Singelas trovas que eu compuz chorando...»

1899

Silvio de Almeida



ção das misérias humanas, fizer posar a sua bolsa alcançada, muitas vezes, á custa das lagrimas de gotações inteiras, escravidão a seus caprichos voluptuosos aquella que poderia, pela educação, ter-se elevado ao throno de senhora.

Dar educação profissional á mulher é portanto, uma das mais urgentes necessidades do presente.

Dr. CESARIO MORA

(Discurso na inauguração do *Gymnasio de S. Paulo*.)



O concilio das maguas

Fôra a magua maior que me ferira...

Alimentado o coração, gemendo

Venge-se ao peso desse mal tremendo,

Succumbe... quasi de sofrer expra!

Succumbe é um modo de dizer, mental!

Que o coração mais vive padecendo!

Sim, quem não sente muito mais soffrendo?

Quem de dor, trestoucando, não deha?

Fôra uma dor que em fundo me abalara...

Para obumbral-a, — tentava amaral —

Accordel toda a antiga infelicidade...

Debalde foi debalde! ella sózinha

Feroz resiste e é muito mais daminha

Que as maguas todas da primeira idade!

Perpetua do Valle



Carta do Rio

Sinto ainda a deliciosa impressão que me causou o agradável passeio a Minas, em dias da semana passada.

A convite da directoria da Empreza Lambary e Cambuquira fomos — meu marido e eu — assistir a inauguração do seu estabelecimento balneario em Cambuquira.

Em trem especial partimos todos os convidados, cerca de sessenta pessoas.

A gentileza dos directores da Companhia, a fidalguia do tratamento, a belleza da viagem, a amenidade e a alegria dos convivas, daria para um longo artigo se eu tivesse a vaidade de monopolisar, só para mim, as paginas desta revista.

Foi uma esplendida festa que deixará, estou certa, gratissimas recordações a todos que tiveram a ventura de assistil-a.

Os verdes montes, as formosas campinas, o ar puro e vivificador de Minas encantaram a todos da comitiva.

Em Cambuquira, houve a certomonia da benção das fontes, que receberam os nomes de Dr. Fernandes Pinheiro e de D. Regina Werneck, justas homenagens ao illustre director da Companhia e á esposa do actual secretario da agricultura, em Minas, Dr. Americo

Werneck, que muito trabalhou para o feliz exito da Empreza. Hymno nacional e foguetes houve a granel.

Em Cambuquira, durante o esplendido banquete que nos offereceu a Empreza, a musica do logar executava bonitos trechos de seu repertorio. Um violão, rebecca, saxophone e violoncello apenas. As musicas que tocaram, todas ternas e mavisas, davam á festa a nota caracteristica da genuina musica mineira: eram plangentes e sentidas como o queixime sincero de um coração apaixonado.

Voltamos para Lambary, em seguida, onde passamos uma noite agradável ouvindo boa musica e bellos recitativos.

Partimos no dia seguinte depois de havermos visitado a cidade e apreciado as deliciosas aguas mineiras, encantados com a fidalguia da hospedagem e gentileza dos directores, incansaveis em obsequiar seus convidados.

Um passeio como este á formosa terra mineira, ao menos uma vez por anno, seria o melhor tonico possivel para retemperar o corpo e a alma, dando áquelle uma boa dose de forças e de vigor e a esta um forte manancial de alegria e bom humor.

Outro dia surpreendi a interessante conversação de duas ami-

gas que muito prezo, uma escriptora conhecida e outra pintora de merecimento.

Queixavam-se ambas, censurando uns tantos costumes impagaveis da nossa terra e do nosso povo. Dizia a pintora, com um ar de sarcasmo muito fino: «se eu fosse dar quadros e trabalhos meus a todos que me pedem, nada mais faria do que pintar para galantear o proximo. E o que é mais engraçado, em tudo isso é que os pedintes julgam que nos fazem um obsequio, com o tal pedido a queima roupa, entre um sorriso e uma phrase amavel, que a força de repetidos já não tem sal. Quero um trabalho seu... é uma amabilidade tão vulgar como esta outra: muito prazer em conhecê-la, tem uma casa ás ordens... (enquanto não precisar della.)

A escriptora tambem contava passagens interessantes que tinha observado. Entre outras, notou o habito muito commun dos nossos patricios em offerecerem os seus dados biographicos e contarem suas historias, algumas das quaes bem sem graça, aos fazedores de romances e de novellas para baze de uma trabalho commovente. «Quero que escreva um romance com a historia de minha vida», eis uma phrase muito commun. Que vontade tem essa gente de ver em

letra redonda e sob um título de
senação a historia de sua vida!

— Ignorancia ou vaidade? per-
gunta a pintora.

— Creio que ambas as cousas,
minha amiga, diz a escriptora!

Contam que um homem muito
grosseiro, muito bruto, ja andando
o seu caminho, em uma estrada
de Goyas. Ia a pé e levava ás
costas o seu farnel.

Encontrou com um sujeito rico,
muito bem vestido, montado em
vigoroso cavallo, ajazado de prata.
No caminho havia uma porteira
muito pezada. O homem rico disse
ao outro, em tom imperioso: abre
a porteira.

— Quem é você? retruca o bru-
to, para assim querer me gover-
nar!

— Sou um Doutor, responde.

— E que é que vem a ser
um Doutor?

— Doutor é um homem que
sabe tudo.

— Pois, meu amigo, quem sabe
tudo, sabe abrir porteira.

A resposta do homem bruto
foi tão boa que mais parece ser a
de um doutor.

MARIA GRAÇA DA CUNHA SANTOS



Yespér

O mystico anal,
O' meiga filha da saudosa hora,
Ven bejar a cecem que te namora
Do lago no crystal!

Brlham do prado os lumes,
Repassa a brisa menecoria e grata,
Abrem no val' cacovas d'ouro e prata
A detramar perfumes.

Nos platinos, nas quebradas,
E sobre o leve azul das ondas mansas
Já solta triste noite as negras tranças
De perlas emastreadas.

Vem, astro meu rizonho,
Confidente geniti dos meus amores;
E' bella a noite, e eu quero em teus fulgores
Haurir meu doce sonho!

Lá surge alim do monte
A meiga Fada que sorri no lago,
Sen brando raso em carinhoso ângio,
Já vem bejar-me a fronte.

O' doce e meiga Diva,
Mensagem celeste da Esperança,
Tu que trazes aos nautas a bonança
Traze-me, traze-me a ventura esquiva!

Delaminada Sábeira
Capital de S.ª Catharina.



Com ares de chronica

Que enferrujada que estava a
minha pobre pena de chronista!
E para ahí continuaria certamente
oçiosa si não se me deparasse, ao

revolver papéis antigos, um soneto
que desejo ver publicado na *Men-
sageira*, pois que além de bello o
tocante, é da lavra de um poeta
recentemente fallecido. Reíro-me
a Figueiredo Coimbra, distincto
homem de letras que a morte arre-
batou a 23 de Março proximo
passado, contando apenas 33 annos,
a idade de Christo, a idade do seu
sublime inspirador. Eil-o:

Redempção nova

Ao Dr. Antonio Bento

Christo piedoso! que feroz supplicio
Esse a que o collo humilimo vergaste!
Foi inútil o enorme sacrificio!
Christo, debalde te sacrificaste!

Em vão teu sangue no immortal flagicio
Banhou a terra que tu fecundaste...
P'ra nos livrar do horrendo precipicio
Não ha sangue purissimo que baste!

Largas os olhos cheios de agonia
Por toda a parte e em toda a parte vés
Triumphar a maldade e a hypocrisia!

Tu que na humana conversão não crês,
Darda, quem sabe? ao mundo novo um dia
A redempção, pela segunda vez!

Figueiredo Coimbra

Depois da leitura de uns versos
assim quem não terá gravado n'ál-
ma o nome de Figueiredo Coim-
bra? O maior monumento que se
póde erigir a um poeta, é tornar
tanto quanto possível conhecidos
os fructos do seu ingenho, os ar-
roubos de sua inspiração.

O soneto que se vem de ler é
dedicado ao Dr. Antonio Bento, o
abolitionista revolucionario, o gran-
de apostolo da liberdade, fallecido
ha mezes, na capital de S. Paulo.
E agora que se festeja o 11.º anni-
versario da lei aurea, agora que
o 13 de maio ahí está, com a sua
alvorada risonha de data gloriosa,
de dia de festa nacional, muitas
creaturas de alma agradecida hão
de ter a enfeitar-lhes as faces ne-
gras o brilho das lagrimas da sau-
dade.. E' a primeira vez que os
captivos de hontem acharão deserta
a janella da casa do Dr. Antonio
Bento nesse dia celebrado, a ja-
nella em frente da qual iam in-
fallivelmente dançar o seu signifi-
cativo *simba*, revolutado e alegre,
alegre e agradecido....

MARIA EMILIA



Æ invenção da renda

A exemplo das sete cidades da
Grecia que se disputaram a gloria
de ter sido o berço de Homero,
muitas cidades flamengas reivindi-
cam a honra de haver inventado a
renda. Nenhuma dellas, porém,
fundamenta a sua pretensão em
documentos seguros; mas é crenga
geral, e tudo leva a suppor que
ella tem razão material de ser, que

Duas epochas

No meo mariano. A virginal capella
Dava-lhe á face mais tocante alyura;
E, comprando-a com a Virgem pura,
Nào sei qual era para mim mais bella!

Não folhões da Madona e da dozealla
Floriva o mesmo toque de candura,
E polle-se pôr, nãma moldura,
A sua imagem dentro de uma cella!

Via depois dormindo o filho morto,
Mada do que dantes alyra, como um lyrio,
Nũma expremido de magua e desconforto...

E vendo-a entõ, á triste luz de um cirio,
Julgava ver meu coração absorto
Ondra Nossa Senhora no martyrio...

8 — VI — 99.

Sítio de Almeida

Ludibria ventis

(Para Korigan)

A' D. Brantina Fajardo

Em solitario, abandonado ninho,
que a rajada da noite desmanchava,
gene esquecido um pobre passarinho.

Chove. E para que o triste se abrigara
do rigor da procelia, caridosa
a floresta sob a folhage' o ampára...

Folha a folha se juntam, e assim miniosa
cupula formam, que flexil guardada
ao orplam presta contra a chuva fiosa.

E cada gota d'agua é convertida
em sonora toada, com que embalam
o doce sommo que lhe volve a vida.

Por fim da aurora os lyrios assignalam
o novo dia e as auras matutinas
varrem a chuva, as verdas folhas talam...

A terra ave desperta... Entre as neblinas
vêem seus olhos, humidos de pranto,
roto o docei de folhas pequeninas.

Mas fresca viração lhe enxuga, emtanto,
os olhos tristes... Ergue-se, espanteja
e balbucia o seu primario canto.

E a viração, que em torno della adãja,
segreda-lhe: — Tens azas, passarinho!...
A tza ensaia, o vôo mal braceja
e após contente evola-se...

— Adeus, ninho!
Belarmino Carneiro

Zalima Kolin

— E agora a rubra flor mysteriosa
Como uma longinquos sons de arca saudosa
— Eternamente nos meus ouvidos fala.

Carta do Rio

31 de Maio de 1999

Duas visões illustres vae receber esta formosa cidade: Saint Saëns o grande maestro, o consu-mado organista europeu e Lucilia Simões a talentosa artista brasileira, que é um genio e uma gloria nacional.

Lucilia, que conta apenas vinte annos, tem já deslumbrado a Europa com o seu talento excepcional.

Vendo-a e ouvindo-a lembrei-me de Sarah Bernhardt.

Esse facto que observei tem sido já observado por algumas pessoas.

Creio que é o maior elogio possível á joven artista, essa compa-ração que nos vem á lembrança, inconscientemente.

Projectam-se grandes festas e recepção condigna aos illustres hospedes.

Bem merecidas e bem justas. Os jardins desta cidade estão lindos, lindissimos! Ha muitas rosas variadas, frescas, cheirosas. E' um encanto. Parece-me que as flores adivinharam ou sonharam com a visita dos illustres artistas e querem se mostrar fidalgas, gentis e cavalheiras. Decididamente houve alguma intriga... ou então é certo o que dizem... os flores adivi-nham!

O telegrapho transmitto-nos, em menos de oito dias, a noticia da morte de tres artistas distinctos: Emilio Castelar, o tribuno valeroso, o litterato distincto que tanto elevou a Hespanha com a sua penna adestrada e a sua palavra eloquente; Sarcy, o critico notavel que tanto se elevou nessa ardua tarefa de dizer o que pensava, com autoridade e justiça, sobre o trabalho alheio; e Rosa Bonheur, a pintora celebre, a artista de raça que tanto se distinguia em sua arte, chegando a receber honras espediacas, conferidas tão somente aos talentos de primeira ordem.

Rosa Bonheur era a directora da Escola de Pintura para o sexo feminino, de sua terra natal e era membro da Legião de Honra e do Instituto de Antuerpia e da Ordem Leopoldo, da Belgica.

Seus quadros attingem a pre-ços elevadissimos. A illustre pin-tora falleceu com a idade de 79 annos.

Domingo passado houve no Hospital dos Lazaros, em S. Christovam, a festa da Santissima Trindade, na capella do proprio Asylo. Após a missa cantada houve a tradicional procissão que percorreu o edificio, fazendo-se em seguida a distribuição do pão de Loth aos enfermos.

Que cerimonia grandiosa e to-

cante! O Hospital é um primor de aceto e conforto. O edificio está situado no alto, e tem aspecto sumptuoso e nobre. A vista do mar é esplendida.

Actualmente existem 71 doentes n'aquelle caridoso Hospital. A proclisio que percorreu os aposentos dos enfermos, trazia em dois altares ricamente enfeitados as imagens da Virgem Dolorosa e de S. Lazaro.

Os dormitorios amplos e claros estavam abertos á visita publica. Cada enfermo junto de sua cama aguardava de pé ou de joelhos a passagem do presbitero sagrado. A sineta tintinava de leve, a banda de musica tocava uma melodia arrastada, tristissima... e a imagem de Nossa Senhora das Dores, carregada por genitis senhoritas, entrava no aposento dos pobres degerados da sociedade. Em seguida vinha S. Lazaro e no seu rosto soffredor parvoe que havia uns laivos de resignação e piedade.

A irmã esmolter distribuia o pão de Loh aos enfermos, que o recebiam com lagrimas nos olhos. Que scena triste! Sinto ainda o corcção esphacelado de dor ao lembrar-me d'aquelle espectáculo medonho e tocante.

A enfermaria de S. João Evangelista é só de creanças.

Vi uma menina, enferma, de quatro ou cinco annos de idade! A pobresinha estava toda vestida

de azul e ainda tinha vestigios de boileza. A deformidade da moléstia não lhe apagára ainda os encantos da primeira idade.

A creança estava contente com aquella festa, com aquelle movimento fóra do commun, com aquelle vestido novo e riase — pobresinha — inconsciente de sua incomparavel desgraça.

Na enfermaria das mulheres encontrei uma moça medonhamente deformada. Ao encara-la, vieram-me as lagrimas em borboão. Quiz disfarçar o meu pranto e não pude. A enferma desatou a chorar tambem, como creança, soluçando alto.

Os homens trajam uniforme de brim. Na cama de um delles, sobre a alva colcha, destaquei umas inicias feitas com petalas de rosas.

Que quereriam dizer aquellas lettras? Pobre infeliz.

A festa foi honrada com a presenca do Presidente da Republica e de muitas outras pessoas gradas.

O illustre sacerdote, senador Alberto Gonçalves pregou um brilhante sermão tendo por these a esperança e a resignação como o balsamo no soffrimento.

«Notas Brazilieras», o volume-zinho de contos de Ignez Sabino, destinado á mocidade, entrou em

Domingo de Ramos

Do Padre Correia de Almeida

Badala o sino e a procissão desliza,
Commoventdo minh'alma de poetisa!

Entre as alas de tochas encendidas
De ramagens e flores variegadas,
Resplandece o perfil sereno e doce

Da imagem de Jesus, como se fosse
Um grande sol predestinado! Occulto

Entre as dobras da túnica, seu vulto,
Sereno e triste, magestosamente

Domina a multidão piedosa e crente,
Lindos anjinhos de azas estreladas,

Ao compasso das musicas sagradas,
Vão deslizando fulgidos, risombos,

Como as brancas visões dos bellos sonhos!

Arrevez da espiral que se desata
Dos luzeiros thuribulos de prata,

Um sacerdote pensativo e grave,
De olhar sereno e ao mesmo tempo suave,

Condúz o Santo Lenho!

A alma que trilha
O caminho do crime entáo se humilha

E reza e chora e geme sob o império
Da imponencia divina do Mystério!...

E o povo segue reverente e mudo!
Oh! Que solemne magestade em tudo!

Jovens donzelas pallidas, formosas
De roupagens de neve melindrosas

Como as plumas alvissimas da guerra,
Lá vão passando, a cabelleira esparrua,

Esparsas em ondas de veludo escuro!
Uma velha com passo mal seguro

Vai caminhando vagorosamente...
Tendo um círo na mão rugosa e aligente.

Satisfeitas comprindo uma promessa.
Outras passam com pedras na cabeça.

Vindos de longe... de longiquos lavros,
Passam velhos, creanças, militares,

E ineluctos mendigos aleijados!

nova edição, para o 4.º milheiro. Esse facto, que muito abona a talentosa escriptorã, é por si um grande elogio e dispensa os meus commentarios.

Um livro de que se vendem em pouco tempo, tres mil e tantos exemplares, é um livro de merecimento.

Consola e agrada em extremo, principalmente ao auctor que terá os proveitos de seu talento e as algebrãs recolhidas... que é o melhor da festa.

Antes do ponto final devo dizer que estiveram brilhantes as festas de 24 de Maio, commemorativas da grande batalha de Tuyuty. Em frente a estatua do legendario General Osorio houve uma festa imponente e popular.

Ainda bem!

Preparam-se tambem bonitas festas para o proximo Onze de Junho. A talentosa esculptora brasileira Nicolina Vaz de Assis trabalha assiduamente no busto do glorioso Almirante Saldanha da Gama, que deve ficar prompto para esse dia, de festa para a Marinha do Brazil.

E que melhor homenagem podem prestar á Patria os nossos Officiaes de Marinha do que inaugurando nesse dia, o busto d'aquelle que foi o orgulho e a honra de sua classe?

Maria Terra da Cunha Santos

Summario: — Dr. Candido Espinheira; — Soneto, Candido de Carvalho; — Carta do Rio, Maria Clara da Cunha Santos; — A virgem de Murilo, excepto de drama em verso, Adelia Lopes Vieira; — A escola de um modelo; — Juro ao beryo de Balha, poesia, Belarmino Carneiro; — Selecção: — Le Fehimline au Bresil, Xavier de Carvalho; — Volta aos pagos, soneto, Candida Fortes; — Escala do viver, poesia, Prescilliana Duarte de Almeida; — Notas piquetas.

Dr. Candido Espinheira

A todos que sabem quanto nos celia n'alma a dedicaçõ e sollicitude de um medico proficiente á caboceira de um enfermo querido, não surprehenderá a modesta e justa homenagem que hoje tributamos ao illustre Dr. Candido Espinheira, director do Hospital de Isolamento. Que a medicina é um apostolado ouvo-se geralmente dizer, quantos medicos, porém, como o Dr. Candido Espinheira se compenetraram até o sacrificio do papel sublime que está reservado ao homem de sciencia junto do beryo de nossos filhos ou do leito de nossas mães?

E' que a medicina, além de grande somma de talento e sabedoria, oxige do homem abnegaçõ illimitada, indubivel desprendimento e incomparavel caridade. E é por possuir em alto grau taes precitados que o nome do Dr. Espinheira é repetido com acatamento e enthusiasmo por todos que têm

a ventura de conhece-lo e admira-lo.

A' capital do Estado da Bahia cabe a gloria de ser o seu beryo natal e ahí iniciou elle a sua brilhante carreira scientifica.

Transferindo-se para o Rio de Janeiro, onde fez os quatro annos ultimos de seu curso medico, formou-se em 1880, tendo sido até então interno da casa de saude de N. S. da Ajuda.

Levado pela sede de saber, partiu para a Europa em 1882, tendo se demorado em Vienna, Paris e Berlim, afim de se aprofundar nos estudos de gynecologia, em que é especialista consummado. Além desta especialidade, o Dr. Espinheira é proclamado por seus colegas mais eminentes como especialista de crup, a horrivel enfermidade que é o terror das mães e o escolho de tantas vidas preciosas.

O Dr. Espinheira tem por varias vezes dirigido o servico sanitario desta capital, com applausos geraes, mas o que o torna credor da gratidão e admiraçõ de todos é o seu bello impulso, o seu incansavel desvelo na direcçõ do Hospital de Isolamento, cargo que assumiu em 1895 e que lhe foi confiado pelo benemerito Dr. Cesario Motta, de saudosa memoria. Dizem todos os entendidos que aquella instituicõ rivalisa com as suas homogeneas das mais adelantadas cidades da Europa

e da America e que não ha exchangeio que depois de haver penetrado no Hospital de Isolamento não se pronuncie com enthusiasmo sobre a sua sabia direcçõ, proclamando o asseso, ordem e disciplina que alli reinam de par com a maior delicadeza, carinho e abnegaçõ de seu digno director.

O estabelecimento, edificado no aprazivel bairro da Avenida Paulista, dispõe de pavilhões isolados para as diversas molestias contagiosas, installados com rigorosa hygiene, possuindo lavanderia a vapor, com accessorios para a desinfeccõ, que dizem ser a unica que ha neste genero em nosso paiz.

O Dr. Candido Espinheira compenetrado do martyrio a que teriam de se submeter as familias, separando-se dos enfermos que lhes fossem caros, fez com que alli se construisse um pavilhão dividido em duas secções e destinado a receber as pessõas que não quizerem abandonar os seus doentes amados e isto só basta para que mereça a beugam de todas as mães, de todas as esposas, de todas as filhas! Não é entanto extranhavel que ideia tão feliz partisse de seu cerebro de chefe de familia exemplar e amosissimo. Quem sabe sentir, advinha os alheios sentimentos.

Honra pois ao incansavel, caritativo e talentoso clinico Dr. Candido Espinheira.

Soneto

Errame a vida asperissimo deserto.
Emevonda de brumas era a via,
Que perustrava, com destino incerto,
E a passos incertissimos meia.

Olhava o ceu, e o ceu era coberto
da mesma treva, que me recobria,
Fugindo á fé, expunha-me inexperito
As torturas da Duvida sombria....

Mas tu vieste, ó Crenga, tu vieste
Povoar-me o deserto de esplendores,
E encher minha alma de esplendor
celeste.

E eu, desprezando os mundanaes flogores,
Vi sem demora, que me debraste
Do ajuntar maior magra ás minhas
dores....

CANDIDO DE CARVALHO



Carta do Rio

E' o caso de se prometter um premio — e bom premio — ao chronista que conseguir durante uma quinzena como esta — só de festas e de alegrias — escrever duas linhas que não sejam discríptivas dos festejos esplendurosos e dizer duas palavras que não se refriam á festa, que tudo absorva.

Aos jornaes diarios, exclusivamente, devia caber a tarefa de re-

lary, por miúdo, as festas e os festejos.

Aos escriptores que escrevem chronicas bem podia se poupar esse trabalho, alias inutil. Mas como? Si elles proprios são os primeiros a não poderem se libertar dessa influencia!

Por toda parte, em todo o recanto desta capital, na praça publica, na intimidade do lar, só se houve fallar no General Roca e sua luzida officialidade, na Republica Argentina, na fraternidade dos dois palzes amigos, nas festas que preochem todo o dia e que absorvem toda a attenção, todo o tempo.

Ha quasi nove annos que residio nesta formosa Capital e — francamente — nunca vi tanto entusiasmo como nesta ultima quinzena.

A principio foram as festas por occasião da chegada do D.^r Laiz Vianna, governador da Bahia; depois a exposição de quadros do notavel pintor Baptista da Costa, depois Bordallo Pinheiro e suas admiraveis falangas das Caldas da Rainha e theatros e companhias de primeira ordem, lyrica e dramatica, uma infinidade de encantadoras festas.

Tivemos tambem a visita illustre de Francisca Julia, a gloriosa poetisa paulista. Infelizmente não pude abraçá-la quando fui visitá-la e

nem recebê-la quando me veio procurar.

Esses desencontros involuntarios fizeram-me muito pezarosa.

Tivemos ainda a visita de Silvio de Almeida, o notavel educador, lente de portuguez no Gymnasio de S. Paulo, e deliado poeta, acompanhando de sua esposa, minha adorada amiga Prescilia Duarte de mez e meio, tempo esse em que *A Mensageira* esteve suspensa.

Agora reaparece a nossa revista, publicando os numeros atrasados, sem prejuizo para os assignantes. O prazer e a alegria que experimentei ao abraçar a minha querida amiga, só pode ser avaliada por quem conhece a nossa ansiedade, tão antiga, tão solida, tão verdadeira.

A proposito da educação moral da mulher, escreveu Maria Amalia Vaz de Carvalho, no «Jornal do Commercio», um excellent artigo intitulado «A mulher do futuro». A illustre escriptora penitenciase em publico e raso do seu antigo modo de pensar a proposito das profissões que as mulheres deviam adoptar.

Até então Maria Amalia aconselhava e dizia em bonitos e bem lançados artigos que a mulher de-

via estudar e se instruir para embellisar a vida de seu companheiro de existencia, do eleito de su alma, para se tornar a flor delicada do lar, centro de todo o carinho, para ser, em summa, o ideal e o unico pensamento do marido; hoje,

mais pratica e mais positiva, ensinada, talvez, por grandes desilussões, ella aconselha o estudo como uma arma de combate; a profissão liberal como uma providencia immediata e mostra com elevado estylo e fortes analyses de factos incontestaveis a necessidade que a mulher tem de se preparar para a lucta, procurando pelo esforço proprio a sua independencia, a sua vida.

Ainda bem! Causava-me espanto o antigo modo de pensar da illustre escriptora relativo a esse ponto de magna importancia no momento actual.

Hoje, que ella publicamente se mostra arrependida de seu modo de pensar — poético em demasia — eu venho annunciar, com alegria, esse facto aos leitores desta revista.

Mais uma para o nosso lado! e uma que vale o que pesa, que sabe pensar, que sabe ver, que sabe medir e que além de tudo isso tem a rara virtude de confessar o seu erro e abraçar um novo ideal que lhe parece ser o verdadeiro.

Ainda bem. E' o caso de se dar parabens ás mulheres em geral.

Fiel ao meu programma, deixo aos jornaes diarios o direito de disrever as festas excepcionaes destes dias. Abro apenas um parenthesis para a extraordinaria festa do mar, o passeio veneziano na bahia de Botafogo.

Imaginem o quadro: o mar sereno e bello, a noite clara e bonançosa, o céu tranquillo, sem uma nuvem.

Centenas de embarcações, illuminadas artisticamente com variadas côres moviam-se por sobre as ondas, ostentando com garbo a sua extraordinaria belleza.

A orla toda da enseada, desde o Gigante de Pedra até o morro da Viuva estava repleta de gente.

Os balões venezianos, a illuminação *a giorno*, as lanternas de mil côres que se reflectiam docemente nas aguas, os poderosos holophotes e a musica suggestiva e tocante concorrem para o deslumbramento desta festa — a mais bella que a imaginação pôde conceber.

Um escriptor já disse que a praia de Botafogo, fechada n'uma verde moldura, é um pedaço da Grecia e um pedaço da Italia, a um tempo, fundidos no Brazil. Tem da Italia o céu e tem da Grecia o mar.

Não sei. Não conheço a Itália, não conheço a Grécia. Para mim, a praia de Botafogo, como estava na noite da festa veneziana, era um pedaço de céu, era a phantasia mais linda que Deus construiu para mostrar o seu grande poder, o seu enorme valor e a sua extraordinária obra prima.

MARIA CLARA DA CUNHA SANTOS



F. Virgem de Murillo

(Adaptada Lopes Vieira)

SEGUNDO ACTO

Scena 4.ª

Ewira e Rodolpho
Rodolpho (entrando pousa o chapéu e a bengalla e dirige-se a Ewira que se sentara no sofá á direita).

Rodolpho
Ei-me de novo, senhora e seus pés curvo, humilhado e aqui ficarei prostrado, no me não mandar embora.

Ewira (estendendo-lhe a mão).
Sê, mais razoavel hoje promette ser, como espero, neste-se...

Rodolpho
Sendo sincero....

Ewira
A sinceridade foge me não assumpto fornece.

Rodolpho
Falla de si...

Ewira
De si.

Rodolpho

Juro!
E' meu affecto o mais puro e eterno!

Ewira

Não me parece possível essa mudança. Outro amor, inda ha bem pouco era o seu desejo louco, a sua doce esperanza....

Rodolpho

Pode ser que amor julgasse a sympathia, e abstrido por não ser correspondido, mais me engano augmentasse;

mas vendo-a e ouvindo-a o encanto da sua voz, do seu riso, entre-abri-me o paraiso, dando á minha alma o mais santo dos sonhos; — a posse inteira, das mil perfeições que existem no seu todo....

Ewira

Em que consistem taes perfeições?... na cegueira?

Rodolpho

Em tudo: na formosura ideal que a faz soberana, na bondade sobre-humana que, como que a transigura,

na meiguise inexcedivel, na suave delicadeza, com que desculpa a fragueza, e corrige... o incorrigivel.

aconsehando, tão branda, tão subtil, tão convincente, que o mais alto, torna crenste!

Ewira

O que ahí vai!...

Rodolpho

Quando anda, como se visse, gratoisa, o olhar claro, a fronte erguida, parece que vai tingida de uma aureola luminosa!

Ewira

Jemmi!

Rodolpho

Conversando, emima a julgar, com tal bom senso, que, do negro mais denso, jorta uma luz repentina!

Ewira (reprehensiva)

Diz que é sincero!

Rodolpho (com fogo)

Consulte
a doce visão que adora
vora no mimto.

(*Ewira cobre o rosto com as mãos e soluça.*)

Então chora?

(*muito mago*).

Quer que este affecto sepulte no coraço? que me cale? que finja, ao vela, indifferença? que me abysme na descrença? que fuja? que parta? (*pausa*)

Ewira (levantando a cabeça resoluta)

Falle! (*pausa*)

Não se a verdade exprime o que me jura, confesso....

A' minha estrella obedeco. (*pausa*)

Não minto, seria um crime furvar a serenidade da minha vida tão quieta,

tão serena, tão discreta, tão despidida de vaidade! Não esperando que a sorte me outorgasse amor um dia, pumba na Virgem Maria, mon bem, na vida e na morte!

Que paz caloste gosava, sem apprehensões nem crises! e em torno a mim só felizes! Se dormia ou despertava uma risada argentina ou um cantar jubiloso, doce éeco de extranho gozo me embalsava.... (*levantando-se*)

Reponthina

surgu a duvida, ... reclamou, ... resistir tanto, ... esmoreço, ... cresce o delirio, ... padeco, ... lucto, ... não oreio e.... (*deitando-se e apertando o coraço com ambas as mãos*)

Rodolpho

E....

Ewira (com voz quasi sumida)

Anoi! (*cae sentada no sofá*)

Rodolpho (*sentando-se no sofá aos pés de Ewira e tomando-lhe as mãos com transporte*).

Amas?! Mais uma vez, repete Ewira essa palavra magica e colaste! (*levantando as mãos de Ewira á testa delle*).

Vê que me escolda a fronte e quo delira minh alma, co'a ventura que me deíta! Dizte outra vez que soffres, que padeco, dos espinhos do amor ferida embora. Sê minha! e saberes, como mereces, provar que só a ti minha alma adora!

Ewira (*presentando as mãos nos cabellos de Rodolpho; com muita dor*)

Não poder ver-te! Oh! Demoi não poder ver-te!

Soneto I:

«Na Dor me enclausuro:
monje vagando em corredor escuro,
alheio nos echos da communitade;
mudo e grave e alquebrado como um frade.»

Soneto IX:

«Dentro da minha dor, que da Vida me isola,
recolhi-me, e hoje arreato a cogita d'um frade,
como um frade infeliz, cuja existencia rola
entre a vida infeliz d'uma communitade.»

E depois:

«longo da triste paz deste recolhimento.»

Soneto I:

«Remem, pelo dia, minhas sandalias.»

«na mudez cerverosa das muralhas.»

Soneto II:

«arrastio

no pavimento minha vil sandalia.»

«no fundo escuro da brutal muralha.»

Soneto XI:

«duma reclusa pallida que arrasta

pela penumbra d'um recolhido estreito.»

«lirral noviciã

beijando o amante ás grades da clausura.»

Soneto XII:

«que não saio buscando uma clausura.»

«Embora correcto, não deixa o

poeta de ter seus descendos de fóf-

ma, como o *se minha* repetido da

pag. 74 e o *as não* da pag. 40,

além de outros. Basta citar a gra-

phia *capitulado*, imperdável num

collegial, quanto mais num literato.

Em resumo:

Amaral Amaral, pelo tempo que

vorseja, não nos deu o que se es-

portava, em um livro tão pequeno.

E' bomzinho; mas podia ser

melhor. SLEVIO DE ALMEIDA

Nenia

Ho deito al cuore al mio povero cuore,
Perché questo languor questo sconforto?
Ed egli mi ha risposto: è morto amore
Amore è morto.

SPERCHETTI.

Na tumba do esquecimento

Onde jaz o nosso amor,

Costumo orar um *momento*

Para strondar minha dor.

Uma noite triste e calma

Seputaste-o com desdém;

E nem viste que a minha alma

Tu seputavas também.

E' desde então meu fadario

Visitar o sanctuario.

De um sonho que foi tão bello.

Levo uma flor — a sandade —

que emblema mais verdadeiro

Do pungr que então me invade.

Aclaria o mundo inteiro?

E rezo, e imploro que um dia

Possas ouvir minha prece:

Que te commava a agonía.

De um coração que languesece.

Que eu sinto ainda a sublimè

Paixão, que tive um momento,

E sejas tu quem me anime

Neste extremo desalento.

Mas ah! meu corpo sem alma

Volta com os mesmos pezaes!

Que a minha dor não se acalma

Nem mesmo n'esses logares.

Infeliz, não sei mais onde

Procurar algum conforto;

Pois que uma voz me responde:

— Não revive o amor que é morto.

Fazenda S. João da Barra, 4 de

Agosto de 1899.

RIDELTINA FERREIRA



Seleção

O ideal do caracter feminino é o sentimento e a força. As duas qualidades não se excluem, antes completam-se; a perfeição da forma consiste no equilibrio da robustez com a elegancia.

O destino da mulher não se apresenta menos negro que o do homem. Sujeta ás mesmas contradições, ás mesmas decepções, aos mesmos golpes, ella tem ainda contra si para agravar o horror de sua situação, a estreiteza do horizonte social, como a encerralla num sepulchro de miserias.

AMERICO WERNER

(*Arte de Educar os Filhos*).



Carta do Rio

Españhida e verdadeiramente admiravel está a sexta exposição geral da Escola Nacional de Bel-las Artes. Ha ali trabalhos de mestres, trabalhos valiosissimos que attestam o alto merito de alguns artistas nacionaes.

Como sempre Almeida Junior apresenta quadros de muito folego e de subido valor artistico. Sua technica é admiravel, seu desenho impeccable, seu colorido verdadeiro.

He sobretudo isso ha em todas as suas telas muita poesia.

Os nossos caprins são os seus modelos preferidos. Apreccio immenso essa manifestação de patriotismo do insigne pintor paulista.

Não poderei, pela escassez de espaço desta revista, fallar, como desejava, detalhadamente da Exposição e de todos os que á ella concorreram.

Nota, com prazer, que o movimento feminista tem progredido muito em questões de arte.

N'esta actual exposição apparecem treze expositoras na secção de pintura e uma esculptora de grande merito.

Já é consoladora essa tentativa, esse desejo que as nossas patricias mostram trabalhando e procurando se elevar.

Ha muitos quadros de pouco valor no salão da escola, e alguns então de todo sem valor, mas em compensação ha telas que por si só, valem uma exposição inteira. «Saudades» de Almeida Junior está nesses casos. E' um quadro de grandes proporções e tudo ali está tratado com carinho e com arte.

O modelo, disse-me o pintor, era uma viuva de dois mezes, uma pobre rapariga succumbida quasi pela dor da eterna separação do amado esposo.

A viuva contempla um retrato

— o delle cortamento — e está com a alma esmagada pelo soffrimto. Que poesia e que ternura nos olhos tristes d'aquella pobre mulher! Em segundo plano vê-se o album donde foi destacado o retrato e uma camastra de couro semi-aberta.

A vivva recosta-se a um vão da parede rustica de seu casebre. A luz que entra francamente pela janella illumina todo o quadro e destaca a cabeça sympathica e o rosto tristonho da joven martyr.

«Mendiga» é outro quadro do mesmo auctor, de muita verdade e muita belleza.

Minha querida amiga Julia Lopes de Almeida, que no dia do *Vernissage* admirava os quadros, logo que contemplou o de n.º 10 reconheceu na «Mendiga» uma volta devota, uma pobresinha muito conhecida em S. Paulo, que ia todos os dias á sua porta pedir esmola. Os olhos de minha amiga ficaram lacrimosos de commoção e era visível a sua alegria ao encerrar a admiravel tela que como astro de primeira grandeza illuminaava todo o salão.

O «Violeiro» é um typo bem estadado do caipira preguiçoso e indolente. A viola quasi que cê das mãos e os olhos do violeiro revelam a lethargia de sua alma sem ideal, sem aspirações, alma que secontenta com um viver quasi

vegetativo. A mulher que canta ao som da viola está admiravel de naturalidade.

É' um primor esse quadro. Que direi de «Importuno», um dos melhores quadros do illustre pintor paulista?

Devo calar-me, não posso, como já disse, alongar-me demasiado. Em resumo, a Exposição de 99 é muito boa, impressiona agradavelmente o visitante.

A proposito de quadros e de criticos andam a briggar por ahí, pintores e amadores.

Que tolice! Eu entendo que o valor de um objecto de arte não é destruido pelas palavras dos senhores criticos que são muitas vezes incompetentes na materia, assim como uma obra sem valor artistico não fica valendo mais, porque mais duzia de amigos escrevem e publicam elogios immergecidos.

O brilhante é sempre brilhante, quer esteja adornando a frente de uma millionaria, quer esteja na lama a mais immunda...

É o que não tem valor proprio não perdura, cêe por si...

A critica sensata e verdadeira é um beneficio; a outra... a que é feita por desaffectos ou por amigos intimos, não vale dois caracões.

Outro dia uma de minhas amigas me dizia que o facto de mi-

tas creaturas viverem se lamentando, é uma doenga, como outra qualquer. E doenga portugosa e grave... por ser contagiosa.

Rehmente ditou-me casos, que eu conheço, e me provou a verdade de sua asserção, que parece, a principio, um paradoxo.

Observa, disse-me ella, ha pessoas que sentem enorme prazer em contar ao proximo os seus soffrimentos.

Que terrivel mania!

Conheço uma senhora, alias muito boa, que entende que nós todos viemos ao mundo exclusivamente para trabalhar e soffrer.

Procurar se divertir, buscar uma alegria, dar um passeio, são no entender dessa excentrica senhora, cousas superfluas e dispensaveis.

Em consequencia da vida sedentaria e triste que leva essa infeliz creatura, a sua palestra é terrica como um luto pesado. Outro dia ouvi debicarem-na. Eu tive pouca, confesso. Tudo aquillo é effeito da educação. Ensiaram-na quando menina a tomar a vida como um fardo e a trabalhar como mouro, e quando ella se lamentava, ninguém a reprehendia, ninguém a censurava. Em vez de amenisarem-lhe a existencia, proporcioando-lhe diversões saudaveis e passeios e festas, deixavam que a menina se lamentasse... para deschofo e continuasse na mesma

vida. De que pode se lamentar uma creatura que é sadia e tem seus paos?

Hoje essa menina é uma senhora e tam, portanto, obrigações impressidveis a cumprir, como esposa e como mãe. Trabalha o mais que é possivel e passa o menos que pôde. Evita os divertimentos; em seu espirito escurecido pela falsa educação que lhe deram, o divertir-se uma senhora que é boa esposa e boa mãe é quasi um crime.

Qualquer contrariedadezinha, invidiavel á uma dona de casa, toma diante de seus olhos, proporyções enormes. Se de manhã algum famulo a contraria, algum desarranjo se nota em seu ménage, que a outra qualquer seria facil esquecer, a pobre senhora tem panno para mangas, como se diz entre nós. Roga o camarote do Lyrico que o marido lhe quer dar e se accede e vão ao theatro... não se diverte.

O insignificante contratempo da manhã é um pretexto para annofiar seu espirito durante uma semana.

Nada de lastimas, minhas leitoras. Deixemo-nos disso. Com lamentos e tristezas só conseguiremos uma cousa: enfatisar as pessoas a quem amamos e affugontar as que nos amam.

D'antes, quando eu via uma velha toda enfeitada, facieira, com as sombriancinhas e os cabelos pintados de preto; os lábios e as faces de carmin, os dentes postiços, os olhos requebrados querendo a força ser moça, eu lamentava que algem não pudesse descobrir um remédio, uma pintura ou qualquer cousa para ovilar as rugas, as terríveis rugas que em familia são chamadas — *pis de gallinha* e que tanto enfoiam e desfiguram.

Imaginem que uma mulher, Madama Levy, que acaba de chegar ao Rio de Janeiro, annuncia ter descoberto um remédio esplendido para extinguir as rugas do rosto. Usa a extraordinaria mulher de um processo de massagem, que só ella conhece.

Quanta gente irá consultal-a, Santo Deus!

Estou aqui e estou a ver M.^{me} Levy eclipsar o Eduardo Silva!

A mocidade é tão agradável e tão seductora, tão bella e tão cobizada que se M.^{me} Levy realmente tiver descoberto um meio de exterminar as rugas do rosto, terá tanto bom descoberto o segredo de se tornar milionaria em pouco tempo.

MARIA CLARA DA CUNHA SANTOS



No crepusculo

Começam a emmudecer as flores!...

Do seu topido ninho evolase subtil, caridoso como o perfume dos lyrios languescentes, o gorgoejo das avesinhas emmorradas que se despedem do dia.

Esplendido o céu ostenta-se de uma belleza verdadeiramente estival, azul e sereno como a consistencia dos bons, sem uma mancha de nuvem, dourado, purpureo para os lados do poente, preparando-se para receber a deusa da noite, que mais tarde usurpará o sceptro ao rei do dia.

Paira silencio imponente no seio da terra, sente-se a grande calma da hora inspirativa e nostalgica do pôr do sol.

Na igrejainha da aldeia o sino chama os crentes á prece, e todos se recolhem um instante para resar a saudação com que o louro enviado de Deus annunciou á Maria a encarnação do Verbo divino.

N'essa hora abençoada quantas recordações surgem do intimo, fazendo despertar as delicias do passado para os que travam os amargores do presente!

Quantas lagrimas descom silenciosas, quantas saudades invadem o coração já espessinhado pelo sofrimento!

E as mães, coitadas! que viram morrer os filhos pequeninos, ou separam-se d'elles já grandes, abm de bom longe luctarem pela vida, na hora em que as sombras do crepusculo annunciam a aproximação da noite, por entre suspiros e

lagrimas, recordam o ultimo beijo trocado no momento da despedida, e, se não têm mais esperanças na terra, levantam ao céu o olhar pungente e pedem a Deus o conforto da resignação, o balsamo da fé.

FRANCISCA CORTIPEDE



Um canto

A' minha terra

E' formosa a bahia do desterro

Como lago sereno

D'aguas côr de saphira;

Passa a brisa subtil de serro em serro

E doce e brando threno

Sobre as ondas suspira.

Abi n'esta hora da saudade amada,

Eu, solitaria e triste,

Nos sonhos da Poesia

Pelas ternas lembranças embanda,

Um bem que não existe

Crio na phantasia.

A' toi, toujours à toi
(V. Hugo.)

Corta leve batai as aguas manissas

A branca vela cheia

Rogando o mar azul;

Vaam gavioas como fogem espiranças

E geme a onda e arceia

Ao brando vento-sul.

Scismando á beira-mar, do céu tão lindo

Que vejo retratado

Nas aguas soccegadas

As leves côres que se vão sumindo

Me lembram do passado

As rosas desfolhadas.

Nas tardes de verão, á hora bella

Em que o sol embrandeece

Cobrido o céu de rosas,

Dolna-se o mar em limpida aquarella

E a nuvem se esvaece

Em perolas mimosas.

Então de affecto candido os dulciores

Minh'alma apatixonada

Envolvem com fervôr,

E — a ti — betto gentili dos meus amores,

Minha terra adorada,

Teco um canto de amor!

Capital de St.^a Catharina

D'alminda Silveira



ser o de povoar de oncentos a sua casinha, ao lado de um homem querido, segundo as hções, os conselhos, as phrasas de lisonja, excoitadas até o instante do infertuito?

Nesse momento o sexo forte, que a acclamou rainha, que a poetizou, que lhe expoz como inútil e ridiculo o trabalho, que lhe fallou na sua nobre missão de viver em casa, de só pensar nos filhos, de ser graciososa, recatada, estranha ao mundo, mostra-lhe severamente a necessidade de ser honesta — costurando ou procurando arranjar na sua roda de amigas — que a hão de escarnecer — algumas hções de francez ou de piano. Se não obtiver costuras, mantenha-se honesta; se não grangear discepulas, conserve-se honesta ainda; se não tiver almoco para os filhos, seja honesta tambem; se não puder pagar a casa, affirme-se mais do que nunca honesta. Grande obsequio ella prestará ao sexo forte se o não importunar com visitas, desde que tenha desgraças a descrever ou a *taille* esteja desbotada — mas seja honesta, que é o seu dever.

Al della, porém, se na previsão dos máos dias, se preparar para

disputar ao homem as profissões que foram até agora o seu patrimonio precioso. Tratar um deente, já é ser pretenciosa, defender um réo é o cumulo do ridiculo, trabalhar n'uma reparação é desprestigiarse o poder publico. A mulher deve ser digna, mas o seu dominio exclusivo é o tal tar, onde ella occupa o tal throno — quer ella tenha ou não tenha lar, quer tenha ou não tenha throno. E por isso tanto advogado se sorriu com o facto de D. Myrthes de Campos ter occupado a tribuna do jury e pleiteado com talento a causa de um individuo que se regalou com a absolvição.

Pernitta Deus que este exemplo estimule outras moças a procurarem na vida pelo seu proprio esforço o logar que até hoje forosamente lhes tem sido negado, pelo egoismo do sexo forte. Isto não quer dizer que procurem a Faculdade Livre as que ainda não obtiveram matriciada na Escola Normal. O que convém é que a mulher se habitue a confiar menos no amparo do homem e a contar principalmente consigo.³

MARIA EMILIA

4 de Outubro de 99.



Soneto

Que a adoro tanto nem sequer presente,
Pois outro adora que a não quer nem annal!
A mesma dor eu sinto que ella sente
Desde o mesmo deserto a mesma chama.

Trazemos nalma, semelhantemente,
O mesmo enredo de um sombrio drama.
Vamos levados numa só torrente
Que em diversas paragens se derrama.

Não sendo comprehendida, — ai! — não comprehendendo
Como a garra que a prende tambem prende
E rasga e sangra um corrugão de rastros...

E a nossa vida assim, de vago em vago,
Parece um triste, um solitario lago:
Bem distante do céu retrata os astros!

Maior — 99

ARTHUR ANDRADE

Carta do Rio

O lindo mez de Setembro de 1899 ficou gloriosamente assignatística e litteraria desta cidade. A primeira audição da opera Saldamnis do maestro Miguez e a primeira defeza perante o jury feita por uma mulher, são dois aconteci-

mentos que marcam uma epocha. Falemos primeiro da opera, mesmo porque a defeza da D.^{ma} Myrthes de Campos foi no dia immediato ao da festa musical.

O vasto salão do Instituto Nacional de Musica estava repleto de

distinctas pessoas, convidadas pelo auctor para a primeira audição da opera que deve figurar por occasião das festas commemorativas do 4.^o centenário do Brazil. O libreto é escripto por Coelho Netto, que o leu em publico, antes de commegar a opera, affim de explicar o enredo da peça.

Pela distancia em que eu estava, mal pude entender o que leu o distincto litterato. Percebi no entanto, que o facto alludido, cujo resumo é o episodio do Saldamnis, foi tirado da historia da Franca.

Destinada a opera á commemoração de uma festa puramente na-

cional, em preferencia que o assumpto fosse tambem nacional.

Os factos historicos de todos os palcos cultos interessam a todos nós, em geral, mas com franqueza, para uma opera genuinamente brazileira e destinada a uma festa do Brazil, mais interesse nos despertaria um episodio de nossa terra.

A parte musical é um prodigio, agrada, interessa, arrebatava.

É de um sentimento delicadissimo e é ao mesmo tempo impo- nente e magestosa, fazendo lembrar, por vezes, as extraordinarias operas de Wagner. O desempenho foi magnifico. Alguns amadores de subido merito auxiliaram os artistas conhecidos e o conjunto foi perfeito, nada deixando a desejar.

Quando a bella opera Saldanis estiver orquestrada e for á scena, representada com todas as exigencias da arte, comprehenderão então as pessoas descrentes do valor artistico do nosso paiz, que aqui no Rio de Janeiro já se fazem e se executam operas difficeis e sublimes, e que o nosso povo pode apparecer de cabeça erguida nas cul- tas capitães do velho mundo.

Ainda bem! Uma brayada de flores ao eximio maestro Miguez e as seus talentosos interpretes.

A D.^{ra} Myrthes de Campos, formada ultimamente pela Faculdade

Livro de Sciencias Juridicas e Sociaes desta Capital é uma moelha debil e franzina, tem vinte annos apenas, a voz é delicada como a de uma criança e em seus olhos, pequenos e myopes, ha uma expressão de firmeza, de confiança e de tenacidade, que agrada logo a primeira vista. No dia de sua estreia no jury, havia no tribunal um movimento extraordinario.

As onze horas do dia já não havia mais um logar nas galerias. Era geral a curiosidade, muitas senhoras lá estavam para ouvir a D.^{ra} fallar.

Quando a jovem advogada subiu á tribuna uma salva de palmas resou no salão. O juiz fez arrefoecer o enthusiasmo, dizendo que o auditorio não podia se manifestar.

Bellissimo exordio proferiu então a oradora. Demonstrou, com eloquencia, o progresso do movimento feminista e trouxe factos historicos da Grecia e de Roma para corroborar suas asserções. Referiu-se ao advento do Christianismo que proclamou a igualdade entre todos, não podendo, portanto, ficar excluida a mulher. O seu discurso foi breve, judicioso e sem o menor vislumbre de pedantismo.

Na parte juridica a oradora mostrou muita logica analysando os factos com bastante habilidade. A estréa da D.^{ra} Myrthes de

Campos foi uma victoria, o réo foi absolvido por 11 votos contra 1.

Não está ainda decidido, pelos supremos magistrados de nosso paiz, se é permitido ou não á mulher exercer a advocacia no Brazil; e se a D.^{ra} Myrthes fez uma defeza no jury, foi porque o juiz D.^r Vi- volta de Castro tomou a responsabilidade desse acto, que por enquanto não tem ainda a força de um direito garantido pela lei.

Se a mulher, depois de formada, não puder advogar, não devem concorrer então que ella frequente as Academias e que perca cinco annos de trabalho para conquistar um titulo que nada pode valer. Deve haver logica nesta intrincada questão. Realmente ter nas mãos um diploma que só pode servir para enfeitar a sala, emoldurado n'um vistoso quadro, não vale a pena. Seria uma vaidade tola levada no ultimo grão da estirpidez.

É por falar de vaidade... Disseeram-me outro dia que M.^{me} Levy, a extraordinaria mulher que tira as rugas do rosto com o seu segredo de massagem especial, tem tido muito maior numero de clientes nos homens do que nas mulheres!!

Quem seria capaz de imaginar isso? As pobres mulheres que correm aos hombros por tantos seculos os feios titulos de frivolas

e de vaidosas, estão agora dando um desmentido formal.

A justiça tarda mas não falta...

MARIA CLARA DA CRUZA SASTROS



Æ poetisa do Yizella

Ha no artigo de Alberto Pimentel, com o titulo acima, publicado no numero passado da *Mensageira*, um topico que é de conveniencia ficar desde já esclarecido.

Escreve esse conhecido e apreciando litterato, referindo-se ao graciozo combate das duas rosas em que a poetisa D. Anna de Sá, era a defensora da rosa encarnada, o seguinte:

« Diz o correspondente de Guimarães para *O Primeiro de Janeiro*, unico jornal em que vi commemorado o fallecimento de D. Anna Amalia, que Camillo Castello Branco tambem entrou no torneio das duas rosas. Pode ser, mas não o affirmo. Sendo verdadeira a informação, o que hei de verificar mais de espaço, Camillo occultou-se sob o pseudonimo de *Magrigo, canalheiro da rosa encarnada*, e datava os seus versos de Lisboa, 1849.»

mas o vão cobrir a alguns passos de distancia n'um abysmo que se chama Tumulo e que vae ter á a região do Nada.»

A mulher no Tribunal. *O Instituto dos Advogados* rejeitou, por maioria de 5 votos, o brilhante parecer da commissão de justiça, legislação e jurisprudencia daquelle orçom permitindo á mulher brazileira o exercicio da advocacia. O parecer apresentado ao *Instituto* com data de 6 de Julho foi firmado pelo distincto homem de letras Barão de Loreto, presidente; Dr. Baptista Pereira, relator; e Dr. J. E. Saway de Bulhões Carvalho.

Foram favoraveis ao parecer os votos dos Srs. Drs. Sá Vianna, Mello Matos, Fernando Mendes, Tavora, Rodrigues Vieira, Monteiro de B. Lima, Candido Mendes, Carvalho de Moraes, G. Barbosa Lima, E. B. Faleiro de Lacerda e Teixeira Alves, ao todo onze.

Votaram contra os Srs. Drs. G. Ferreira, A. Russell, Burlamaqui Moura, S. Brandão Sobrinho, Augusto de Azevedo, Heitor Ramos, Arthur de Mello, Carvalho Mourão, Pinto Lima, Horra de Araújo, Leitão da Cunha, G. Castello Branco, Gil Goulart, A. Gomes de Almeida Laíto Velho e Anísio Campello, ao todo 16 votos.

Em vista de semelhante resultado propoz o Dr. Fernando Mendes que o *Instituto* fosse coerente e re-

presentasse ao Congresso Federal para que fossem cassados os diplomas dados ás advogadas e a inscrição de seus titulos, feita nos tribunaes, e vedada a matricula das senhoras nas faculdades de direito. Esta proposta já foi á respectiva commissão e tem sido muito bem recebido o projecto apresentado pelo senador Pires Ferreira, concedendo o livre exercicio das profissões liberaes ás mulheres diplomadas.

A despeito da questão suscitada pelo *Instituto dos Advogados*, no dia 9 do corrente a Dra. Maria Coelho defendeu um réu que foi absolvido, tendo o Dr. Viveiros de Castro, antes de conceder á palavra a esta senhora, declarado terminantemente que a mulher tem o direito de advogar.

A Dra. Maria Coelho principiou seu discurso dizendo que duas vezes lhe tinham recusado a palavra no jury, no Recife. Em seguida defenderam os direitos da mulher, passando o analysar o processo. Houve replica e triplia, tendo se sahido brilhantemente a defensora, que foi muito felicitada.

O Paiz. Pestejou mais um anniversario de sua fundação o *Paiz*, cuja existencia é uma serie de triumphos e de dedicação a todas as causas nobres. Por esse jubileo acontecimento a *Mensagem* envia-lhe sinceras saudações.

São Paulo

15 de Novembro de 1899

Anno II, N. 34

A MENSAGEIRA

Revista litteraria dedicada á mulher brasileira

Directora — Prescilliana Duarte de Almeida

Publica-se no dia 15 de cada mez

Pagamento
adiantado

Preço da assignatura, 12\$000 por anno
Endereço: Rua da Sta. Iphigenia, N. 57.

Numero avulso
Rs. 1\$000

Sumario: — Carta do Rio, Maria Clara da Cunha Santos; — Ouvindo um pastor, poesia, Narciza Amalia; — Jubileu de M. Monteiro, Damasceno Vieira; — Da nascente á foz, poesia, Silvio de Almeida; — Carta aberta, Ridelina Ferreira; — O incendio, soneto, Jairo Prestes; Seleção; — Eleita, soneto, Benedicto Ribeiro; — No calvário, Ricardo M. Gonçalves; — Notas pequenas.

Carta do Rio

Que terrivel furacão houve outro dia, nesta Capital! O vento vergava as palmeiras mais altas e jogava para longe as telhas das casas e os galhos das arvores. A chuva torrencial em poucos minutos alagou esta cidade, que seja aguda de passagem, não exige muita agua para ficar completamente alagada.

Faixas electricas cahiam a miúdo e a poeira das ruas era tanta que interceptava a vista. Um horror! Minutos antes do terrivel furacão, fazia um calor senegalense e o sol queimava como brazas.

Quando vi aquelle destempero do céu lembrei-me do proximo dia 13 de Novembro e raciocinei: se

nesse dia houver um furacão igual a este, muita gente morreá de medo, imaginando que é o começo da degriugolada.

Por isso é bom estarem prevenidos e não morrerem sinão no momento opportuno.

Morrer de medo deve ser o cumulo da cobardia! Haja em vista esta historia que me contaram a proposito da peste bubonica em Santos.

Um sujeito, excessivamente medroso, ia fingido da peste indiana que arrason a Inglaterra em 1665.

Em caminho, adormeceu, de cansado e sonhou que vira em um jardim magifico uma mulhor palhada e feia, definhada e antypathica a colher flores. O jardim era enorme e muito bem tratado. Só tres pessoas lá estavam, a mulhor palhada e feia e dois rapazes fortes e robustos. Emquanto a mulhor, que tinha um ar de preguiçosa, colhia uma flor, os rapazes colhiam dezenas e centenas de lindas e viçosas flores.

A mulher afinal foi descendo as escadadas do jardim, desanimada e triste.

Os incançáveis mancebos continuavam sua faina, devastando o jardim.

O medroso que espreitava, perguntou à mulher: que gente é essa? de quem é esse jardim? A horrorosa mulher fez um tregêito machabrio, e respondeu: «o jardim pertence a Deus, é o mundo, as flores são as creaturas... eu sou a Peste Bubonica e aquelles guapos rapazes são um o Terror e outro o Boato.»

E esta? Como o Boato o o Terror fazem muito mais victimas do que a Peste!

Foi um sonho, me dirão.

Mas um sonho, respondendo eu, que dá a idea da realidade da vida.

* * *

Que lindo o ultimo concerto do Centro Artistico! Ouvi o grande órgão do Instituto pela primeira vez.

Custa a crer que o genio do homem possa conseguir tamanha maravilha! Com algumas taboas, bronze, cordas e metaes, ebanos e marfim, compõe-se um instrumento tão extraordinario que traduz os sentimentos humanos com todas as suas delicadezas e variedades,

com todos os seus segredos e particularidades!

* * *

Recebi, ha dias, a amavel visita da talentosa D.^{ma} Myrthes de Campos. Veiu a illustre senhora acompanhada por sua extremosa Mãe, agradecer-me a saudação que lhe fiz por esta revista, em seu numero proximo passado.

En nada fiz sião o meu dever de brasileira e de patriota. A D.^{ma} Myrthes é de uma delicadeza capivante.

Disse-me que havia escripto uma carta á illustre collaboradora do «Paiz» Ecilia Worms, reclamando contra o engano que esta commettera, quando descreveu sua *toilette* do dia da sua estreia no Jury.

A escriptora da «Moda» lamentou que as mulheres superiores queiram se masculinizar pelas *toilettes* e se esqueçam de seus encantos particulares e começou o seu artigo descrevendo a vestimenta da jovem advogada no grande dia em que a illustre brasileira alcançou a bella victoria de elevar a sua voz na tribuna judiciaria com tão brilhante resultado!

«Depois da carta escripta, disse-me a D.^{ma} Myrthes, rasguei-a, achei futil demais a questão para estalca-la pela imprensa. Que diriam os homens adversarios da emanci-

pação moral da mulher se a esta questão nós emprestassamos importância e pretendessamos occupar a attenção dos leitores do «Paiz»? Não, nunca.

Profori a censura da escriptora... o raguei a carta explicativa.»

Agora eu desmancho o engano que houve. Ecilia Worms não foi no Tribunal do Jury no dia da defeza da D.^{ma} Myrthes e em seu artigo que a descrevia com trajes masculinizados, a distincta chronista se fuiu, naturalmente, pelo retrato que a «Gazeta de Noticias» deu, retrato antigo e que trazia uma toilette de costume, alias muito usada por senhoras avessas ás artes e ás letras. Essa deselegante toilette é muito commoda para quem sendo pobre tem por obrigação sair todos os dias á rua.

Foi, com certeza, por essa razão que a D.^{ma} Myrthes adoptára essa toilette no seu tempo de estudante. Eu assisti á brilhante defeza de nossa patricia e tirei o prazer de abraçal-a nesse dia. Ella estava elegantemente vestida, sua toilette tão graciosa e bem feita, tão feminina e catia que dir-se-ia ser uma das apontadas pela fidalga escriptora tão apreciada na sua «Moda», não só pelos bellos valores que apresenta como pelo valor literario que trescala do seu nome, mal occulto por transparente pseudonymo.

A D.^{ma} Maria Coelho satisfeita pelo brilhante defeza que fez no Jury e pela victoria que alcançou: o réu foi absolvido.

Estrearam com muita felicidade as nossas patriotas.

Em minha humilde opinião mais vale um facto do que mil discursos. Que os réus que forem defendidos pelas bacharelas continuem a sair livres e ellas triumpharem a despeito de todo o mal que del-las digam.

* * *

A noite convida ao aconcego do lar, á palestra da familia em torno á mesa de jantar, principalmente quando a chuva nos priva de um passeio agradável ou de uma visita interessante. Uma noite destas em que todos nós conversavamos alegremente e hamos o brincar, meu marido abrindo os ultimos numeros da «Scientific American», leu, com surpresa, a descripção da photographia do som. Realmente é uma maravilha da sciencia. Ficamos por algum tempo pasmos e admirados.

D'ahi a pouco, depura-se-me uma noticia no «Journal do Commercio» muito engraçada. Imaginem o que foi. Conheem as leitoras o que é Mariola de Capote? É um doce secco, feito de banana ou de goiaba, envolvido em folha de bananeira. É doce

de pouca importancia e de infimo preço, quo não vae ás mesas ricas e que quando muito pôde agradar ao paladar das creanças. Pois bem, o Mariola de Capote chegou á altura de um principio, merecendo a attenção da Recebedoria e Directoria das Rendas Publicas do Thesouro Federal, do sr. Ministro de Fazenda e de mais funcnarios de alta monta. A questião é esta: se deve ou não estar isento de sello esse producto genuinamente brasileiro.

MARIA CLARA DA CUNHA SANTOS

Ouvindo um passaro

I

Longe, n'um valle de arvoredo umbroso,
gorgoeja um pintasilgo enamorado;
ougo-lhe o trino meigo e lametoso,
o accento apaixonado....
E seismo, em volta na volúpia doce,
como se outrave enamorada eu fosse!

II

Ao madrigal do passaro responde,
dentro em meu peito, um limpido gorgoejo....
— E' minha alma que trila, sobre a fronde
da creanga, amante o seio!....
— Aves e affectos, seismas e tharros,
comprehendem-se e casam-se nos ares!....

III

O corraço de onde deserta o sonho
é desolado como um Campo-Santo;
cinge-o nos áos frios um medonho
repêl, — o Desencanto.
Quando elle gráta e em prantos se abobeta,
fogem, voando, o Amor e a Pythiaeva.

Ai! da creanga, que lhe brinca á porta!...
Ai! do sedento, que o demand!... Mera
na cryspa escossa, da *Esperanza* mórtua
a sombra, que apavora....
— Negreje a noite, respandega o dia,
mêta, uma estrige, nos salgueiros pia!

V

Por isso guarde o sonho meu captivo,
ha longos annos, neste côfre d'alma.
— Canto, emudeço, e, incomprehendida, vivo
triste, silente, calma,
a esse gorgoejo magro, distante,
— o ouvido attento, — a alma saudosa e amante....

NARCISA AMALIA

Julietta de Mello Monteiro

D. Julieta Monteiro é escriptora telares que lhe incutiram o amor *par droit de naissance*; com o leite maternal infiltro-se em seu delicado organismo a febre das letras; o ambiente que respirou, ao abrir os olhos á luz, na formosa capital da terra dos pampas, achava-se impregnado dos perfumes da poesia romantica; ondulações sonoras outheram-lhe de harmonias o infantil ouvido. Mãe e tia — D. Kevocata dos Passos e Mello e D. Amalia Figueirôa — duas apaixonadas almas de poetizas — embalaram-na carinhosamente, cantando versos sentimentaes de lavra propria.

A morte retirou-lhe os anjos tu-

telares que lhe incutiram o amor já se havia operado, e a covivença com sua delicada irmã, D. Kevocata Heloisa de Mello, contribuiu para que o apollineo fogo já mais amorteceesse.

Impressonada com os triumphos de Amalia Figueirôa — a pallida sonhadora dos *Crepusculos*, a quem Narciza Amalia chamava *poetisa do céu* — a jovem, sob hesongros auspícios, encetonou o seu tirocinio com o enthusiasmo que arrebatava os espiritos fortes.

Os seus primeiros livros de versos, *Prebidios* e *Oscillantes*, mostram preciação do distincto poeta

Rosa de Neve

A Alice Guadalupe

Um dia, minha flor, talvez por sympathia,
 Tu me deste uma rosa, extranha, com certeza,
 Uma rosa de neve em que toda a belleza
 Do sublime ideal perfeitamente eu via!

Orn, o regio presente era a photographia
 Do teu rosto gentil, que a propria natureza
 Reproduzira assim, na branca singeleza
 Dessa esplendida flor que tu me deste um dia.

Como a rosa de neve, a imagem transparente
 Do teu candido ser, o riso da creanga
 E' a imagem tambem da fulgida ventura!

Gracila sempre a alegria ingenua e resplendente,
 Como em gaudio commigo a mitta lambraça
 Dessa rosa de neve embalamada e pura!

14-9-1899

ABRIL PARES

Carta do Rio

Com o presente numero encerra
 a *Mensagem* o seu 2.º anno de
 existencia.

Dois annos de vida . . . que é
 isso? Nada, absolutamente nada,
 o desabrochar de uma rosa, um
 rapido e fugitivo sonho que se des-
 faz nos primeiros clarões da au-
 tora.

Mas se olharmos para todas as
 difficuldades, para a má vontade de
 uns e para a intolerancia de ou-
 tros, veremos que a campanha ven-
 cida não é das menores.

Se durante estes dois annos de

trabalho a *Mensagem* cumpriu
 bem ou mal o seu programma é
 o que eu não posso saber pela
 suspicção que sinto n'alma ao fa-
 lar desta revista que tanto estimo,
 que tanto estremeço.

A bella exposição de pintura que
 fez Madrugá Filho ultimamente e
 a não menos bella que faz nestes
 dias B. Parlagreco, são de grande
 valor artistico, dignas portanto de
 calorosos elogios. E por falar em
 pintura . . . Durante muitos annos,
 neste paiz, ninguém que tenha co-
 nhecimento deliçoso, poderá contemplar
 um bello quadro, principalmente

se for um quadro de figura, sem
 se lembrar com saudades, do glo-
 rioso pintor paulista, tragicamente
 assassinado em Pfriachaba. É uma
 homenagem intima essa reminis-
 cencia, e tanto mais eloquentemente
 ser espontanea e sincera.

O anno que findou foi bem di-
 verso de muitos outros que se
 têm ido para a escala dos seculos,
 formar o pedestal do Passado.

Bem diverso pelo menos para
 o Brazil. Vejamos: a invasão da
 peste bubonica, só por si bastava
 para lhe dar uma nota extranha e
 medonha. O annunciado fim do
 mundo, o terrivel 13 de Novem-
 bro, que passou finalmente como
 qualquer dia passa — bom para
 uns e máo para outros — marcou
 uma epocha. A primeira audição
 de uma opera nacional e de real
 merecimento; a primeira defesa de
 uma mulher no jury, cujo exito
 excellentemente todos nós sabemos, são
 factos que raras vezes se reprodu-
 zem.

Disse algures um chronista ele-
 gante que todos os annos se pare-
 com uns com os outros. A prin-
 cipio as festas do anno bom, as
 mesmas esperanças em todos os
 correções de um anno fertil e ale-
 gre, depois . . . decepções que não
 se fazem esperar, as mesmas tris-
 tezas, as mesmas dores.

O anno de 99 teve muitos ac-

identes, alguns medonhos como a
 invenção da peste e outros alegres e
 delictosos como o triumpho da mu-
 lher brasileira nos arruaes da sci-
 encia, tão dignamente ganho nesta
 campanha em que andam empe-
 nhados partidos fortes e poderosos.

Outro dia, em um bond de Bo-
 tafogo, tive occasião de apreciar
 um facto muito engracado:

Na rua dos Voluntarios da Pa-
 tria, em frente a um predio rico,
 de magnifico jardim, duas volti-
 nhas já arcadas e tropeças fizeram
 signal para o nosso bond parar.
 O cocheiro travou o bond imme-
 diatamente, e as velhinhas, cuja
 idade sommada devia orçar pelos
 150 annos, despediram-se ternu-
 mente.

Uma embarcou, era a menos ve-
 lha, tinha a apparencia de uns bons
 70 annos. A mais enrugadinha ficou
 encostada á pilastra do jardim e de-
 lá, por entre os dedos mirrados e
 tremulos enviando um beijo á ami-
 ga que partia, disse, sorrindo: —
 adeus Bebê. Em, puaç desse beijo
 carinhoso, a meiga Bebê respondeu
 com o mais terno sorriso e diza-
 do: adeus Nenê.

O bond partio e a Nenê lá do
 portão, com o peso de seus 80 an-
 nos provaveis, sacudia, carinhosa-
 mente, o seu lenço grande de ta-
 buquista respeitavel.

Kianu-se todos da infantil ter-

nura. Eu confesso... achei adu-
ravel aquella despedida.

Aos 80 annos de idade, termos
alguem que nos lembre a infancia
com voz caritosa e branda; al-
guem que nos recorde, por um

momento, o nome delicioso de cre-
ança, é termos ainda um resto das
ilusãoes desse tempo doirado que
não volta mais...

MARIA CLARA DA CUNHA SANTOS



Soneto

Verde mar da Esperança, em trnas ondas
leva o roseo batel dos meus amores;
quero que no teu seio as minhas dores
como um amigo piedoso escondas.

O' céo! — doce! azul que te arredondas
sobre este abyssmo, cheio d'esplendores,
mostrame o iris de rischas cores
n'este Infinito que constante sondas!

Ai! si eu pudesse, n'estas aguas puras,
perlas que a dor me dá ir desfiando
do meu collar d'infandas amarguras...

Feliz iria, só de amor cuidando,
por entre flores e gentis verduras,
men corçojo sereno navegando!

Santa Catharina, 1-12-99.

DELAMINA SILVEIRA



Tabella para o

traçado das curvas de nivel

pele engenheiro civil

Dr. José Americo dos Santos

A *Mensageira* foi obsequiada com
um exemplar da 3.ª edição da ta-
bella para a marcação das curvas
de nivel, do sr. Dr. José Americo

dos Santos, conhecido engenheiro
brasileiro.

Não temos a competencia tech-
nica para apreciar convenientemen-
te um trabalho de tal ordem, so-
bre o qual já emitiram opinião
profissionais illustres; contudo, não
podemos deixar de dizer algumas
palavras sobre o seu conteúdo, no

intuito de vulgarisal-o entre os in-
teressados que por ventura ainda
o não conhegam.

Como todos sabem, os trabalhos
preliminares para a construcção de
uma estrada de ferro consistem no
reconhecimento do terreno, proce-
dendo-se em seguida ao traçado e
ao nivelamento das linhas de en-
saio e das *secções transversas*;
isto feito, pode-se, pela considera-
ção das *curvas de nivel*, formar
uma idea clara dos accidentes da
zona explorada.

E' em vista desta planta que o
engenheiro pode optar pelo tra-
çado, já escolhendo decilividades
mais convenientes, já evitando,
o mais possivel, as obras d'arte,
etc.

E', pois, capital, o papel que, na
redacção do projecto, representa o
traçado das curvas de nivel.

Verdade é que, em vez das cur-
vas de nivel, tambem se pode *co-
lar* a planta da zona explorada e
dirigir o estudo sobre os *planos
cotados*. Este methodo, sendo
de vantagem em terrenos pou-
co accidentados, torna-se, toda-
via, muitissimo trabalhoso nos ter-
renos irregulares (P. Freitas-Curso
de estradas) e são justamente as
zonas desta natureza que exigem
maior attenção da parte do enge-
nheiro.

Pelo methodo das *curvas de ni-
vel* imagina-se que o terreno é cor-

tado por planos horizontaes igual-
mente afastados (equidistancia gra-
phica), e trata-se de formar idea
da zona pelo traçado das curvas
que não são mais do que as inter-
secções desses planos com a su-
perficie do terreno.

O nivelamento transversal, em
regra, não dá de prompto as co-
tas determinadas que se devem
achar sobre as curvas de nivel;
dahi a necessidade de se calcula-
rem as distancias de suas projecções
horizontaes ao *ponto de estaca* da
secção correspondente, ou ao ponto
da mesma secção que já tenha sido
determinada como pertencendo á
curva de nivel immediatamente su-
perior ou inferior.

Este trabalho é geralmente feito
construindo-se as linhas das seo-
ções em separado e com escala con-
veniente, determinando-se, segundo
o methodo dos planos cotados, os
pontos de nivel a traçar, calculando-
se as distancias de suas projecções
horizontaes ás *dos pontos de estaca*
ou dos pontos de curvas de nivel
superior ou inferior e transferin-
do-se essas distancias para a plan-
ta geral. Essas distancias tambem
podem ser calculadas pela formula
 $x = b \operatorname{ctg} a$ (Mem. pag. 12), de-
pois de se ter obtido o valor de
 a ou de b conforme se empregou
a régua ou o clinometro.

Todas as construcções graphicas

REFERÊNCIAS

- A BRASILEIRA, Rio de Janeiro, tomo XI, p. 367, jun-set.1897.
- A MENSAGEIRA: revista literária dedicada a mulher brasileira*, directora Presciliana Duarte de Almeida. – Edição fac-similar. São Paulo, Imprensa Oficial do Estado: Secretaria de Estado da Cultura, v. 1 e 2, 1987.
- AGOSTINI, Ângelo. *Revista Ilustrada*. Rio de Janeiro, nº 295, 1882.
- ALMANAK LAEMMERT: ADMINISTRATIVO, MERCANTIL E INDUSTRIAL, Rio de Janeiro, ano 66, p. 2420, anuário de 1909.
- CAO, Marián López Fernandez. Educar o olhar, conspirar pelo poder: gênero e criação artística. In: BARBOSA, Ana Mae; Amaral, Lilian (Orgs). *Interterritorialidade: mídias, contextos e educação*. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2008, p. 69-85.
- CIDADE DO RIO. Rio de Janeiro, ano XV, n. 78, p. 2, 1901.
- CHADWICK, Whitney. *Mujer, arte y sociedad*. Barcelona: Ediciones Destino, 1992.
- CORREIO DA MANHÃ, Rio de Janeiro, ano VI, n. 1750, p. 3, 1906.
- DE LUCA, Leonora. *A mensageira: uma revista de mulheres escritoras na modernização brasileira*. 2v. (não paginado). Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, SP, 1999.
- DIÁRIO DO MARANHÃO, Maranhão, ano XXXIII, n. 8696, p. 2, 1902.
- DUBY, Georges; PERROT, Michelle. *História das Mulheres Vol. 4 – O Século XIX*. Tradução Maria Helena da Cruz Coelho, Irene Maria Vaquinhas, Leontina Ventura e Guilhermina Mota. Porto: Edições Afrontamento, 1994.
- ELEUTÉRIO, Maria de Lourdes. *Vidas de romance: As mulheres e o exercício de ler e escrever no entresséculos 1890-1903*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2005.
- GARB, Tamar. *Gênero e Representação*. In FRASCINA, Francis (Org.) *Modernidade e Modernismo - A Pintura Francesa no Século XIX*. São Paulo: Cosac & Naify, 1998.
- GREER, Germaine. *The obstacle race: The Fortunes of Women Painters and Their Work*. New York: Farrar Straus Giroux, 1979.
- IL BERSAGLIERE, Rio de Janeiro, número comemorativo, p. 8-9, 1904.
- JORNAL DO BRASIL, Rio de Janeiro, ano XIII, n. 262, p. 2, 1903.
- JORNAL DO COMMERCIO, Rio de Janeiro, ano 69, n. 329, p. 1, 1891.
- JORNAL DO COMMERCIO, Rio de Janeiro, ano 85, n. 221, p. 3, 1905.

NEVES, Maria Alciene. *Os Brilhantes brutos de Maria Clara da Cunha Santos*. Tese (Mestrado), Programa de pós-graduação em Letras da Universidade Federal de São José del-Rei, 2009.

NOCHLIN, Linda. *Por que não houve grandes mulheres artistas?* São Paulo: Edições Aurora, 2016.

O ARCHIVO ILLUSTRADO, São Paulo, ano, IV, n. XXXII, p. 244, 1902.

O MALHO, Rio de Janeiro, ano V, n. 215, p. 9, 1906.

O MERCANTIL, São Paulo, ano VII, n. 1782, p. 1, 1890.

O PAIZ, Rio de Janeiro, ano, XV, n. 5233, p. 2, 1899.

O PAIZ, Rio de Janeiro, ano XVII, n. 6141, p. 2, 1901.

O PAIZ, Rio de Janeiro, ano XVII, n. 6175, p. 1, 1901.

O PAIZ, Rio de Janeiro, ano XXII, n. 7733, p. 1, 1905.

O PAIZ, Rio de Janeiro, ano XXIV, n. 8718, p. 1, 1908.

O PAIZ, Rio de Janeiro, ano XXIV, n. 8741, p. 1, 1908.

O SUBURBIO, Rio de Janeiro, ano II, n. 64, p. 3, 1908.

SANTOS, Elaine Cuencas. *Mulheres e Literatura na revista: "Mensagem"*. Dissertação de Mestrado. São Paulo, Universidade de São Paulo, 2000.

SANTOS, Maria Clara Vilhena da Cunha; DUARTE, Presciliana. *Pyrilampos...*Rio de Janeiro: Typographia e lithographia de Carlos Gaspar da Silva, 1890.

SCARRONE, Marcello. Entrevista com Vavy Pacheco Borges. Quando tudo era possível. *Revista de História da Biblioteca Nacional*, Rio de Janeiro, p. 42 - 47, 01 jul. 2012.

SIMIONI, Ana Paula Cavalcanti. *Profissão Artista: Pintoras e Escultoras Acadêmicas Brasileiras*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Fapesp, 2008.

SIMIONI, Ana Paula Cavalcanti. *O Corpo Inacessível: às mulheres e o ensino artístico nas academias do século XIX*. ArtCultura, Uberlândia, v. 9, n. 14, p. 83-97, jan.-jun. 2007. Disponível em: <http://www.artcultura.inhis.ufu.br/PDF14/Ana%20Paula%20Cavalcanti.pdf>

SIMIONI, Ana Paula Cavalcanti. *O Auto-retrato Feminino no Brasil Oitocentista: Abigail de Andrade e os impasses da representação*. Em Caiana. *Revista de Historia del Arte y Cultura Visual del Centro Argentino de Investigadores de Arte (CAIA)*. N° 3 | Año 2013.

SOUZA, Viviane Viana de. Dois pesos e duas medidas: analisando obras de Abigail de Andrade e Almeida Junior. *EHA: Encontro de História da Arte*, Campinas, VIII, 2012, p. 725-733.

WOOLF, Virgínia. *Profissões para Mulheres Artistas e Outros Artigos Feministas*. Tradução Denise Bottmann. Porto Alegre: L&PM Editores, 2012.

ZARMANIAN, Charlotte Foucher. En busca de la emancipación. Las mujeres artistas en París en torno a 1900. In. SORIA, María García (org.). *Pintoras en España 1859-1926. De María Luisa de la Riva a Maruja Mallo, Catálogo de exposición*, Paraninfo, Universidad de Zaragoza, fevereiro – junho de 2014. p. 39-49.

Catálogos:

Exposição geral de Bellas-Artes. Rio de Janeiro, 1897. Catálogo.

Exposição geral de Bellas-Artes. Rio de Janeiro, 1898. Catálogo.

Exposição geral de Bellas-Artes. Rio de Janeiro, 1899. Catálogo.

Exposição geral de Bellas-Artes. Rio de Janeiro, 1900. Catálogo.

Exposição geral de Bellas-Artes. Rio de Janeiro, 1901. Catálogo.